

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E
CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS E
LITERÁRIOS EM INGLÊS**

CHARLES MARLON PORFIRIO DE SOUSA

**What's in the Nutshell?:
Uma narrativa fetal em um contexto de capitalismo entranhado.**

versão corrigida

**São Paulo
2023**

CHARLES MARLON PORFIRIO DE SOUSA

**What's in the Nutshell?:
Uma narrativa fetal em um contexto de capitalismo entranhado.**

versão corrigida

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Doutor em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Elisa Burgos Pereira da Silva Cevasco

São Paulo
2023

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

SS725w Sousa, Charles Marlon Porfirio de
What's in the Nutshell?: Uma narrativa fetal em um contexto de capitalismo entranhado. / Charles Marlon Porfirio de Sousa; orientador Maria Elisa Burgos Pereira da Silva Cevasco - São Paulo, 2023. 227 f.

Tese (Doutorado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Letras Modernas. Área de concentração: Estudos Literários e Culturais.

1. Romance contemporâneo. 2. Ian McEwan. 3. Capitalismo Financeiro. 4. Subjetividade. 5. Alegoria. I. Cevasco, Maria Elisa Burgos Pereira da Silva, orient. II. Título.

NOME: SOUSA, Charles Marlon Porfirio de

Título: **What's in the Nutshell?: Uma narrativa fetal em um contexto de capitalismo entranhado.**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Doutor em Letras.

Aprovado em: ____ / ____ / ____

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

**ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA
DISSERTAÇÃO/TESE**

Termo de Anuência do (a) orientador (a)

Nome do (a) aluno (a): Charles Marlon Porfirio de Sousa

Data da defesa: 17/11/2021

**Nome do Prof. (a) orientador (a): Maria Elisa Burgos Pereira da Silva
Cevasco**

Nos termos da legislação vigente, declaro ESTAR CIENTE do conteúdo deste EXEMPLAR CORRIGIDO elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me plenamente favorável ao seu encaminhamento ao Sistema Janus e publicação no Portal Digital de Teses da USP.

São Paulo, 04/01/2023

(Assinatura do (a) orientador (a))

Aos meus pais, sobretudo à minha mãe que mesmo sem saber ler e escrever foi quem me ensinou nas primeiras lições.

À todas as professoras e todos os professores que me ajudaram a ser quem estou sendo agora.

Aos amigos que permaneceram, sobretudo à Kelly e à Isabela, que foram fundamentais na existência desse trabalho e da minha própria.

Aos meus tios, todos eles.

Aos meus amigos de lida, Rodrigo, Ohana, Marcos e Marília.

À Louise, amor da minha vida inteira.

AGRADECIMENTOS

À Louise, amor da minha vida toda, que foi quem me ensinou a alegria e a saudade.

Aos escritores e artistas contemporâneos, por não desistirem de tentar.

À Maria Elisa Cevasco pela companhia durante toda a graduação, no mestrado como professora e no doutorado como professora, agradeço pela paciência, pelos prazos sempre em cima da hora e por não desistir de mim.

Ao Marcos Soares e ao Marcelo Cizaure pela leitura e pelos caminhos abertos na qualificação.

À Kelly Cristina, minha melhor amiga, sem mais, amo você.

Ao meu pai que me deu meu primeiro livro e me pôs no caminho.

À minha mãe que me ensinou a estudar, mesmo tendo estudado só até a 4ª série, me ensinando que o afeto pode mais que o conhecimento, muitas vezes.

Ao meu irmão Alfredo, que nunca largou minha mão, cuidou de mim quando foi mais difícil.

E à minha irmã Isabelle, melhor desenhista que conheço.

Ao meu tio Luiz Gonzaga, por me viciar em poesia, com saudades.

À minha tia Socorro, que me chama de poeta e eu acredito.

À Isabela, por ter caminhado comigo nos caminhos difíceis dessa vida, dentro e fora da academia.

Aos meus amigos de lida, Rodrigo, Ohana, Marcos e Marília por dividirem os dias comigo, os risos e as lágrimas e por puxarem minha orelha quando eu preciso, todos os dias, amo vocês.

Ao Alan, meu psicólogo que me ajudou e ajuda a me salvar de mim mesmo.

Ao apoio financeiro e acadêmico da CAPES.

Aos que tentaram e não conseguiram.

Aos que ficaram pelo caminho.

RESUMO

SOUSA, Charles Marlon Porfirio de. **What's in the Nutshell?: Uma narrativa fetal em um contexto de capitalismo entranhado.** 2023. 221 fls. Tese (Doutorado), *versão corrigida* – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

Publicado em 2016, *Nutshell* é um romance que apresenta como mola criadora um narrador um tanto curioso, um feto na barriga de sua mãe. Dessa maneira, seu autor, Ian McEwan, cria sua narrativa toda pautada no monólogo desse feto em últimas semanas de formação, prestes a nascer, contando ao leitor sua vida familiar, as relações disfuncionais e o assassinato de seu pai. Esta tese de doutorado busca compreender e propor uma leitura da forma do romance *Nutshell*, percebendo as forças da realidade que (de)formam narrador e obra, bem como ler o romance como um documento de formas de *ser* e *estar* nesta sociedade Inglesa, globalizada e contemporânea. Buscando, ao mesmo tempo, observar os impactos do capitalismo avançado na formação da subjetividade tanto do narrador quanto das outras personagens. Para tal investigação, será pautada por níveis de análise, que permitem e pedem uma leitura alegórica, conforme propõe Fredric Jameson em *Allegory and Ideology* (2019). A partir daí, trabalharemos com a tentativa de mapear as subjetividades que se apresentam ao leitor. Ao longo das análises, embora não como teorização, buscaremos perceber meios pelos quais ainda seja possível narrar, para a escrita de um romance autoral que será anexado ao final desta tese. Para toda essa investigação, alguns pensadores e críticos são figuras recorrentes, como Fredric Jameson, Silvia Viana, Raymond Williams; e teóricos clássicos ligados à psicologia, como Sigmund Freud e Jacques Lacan.

Palavras-chaves

Romance contemporâneo; Ian McEwan; Capitalismo financeiro; Subjetividade; Alegoria.

ABSTRACT

SOUSA, Charles Marlon Porfirio de. **What's in the Nutshell?: A fetal narrative within an embodied capitalist context.** 2023. 221 fls. Dissertation (Phd), *corrected version* – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

Published in 2016, *Nutshell*, is a novel told by a peculiar narrator, a fetus inside his mom's belly. Thus, the author, Ian McEwan, creates a whole narrative based on the almost born fetus' monologue, which tells readers about his familiar life, their dysfunctional relations and the murder of his father. This doctoral dissertation aims to understand and propose an analysis of the novel, taking its artistic form into account, as well as consider the novel a document of different ways of being in British society, globalized and contemporary. At the same time, a major goal is to observe the impact of contemporary capitalism on the formation of the subjectivities present in the narrative. In order to proceed such investigation, levels of analysis will take place, so that they can permit and ask for an allegorical analysis, such as the one suggested by Fredric Jameson in *Allegory and Ideology* (2019). Based on that, an attempt of mapping the subjectivities presented in the novel will take place. Throughout the pages, not as theorization, the possibility of narrating and the ways in which it can be done nowadays will be investigated, so that an authorial novel will be written and indexed by the end of this dissertation. For such an investigation, some thinkers and critics are recurring figures, such as Fredric Jameson, Silvia Viana, Raymond Williams; and classical theorists on psychology, such as Sigmund Freud e Jacques Lacan.

Keywords:

Contemporary novel; Ian McEwan; Finance capitalism; Subjectivity; Allegory.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1 - “Repara bem no que não digo”	22
CAPÍTULO 2 - “Às vezes corre notícia/ dessas menos agradáveis/ e o ouvido chia”	62
2.1 - “Se o rádio não toca, a música que você quer ouvir(...)”	88
CAPÍTULO 3 - “Por que você lê esse livro? Se depois faz tudo ao contrário?”	109
CONSIDERAÇÕES FINAIS	133
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	145
ANEXO - Romance autoral	153

INTRODUÇÃO

Assim se inicia a narrativa do romance *Nutshell*:

So here I am, upside down in a woman. Arms patiently crossed, waiting, waiting and wondering who I'm in, what I'm in for. (McEWAN, 2016, p. 1)

O narrador se apresenta em sua posição singular de quem investiga e, como comprovamos ao longo das páginas, seguirá investigando ao longo do romance. Além dos resultados de suas observações, mesmo quando não são, à princípio, reveladores, nós leitores vamos coletando as primeiras informações que revelam que o narrador se trata de um feto, que narra tudo do interior do útero materno, "[s]o here I am, upside down in a woman", que investiga sobre si mesmo e sobre o mundo e as pessoas que o circundam para além de seu "private ocean", como ele mesmo nomeia o útero materno, partindo de seu ponto de vista um tanto restrito e de onde pode partir, o que nos é sugerido pelo fato de começar a narrativa pela sua posição física e a descrição de seu estar no mundo, bem como suas dúvidas, estabelecendo o ponto de vista e a voz narrativa que vai se formando, como pode, ao longo do romance *Nutshell*.

A princípio poderíamos apontar os aspectos que se não impossibilitariam tal narrador, se é que há narrador impossível para a ficção, fariam dele defeituoso, uma vez que sua perspectiva é limitada, de alguém que sequer viu o mundo, outras pessoas, a si mesmo, alguém que em suas próprias palavras "not even young, not even born yesterday", ou seja, não viveu, portanto, que não teria, a princípio o que contar.

Por outro lado, ao invés de buscarmos traços da realidade que por vezes a realidade, ela mesma, nos nega, podemos investigar quais as fontes dos conteúdos veiculados pela voz narrativa criada por Ian McEwan, voz essa que vai se formando entre dúvidas, contradições, afirmações vagas, emulação de um discurso erudito, por vezes vitoriano, fazendo uso de palavras não raramente rebuscadas. Seguindo por essa vereda investigativa, temos uma resposta possível, que vai se tornando clara por meio da própria necessidade do narrador em se justificar enquanto verossimilhança interna da obra, explicando ao leitores que:

How is it that I, not even young, not even born yesterday, could know so

much, or know enough to be wrong about so much? I have my sources, I *listen*. My mother, Trudy, when she isn't with her friend Claude, likes the radio(...) Even television conveys most of its meagre utility by sound. (McEWAN, 2016, p. 4)

Portanto, precisamos ler a obra com os elementos que ela nos oferece. Assim sendo, sabemos já no início da narrativa, que o feto sabe o que sabe, mais o que acredita saber, por meio, principalmente, do rádio e, em alguma medida, da televisão. O mundo chega até ele através dos sons emitidos por esses aparelhos e com eles o narrador (em formação) cria uma imagem mental de tudo, de absolutamente tudo o que nos conta ao longo dos vinte capítulos, que cobrem o período que vai das semanas finais da gestação ao seu nascimento, momento exato em que a narrativa é abruptamente encerrada.

Seguindo a trilha dada pela obra, não a única possível, mas a que seguiremos nestas páginas, nos voltaremos à análise do discurso dessa voz que nos conta sobre tudo e todos, para que possamos buscar, através da compreensão da forma assumida pelo narrador, uma vez que está o tempo todo buscando dar forma à sua constituição subjetiva, dando, ao mesmo tempo, forma ao conteúdo do romance.

Partindo desse nível de análise, o da formação subjetiva, levando em conta o que parecer cabível à análise literária, teremos por objetivo compreender e propor uma leitura da forma artística do romance *Nutshell*, nos mantendo atentos às forças da realidade que (de)formam o romance e a subjetividade que vemos ir se formando conforme a narração avança. Além disso, buscaremos compreender os impactos do capitalismo avançado na formação da subjetividade que nos narra o romance, sem deixar de perceber os contornos que ganham as subjetividades, especificamente do narrador, mas também das personagens que convivem com ele no texto e de um modo geral, buscando mapear os relevos e falhas cartográficas nas subjetividades contemporâneas. Ao longo das análises, embora não como teorização, buscaremos perceber meios pelos quais ainda seja possível narrar, tema que será desenvolvido na última parte desta tese, reflexão que será central na escrita de um romance autoral anexado ao final.

Antes de prosseguirmos, é preciso pontuar que a nossa interpretação da obra *Nutshell*, ao longo dos capítulos, será pautada por níveis de análise, que permitem e pedem uma leitura alegórica, conforme propõe Fredric Jameson em *Allegory and Ideology* (2019), tal metodologia de análise se mostra bastante eficiente para que possamos ler o romance em

questão, uma vez que percebe “a ligação indissociável entre sujeito e narrativa” (2019, p.XII). Por que é relevante pensarmos nessa ligação entre sujeito e narrativa? Antes de respondermos, cabe apresentar, brevemente, a forma de ler alegoricamente tal qual nos apresenta Jameson.

O crítico cultural propõem que as obras de arte sejam lidas alegoricamente, mas por meio de uma alegoria quadripartite, sendo os níveis, o histórico ou literal, que seria o objeto em si, que demanda análise, o que nos leva à formulação de notas, comentários, pautados em reflexão (2019, p.XVI); o alegórico ou místico, que são os segredos e sentidos escondidos dentro do romance, que, para serem revelados, carecem de uma leitura alegórica; o terceiro nível, o da experiência existencial, diz respeito à construção da subjetividade (2019, p. XVII), sendo este o nível pelo qual iniciaremos a tentativa de uma leitura alegórica da obra, uma vez que salta aos olhos dentro da narrativa de *Nutshell* a história que o narrador vai contando, não apenas para o leitor virtual, mas para si mesmo na tentativa de se formar da melhor maneira que puder, o que em seu caso, é uma formação ao mesmo tempo literária e literal; o último nível se debruça sobre o inconsciente político, o ponto no qual percebemos com clareza as pressões que esse inconsciente exerce sobre o individual. Na obra em análise, o fato de as personagens masculinas, aparentemente tão diferentes entre si, se assemelharem e muito no modo de pensar e agir nos traz o alerta do quanto há de coletivo dentro da própria narrativa, bem como dos sujeitos que vão se colocando diante de nós leitores, que também não estamos imunes aos “defeitos” percebidos nas personagens.

No caso das personagens masculinas, em específico, como forma de captar o social dentro da forma artística e alegórica de *Nutshell*, podemos perceber um contexto em que homens brancos, ricos e herdeiros, dispensam um tratamento às mulheres que passeiam pelas páginas sendo vistas e tratadas como objetos, propriedades, apenas para apontar caminhos que serão explorados ao longo das páginas que se seguirão.

Mas, retornando à pergunta, em parte já respondida, o motivo pelo qual é relevante pensar a ligação entre o sujeito e a narrativa é o fato de que o que temos de concreto para análise são as palavras do narrador, que, inclusive, não é muito mais do que ele tem a oferecer, no fundo, podemos afirmar que ele praticamente só tem a si mesmo, seu corpo para ser dado em espetáculo em uma espécie de *reality show* em que todos disputam com todos e no qual, ao final, todos saem derrotados.

Se pegarmos o próprio termo análise, podemos rapidamente sondar o que faz a

psicanálise quando um paciente é submetido a tal método, pensando de maneira comparativa a tarefa do analista da psicologia humana e do analista de textos. Segundo Fátima Elisabeth Geitens,

Freud criou a psicanálise, para a qual a fala é instrumento fundamental do trabalho. A psicanálise caracteriza-se por ser um método onde a palavra busca trazer à consciência o que não está consciente. Lacan, por sua vez, enfatiza a linguagem como fundamental para definir o Sujeito. (GEITENS, 2017, p. 7)

Ou seja, na análise psicanalítica, as palavras do paciente são a matéria-prima para que se possa apreender o que é dito, mas mais importante, o que não é dito, o que é dito indiretamente, o que é calado, mas deixa no discurso um espaço em branco que deve ser notado pelo analista, pois é extremamente significativo, o que nos leva ao nível de análise alegórica que diz respeito ao inconsciente coletivo. Em outras palavras, no território narrativo, não apenas o que é terra firme nos interessa, mas as falhas, os vazios, muitas vezes, são nessas falhas que vamos encontrar significados da obra que a superfície sozinha não dá conta de comportar. Portanto, fica desde já fora de cogitação compreender a formação do sujeito como indivíduo isolado e alheio à sociedade em que vive e à qual está sujeito.

Desse modo, compreender a sociedade e a realidade em que o paciente *é* e *está* ajuda o analista no tratamento do paciente, não é o que o crítico literário procura, não há intenção de tratar o narrador de *Nutshell* de coisa alguma, entretanto, sem tentar tratar do narrador, uma vez que nos falta conhecimento e capacidade para tal, além de não nos parecer fazer sentido, já que estamos tratando de uma personagem fictícia. O crítico literário busca a sociedade e a realidade decantadas dentro do romance, conforme nos ensinou o professor Roberto Schwarz.

Novamente recorrendo à psicanálise, Lacan traz outro elemento importante para a construção dessa linha de raciocínio que estamos traçando aqui. Segundo Lacan:

Quer se pretenda agente de cura, de formação ou de sondagem, a psicanálise dispõe de apenas um meio: a fala do paciente. A evidência desse fato não justifica que se o negligencie. Ora, toda fala, pede uma resposta. Mostraremos que não há fala sem resposta, mesmo que depare apenas com o silêncio, desde que ela tenha um ouvinte, e que é esse o cerne de sua função de análise. Mas se o psicanalista ignorar que é isso que se dá na função da fala, só fará experimentar mais fortemente seu apelo, e, se é o

vazio que nela se faz ouvir inicialmente, é em si mesmo que ele o experimentará, e é para-além da fala que irá buscar uma realidade que preencha esse vazio. (LACAN, 1998, p. 248)

Embora possamos estabelecer ligações entre o feto que narra e o paciente de uma análise psicanalítica, apontando os aspectos que o enquadram nessa posição de acordo com os conceitos apontados por Lacan, por exemplo, o leitor como o ouvinte, confirmando que, de fato, “não há fala sem resposta”, pouco se aproveitaria para a nossa análise literária. Então, chega o momento de responder a outra pergunta: de que serviu toda essa apresentação sobre a análise psicanalítica? Trouxemos a discussão para uma comparação com o que faremos aqui, análise literária, mantendo toda a distância entre uma área de conhecimento e outra, compará-las não é afirmar que são próximas, muito menos que procuram fins semelhantes, mas há elementos nas duas citações que nos serão de extrema importância para a análise da voz narrativa de *Nutshell*, ambas as análises partem do discurso, das palavras engendradas em cadeia para gerar sentidos e com intencionalidade por parte daquele que se expressa.

Portanto é por meio do discurso, mais precisamente por meio da narrativa, que é formada pelo discurso do narrador, que vamos dar início à análise. Uma vez que, como afirma Maria Elisa Cevasco em texto sobre a obra de Jameson a qual estamos nos referindo aqui,

[O]nce we cannot escape the prison house of language, both the paths to thinking real thoughts take the way of narrative, that unique articulation of language through which we make sense of ourselves and of the world which forms and informs our subjectivity. (Cevasco, 2021)

Para tal, abriremos caminho partindo do nível psicológico, dentro da estrutura alegórica de quatro níveis proposta por Jameson (2019), analisando a narrativa, por meio do discurso do narrador, através do qual ele (re)cria a si, aos outros e ao mundo. Podemos começar por notar a repetição insistente do pronome pessoal “I”. Aprendendo sobre esse narrador autocentrado, não por sua escolha, mas porque é a posição que lhe coube assumir, aprenderemos para além do sujeito, o que nos leva a outro nível alegórico, o do inconsciente coletivo, que podemos, inclusive, recorrer ao linguista Benveniste para que possamos

esclarecer, em termos da linguagem. Benveniste afirma o seguinte:

A que, então, se refere o eu? A algo de muito singular, que é exclusivamente linguístico: *eu* se refere ao ato de discurso individual no qual é pronunciado, e *lhe* designa o locutor. É um termo que não pode ser identificado a não ser dentro do que, noutra passo, chamamos uma instância de discurso, e que só tem referência atual. A realidade à qual ele remete é a realidade do discurso. É na instância de discurso na qual *eu* designa o locutor que este se enuncia como "sujeito". É portanto verdade ao pé da letra que o fundamento da subjetividade está no exercício da língua. Se quisermos refletir bem sobre isso, veremos que não há outro testemunho objetivo da identidade do sujeito que não seja o que ele dá assim, ele mesmo sobre si mesmo. (BENVENISTE, 1988, p. 288)

É pelo uso da língua, ela sendo social, dividida com os demais falantes e sofrendo as interferências do mundo do qual ela surge e no qual se modifica, os vazios do discurso devem ser preenchidas pelo analista, assim como os vazios deixados pelo narrador de *Nutshell*. É função do crítico literário, preencher os espaços em branco com o que fica decantado do mundo que surge dentro da obra através da construção linguística e da narrativa. Em outras palavras, é preciso descobrir o que se esconde por baixo do nível literal, no nível alegórico, para que possamos interpretar uma obra de maneira menos incompleta.

É seguindo essa metodologia de análise que leremos *Nutshell*, procurando aprender e investigar o que há escondido dentro dessa noz, o que há por trás de tanta erudição, citações de obras literárias, sobretudo poetas, tanta inocência, "I count myself an innocent" (2016, p. 1), mas que no entanto acredita muito em si mesmo, que ao contar sobre seu primeiro pensamento consciente afirma que "[t]he beginning of conscious life was the end of illusion", deixando, ao leitor atento, vestígios de que precisamos apurar melhor os fatos que estamos lendo/ouvindo, pois ao fazer tal afirmação, o narrador se mostra iludido, colocando, como faz ao longo de toda a obra em um local privilegiado nos mais variados aspectos, cabe-nos entender a origem da ilusão de não se iludir, não atribuir ao narrador a capacidade de iludir-se por si só.

A futura criança, como veremos ao longo da tese, sobretudo no primeiro capítulo, apesar de mostrar um leque variado de informações sobre diversos assuntos, vai, se

cavocarmos, revelando profundidade mínima com relação àquilo que nos apresenta, passando de informação em informação, sem que elas tenham tempo de se tornar, de fato, conhecimento. O que gera, muitas vezes um modo de ser complexo e contraditório em que ao mesmo tempo há momentos de lucidez, seguidos por outros de pura abstração, invenção e ilusão, propriamente dita. Poderíamos apontar que em tempos cínicos, como nos ensina Zizek, a postura do narrador fosse um daqueles que “sabem o que fazem, mas mesmo assim o fazem” (ZIZEK, 2012), uma vez que o próprio afirma “I long for her external self. Surfaces are everything” (2016, p. 7), um aspecto em comum com a própria arquitetura dos prédios comerciais dos centros urbanos de nossa contemporaneidade que se espelham, sendo meras superfícies, escondendo que lá dentro deles há gente e trabalho. Trabalho que por sua vez, aparece como algo que nosso narrador vê como uma tarefa horrível, muito abaixo de seu pedestal, um tanto aristocrático, algo a ser evitado.

Entretanto, o mesmo, talvez cínico, mas não só, narrador afirma poucas páginas antes que “The beginning of conscious life was the end of illusion” (p. 2), eis aí a ilusão, portanto, cabe-nos investigar a contradição e os motivos para que ela exista, (de)forme a subjetividade em causa e não se desfaça, mas se mantenha e exista enquanto contradição. São nas falhas do discurso e do relevo do mapa subjetivo do narrador que vamos nos atentar e, com sorte, encontrar os sentidos possíveis de nossa análise.

Partindo do nível da palavra, vemos que sua seleção vocabular é reveladora, por meio do discurso, ou em outros termos, pela forma como fala das outras personagens, dependendo de quem é a outra personagem, por exemplo, seu pai, é um homem inocente, idealista, bom e que deve ser amado; sua mãe, Gertrude, parece não merecer tanta simpatia, é “uma mulher”, desde o princípio da narrativa e em muitos momentos é vista e colocada em posição de objeto e algo a ser possuído, nos mais variados sentidos; Claude, que vamos descobrir se tratar de seu tio, irmão de seu pai e amante de sua mãe, é esnobado por ser, segundo os padrões de erudição e bem viver estabelecidos pelo narrador, chucro, bruto e estar conectado demais ao mundo do dinheiro e das trocas mundanas, longe das artes, das coisas do espírito, como se elas fossem de graça, não pressupusessem trabalho, trocas financeiras, o capitalismo, como todo o resto.

Entretanto, a rivalidade afirmada em palavras com o tio, insistentemente retomada e reforçada, acaba se mostrando um traço problemático na formação da própria identidade da

voz que narra que se quer tão alheia ao mundo que seu tio tanto aprecia, uma vez que sabe trechos e citações de obras clássicas de cor, conhece os mais finos vinhos do mundo, representa o mundo aristocraticamente culto que se horroriza com o fato do tio trazer as mãos sujas de tanto tocar em cédulas de dinheiro.

A diferença, que o narrador gostaria que fosse abismal, entre ele e seu tio, se mostra menor, em certos momentos praticamente nula, o que podemos perceber ainda no nível da construção frasal. Em determinado ponto da narrativa, em um dos muitos momentos em que o feto está dizendo coisas pouco elogiosas acerca de seu tio, ele julga uma mania linguística de Claude e o faz da seguinte maneira: “quem termina uma frase em ‘mas’?”, terminando, ele mesmo, o narrador, tão diverso, mas tão parecido em muitos aspectos, ao menos tão participante do mesmo jogo social que o tio, uma frase com “mas”, semelhança que se revela também, entre outras coisas, no modo de tratar a própria mãe.

Passando, agora, da palavra para o nível do discurso e da representação, o mundo narrado pelo próprio feto, mais uma vez dando sinais que oscila entre consciência e inocência com relação ao que afirma, sobre os outros, sobre si mesmo e o que o aguarda fora do útero, surge e é descrito como um acúmulo de “abstrações”:

I'm immersed in abstractions, and only the proliferating relations between them create the illusion of a known world. When I hear “blue,” which I've never seen, I imagine some kind of mental event that's fairly close to “green”—which I've never seen. (2016, p. 1)

É nesse ponto que nossa comparação inicial da tarefa do crítico literário com a análise psicanalítica ganha mais clareza, pois entramos no terreno literário, buscando analisar o que o termo “abstractions” expresso pelo feto nos revela sobre sua identidade e sobre o mundo que o forma, antes ainda de nascer. O narrador não só não é impossível ou defeituoso, como pode ser emblemático de um período marcado por abstrações das mais diversas na vida real, falta-nos descobrir emblema de que.

Nesse sentido, buscamos auxílio na reflexão de Jameson sobre a questão da abstração, o crítico cultural afirma que:

Finance capital suggests a new type of abstraction, in which on the one hand money is sublimated into sheer number, and on the other hand a new kind of value emerges, which seems to have little enough to do with the old-fashioned value of firms and factories or of their products and their marketability. (JAMESON, 2003, p. 713)

Ou seja, descobrindo o que o narrador traz por trás do verniz de sua fina, duplamente, superfície, descobrimos também sobre a realidade na qual o romance foi escrito e do qual ele é fruto. A abstração que é vivida na economia, parece exercer força e interferir na forma e na constituição da própria subjetividade do narrador e de seu discurso. Na sequência do mesmo ensaio, Jameson segue a investigação do capital financeiro e da abstração, não por acaso, analisando a vida cotidiana e a experiência vivida, pensando de que forma a virtualização do capital afeta a forma como vivenciamos a temporalidade, outro traço marcante em nosso narrador.

Most significant for us in the present context, however, is the impact of the new value abstractions on everyday life and lived experience, and this is a modification best articulated in terms of temporality (rather than image theory). (JAMESON, 2003, p. 713)

A voz que narra, vive a temporalidade com um afastamento do passado e um distanciamento do futuro, o que veremos também no primeiro capítulo, afirmações como “That was in my careless youth” (2016, p. 1) e “Long ago, many weeks ago, my neural groove closed upon itself to become my spine” (2016, p.2), nos mostram como o passado recente para ele se converte em um período longínquo

By the same token, the new rhythms are transmitted to cultural production in the form of the narratives we consume and the stories we tell ourselves, about our history fully as much as about our individual experience. It is scarcely surprising that the historical past has diminished accordingly; to be sure, the recent past is always the most distant in the mind’s eye of the historical observer, but deficiencies in the high school history books are scarcely enough to account for the alarming rate at which a somewhat more remote past is in the process of being evacuated—the media’s “exhaustion” of its raw material of events and information is not alien to the process.

(JAMESON, 2003, p. 714)

Por mais que se queira “unburdened by allegiances and obligations, a free spirit” (2016, p. 1), o bebê, nem nascido nos parece já bastante sujeito às condições hegemônicas de seu tempo, ainda que se queira alheio às baixezas do capital, entre por vezes em elucubrações bastante sugestivas. Em um desses momentos reflexivos, ele afirma um certo sentimento de nostalgia, ao explicar sobre essa sensação que o invade vez ou outra, percebemos uma nostalgia com características bem específicas, de alguém com passado praticamente nenhum, um sentimento notado e descrito por Fredric Jameson, a saber, uma *nostalgia do presente*.

Ao investigarmos mais detidamente o conceito de nostalgia do presente, percebemos de maneira mais clara não só a proximidade do narrador com seu tio Claude, mas também o quanto ele participa, querendo ou não das mesmas estruturas sociais, econômicas, políticas, em suma, da realidade que tanto busca se distanciar, o que cabe investigação.

Ao discutirmos a teorização de Jameson sobre a *nostalgia do presente* no capítulo de abertura desta tese, veremos que o olhar nostálgico vê o presente como história passada e ansia por mantê-la intacta ao tempo, sendo assim, todos os privilégios tão apreciados pelo narrador, ainda que não queira sujar as mãos para bancá-los, quer mantê-los a qualquer custo, o que faz com que participe do jogo, o mesmo do qual seu tio faz parte com tanto gosto, ele, no entanto, possui ferramentas, através de suas referências intelectuais, para esconder um pouco melhor o jogo, que seu tio deixa à superfície. Nesse ponto, observamos como opera em *Nutshell* a nada nova e nem por isso inválida reflexão de Walter Benjamin, segundo a qual

[T]odos os bens culturais (...) [d]evem sua existência não somente ao esforço dos grandes gênios que os criaram como à corvéia anônima dos seus contemporâneos. Nunca houve um monumento da cultura que não fosse também um monumento da barbárie. E, assim como a cultura não é isenta de barbárie, não o é tampouco, o processo de transmissão da cultura. (BENJAMIN, 1994)

Por trás de toda a vasta, ou assim gostaria ele, cultura apresentada, nosso feto, afetuosamente em uma noite acorda a própria mãe com um pontapé, pois queria ouvir o

rádio; em outra passagem, por querer que a mãe tomasse outra taça de vinho, fica irritado e afirma que puxaria o cordão umbilical e daria ordens como quem dá ordens aos empregados que devem obedecê-lo.

Em nosso primeiro capítulo, faremos uma análise minuciosa de nosso narrador partindo dos níveis histórico e da experiência existencial, investigando sua posição complexa de alguém que se pensa e se pinta de “free spirit”, conceito Nietzscheano para descrever “aquele que pensa de modo diverso do que se esperaria com base em sua procedência, seu meio, sua posição e função, ou com base nas opiniões que predominam em seu tempo” (NIETZSCHE, 2000, p. 93), mas que parece ir se revelando tão fruto do ventre de seu tempo histórico quanto qualquer outro sujeito.

Ao que parece, a epígrafe retirada de Hamlet obra que o romance traz em seu DNA já parece apontar um caminho, “Oh God, I could be bounded in a nutshell and count myself a king of infinite space(...)”, considerar-se rei, não é ser rei, considerar-se rei de um espaço infinito, preso numa noz, cabe-nos descobrir.

CAPÍTULO 1 - “Repara bem no que não digo”¹

“Looks it not like the King? mark it, Horatio.”

(SHAKESPEARE, 1998, p. 9)

Lançado em setembro de 2016, *Nutshell*, romance de Ian McEwan recebeu os olhares da crítica e da imprensa especializada sobretudo por contar, como vimos, com um narrador inusitado, um feto, contando sua pré-história, de dentro do ventre materno, de onde estaria, a princípio, a salvo das leis e pressões da vida extra-uterina, “[n]o one to contradict or reprimand me, no name or previous address, no religion, no debts, no enemies.” (p.2).

Assim como o narrador trazia seu ouvido colado por dentro da barriga, muitos dos leitores que se puseram a escrever sobre o romance pareciam ter colado o ouvido por fora, ouvindo hipnoticamente a voz que narra, passando batidos pelas contradições e das modulações da voz narrativa. Além disso, muitos foram os ensaios a apontar o caráter polêmico que teria a obra por frases citadas amplamente por jornais, sites e revistas de literatura como por exemplo, “[n]ot everyone knows what it’s like to have your father’s rival’s penis inches from your nose” (2016, p. 20), ambos os aspectos dão o teor geral de como foi a recepção crítica da obra sobretudo na própria Inglaterra e nos demais países de língua inglesa.

Pensando num breve panorama dessa recepção, para que não falemos em abstrato, em *An Unborn Baby Overhears Plans for a Murder in Ian McEwan’s Latest Novel*², artigo publicado no The New York Times em 9 de setembro do ano de publicação da obra, Siddhartha Mukherjee investiga a intertextualidade presente em *Nutshell*, não apenas com *Hamlet*, explicitamente proposta pela obra desde a epígrafe, mas também com outras narrativas de assassinato, percorrendo o aspecto narrativo propriamente dito da história contada pelo feto, fazendo uma leitura do romance como a tentativa frustrada de uma criança ainda não nascida de salvar o pai de ser envenenado pela mãe, Trudy e pelo tio Claude, irmão de seu pai. A leitura não adentra uma análise alegórica tal qual a proposta nestas páginas,

¹ O título deste capítulo é um poema de Paulo Leminski.

² Ver: <https://www.nytimes.com/2016/09/11/books/review/ian-mcewan-nutshell.html>. Último acesso em 12/04/2021.

ficando na esfera do nível histórico, refletindo sobre os pontos mais evidentes e criando mais especificamente uma nota sobre a obra, não uma análise mais detida e intrincada.

Sobre um dos momentos que estudaremos mais adiante, em que o narrador se ilude afirmando que o princípio da vida consciente é o fim da ilusão, Sylvia Faye McLeod compra o discurso do feto pelo preço que ele o vende, sem atentar para as contradições que esse discurso também traz impressas em si, propondo que, de fato, ele soubesse com toda a certeza do mundo sobre o que está falando:

In the first moments of the protagonist's consciousness, McEwan's foetus challenges the importance of "is" over the nebulous "seems" (p.3). This moment of being is *real*. The foetus describes the beginning of consciousness in a blend of neurological and figural language. (...) The alluring notion of *being – to be* – is a gift which comes at a price, however. For the foetus, it is responsibility of foiling a plot hatched by the mother, Trudy, and her lover, Claude. Or if that fails, to avenge his father's murder." (MCLEOD, 2018, p. 226-7)

McLeod endossa o discurso do narrador sobre a vitória do "is", talvez atraída pela luz que a obra de Shakespeare traz para dentro do romance de McEwan, que funciona por muitas vezes como tremulina, a distrair-nos do que realmente importa para que possamos construir um sentido mais aprofundado da obra. A autora reafirma a vitória daquilo que *é*, da verdade, do real, sobre o "seems", aquilo que aparenta ser mas que não é.

O risco de comprarmos tal discurso em sua integralidade é cairmos, não exatamente na armadilha do narrador, que não necessariamente tem consciência o tempo todo, se é que tem completamente em algum, de que há muito de idealização e ausência de substância que comprovem suas afirmações, estas muitas e as mais variadas e sobre quase todos os assuntos e campos do conhecimento humano, aparentando ser uma promessa de homem completo, como um novo Leonardo da Vinci, aparentando, importante frisar, mas voltaremos ao assunto no capítulo 3.

Comprar a versão narrada *ipsis litteris* tem seu preço, o romance se converte na história de um bebê que é obrigado a ouvir os planos do assassinato do pai e que jura vingança, converte a narrativa em um *Hamlet* contemporâneo, o que faz da obra, menos significativa, ela pode até ser uma espécie de *Hamlet* para uso pós-moderno, entretanto seguir a luz que nos levaria ao texto de Shakespeare, buscando definir o *to be or not to be*, não nos

iluminaria quanto à existência e à formação de narrador tão contemporâneo, uma vez que a cada página e a cada afirmação, vai nos revelando que não se trata do dilema Shakesperiano, mas de um outro dilema, a questão fundamental do nosso narrador parece-se mais com *to be AND not to be*, o que cabe investigarmos com mais calma mais adiante.

Wolfgang G. Müller (2018) em seu artigo *The body within the body: Ian McEwan's creation of a new world in Nutshell* também aponta a intertextualidade da obra, que existe, não estamos negando. Após uma longa discussão sobre conceitos linguísticos acerca de teorias sobre intertextualidade, Müller, por fim, decifra *Nutshell*:

I believe McEwan's dealing with Hamlet in Nutshell is an intertextual game with a high entertainment value. His novel is not a rewrite of Shakespeare's drama, but Hamlet is a subtext which is constantly present. To measure Nutshell against Hamlet, would be unfair, because the novel is not presented as a rewrite. (MÜLLER, 2018, p. 378)

Ou seja, a discussão classifica a obra não como uma reescrita, mas estabelece *Hamlet* como um subtexto para a criação do romance aqui em estudo. Parece-nos muito esforço reflexivo para pouco avanço no tocante à interpretação da obra em si. De que forma definirmos *Hamlet* como subtexto nos ensina sobre *Hamlet*, sobre *Nutshell*, sobre a Literatura, sobre o mundo em que ambas as obras existem, uma com mais idade, outra mais recente, e da qual dão testemunho?

O autor do ensaio envereda também pelo caminho da narrativa de assassinato, cita a cena do pênis do rival do pai, passando por questões como culpa, ética, crime, analisando, em suma, os aspectos dados pelo narrador, apenas aquilo que ele oferece, como se de fato, as superfícies fossem tudo, deixando de fora, entretanto, o que é contado e não se encaixa no mundo do *is*.

Obviamente é de suma importância que se faça a análise dos elementos explícitos da narrativa, uma vez que é um dos níveis da análise alegórica, com a qual trabalhamos aqui, é também verdadeiro que é fundamental analisarmos os elementos implícitos, escamoteados, velados, aquilo que precisa ser descoberto, no nível alegórico, propriamente dito. Caso o contrário, a crítica é neutralizada e inofensiva, e a Literatura, perfumaria e badulaque, como o é para o narrador de *Nutshell*, como veremos, já que vai citando clássicos e versos a todo

momento, por vezes fora de contexto, sempre sem ir mais a fundo do que a mera citação, o que já provaria, teoricamente, sua erudição.

Em outras palavras, buscaremos nesta tese, uma investigação alegórica sem perder de vista a crítica dialética, a qual o professor Roberto Schwarz distingue das outras formas de críticas possíveis da seguinte forma:

Dentro desse quadro, o traço que distingue a crítica dialética, e que a torna especial, é que ela desbanaliza e tensiona essa inerência recíproca dos pólos, sem suprimi-la. O que for óbvio, para ela não vale a pena. Se não for preciso adivinhar, pesquisar, construir, recusar aparências, consubstanciar intuições difíceis, a crítica não é crítica. (SCHWARZ, 2004)³

Pensando nessa forma de fazer análise literária, e nomeando-a, como uma forma de fazê-lo, não a única, cabe-nos perceber que a narrativa começa abruptamente, do mesmo modo, inclusive, que se encerrará: repentinamente. O narrador, apresentando sua condição peculiar, “upside down in a woman” (2016, p. 1), apesar de descrever logo no início seus olhos, vemos logo que não servem de muita coisa, dada sua condição, já que se encontra em seu, como ele mesmo afirma, confinamento, portanto, não é vendo que o narrador capta tudo o que nos conta, mas ouvindo, como já adiantado, por meio do rádio e alguma vez pelo áudio da televisão. Antes de irmos a isso, voltemos aos olhos, que se aparentemente inúteis na narrativa, na análise da narrativa é fundamental para que possamos investigar mais a fundo o *baby to be*, passando de um nível (histórico) para outro nível (o alegórico) da alegoria.

O que há para vermos nos olhos? Vejamos. A frase proferida é

My eyes close nostalgically when I remember how I once drifted in my translucent body bag, floated dreamily in the bubble of my thoughts through my private ocean in slow-motion somersaults, colliding gently against the transparent bounds of my confinement, the confiding membrane that vibrated with, even as it muffled, the voices of conspirators in a vile enterprise. (2016, p. 1)

³ Ver:

<https://www.afoiceemartelo.com.br/posfsa/Autores/Schwarz,%20Roberto/Roberto%20Schwarz%20-%20Entrevista%20Revista%20da%20Fapesp.pdf>

Há uma diferença significativa, e aqui reveladora, entre o sujeito afirmar que ativamente fecha seus olhos, mantendo no nível sintático e semântico um papel ativo com relação aos olhos, e o que é afirmado no parágrafo acima, os olhos se fecham, sugerindo uma menor atividade do sujeito ou mesmo uma passividade, algo que ele não tem sob seu controle, além desse aspecto, eles fecham-se **nostalgicamente**. Quando o feto se lembra de um passado, próximo, mas que lhe parece distante, em que aparentemente vivia um momento idílico de sua existência intra-uterina, flutuando (o que sugere a uma suposta liberdade que agora supõe não ter mais, mas que é questionável quanto ao fato de realmente a ter tido, uma vez que está preso ao cordão umbilical), na bolha de seus pensamentos num oceano particular (privatizando o meio natural ao deleite individual, reforçando a ideia da bolha).

Os elementos em conjunto nos apresentam para além do narrador que capta o mundo pela audição, que é a informação que ele mesmo nos dá sem custo adicional, como já fica evidente nesse mesmo parágrafo, “the confiding membrane that vibrated with, even as it muffled, the voices of conspirators in a vile enterprise”. Em suma, um narrador que escuta os planos da mãe em conluio com o tio, julgando-os por isso, além de inocentar o pai, já de largada, e o colocar em papel de vítima definitiva e universal. Tudo somado, vai nos mostrando a imagem em formação desse feto que vai aos poucos revelando características importantes para a nossa leitura da obra, que visa entender o narrador em sua individualidade, os sentidos velados na narrativa, as imposições do inconsciente coletivo, tudo isso sob o manto fino do nível literal da narrativa.

Para iniciarmos a investigação da formação psicológica de nosso narrador, sempre transitando entre os níveis literal e da experiência existencial, que são os níveis alegóricos que nortearão este primeiro capítulo, podemos iniciar a configuração do narrador por um aspecto que parece fundamental, e que parece ser o centro de formação do seu (ainda não)-ser. Nosso narrador reclama e se revolta, não é possível afirmar que seja um ato de revolta falso, mas o é certamente um ato um tanto volúvel, o que é facilmente observável, em diversos momentos, nos quais sua fúria, sua indignação, seus mais nobres sentimentos de vingança desaparecem cedendo lugar a assuntos completamente alheios àqueles que lhe fizeram sentir irado, como na seguinte passagem:

My mother is involved in a plot, and therefore I am too, even if my role might be to foil it. Or if I, reluctant fool, come to term too late, then to avenge it. But I don't whine in the face of good fortune. I knew from the

start, when I unwrapped from its cloth of gold my gift of consciousness, that I could have arrived in a worse place in a far worse time. (2016, p.3)

Nem bem acaba de se indignar com os planos da mãe de matar seu pai, com ajuda do tio, ele deita ponto à palavra e segue na adversativa de que sabe que não pode reclamar pois tem consciência de seus privilégios. E são esses privilégios exatamente que estão em jogo, no fundo, se o narrador não sabe, pressente que o perigo maior é deixar um certo conforto que é seu, enquanto indivíduo, mas que é antes de tudo, certamente antes dele, de sua classe, seu lugar naquela sociedade, seu *status*, o de um privilegiado, que pode ficar “wondering”, o que, entretanto, poderia ser um julgamento pesado, pois ele não nasceu ainda, logo, só lhe resta isso. Mas, dado o todo da narrativa, a posição de quem pode esperar é significativa, mas que não quer é notório. Em seu caso, o risco de não esperar é a eliminação sumária, fatal, para sua condição.

Antes de pensarmos na dualidade da espera, a de quem pode e está obrigado a esperar, achamos por bem iniciarmos pela questão dos olhos que se não servem para ver bem, servem para se abrirem e fecharem nostálgicos. Fredric Jameson (1989), em ensaio reflete sobre a questão da nostalgia no mundo contemporâneo e sua figuração em produções culturais. O estudioso cita vários filmes da década de 1980, notando, ao longo de suas análises, como há neles uma roupagem de elementos de filme de época (especificamente dos anos 50), camuflando, sob o pano fino do que é literal, um desejo de manutenção de valores do presente. Jameson, de maneira muito resumida, descobre, contraintuitivamente, que a nostalgia pelo passado é, na verdade, nostalgia pelo presente, peça central e uma das fórmulas para o conformismo, a criação de um forte desejo nostálgico pela manutenção das coisas como estão. Segundo o crítico cultural, o olhar nostálgico vê o presente como história passada e anseia por mantê-la intacta ao tempo, um olhar de uma "mesmerized fascination in lavished images of specific generational pasts" (JAMESON, 1989, p.290)

Nesse sentido, a consciência que acredita se gerar através desse processo é, na realidade, "a lack of just such strong self-consciousness", dessa forma, não é surpresa que nosso narrador se iluda acreditando que o início da vida consciente seja o fim da ilusão, como já citado anteriormente, a ilusão e a consciência convivem e o ajudam a se formar, sem que

nunca nem uma nem outra se fixem e se enraízem, alternam-se, substituem-se como que em um ciclo auto renovável e infinito.

Ainda analisando produções cinematográficas, Jameson interpreta produções cinematográficas de ficção científica, em suas descobertas, há algo que nos ajuda a iluminar a postura da voz narrativa sequer nascida e já nostálgica. Jameson aponta um traço específico da nostalgia que desvenda o lado autopreservação que ela traz consigo. O estudioso afirma o seguinte:

In the same way, yesterday's terror of the overcrowded conurbations of the immediate future could just as easily be read as a pretext for complacency with our own historical present, in which we do not yet have to live that. (JAMESON, 1989, p. 286)

Ou seja, os imaginários de passado (filmes sobre os anos 50) e futuro (filmes de ficção científica) sob o ponto de vista do olhar nostálgico, está preso ao presente e ao desejo obsessivo da manutenção. A pergunta que cabe aqui é: a quem interessa manter o *status quo*? Um de seus medos é explicitamente apontado por Jameson,

(...) the fear is that of proletarianization, of slipping down the ladder, of losing a comfort and set of privileges which we tend increasingly to think of in spatial terms: privacy, empty rooms, silence, walling other people out, protection against cross and other bodies. (JAMESON, 1989, p. 286)

O medo velado do narrador, entre outros, é de ser pobre, de ter que trabalhar para manter seu acesso à cultura, aos vinhos, à posição daquele que fala e é escutado. Embora se travista de diversos motivos:

For Claude is a man who prefers to repeat himself. A man of riffs. On shaking hands with a stranger—I've heard this twice—he'll say, "Claude, as in Debussy." How wrong he is. (2016, p. 4)

Now I must listen again to Claude's set piece on menu terms, as if he's the first ever to spot these unimportant absurdities. (2016, p. 6)

Who is this Claude, this fraud who's wormed in between my family and my hopes? I heard it once and took note: the dull-brained yokel. (2016, p. 19)

Claude doesn't know he's stupid. If you're stupid, how can you tell? (2016, p. 146)

O ranço do narrador para com seu tio recai sobretudo sobre o traço do trabalho, um traço que pra ele é um passo abaixo na escala social, que deve permanecer longe dos olhos, por trás das superfícies espelhadas dos arranha céus pós-modernos dos grandes centros do mundo contemporâneo, não ali, sobre a mesa daquela casa, herança familiar, de arquitetura georgiana, que trazia referências das arquiteturas clássicas da Grécia e de Roma⁴, em deterioração e suja, de acordo com as fontes anônimas do narrador, mas ainda assim valendo uma boa quantia, caso lançada a sorte do mercado imobiliário.

[t]he house my mother lives in and I in her (...) is a Georgian pile on boastful Hamilton Terrace and was my father's childhood home. In his late twenties, just as he was growing his first beard, and not long after he married my mother, he inherited the family mansion. His dear mother was long dead. All the sources agree, the house is filthy. Only clichés serve it well: peeling, crumbling, dilapidated. Frost has sometimes glazed and stiffened the curtains in winter; in heavy rains the drains, like dependable banks, return their deposit with interest; in summer, like bad banks, they stink. But look, here in my tweezers is the rarest piece of all, the British Guiana: even in such a rotten state, these six thousand aching square feet will buy you seven million pounds. (2016, p. 11)

Não deixa de ser interessante que aquele que afirma não compactuar e ter mesmo nojo da mão do tio que toca em dinheiro, saiba o valor da propriedade em que a mãe mora (e ele, nelas). Entretanto, a proximidade com o trabalho e com o dinheiro propriamente dito, causam verdadeira aversão no pequeno feto. A forma como apresenta o tio e sua profissão é revelador:

This is Claude as in property developer who composes nothing, invents nothing. This is Claude as in property developer who composes nothing, invents nothing. (2016, p. 4)

⁴ Ver: <https://www.estilosarquiteticos.com.br/estilo-georgiano/>

O caso não é defender a especulação imobiliária, mas perceber, contrastando o modo como apresenta o tio e seu emprego, com uma carga extremamente negativa na forma como o faz,

Now, to my father, John Cairncross, a big man, my genome's other half, whose helical twists of fate concern me greatly. (...) That he is a poet without recognition and yet he persists. That he owns and runs an impoverished publishing house and has seen into print the first collections of successful poets, household names, and even one Nobel laureate. When their reputations swell, they move away like grown children to larger houses. That he accepts the disloyalty of poets as a fact of life and, like a saint, delights in the plaudits that vindicate the Cairncross Press. That he's saddened rather than embittered by his own failure in verse. (...) He has less money than Trudy and far less than Claude. He knows by heart a thousand poems. (2016, p. 10)

O pai, um dos poucos que recebem um retrato simpático o tempo todo por parte do filho, ele é sem defeitos, inclusive seus defeitos e fracassos, são revalorizados como honra, idealismo. Entretanto, quem acaba se oferecendo para bancar o idealismo de John, descobrimos, conforme o feto descobre, aos poucos, que Claude é seu tio, é o próprio Claude:

I hear him say he's meeting his brother this afternoon. He's mentioned this brother before. I should have paid more attention. But the context has generally bored me—money, accounts, taxes, debts. (2016, p. 28)

John, em uma cena um tanto grotesca, fala em métricas poéticas, recusa a oferta, segue firme em seu ideal e em suas dívidas e em sua falência

'Blood-wise fatal bellman,' he starts. He likes a trochaic trimeter. "You don't want it then," his brother sulkily interrupts. "Fine by me." And with banker's wormy fingers collates the piles, soft-drops the edges against the surface of the desk, from nowhere takes a rubber band and in two seconds he's returned the cash to an inside pocket of his silver-buttoned blazer, and stands, looking hot and sick. (2016, p. 35)

A ambiguidade dos sentimentos dirigidos do narrador ao Claude pode ser entendida

sob o referencial de um fenômeno psicanalítico. A identificação projetiva, conceito formulado pela psicanalista Melanie Klein em 1946, é descrito como um fenômeno psíquico visto já em bebês, que é o caso do nosso narrador, ainda que intrauterinamente. Tal fenômeno, decorrente da cisão, processo através do qual o bebê divide os objetos ao seu redor em duas partes, uma boa e outra má, é tido como um mecanismo de defesa do ego/self contra a ansiedade persecutória típica dos infantes. A cisão dos objetos corresponde à cisão do próprio self, que não consegue integrar as partes "más" e as vê como alheias a ele, como fazendo parte não do bebê, mas, sim, de alguns dos objetos que o rodeiam. Segundo a pesquisadora kleiniana Marina Ribeiro,

(...) Klein formula a identificação projetiva como um mecanismo defensivo frente às angústias esquizoparanoídes. Trata-se de uma forma específica de identificação que tem um caráter de expulsão violenta de partes do self para dentro do objeto, enfraquecendo o ego, gerando confusão e indiscriminação entre sujeito e objeto. Se a expulsão for de partes consideradas más, há intensificação da persecutoriedade em relação ao objeto. Se o que predominar for a projeção de partes boas, isso tanto pode tornar as relações de objeto mais amorosas, favorecendo a introjeção do bom objeto e gerando integração, quanto um enfraquecimento do ego, caso a projeção das partes boas seja excessiva. (RIBEIRO, 2016)

Voltando-nos ao romance, uma vez posto o entendimento psicanalítico, seria possível verificar na raiva sentida pelo Claude a tentativa de expulsão do que o narrador introjeta como ruim. Estaria nessa raiva, então, a identificação projetiva. É importante pensarmos na escolha objetal, nesse caso, o tio. Há aí, talvez, uma explicação edípica, uma vez que sua mãe mantém um caso com Claude ao longo da obra - o que também explicaria o sentimento de companheirismo e simpatia pelo pai, que também é vítima das traições da mãe e do tio, entretanto, não avançaremos mais muito nesta análise, pois é da forma literária que buscamos dar conta, para a nossa análise, para além da projeção psicanalítica, cabe notar e anotar que o que parece incomodar o narrador no tio talvez não seja aquilo que os difere, mas aquilo que os iguala em certos aspectos.

O narrador, pelo próprio modo como apresenta o pai, busca se reconhecer nele, um reconhecimento idealizado desse pai distante e muito do tempo que se transcorre no romance, ausente, também se quer idealista, poético, filosófico, alheio ao dinheiro, amante dos valores

universais que, teoricamente, só a arte traria, segundo valores que ele acredita, sendo na aparência o avesso do que Claude é e representa. Entretanto, há muito mais de Claude em nosso narrador do que ele gostaria de supor, e muito mais de Claude em seu pai, do que suspeita.

A antipatia do narrador por Claude está presente ao longo de todo o romance, pois para ele, Claude é o oposto de si e de seu pai, dois exemplos de pessoas cultas, de um grupo seleto capaz de decorar versos de poetas antigos, apreciar *Ulysses*, “James Joyce’s *Ulysses* sends her to sleep, even as it thrills me” (2016, p. 3), desenvolver pensamentos profundos e filosóficos. Há um momento, no capítulo 3, no qual Claude é apresentado, em que a comparação entre eles como forma de apresentá-los como opostos, um civilizado, o outro bruto, inclusive é assim que nomeia sua mãe e seu tio quando se pergunta se seu pai se safará ou sucumbirá ao plano de intenção mortal, “will he be trampled into oblivion by brutes?”:

Here is a man who whistles continually, not songs but TV jingles, ringtones, who brightens a morning with Nokia’s mockery of Tárrega. (2016, p. 19)

São por breves passagens como a mencionada acima que nos dão as pistas para que possamos encontrar, para além do romance com toques de *Hamlet*, com a sombra de uma vingança no porvir, (virá?), para além de uma narrativa policialesca. Enquanto Claude, aquele que nada cria, especula, reproduz, repete, sequer assobia canções, pelo contexto, algo que segundo o narrador poderíamos chamar de “alta cultura”, segundo uma valoração da voz que narra, não nossa, mas jingles de Tv, ringtones, que são cópias, reduções, corruptelas, o rebaixamento das canções para uso comercial, o que gera o horror do feto, que parece crer que as outras formas artísticas estejam em uma esfera fora da sociedade, distante das transações econômicas, a salvo da lógica hegemônica que regula as relações dentro de uma sociedade. A ilusão de uma arte autônoma é verdadeira na contemporaneidade, mas não parece ser menos verdadeira na época, digamos, de Shakespeare, afinal, não era o bardo inglês que tinha uma companhia de teatro por nome *The King’s Men*? O fato de servir aos monarcas desabonaria sua arte?

Se por um lado, Claude conhece apenas o ringtone da Nokia, o narrador, culto, sabe que o toque usado comercialmente e que virou febre durante alguns anos, tornando-se quase que indissociável da marca de aparelhos celulares, é uma versão da composição *Gran Vals* do

violonista espanhol Francisco Tárrega. Precisamente no momento em que pensa estabelecer a diferença que o faria ser apresentado como o oposto de Claude, o narrador começa a nos dar sinais de que talvez o que ele afirme que seja diferença, por parecer diferença, seja, na realidade, uma semelhança, assim como Claude está preso ao consumo de produtos culturais menos “profundos”, menos esteticamente válidos, de segunda linha, cópias em que a qualidade dos originais quase que não pode ser encontrada, o narrador cita, é fato, Tárrega e por aí para, sem sequer buscar compreender algo menos genérico sobre os referentes por ele apresentador.

Além disso, a estrutura “citação sem aprofundamento” parece ser um dos elos que unem senão os 3 principais personagens masculinos do romance, certamente Claude e o narrador. Apesar de julgar o tio por ser repetitivo, um homem de “riffs” (p. 5), o narrador também acaba por se repetir e cometer os mesmos, segundo ele, deslizos linguísticos, para além disso, quando temos a afirmação que Claude é um homem rústico, “sem cultura”, entretanto, se há diferença em quantidade de citações eruditas emitidas pelo narrador e por Claude, a “qualidade” das citações não variam tanto, pois é o mesmo saber uma frase de Joyce e uma ou duas frases de Ulysses e repetir que se chama Claude, como em Debussy (p. 5), há em ambos os casos o encurtamento da substância que seria a obra em si, o que ela pode ensinar (ou não), o que ela pode revelar a quem ouve e lê, a substância converte-se em mera citação, plana, sem profundidade e servindo como moeda de troca que serve para comprar *status* dentro da sociedade e competir para saber quem sabe mais, sabendo o menos possível de cada coisa.

Não apenas nesses momentos “coletânea de citações” a conversão de substância em superfície se faz notar de maneira profunda na estrutura da narrativa, mas no próprio modo de narrar. Retomando um ponto apenas levantado na introdução, o romance inicia com uma estrutura peculiar, como se fosse o início de um resumo, “So here I am” (2016, p. 1), não podemos esquecer que o erudito a nascer nos conta que “I listen closely to analysis and dissent (...) regular summaries don’t bother me” (2016, p. 3), ou seja, a fonte de sua sabedoria é no mínimo restrita, conforme veremos de maneira mais aprofundada no capítulo 3, a erudição do narrador não é do tipo que se aprofunda, mas que se acumula, são informações sobre vários assuntos, sob a fina camada da informação, não há nada, afinal, ele mesmo afirma, “surfaces are everything” (2016, p. 7), dessa forma, no jogo que quer jogar, no time dos eruditos, o narrador se formos olhar sob sua ótica seria o Claude dos civilizados,

entretanto é complicado fazer tal afirmação, pois o mecanismo que os une sob um caráter em comum, por debaixo da capa da diferença, não está exatamente na constituição subjetiva individual de cada um deles, mas no inconsciente coletivo, que será melhor analisado no segundo capítulo.

A forma através da qual as informações se fixam na mente do nosso narrador é justamente um mecanismo que ele repudia, mas que sem ter consciência disso, é o que o faz fixar seus postulados de informação, que não se convertem em aprendizado propriamente dito, estamos falando da repetição, que sem que ele perceba tem um lugar central na formação de sua subjetividade, na formação de suas opiniões, em sua formação enquanto sujeito, sujeito às informações que nem mesmo escolhe com liberdade total, uma vez que depende da mãe para escolher para ele.

“**Repeats** on the hour, regular half-hourly **summaries** don't bore me.” (p. 4)

Aprendemos, desse modo, que não só pelo som aprende o narrador, mas pela repetição do que ouve, a fixação do conteúdo, só forma, se dá pela repetição, não é demais lembrar a clássica frase do ministro da propaganda nazista, Joseph Goebbels, “uma mentira repetida mil vezes, vira verdade”, em nosso caso, não é de interesse trabalhar com os conceitos de verdade ou mentira, mas perceber que a repetição é efetiva e tão eficaz, que sem perceber, o narrador nos oferece essa pérola:

What's an imagination for but to play out and linger on and **repeat** the bloody possibilities? (p. 133)

A esta altura, já salta aos olhos um mecanismo importante para começarmos a desenhar os contornos psicológicos do narrador, ao longo das páginas do romance ele nos diz coisas sensatas, que, entretanto nem puramente parecem e nem puramente são, mas que parecem ser, as quais podem nos fazer baixar a guarda e achar que ele realmente sabe do que está falando o tempo todo, como se esse fosse o caso com algum ser humano vivo ou que já tenha existido em alguma época. Observemos novamente um trecho já citado, mas agora visto sob nova perspectiva: “I'm immersed in abstractions, and only the proliferating

relations between them create the illusion of a known world” (2016, p. 1), o narrador nos oferece uma chave importante para não comprarmos pelo preço que ele nos vende as informações que nos traz, não por um desvio de caráter seu, mas pelo caráter da formação da subjetividade a qual assistimos, subjetividade falha e que sofre restrições por vezes até físicas de refletir, aprofundar, validar ou refutar informações, que aprendeu e está aprendendo apenas a escolher, gostar ou não, negar o que não gostou, repassar o que achou válido.

Quando entrarmos em outro nível da análise alegórica, observaremos com mais clareza que não é o caso de estabelecermos se ele de fato é sincero, o problema é que não é questão de ser sincero ou não, são forças internas e externas do indivíduo e da sociedade que fazem com que ele veja algumas coisas e outras não, sobretudo o que nele é defeito e falha.

Interessante apontar um detalhe, saltando agora brevemente do nível alegórico que pensa na formação do sujeito por meio de suas experiências para o nível do inconsciente coletivo, que será melhor investigado em capítulo futuro, cabendo aqui apenas levantar a discussão e apontar as semelhanças entre um tipo de formação subjetiva do narrador, cheia de falhas, faltas, mas que não o impede de se formar como lhe é possível, vejamos a seguinte passagem, que nem é nova nestas páginas, mas agora sob outra perspectiva:

My eyes close nostalgically when I remember how I once drifted in my translucent body bag, floated dreamily in the bubble of my thoughts through my private ocean in slow-motion somersaults, colliding gently against the transparent bounds of my confinement” (2016, p.1)

Bom, comecemos pelo texto, além da nostalgia já apontada que lhe atribui um traço de personalidade de alguém que não quer perder aquilo que acredita que seja de sua propriedade, que tem pavor de descer na escala social, sendo que trabalhar para ele se apresenta como um traço negativo, caso seja um trabalho não criativo e artístico, que segundo seu ponto de vista seria feito sem fins (lucrativos), há um traço que a posição dele quanto à arte e à erudição já dão pistas, que é o de um certo alheamento ao mundo, não como negação total da realidade, mas do desejo de estar seguro, a salvo, apartado da realidade, vendo de camarote, por isso a nostalgia que tem, em nível de vontade de um retorno a um momento que teoricamente era a *golden age* da vida, para muitos a infância tem esse papel na memória

de adulto, para ele era a infância de sua vida uterina. É importante nos atentarmos aos detalhes que chamam a atenção dele, tanto chamam que sente a necessidade de apontar tais aspectos, começando pelo fato de estar à deriva (drifted), ao sabor dos ventos, das ondas, uma celebração da passividade perante tudo o que deveria ser ação, o que nos revela que não há um alheamento ao real, ele quer participar, mas da área vip de seu “confinamento”, “na bolha de seus pensamentos”, aqui, a palavra *bolha* parece ser a chave que faltava para que possamos penetrar mais a fundo no texto e transitar entre os níveis da alegoria criada pelo romance.

Um artigo assinado por Pelizzari (2019), doutor em direito, e por Junior (2019), pós-doutor em sociologia, nos ajuda a transitar entre o sentido individual que o narrador vai assumindo, de quem fica espectador do mundo, coletor de fatos, aqueles com os quais praticamente concorda de antemão, reagindo ferozmente contra aqueles que não acha por bem valorar positivamente, e o sentido social de onde parece vir a força que faz pressão e influência na forma que a subjetividade em formação vai tomando. O artigo começa com uma contextualização bastante esclarecedora sobre nosso tempo contemporâneo e, ao que parece, para que possamos entender nosso narrador.

Na história da humanidade foi presente o fenômeno das bolhas sociais, em que pessoas se aproximam e se relacionam com outras que reforcem suas crenças, valores, ideologia ou visões de mundo. Com o crescimento da internet esse fenômeno se intensifica. Entretanto, têm se o sentimento de que, antes, a convivência dos que pensam diferente era menos endógena, com menor potencial de causar conflitos como ocorrem atualmente com a polarização de pensamentos. Parte da responsabilidade dessa polarização é dos próprios usuários que não se dão conta de que seu comportamento online acaba por guiar o recebimento de informações disponibilizadas na rede. As informações recebidas são personalizadas e filtradas com base em seus gostos pessoais. (PELIZZARI e JUNIOR, 2019, p.61-62)

Ainda que o narrador nem ao menos tenha nascido, vivendo em sua bolha individual, não o torna menos suscetível a influências externas, como por exemplo, os mecanismos que regem a criação de bolhas sociais, com todas os seus benefícios, (sensação de pertencimento, reconhecimento com relação aos pares, segurança), e todos os seus aspectos negativos, (polarização sem aprofundamento, disseminação de informações baseada em valores

subjetivos de “gostei, não gostei”). Embora o romance não trabalhe com a tecnologia das redes sociais, pela impossibilidade de um feto ter acesso às tais, o que está em causa aqui é menos o meio tecnológico, no romance rádio e televisão, mas a forma como interagimos com a informação, sendo o feto uma alegoria interessante, uma vez que a seleção das notícias lhe foge totalmente às mãos, sendo a mãe um tipo de algoritmo mais passional, menos robótico, mas o traço de não escolha, de selecionarem para ele, está presente na relação entre as informações e o narrador em formação.

Há um sentimento de pertencimento dentro das bolhas, como se as informações e as interações que fazemos com os nossos semelhantes fossem o respaldo para podermos continuar agindo daquela maneira. Não percebemos que isso prejudica não só a nós mesmos, mas a sociedade como um todo, que cada vez mais se divide e se polariza, sendo marcada como os que são iguais a nós contra aqueles que pensam diferente e automaticamente estão errados. Reconhecer que sua visão não é única e não condenar aquele que pensa diferente é um princípio que deve ser associado à liberdade de expressão, limitada por padrões éticos e que não fira a liberdade alheia. (2019, p. 66)

Percebemos, então, que elementos distintos começam a se misturar na formação da subjetividade individual do narrador, a forma como interage, ou melhor, reage às informações, parece intimamente ligada à nostalgia pelo presente. Vemos o desejo de sentir-se seguro, amparado, no caso do narrador, até mesmo servido, a ânsia pela continuidade, sem ruptura, que não interessa a quem herda e ocupa uma posição privilegiada dentro da sociedade se misturarem para dar forma ao narrador. Em suma, o desejo de não ser *eliminado*.

Por outro lado, precisamos atentar para o fato de que tudo o que ele acredita, sua visão da realidade são pura abstração, criação, imaginação, o que complexifica um pouco mais a sua relação com a informação, a qual reage, seleciona e segue repetindo, incessantemente com um tom professoral, poético e de quem sabe o que está falando. “When I hear ‘blue’, which I’ve never seen, I imagine some kind of mental event that’s fairly close to ‘green’ – which I’ve never seen” (2016, p. 1). E baseado nelas, pensa criar seus “fatos” e “postulados”, que coleciona, segundo ele mesmo, como selos. A imagem do selo é bastante simbólica, caso

nos detenhemos um pouco nessa imagem, podemos interpretar, sem forçar demasiado a nota, que, depois de cumprirem sua função principal, que é serem coisas que vão por fora das cartas, coladas na superfície do envelope, que em nada adiantam o conteúdo que vai dentro, podem tornar-se pedaços soltos que colecionados, sem texto e contexto, são painéis coloridos, de objetos, verdadeiros tesouros para os filatelistas, mencionados, inclusive no parágrafo em análise. Todo o, aparentemente, vasto conhecimento do narrador parecem aqui ganhar força com uma das coisas que se pode, no mundo, acumular, meros objetos colecionáveis.

O conhecimento do narrador como veremos no terceiro capítulo assume a forma similar a de uma coleção de selos, retirados de seus contextos e realocados conforme o gosto sem critérios claros e sem nenhum embasamento, nem sempre criando um painel harmonioso, o que, se olharmos por baixo do pano da casca culta, vai colocando em xeque a sua erudição, fazendo descascar o verniz de sabedoria que são só citações, “Viennese days” (2016, p. 15), para algum tempo antigo no passado foi usado para Freud, agora numa só linha junta os selos “Hitler or Trotsky or Stalin” (2016, p. 15), o passado, o presente, as pessoas, tudo é reificado, colecionável, descartável, há um papel a se cumprir, sequer original, o filho do pai assassinado, Hamlet ou qualquer feto, jurar vingança, até que surja outro assunto, igualmente sem profundidade para que dure mais que cinco minutos, ser nostálgico, defender a conservação de si sobretudo e do que for seu, pois tudo (e todos) o são, voltaremos a isso ainda neste capítulo. Tudo é objeto, tudo é passível de ser transformado em propriedade, mesmo as ideias.

E por que a (de)formação desse narrador deve chamar nossa atenção? Por que perder tempo tentando decifrar essa esfinge que nem finge, uma vez que não tem clara sequer as perguntas, quem dirá saber o enigma central? Pensar a formação do feto de *Nutshell*, como força alegórica dentro da narrativa, nos ajuda a compreender melhor a obra, mas, sobretudo, o mundo que a gestou e do qual somos parte, assim como o feto, já que também sofremos as mesmas, ou similares, forças do mundo externo na formação de nossa subjetividade, cada qual a partir do seu ponto de vista e de suas ideologias pessoais, que são submetidas, claro é, às ideologias que regem a todos. E como nos ensina Jameson (2019):

Ideology subsumes everything else in culture and the superstructures, assuming the position that religion once held for the first historians and cultural theoreticians of the West. (2019, P. IX)

Deste modo, é bastante esclarecedor quando retornamos às conclusões do artigo já citado anteriormente (PELIZZARI e JUNIOR, 2019):

Na base das democracias vigorosas e duradouras está a capacidade de que seus cidadãos possam fazer escolhas racionais e possuir o imprescindível discernimento para que possam ter participação nos sufrágios, deliberar sobre quem serão seus governantes, influenciar na tomada de decisão das políticas públicas e cobrar os governantes quanto à transparência da gestão pública e da alocação de recursos financeiros geridos pelo Estado. As bolhas sociais, acompanhadas das Fake News e da erosão de valores republicanos e liberais podem, potencialmente, obnubilar o ambiente e paulatinamente afastar os cidadãos das escolhas racionais. (2019, p. 70)

Em um contexto de um mundo onde informação não falta, mas falta preparo para avaliá-las, racionalizá-las, nosso narrador julga aos outros baseado em seus fatos e postulados, sem refletir mais detidamente, criar uma imagem de um Claude que seria uma pessoa inferior e pouco provida de inteligência, o que é retomado em vários momentos da narrativa, dentre eles, um que é muito significativo:

Claude (...) [w]ho knows only clothes and cars. And has told us a hundred times that he would never buy or even drive such, or such, or a hybrid or a...or...That he only buys his suits in this, no, that Mayfair street, his shirts in some other, and socks from, he can't recall...If only...but. No one else ends a sentence on a "but." (2016, p. 19)

Ian McEwan, por meio do autor implícito⁵ que também trabalha muito ao longo da narrativa faz com que no momento de maior crítica do narrador com relação a seu tio, o

⁵ Segundo Lígia Chiappini Moraes Leite, “[...] é uma imagem do autor real criada pela escrita, e é ele que comanda os movimentos do narrador, das personagens, dos acontecimentos narrados, do tempo cronológico e psicológico, do espaço e da linguagem em que se narram diretamente as personagens envolvidas na história” (1987, p. 19).

descrevendo como fútil, repetitivo e pouco inteligente, uma vez que encerra uma frase com a palavra “but”, julgando e afirmando que ninguém mais o faz, fazendo exatamente a mesma coisa que acaba de criticar. Ao que parece, ao menos duas pessoas acabaram suas frases com tal termo.

Por fim, outro incômodo que o narrador tem com relação ao tio é o seu caso com sua mãe, seja pelo ciúme de filho para com a mãe, seja pelo incômodo que o feto afirma sentir quando a mãe e o tio têm relações sexuais. O ciúme do narrador com relação ao tio, que ainda não sabia que o era, já se faz presente, ainda de que maneira sutil, nas primeiras páginas, quando o narrador nos conta sobre os momentos em que escuta rádio com sua mãe, “when she isn’t with her friend Claude”, a hipótese do ciúme como fator central para gerar tanta aversão contra o tio não faria do romance uma narrativa banal, apesar de ser um dos fatores, não é o único, nem o mais importante. Reconhecer o ciúme é importante, no nível literal, mas é preciso cutucar essa noz para ver o que há por dentro da casca, nem tão grossa assim.

O desconforto físico sentido pelo feto, que não consegue dar conta de perceber o incômodo que deve ser para a mãe, pode ser também um outro motivo para a rivalidade, mas também não traria nada fora do banal.

Not everyone knows what it is to have your father’s rival’s penis inches from your nose. By this late stage they should be refraining on my behalf. Courtesy, if not clinical judgement, demands it. I close my eyes, I grit my gums, I brace myself against the uterine walls. This turbulence would shake the wings off a Boeing. My mother goads her lover, whips him on with her fairground shrieks. Wall of Death! On each occasion, on every piston stroke, I dread that he’ll break through and shaft my soft-boned skull and seed my thoughts with his essence, with the teeming cream of his banality. Then, brain-damaged, I’ll think and speak like him. I’ll be the son of Claude. (2016, p. 19)

A passagem a seguir, a princípio parecerá descolada do restante do que estamos perseguindo até aqui, mas irá se conectar com o que virá depois, o que interessa dela, para o ponto em que estamos é o modo como Claude trata Trudy, o parágrafo escolhido foi justamente uma cena em que estão em pleno ato sexual, não pela polêmica apontada vastamente, mas para que possamos observar o tratamento recebido por Trudy pelo amante durante um ato de maior intimidade entre duas pessoas, ao menos a princípio:

His knees depress the unfaithful mattress that lately held my father. With able thumbs she hooks her panties clear. Enter Claude. Sometimes he'll call her his mouse, which seems to please her, but no kisses, nothing touched or fondled, or murmured or promised, no licks of kindness, no playful daydreams. Only the accelerating creak of the bed, until at last my mother arrives to take her place on the Wall of Death and begins to scream. You might know this old-fashioned attraction of the funfair. As it turns and accelerates, centrifugal force pins you against the wall while the floor beneath you drops giddily away. Trudy spins faster, her face is a blur of strawberries and cream, and a green smear of angelica where her eyes once were. She screams louder, then, after her final rising-falling shout-and-shudder, I hear his abrupt, strangled grunt. The briefest pause. Exit Claude. (2016, p.22)

Precisamos, é claro, levar em conta que quem narra o trecho assim, como todo o romance, é o feto, mas como só temos os elementos que eles nos dá, sendo assim, o ato sexual é convertido em um ato dramático, de peça teatral, “Enter Claude”, “Exit Claude”, há um elemento de atuação presente no trecho, assim como em outros da obra, soma-se a isso, o detalhe de o ato ser inteiramente físico, sem sinais de afeto, “but no kisses, nothing touched or fondled, or murmured or promised, no licks of kindness, no playful daydreams”, o próprio apelido carinhoso fica entre o terno e o estranho, “mouse”, mas mais significativo que o substantivo é o pronome, “[s]ometimes he'll call her **his** mouse”, o pronome possessivo surge e vai durar um tempo em nossas análises doravante.

Cabe um parêntese aqui, antes de seguirmos e apontarmos o que podemos concluir sobre a rivalidade entre feto e seu desafeto, o tio Claude, um detalhe importante não pode passar batido em nossa análise da formação da voz que narra, a saber, a dificuldade de se colocar no lugar de sua mãe, de entender o quanto o desconforto dele, deve ser tão desconfortante, senão maior, nela.

But now there's only a practical concern—it's time for bed. What deliverance, that they're too drunk for sex. Trudy stands, together we sway. If I could be upright for one minute I'd feel less sick. How I miss my spacious days of ocean-tumbling. (2016, p.74)

The space around me shrinks as Trudy seems to deflate. Her spine slumps like an old woman's. I'm just a little proud of myself. (2016, p. 174)

Ambos os trechos refletem um aspecto que é também um traço em formação no feto, a incapacidade, não por vontade própria, de demonstrar empatia, não no sentido que geralmente é atribuído ao termo, em geral usado em tatuagens⁶, que ficam marcadas superficialmente na pele, sem que exista uma reflexão mais detida sobre o sentido e sobre o conceito em si e sobre as implicações que a falta de empatia podem gerar em nível da vida individual e da vida em coletividade, o que é outra pista de que o mundo simulado no romance tem íntima relação com o nosso, dito real.

Em ambos os trechos destacados acima, temos o lado incômodo da gravidez, incômodo dividido pelos dois, mãe e filho, mas a dificuldade comum, ao invés de unir o feto em solidariedade às dores maternas, os aparta, e cada um parece lutar por si, o que nos permite perceber que há forças agindo para além da vontade, ou má vontade de cada sujeito individual. Em artigo veiculado pelo UOL, em 25/01/2021, “Falta de empatia começa na infância e tem relação com ausência de limites”, de autoria de Roseane Santos, a questão da empatia traz reflexões sobre as consequências, na fase da infância e a na fase adulta, em ambos os casos, o traço marcante da falta de empatia é a ausência de limites, com comportamentos que beiram a violência muitas vezes. Segundo o texto, a psicóloga, pós-graduanda em terapia cognitivo-comportamental e em neuropsicopedagogia, Alessandra Augusto

explica que todos já nascem com "temperamentos", mas a personalidade é uma construção e conta com contribuições hereditárias e em suas experiências sociais. "Se eu tenho alguém que é extremamente favorecido, não tem percepção do mérito, que tem que seguir algumas regras, a personalidade já estará sendo construída de forma diferente de quem tem um vigor na sua criação, de quem é levado a seguir horários e a ter empatia com os outros (SANTOS, 2021)

Ou seja, a ausência de tal competência sócio-emocional, não apenas é algo a ser atribuído à criança, nem deve, na realidade, ser apontada como uma espécie de culpa católica,

⁶ É de fácil observação a moda da palavra em tatuagens em qualquer busca breve no Google Imagens: https://www.google.com/search?q=tatuagem+resili%C3%Aancia&rlz=1C1OKWM_pt-BRBR998BR998&source=lnms&tbn=isch&sa=X&ved=2ahUKEwjK1arWt9P4AhUhH7kGHbBTB_QQ_AUoAXoECAEQAw&biw=1366&bih=625&dpr=1 e também em pesquisa das frases e palavras mais tatuadas em 2022: <https://blog.tattoo2me.com/as-tatuagens-de-frases-que-mais-fizeram-sucesso-em-2020>. Último acesso em 29/06/2022

mas precisa ser entendida e interpretada no âmbito de uma sociedade que não apenas possibilita como muitas vezes forja sujeitos não-empáticos. O traço apontado extrapola a subjetividade do narrador e parece contaminar a de todos os outros personagens, sem juízo de valor, Trudy se embriaga estando grávida, lembrando do bebê por vezes, mas esquecendo em outros em que toma mais de duas taças, sendo que a indicação médica seria não tomar nenhuma, mas ela tem suas questões, outras preocupações que não apenas o feto, Claude nunca se coloca no lugar de Trudy, quer sexo, seguir o plano tal qual pensaram, se livrar do irmão e ter um álibi, o pai, apesar de levar um *smoothie*, que não foi ele quem fez, não oferece ajuda que de fato seja proveitosa, limpar a casa, que aparentemente está inabitável. Na corrida por ganhar, cada qual o seu prêmio, dinheiro, propriedade, versos, a vida, um se vê diante do outro e contra o outro, são universos insulares que se chocam, não se comunicam de maneira dialógica, aceitam a superfície do outro, lutam sozinhos e perdem juntos, como o fim do romance deixa subentendido. Se os efeitos da ausência da empatia são nefastos na ficção, não são menos problemáticos na realidade, no mesmo artigo do Uol podemos notar os efeitos práticos e, infelizmente, não raros no cotidiano.

Durante o ano de 2020, a produtora de conteúdo Allyne Moreno, 30, presenciou cenas que ela custou acreditar que eram verdade. "Meu vizinho ligou o som em um volume muito alto. Todos do prédio pediram para que diminuísse um pouco, mas ele ignorou. Chamaram a polícia e, em vez de baixar, desceu na portaria e quebrou as câmeras de segurança". Não foi a única vez que o tal vizinho desrespeitou as pessoas com as quais divide o mesmo ambiente. "Ele foi diagnosticado com covid-19, mas se recusou a ficar no isolamento. Circulava pelo prédio sem máscara. Simplesmente não se importava com nada nem ninguém. (SANTOS, 2021)

Tudo isso parece-nos outro efeito prático da possível incapacidade de dar profundidade seja às experiências, seja ao aprendizado, seja às relações afetivas para consigo mesmo, "I know that alcohol will lower my intelligence. It lowers everybody's intelligence. But oh, a joyous, blushful Pinot Noir, or a gooseberried Sauvignon" (2016, p.6), muito por meio da falta de cuidado para consigo e com a própria saúde, e para com o outro, "[b]ut wait, I love her, she's my divinity and I need her" (2016, p.15). A falta de sensibilidade parece entorpecer a todos os envolvidos na história, com exceção de Elodie, que parece sofrer mais e

sentir a perda de John, mas ela está meio fora da bolha que forma a família, ela não parece estar inteiramente internalizada no jogo performado pelo Narrador, a mãe, o pai e o tio, um jogo no qual parece ser a regra central, quem se permitir qualquer sensível, perde.

Guilhardi (2012) define sensibilidade da seguinte forma:

Sensibilidade é uma maneira de sentir. Sentir é comportamento. Um início apropriado poderia ser resumido nas considerações que se seguem. (No dicionário Houaiss, sensibilidade é definida, entre várias alternativas, como: emoção, sentimento, especialmente a faculdade de sentir compaixão, simpatia pela humanidade; piedade, empatia, ternura; capacidade de captar e expressar sentimentos e coisas. (GUILHARDI, 2012, P. 1)

Embora o psicólogo defina os verbos “sentir” e “perceber” como sinônimos, faz-se necessário notar que o uso da sinonímia faz sentido em seu contexto terapêutico, o qual não está em causa nestas páginas, uma vez que tratamos de análise literária, diferenciar o “perceber” do “sentir” nos parece fundamental para levantar hipóteses, segundo o autor, em seu artigo, “[s]erão usados os termos sentir e perceber conforme a prática do uso cotidiano dos mesmos, mas serão considerados equivalentes.” (2012, p.2), entretanto, em *Nutshell*, uma vez que perceber, compreender, transformar informações em conhecimento, aprofundar as coisas dadas em sua superfície como meros objetos, sejam coisas, notícias ou pessoas, o não “perceber” para além da superficialidade, acaba por gerar um não “sentir” em profundidade, quando podemos dizer que os sentimentos estão de fato em jogo, quando não parecem meros artificios do discurso, a cólera e a alegria do narrador se intercalam, se substituem, são frágeis e voláteis, se encontram, por vezes, logo, se anulam. Quando o assunto surge, aparece como uma promessa a se cumprir, caso não se cumpra, pode ser buscada por meio de violência:

I'll feel, therefore I'll be. Let poverty go begging and climate change braise in hell. Social justice can drown in ink. I'll be an activist of the emotions, a loud, campaigning spirit fighting with tears and sighs to shape institutions around my vulnerable self. My identity will be my precious, my only true possession, my access to the only truth. The world must love, nourish and protect it as I do. If my college does not bless me, validate me and give me what I clearly need, I'll press my face into the vice chancellor's lapels and weep. Then demand his resignation. (2016, p.145)

Mesmo quando pensa estar celebrando o sentir, o narrador está na verdade buscando validação, aceitação, aprovação, não abrindo brechas para ser contrariado, barrando o outro em sua individualidade, criando monólogos que só podem pensar em si, para si, mas não necessariamente por si, como se estivesse num quarto em que pudesse desabafar e falar com um telespectador virtual, como nos reality shows, em que há os tais, no caso do *Big Brother Brasil*, o quarto se chama confessionário.

No Brasil, o programa faz convergir o ambiente em que se dá a confissão e o ambiente psicanalítico ao qual a imagem de útero materno e a efetiva participação de psicólogos na produção parecem remeter, porquanto a confortável poltrona vermelha do confessionário de BBB tem muito mais a ver com a proposta de diary room do que com a áspera materialidade do frontispício do confessionário católico. Sugere-se perscrutar a mente atrás do pecado e do inconsciente - e da culpa -, e a necessidade da mediação de um interlocutor (confessor e analista) habilitado. Resguardado o segredo de confissão e o segredo profissional, a participação do mediador amplia-se na medida da importância que seus atos (ainda que apenas a escuta) têm para as decisões que penitente e analisando tomarem a partir da interlocução. (KILPP, 2004, p.12-3)

Nesse contexto, as sensações, não se tornam sentimentos, as ações não têm lugar, cedendo espaço para as reações, para a ação performática. E o efeito social disso, além do efeito pessoal, é de um alto custo

A interação com o outro é um processo comportamental extremamente importante para a sobrevivência e o desenvolvimento do grupo. Assim, a comunidade verbal precisa instalar um repertório de comportamentos de sentir, sob controle de estímulos vindos do outro, que vá além do sentir sensorial. (GUILHARDI, 2012, p.6)

Pensando na formação dessas subjetividades em choque, distanciadas, virtualizadas (como o capital?), em formação, ainda que com várias avarias, Jameson nos auxilia, ao afirmar que a “subjetividade pode ser vista como algo que acompanha as mudanças econômicas na história dos modos de produção” (2019, p.X), logo não é impossível afirmar que os sujeitos que vagam à deriva no romance em estudo são frutos e reflexos de uma economia baseada no capital financeiro, que, de maneira simplista, é a ideia de dinheiro só

superfície, sem substância, virtual, e por que não arriscar, ficcional? Usando as próprias palavras do narrador, que foram expressas para falar sobre sua relação com a investigação dos planos de sua mãe com seu tio, mas que podemos pensar como uma construção que poderia muito bem simbolizar, ou melhor, alegorizar, o mundo em que vivemos que parece se apresentar como “[p]urely an exercise of the imagination. Nothing here is real. (2016, p.34)”.

De maneira a entender de maneira mais ampla o posicionamento das personagens, sobretudo o do narrador, a luta aparentemente individual pela manutenção dos seus privilégios, se revela uma força que existe para muito além do indivíduo, mas que chega na classe social, e nos ajuda a completar um pouco mais o quadro analítico do romance, segundo Jameson (2019)

Insofar as class becomes VISIBLE and is affirmed in a self-conscious way (as a class-for-itself), it is perhaps as repellent for other people (other classes) as the individual wish fulfillment was on the personal level; (2019, p. XVIII)

Assim sendo, fica mais significativa a nossa saída do grande parênteses feito para que possamos identificar um fator central para a grande rivalidade entre o narrador e Claude, em um modo de produção em que tudo, absolutamente tudo se converte em objeto, o que os torna rivais são os títulos de propriedade, sobretudo, sobre Trudy,

Then, indentured by strong-armed love to become my constant nurse, her freedom but a retreating homeland shore, **Trudy will be mine, not Claude’s**, as able to dump me as tear her breasts from her rib cage and toss them overboard. I can be ruthless too. (2016, p. 43)

A princípio, podemos apontar o incômodo com o tio, como um dos diversos momentos em que suas “rightful claims to a happy life” (2016, p. 19), fica ameaçada por ter que dividir a atenção materna e por ter seu pai separado do núcleo familiar. O narrador quer no fim, também, não exatamente a felicidade e o bem dos dois pais, mas “the care of both parents” (2016, p. 19), como uma espécie de servidão amorosa que lhe é devida, garantida, quase que aristocraticamente, pelo mero fato do nascimento. Mas, embora um traço

significativo da constituição do nosso narrador, uma postura que se quer aristocrática, em um mundo que não dá mais as bases materiais para a existência que não seja um tanto encenação, um tanto dramática, ele ainda não é tudo. Começamos estas páginas afirmando, com outras palavras, que não se trata exatamente de analisarmos o que é dito, mas como é dito, desse modo, se observarmos a seleção vocabular, temos a afirmação de uma disputa pela posse de um objeto, entre narrador e tio, “Trudy will be **mine**, not Claude’s”, o objeto que, no caso é a própria mãe do filho por nascer.

Se a forma como Claude trata Trudy demonstra pouco afeto, sendo ela pouco mais que objeto sexual seu, há uma defesa ferrenha por parte do narrador do pai abandonado e morto, mas em momento algum há menção clara dos motivos pelos quais a separação se deu, um silêncio no mínimo conveniente. Se não temos essa informação, não há o que especular, mas há outras, informações, por exemplo, como é a descrição do pai idealista, poeta, pronto a perdoar a tudo e a todos para além daquilo que o narrador percebe, diz perceber ou quer perceber, mas que no entanto, a forma do romance revela?

Now, to my father, John Cairncross, a big man, my genome’s other half, whose helical twists of fate concern me greatly. It’s in me alone that my parents forever mingle, sweetly, sourly, along separate sugar-phosphate backbones, the recipe for my essential self. I also blend John and Trudy in my daydreams—like every child of estranged parents, I long to remarry them, this base pair, and so unite my circumstances to my genome. (2016, p. 10)

Enquanto Trudy nos é apresentada de maneira indireta, quase pelo acaso de estar ao redor do narrador, “So here I am, upside down in a woman” (2016, p. 1), uma mulher, com pronome indefinido, qualquer mulher, seu pai nos é apresentado não só pelo nome, que nos dá a noção exata do quando busca reconhecer-se no pai e não vê na mãe um modelo de existência para si, uma vez que, segundo Lacan (2003, p. 87)⁷, “[a] alienação proposta pelo nome próprio comporta um verniz narcísico incessante, derivado do que implica o "reconhecer-se" em si mesmo”, mas também pelo sobrenome, herdado, assim como a casa

⁷ Ver LACAN, Jacques. A identificação. In: _____. **O seminário, Livro 9** – Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

em que vivem Trudy e o feto. Apesar de todas as qualidades apontadas e almeçadas em seu pai, observemos outros detalhes.

O filho celebra o pai por sempre elogiar a mãe e nunca de modo banal, por meio de comparações inusitadas, poemas, lançando mão de toda a sua sensibilidade e *finesse*, entretanto, cabe-nos voltar nosso olhar, uma vez que saímos do útero há algum tempo, quais aspectos são celebrados e elogiados por John.

I know her hair is ‘straw fair,’ that it tumbles in ‘coins of wild curls’ to her ‘shoulders the white of apple flesh,’ because my father has read aloud to her his poem about it in my presence. Claude too has referred to her hair, in less inventive terms. When she’s in the mood, she’ll make tight braids to wind around her head, in the style, my father says, of Yulia Tymoshenko. I also know that my mother’s eyes are green, that her nose is a ‘pearly button,’ that she wishes she had more of one, that separately both men adore it as it is and have tried to reassure her. She’s been told many times that she’s beautiful, but she remains sceptical, which confers on her an innocent power over men, so my father told her one afternoon in the library. (2016, p. 7)

Os atributos elogiados de Trudy são o cabelo, os ombros, olhos verdes, o nariz, todos aspectos externos, superficiais que levam em conta apenas a aparência, seja nas belas palavras dos poemas de John, seja nos termos menos inventivos de Claude. Voltando a John, ele comparava a, então, ex-esposa à Yulia Tymoshenko, ex-primeira-ministra da Ucrânia, uma comparação feita não pelos feitos de Yulia no campo da política, mas pelas tranças que costumava fazer em seu cabelo. Outro aspecto, no mínimo estranho, que precisa ser visto mais de perto, segundo ele, o fato de ela não assumir que é bela lhe atribui um “poder inocente sobre os homens”, muito podemos e devemos pensar sobre tal afirmação, há uma responsabilização sobre Trudy sobre eventuais ações masculinas com relação à ela? Estaria aí pressuposto que a culpa de Claude ter se “apaixonado” por ela, seria dela? E o que quer dizer exatamente “inocente”? Uma pergunta um tanto séria.

No mesmo diálogo, John ainda afirma o seguinte, “that if he had such a power over women in general, he couldn’t imagine giving it up” (2016, p. 7), não só utiliza o vocábulo mulher no plural como ainda reforça a ideia de que qualquer uma serve com “*in general*”, ao

que parece John é sensível, mas não diferente muito de seu irmão no que diz respeito ao afeto com relação às mulheres, apenas aprendeu palavras bonitas.

Outro aspecto importante que não podemos deixar escapar é o seguinte, há um clima de declínio econômico na casa habitada por Trudy e seu bebê, visitada por Claude e John, em certa altura da narrativa nos é revelado que a empregada foi dispensada e Trudy, grávida ficou sozinha para dar conta da casa e das tarefas do lar:

The cleaning lady left in sadness long before my time. Trudy knows it's not a gravid woman's lot, to heave garbage to the high-lidded wheelie bins. She could easily ask my father to clean the hall, but she doesn't. Household duties might confer household rights. And she may be at work on a clever story of his desertion. Claude remains in this respect a visitor, an outsider, but I've heard him say that to tidy one corner of the house would be to foreground the chaos in the rest. Despite the heatwave I'm well protected against the stench. My mother complains about it most days, but languidly. It's only one aspect of domestic decay. (2016, p. 16)

John que é tão cavalheiro, oposto de Claude, novamente age, ou melhor, não age exatamente igual ao irmão, Trudy grávida, sem condições de manterem alguém que auxilie na limpeza, indo ambos visitá-la, cada um com seu propósito, vendo o estado em que a casa se encontra, não deveria sequer ser uma possibilidade Trudy optar em não pedir auxílio a John ou mesmo a Claude. Aquele vai até a casa, provavelmente nota o estado de tudo e ao invés de ajudar na organização e na limpeza, afinal, o filho também é seu, começa a recitar poemas, a cena é claro, mas a barbárie é velada, novamente Trudy carrega consigo a culpa, por isso não pede para John, “[h]ousehold duties might confer household rights”, este vai, descarrega seus desejos sexuais e arrumar a desculpa de que arrumar uma parte bagunçaria a outra. O narrador, por sua vez, não fica de fora, ele estando bem, tudo está bem, “[d]espite the heatwave I'm well protected against the stench” (2016, p. 16). É um baile de pessoas dançando sozinhas, dividindo o mesmo salão em plena decadência.

Como afirma Nietzsche, “o diabo está nos detalhes”, que o narrador nos apresenta, mas ao que tudo indica não nota, em uma das pouquíssimas vezes que Trudy diz algo por si, sem ser em resposta à pergunta de alguém no romance, ela que é, por meio de diversas sugestões, caracterizada como uma mulher linda e fútil, que passa os dias tomando banho de

Sol na varanda, a quem “James Joyce’s *Ulysses* sends her to sleep” (2016, p. 4), “who’s never had a job” (2016, p. 79) e vive se embregando de vinho, tendo relações com seu tio e planejando o assassinato de seu pai. Quando Trudy se expressa, em resposta à colocação sobre seu efeito sobre os homens, ela se posiciona de modo que demonstra personalidade que faz o retrato feito pelo narrador ficar senão sob suspeita, incompleto, Trudy afirma que “whatever power she was supposed to have was only what men conferred in their fantasies” (2016, p. 7), se fosse fútil como retratada, provável que tal “elogio” lhe inflasse o ego e visse como algo positivo, causando reação positiva. Entretanto, não é o caso de atribuir uma intenção cínica ao narrador, ao mesmo tempo, se quisermos tratar nesses termos, que não parecem os melhores, mas a imagem talvez não seja de todo equivocada, agente e vítima de um processo incutido em si por uma lógica do mundo do tempo acelerado, segundo o qual semana passada foi há séculos e amanhã é distante até para que se possa imaginar.

Se juntarmos a virtualização do capital, da economia, no limite da vida, o bombardeio de informações, a repetição delas para melhor fixação, como os *drills* que eram moda até algum tempo atrás para a aprendizagem de idiomas por meio de repetição, a atual vivência do tempo, volátil e veloz, temos a consolidação do seguinte panorama:

Ocorre que esse grande fluxo de informações que recebemos habitualmente é pensado de maneira proposital para que não tenhamos tempo de analisar e verificar tudo. Na dúvida de se aquilo é verdade ou não, se segue o mesmo padrão do que já acreditamos, simplesmente é aceito como verdade. (PELIZZARI e JUNIOR, 2019, p.66)

A narrativa segue, submetida à estrutura das verdades estabelecidas à priori e julgamentos apressados, o homem ainda extremamente apaixonado por Trudy, John, nos aparece envolvido na seguinte cena, “[t]hen, the phone rang, my father walked away to take the call” (2016, p. 7), qual o motivo de se afastar para atender a ligação, mais suspeito ainda a forma como o narrador segue nos contando sua história, “[b]ut back to my mother, my untrue Trudy, whose apple-flesh arms and breasts and green regard I long for”. Não só o narrador não comenta nada sobre o afastamento do pai para falar ao telefone, corta o assunto, volta a atenção do leitor para a sua mãe, o lembra que ela é “untrue”, o pai não, o pai é sincero, poeta e frágil e mesmo antes de nascer, assim como os outros dois homens tão distintos entre si,

valoriza na mãe apenas a aparência física, como objeto, posição que ele também ocupa sem perceber, uma vez que sequer sabemos seu nome ou sexo, uma vez que a gravidez já está avançada, sem nome, nem pronome próprio (he/she), é apenas “it”.

Like a DJ hunched over his turntable, I scratchily sample the line. And...we've placed the baby somewhere. With repetition, the words are rubbed clean as truth and my intended future shines clear. Placed is but the lying cognate of dumped. As the baby is of me. Somewhere is a liar too. (2016, p.42)

O narrador não é de todo ignorante das ligações entre os três homens que aparecem em *Nutshell*, a princípio tão distintos, mas com algumas semelhanças, que estamos investigando agora, com o propósito de dar forma ao narrador. Em um momento de bastante lucidez o narrador afirma:

My father by nature is defenceless, as I am by circumstance. My uncle—a quarter of my genome, of my father's a half, but no more like my father than I to Virgil or Montaigne. What despicable part of myself is Claude and how will I know? I could be my own brother and deceive myself as he deceived his. When I'm born and allowed at last to be alone, there's a quarter I'll want to take a kitchen knife to. But the one who holds the knife will also be my uncle, quartering in my genome. Then we'll see how the knife won't move. And this perception too is somewhat his. And this. (2016, p. 32)

O ponto de ligação entre os três é justamente Trudy, louvada por sua beleza, física, tratada como objeto, seja de apreciação estética, seja sexual, seja objeto como tal. Partindo desse ponto, em que percebemos que o narrador não é tão diferente daquilo que critica e rejeita, temos bases concretas para que possamos investigar mais de perto as palavras que usa para retratar a si mesmo, começando por investigar sua relação com a mãe.

Já vimos que há um traço de desejo de propriedade do narrador sobre a mãe anteriormente, vejamos outros aspectos dessa relação. Desde o princípio, Trudy é tratada sem a mesma distinção que as outras pessoas que aparecem ao longo da narrativa, mesmo Claude, é chamado pelo nome, nunca aparece denominado como “a man”, o romance, como vimos,

abre com a frase, “So here I am, upside down in a woman” (2016, p. 1). Além da relação de propriedade entre eles, estabelecida por quem narra, claramente, há um outro, a princípio sutilmente sugerido, depois explicitamente dito, vamos a ele.

O narrador afirma que “I love her-how could I not?” (2016, p. 6), até aí nada demais, um filho amar sua mãe, não é nada estranho, algumas páginas depois, novamente, “[b]ut wait, I love her, she’s my divinity and I need her” (2016, p. 15), não demora muito para que outro motivo se revele, a mãe é, além de merecedora de seu amor, útil e essencial para si, pois sem ela, ele sucumbiria, há para além do sentimento de propriedade, um sentimento consciente de dependência e de um amor que é mais do que algo apenas filial, mas um dever, um acordo, o que explica o “how could I not” e outra passagem mais no início da narrativa, ao desejar para sua mãe que “bless her unceasing, loudly squelching heart” (2016, p. 1), na realidade há por trás da preocupação de filho para com a mãe, autopreservação e a defesa de seus próprios interesses.

Mas se ampliarmos o foco e observarmos os outros personagens, há também um mecanismo de autopreservação, de tentar não sucumbir ao mundo, custe o que custar. Autopreservação que é reveladora de dois níveis da alegoria colocada em movimento no romance, o nível individual e o social, nas palavras de Jameson (2019):

Both involve exclusions: the individual, by way of that brand he leaves on his psychological private property on his ideational cattle excludes everyone else by definition: collective self-definition excludes the other collectivities. In much the same way, then, the secret class of group identification must be concealed (2019, p.XIV)

Além das questões já apontadas, que refletem o movimento de desejo de manutenção e exclusão, tanto no nível individual, quanto no nível social (de classe), a reificação materna é mais insistentemente repetida do que a dos demais personagens, a mãe é comparada diversas vezes com moradias e utensílios domésticos, seja pelas imagens, pelas escolhas de vocábulos, são muitos os exemplos, “the launderette din of stomach” (2016, p. 4), “[m]y mother is more than my landlord”, (2016, p. 33), “[l]odged where I am” (2016, p. 4), a coisificação de Trudy é clara, mas também bastante específica, está sempre relacionada à propriedade, como a casa

em que moram, como a ver como sua propriedade, pensa poder fazer dela o que bem entender, na hora que bem entender.

Como depende da mãe, logo a ama, o sentir, vem, se é que podemos afirmar que vem, submetido à necessidade, ao uso que as pessoas podem oferecer. Inclusive, o narrador, desenvolve uma técnica, dada sua reduzida capacidade de tomar decisões por si só, em contraste com seus diversos desejos a serem saciados, uma técnica que destoa um tanto da figura erudita que apresenta ao leitor ao falar de si mesmo. Quando conta sobre a fonte de seu conhecimento, que não é mais que um catado de informações superficiais, citações, recortes, em determinado momento, como a mãe estava dormindo, decide agir, para satisfazer seu desejo:

In the middle of a long, quiet night I might give my mother a sharp kick. She'll wake, become insomniac, reach for the radio. Cruel sport, I know, but we are both better informed by the morning. (2016, p. 3)

My hope of discovering more is to wait up all night to catch them in one more disinhibited aubade. Claude's untypical "we can" first caused me to doubt his dullness. Five days have since passed—and nothing. I kick my mother awake but she won't disturb her lover. Instead she clamps a podcast lecture to her ears and submits to the wonders of the Internet. She listens at random. I've heard it all. (2016, p. 22)

A estratégia adotada pelo feto é chutar a mãe, no primeiro trecho ainda mais especificamente, com um chute forte, usa da violência, apesar de ser um traço comum em bebês, o chute na barriga das mães, aqui o que está em jogo é a intencionalidade de acordar a mãe no meio da noite, sem querer saber se está cansada, dado o estágio já bastante avançado de gestação. Mas apesar de ser um dado importante, não é o único, a ele soma-se a última frase do primeiro trecho, “[c]ruel sport, I know”, tendo plena consciência do que está fazendo, a justificativa é o traço que nos interessa aqui, pois se incorpora à identidade desse narrador, aquele que justifica mesmo coisas pouco louváveis, chutei sim, mas “we are both better informed by the morning”. Por vezes inocente, “não sabe o que faz e faz assim mesmo”, por vezes cínico, “sabe o que faz, mas faz assim mesmo”, mas em ambos os casos, quase sempre não percebendo que o que lhe parecem liberdade e um lugar ativo é exatamente o oposto, um lugar de dependência cujo o preço para a libertação ou é a vida ou a morte, sem

meios termos, portanto, podemos dizer que a epígrafe do romance faz muito sentido nesses momentos, uma vez “*bounded in a nutshell*”, se acredita “*king of infinite space*”.

Nesse ponto que podemos traçar parentescos desse narrador, não apenas no rol de narradores impossíveis, narradores criativos, improváveis, como já se fez largamente desde a publicação do romance, por vezes, o narrador parece ser mais próximo de um Brás Cubas, igualmente classificado amplamente como impossível, irrealista, do que de um Hamlet, enquanto personagem, no caso. É preciso, no entanto, desenvolvermos melhor essa comparação, para que não caiamos na mesma armadilha que apontamos que caíram os que apontaram o narrador como o novo Hamlet, não podemos também afirmar que ele seja o novo Brás Cubas, mas investigar o que se ganha aprendendo com as semelhanças entre os dois, (e sobretudo com as diferenças) e alguns outros personagens de Machado de Assis, como o narrador do conto *Pai contra Mãe* e a personagem Candinho do mesmo conto.

Em *Nutshell*, a superfície fina da cultura do narrador, deixa escapar uma violência que, ao menos enquanto não nasceu, se direciona à mãe, trazendo além da questão da violência por trás da capa de cultura, ou se quisermos, da barbárie por trás do verniz da civilização, a justificativa dos atos, pois aquele que a pratica se encontra em posição social que lhe possibilita praticá-la, quase sempre impunemente, o que aproxima o narrador de Brás Cubas, pouca coisa mais erudito que o narrador de *Nutshell*, que ao encontrar a borboleta preta em seu quarto, se incomoda, bate-lhe com uma toalha, matando a borboleta, apaziguando a consciência com a seguinte justificativa “[t]ambém por que diabo não era ela azul?” (1994, p. 42), justificando sem justificar um ato de violência gratuita, os exemplos abundam na obra de Machado, vemos a mesma estrutura no caso do menino Prudêncio, que reproduz o sofrido no passado em outro escravo, quando ele já era liberto, jogando água no moinho da escravidão, aí invés de questioná-la, o que nos leva ao conto *Pai contra Mãe*, em que a estrutura do *quem está em cima ou pisa quem está embaixo ou cai*, gerada por um sistema que cria e faz conviver pessoas parecidas com todas essas das obras ficcionais citadas neste parágrafo.

No conto de Machado de Assis, a última frase de Cândido Neves, que se na situação de perder seu filho para a roda dos enjeitados ou ser responsável direto pelo aborto de uma escrava fugida, justifica o horror com a célebre frase “[n]em todas as crianças vingam”, se não há em Cândido Neves não há o traço da Erudição, há o da justificativa do horror, assim com há por parte do narrador no início do conto a tentativa de justificar a tortura, “[e]ra

grotesca tal máscara, mas a ordem social e humana nem sempre se alcança sem o grotesco, e alguma vez o cruel”. A pergunta que o leitor da tese deve estar se fazendo é: por que trazer exemplos sobre o Brasil, e pior de 1800 e muitos, para analisar uma obra inglesa contemporânea?

A função da comparação está na descoberta feita pelo professor Antônio Candido, que não pensava em Machado no ensaio, mas que ao estudar a obra **O Cortiço**, nos oferece uma luz ao descobrir que não podemos negar as contradições e os problemas sociais, econômicos e históricos de nosso país, mas que, ao mesmo tempo, a dicotomia Brasil, barbárie, Europa, civilização, não era lá muito bem descritiva da realidade histórica em um âmbito mais amplo. Candido explica de maneira singular através da fórmula, “[c]omo sempre, quando a Europa diz ‘mata’ o Brasil diz ‘esfolia’” (CANDIDO, 1991, p. 126), olhando para a Europa, para o Reino Unido, descobrimos que aparentemente não foi apenas no Brasil que “o tempo passou e não passou”, conforme nos ensina Roberto Schwarz (1978).

É preciso esmiuçar o que foi proposto no parágrafo anterior. Se nos romances e contos brasileiros de Machado de Assis trazidos em comparação, há uma violência um pouco menos velada, mais fácil de ver, a começar pelo fato que o narrador de *Nutshell* não vê, se o leitor não estiver atento, também não, no romance de McEwan, a violência aparece de maneira mais sutil, à inglesa, atrelada a uma estrutura que envolve propriedade, fumos de aristocracia, desejos de ser servido, imediatismo e consumo desenfreado. O parágrafo a seguir é esclarecedor nesse sentido:

But she never takes a third, and it wounds me. “I have to think of baby,” I hear her say as she covers her glass with a priggish hand. That’s when I have it in mind to reach for my oily cord, as one might a velvet rope in a well-staffed country house, and pull sharply for service. What ho! Another round here for us friends! (2016, p. 6)

O narrador é um apreciador de vinho, toma com frequência com sua mãe, nessa passagem se irrita, pois gostaria de uma terceira taça, que sua mãe não toma preocupada com sua saúde, o que causa sua ira, fazendo com que o verniz da polidez descasque rapidamente e mostre o que há por trás, postura de proprietário que deve ser servido no momento em que solicita, usando da violência se necessário, o que aparece de maneira sutil, sugere puxar o

cordão umbilical, como quem puxa uma corda para chamar os empregados de uma casa de campo, os empregados e a casa de campo, no caso, são Trudy.

Falta explicar o tempo, que passou e não passou, o feto em um de seus momentos de ira, jura vingar o pai e, repentinamente, muda de assunto, a saber, começa a analisar o estado atual do mundo e seu lugar nesse mesmo mundo. Um trecho significativo e que será central para o desenvolvimento do capítulo final desta tese, portanto, aqui faremos alguns breves apontamentos que ajudem a jogar luz sobre a forma assumida pelo narrador.

But I don't whine in the face of good fortune. I knew from the start, when I unwrapped from its cloth of gold my gift of consciousness, that I could have arrived in a worse place in a far worse time. The generalities are already clear, against which my domestic troubles are, or should be, negligible. There's much to celebrate. I'll inherit a condition of modernity (hygiene, holidays, anaesthetics, reading lamps, oranges in winter) and inhabit a privileged corner of the planet—well-fed, plague-free western Europe. Ancient Europa, sclerotic, relatively kind, tormented by its ghosts, vulnerable to bullies, unsure of herself, destination of choice for unfortunate millions. (2016, p. 2)

Para além do traço de volubilidade, passando da revolta, jurando vingança, pela morte iminente do pai, muda o tom da narrativa, apontando que apesar da morte do pai, há muitos motivos para que se celebre. “I don't whine in the face of good fortune. (...) I could have arrived in a worse place in a far worse time”, cabe-nos verificar o que há de tão bom que justifique deixar a morte do pai de lado por instantes. O narrador é grato pois segundo ele, “I'll inherit a condition of modernity (...) and inhabit a privileged corner of the planet – well-fed, plague-free western Europe”, o primeiro aspecto que chama a atenção, novamente, o fato de que será herdeiro, ele diz, sem saber que o diz, mas o diz assim mesmo, de uma condição de modernidade, “(hygiene, holidays, anaesthetics, reading lamps, oranges in winter), começando pelos feriados, cabe apontar que quem está desempregado, subempregado ou trabalha como colaborador involuntário, vulgo trabalhos em condições análogas à escravidão, não conhece este luxo, analgésicos, as drogas prescritas para as dores de existir, custam caro para quem não tem dinheiro sobrando, por exemplo, os vinhos de primeira linha citados pelo narrador, não são pagos com poemas, lâmpadas de leitura,

considerando que se saiba ler e tenha acesso à energia elétrica, laranjas que contradizem as leis da natureza e a intervenção do agrobusiness na natureza, deixando marcas preocupantes em nosso meio ambiente, mas o que é o meio ambiente se o narrador puder comer uma laranja no inverno? Em suma, ele celebra seus privilégios ou sob outra perspectiva, não ser pobre, embora a proximidade com o trabalho e o dinheiro em si o causem repulsa, não passar fome, não saber o medo de adoecer sem remédio.

Entretanto, a ilusão reside no fato de ele crer que seus privilégios se estendem a todos e que a Antiga Europa, que não era “well-fed, plague-free” tenha desaparecido totalmente, que a modernidade tenha se instalado em todo o globo terrestre, ilusão que não precisa de uma viagem muito longa para ser desfeita, em 2020, dentro do próprio Reino Unido, a pobreza afeta 14 milhões de pessoas⁸.

Se avançarmos um pouco mais, o narrador insiste no termo, herdar, para afirmar que herdará um Reino nem tão unido, já levantando um tema que muito o incomoda, a mancha do capitalismo no sangue nobre inglês, surge primeiro na imagem do “businessman-prince” (2016, p. 3), o que é fortemente sentido quanto à figura de Claude, homem prático e que, segundo o narrador, sabe ganhar dinheiro, coisa que seu pai, poeta e sensível, parece seguir o caminho exato oposto.

Instead I'll inherit a less than united kingdom ruled by an esteemed elderly queen, where a businessman-prince, famed for his good works, his elixirs (cauliflower essence to purify the blood) and unconstitutional meddling, waits restively for his crown. This will be my home, and it will do. I might have emerged in North Korea, where succession is also uncontested but freedom and food are wanting. (2016, p. 2-3)

Por fim, o feto agradece não ter nascido na Coreia do Norte, onde a sucessão do reino é parecida com a do Reino Unido, mas lá tem fome e falta de liberdade, em nenhum lugar do Reino Unido ou da Europa há fome ou falta de Liberdade? Há no narrador um mecanismo de colocar-se como modelo passível de ser entendido como verdade universal, pois está preso o tempo todo em seus próprios desejos e preocupado com seus próprios interesses, salvar-se, em suma, assim como todos os outros, Trudy e Claude, após assassinares John, não buscam

⁸ Ver:

<https://g1.globo.com/economia/noticia/2020/02/07/cresce-numero-trabalhadores-pobres-no-reino-unido.ghtml>

outra coisa, afinal. Não obstante a presença do traço já apontado de ver o outro pela superfície, aqui no caso, pelo estereótipo de uma Coreia do Norte, só ditatorial, sem nenhuma outra complexidade, uma vez que há a crença de que os fatos são os fatos, não carecem de comprovação, eis o perigo e está aí também uma falha no relevo do sujeito, por onde podemos adentrar e convocá-lo por dentro, o que é imprescindível, pois

[t]he subject is somehow defined by its narrative of itself and narrative in turn seems always to be wedded in one way or another to the presence of the subject even when it is a question of the succession of “mere” objective facts; (2019, p.XII)

Aparentemente um narrador que ainda não nasceu não teria interesse algum a defender, assim como afirma Brás Cubas, que depois de morto, contaria tudo, pois não há mais motivos para esconder o que quer que seja, entretanto, assim como há um jogo entre Brás Cubas, e mais ainda entre Bentinho, e os leitores virtuais das obras, nosso pequenino também demonstra defender seus interesses, ainda que inconscientemente, já que vai se formando no limiar entre o saber e o não saber, mas a sua defesa de seu valor e de seu discurso parece ser de outra ordem, diversa da dos narradores Machadianos, há em nosso narrador um medo do abandono, uma necessidade de ser aceito, de ser acolhido, por isso, fingir saber, fingir certeza, parece menos uma tentativa de engodo para com o leitor, do que uma forma solitária de luta para manter-se a salvo do mundo medonho que o espera após o nascimento, mas que já começou a dar errado muito antes de seu nascimento.

Em um mundo de incertezas e inseguranças, começar anunciando sua posição, a princípio pouco privilegiada para um narrador, antecipando os questionamentos do leitor virtual, “[h]ow is it that I, not even young, not even born yesterday, could know so much(...)? I have my sources, *I listen*.” (2016, p. 3), como forma de mostrar clareza, bom senso, merecimento de confiança, parece um caminho válido e é o que busca seguir ao longo da trama. A busca pela aprovação do leitor é reforçada em vários momentos da narrativa, por exemplo em, “[h]ere’s an example both of Claude’s discourse and of how I gather information. He and my mother have arranged by telephone (I hear both sides) to meet in the evening”. (2016, p. 5)

Como já é de nosso conhecimento, o narrador de *Nutshell* não vê, apenas ouve, por meio de fontes que lhe oferecem informações um tanto limitadas, no entanto, fala com certeza, traz mesmo nas suas dúvidas um tom de sabedoria, pautado em sua escuta, recortada, selecionada, acidentada, ao acaso, do que ouve e que não pode, por si, aprofundar, fazendo com que uma coletânea de dados e informações, envernizados com uma bela camada de erudição, seja por citações filosóficas, literárias, políglotas, enólogas, coisas afins, são reproduzidas como o supra sumo da sabedoria, só não podemos cavar, pois debaixo da casca, é fina a camada, ao forçarmos, são assim que nascem as ideias, os pensamentos prematuros. E ficam por isso mesmo. A certeza, uma vez firmado o pacto de leitura e de confiança com o leitor, caso este o faça, garante o sucesso dessa fórmula, pois diz a sabedoria popular que “criança não mente”, vide o filme *A caça*, de Thomas Vinterberg. Porém, o que há é a afirmação, essa bastante evidente, do *seems* sobre o *is*, ao contrário da fórmula apresentada pelo feto, que crê que o começo da consciência seria uma dádiva que eliminaria tudo o que não são fatos, todas as especulações.

Nesse sentido, o desfecho do primeiro capítulo é igualmente revelador, além de converter a mãe novamente em sua propriedade: “my secret sea, reeling off the walls of my castle, the bouncy castle that is my home” (2016, p.6), há agora explicitamente o traço de aristocracia, o narrador é o príncipe, segundo seu próprio ponto de vista a quem todos devem servir, mas que isso, um traço principesco, presente em *Hamlet*, inclusive algo central na peça, é a questão da herança, da sucessão, do direito pelo nascimento, o que nos traz novamente à casa em que moram Trudy e seu filho.

Em uma longa elucubração sobre seus conhecimentos, o narrador afirma:

This is my collection of facts and postulates. Hunched over them like a patient philatelist, I've added some recent items to my set. He suffers from a skin complaint, psoriasis, which has rendered his hands scaly, hard and red. Trudy hates the look and feel of them and tells him he should wear gloves. He refuses. He has a six-month lease on three mean rooms in Shoreditch, is in debt, is overweight and should exercise more. Just yesterday I acquired—still with the stamps—a Penny Black: the house my mother lives in and I in her, the house where Claude visits nightly, is a Georgian pile on boastful Hamilton Terrace and was my father's childhood home. (2016, p. 10)

O que poderia parecer apenas mais um devaneio poético do narrador, na verdade é uma peça chave para compreendermos uma das peças que estão em jogo no xadrez narrativo do romance. O motivo chave que faz com que antagonize tanto com Claude, especulador imobiliário. O narrador compara seus conhecimentos, “facts and postulates” a selos colecionáveis, aspecto já analisado anteriormente, mas há um selo específico, que o feto traz explicitamente à narrativa, “a Penny Black”, o primeiro selo postal do mundo⁹, o mais raro portanto, mais importante, mais cobiçado, o mais preciso, representando a informação, que ao leitor atento deveria ser, portanto, a mais importante, preciosa e a ser investigada, a saber: “the house my mother lives in and I in her”.

O narrador, como visto, adota desde o princípio um tom professoral, de autoridade no assunto, de quem sabe do que está falando, fala de tudo, logo, parece saber de tudo, ênfase no parece. O terceiro capítulo começa com mais um tópico de seus ensinamentos: “Who is this Claude”, além de novamente apresentar uma estrutura muito próxima do resumo, algo como que “vamos direto ao ponto, vamos ao que interessa”. Claude é apresentado, quase que direto dos palcos das peças de Shakespeare para a narrativa do feto. O tio é descrito como “this fraud”, é construído como o oposto daquilo que ele acredita ser, um ser originalíssimo, “this fraud who’s wormed in between **my** family and **my** hopes?”, contra o seu rival, um mero verme, que novamente se coloca como um empecilho no livre possuir do mundo que há de herdar aquele que narra.

O detalhe mais importante, talvez seja, quem ficará livre para herdar a propriedade, ao final, sendo a vítima indefesa do plano da mãe e do tio, na última cena, visitados pela polícia, o pai morto, seria exatamente o narrador, sendo, portanto, o maior beneficiado com o crime, inclusive para usufruir de sua herança da maneira como nostalgicamente rememora: “[n]o one to contradict me or reprimand me (...) no enemies” (2016, p.7), entretanto, tendo que também cumprir pena junto de sua mãe ou ir para alguma instituição, como um orfanato. Deste modo, dentro da narrativa, parece que a máxima é *mesmo quem ganha, perde*, além disso, a alternativa de pensar outra realidade possível, se afasta, não no silêncio que encerra a peça de Shakespeare, mas perdida no meio da bagunça, dos excessos, de informação e opiniões individuais sem base sólidas, de um mundo onde, deixamos de dizer como Hamlet que antes de morrer afirma que não poderá ouvir as notícias da Inglaterra, “and the rest is silence” (2008, p. 134) e passamos a ouvir, incessantemente, além das notícias da

⁹ Ver: https://pt.wikipedia.org/wiki/One_Penny_Black

Inglaterra e do mundo todo, todas disponíveis e acessíveis com o mesmo peso, de selos colecionáveis, “and the rest is chaos” (2016, p.197).

CAPÍTULO 2 - “Às vezes corre notícia/ dessas menos agradáveis/ e o ouvido chia”¹⁰

“I used to know the words. I knew the words. Now they're all a jumble.” - Do filme *Blue Jasmine* (W. Allen)

Propriedade, coleção, herança, objetificação feminina, subjetividade em (de)formação, são termos que sintetizariam bem o capítulo anterior desta tese, mas trazer tais termos agora, sem buscarmos estabelecer o que os aproxima dentro de um mesmo universo, dentro de uma mesma realidade, em nosso caso, ficcional, mas que é alegórica de uma realidade vivida e, nem sempre, vivenciada, em maior ou menor medida, por quem existe em nossa contemporaneidade, seria senão endossar a postura do narrador de *Nutshell*, cair na mesma armadilha, a saber, apontar fatos, listar informações e seguir, sempre em frente, sem nos determos, sem a espera necessária para que as informações possam decantar e se tornarem conhecimento, ou em termos menos pretensiosos, mas mais efetivos, talvez, converterem-se em aprendizado.

É preciso começar por algum lugar, todos os lugares são bons, depende muito do que faremos ao longo do caminho analítico, sobretudo, de como faremos. Começamos, então, pelo básico, pela matéria-prima da obra literária: pela palavra. Antes ainda de investigar as palavras de Ian McEwan, parece-nos uma boa ideia investigar as nossas próprias, uma vez que só o fato de afirmar serem nossas já apontam para um equívoco, a de serem *nossas*. As palavras não são nossas, pois são sociais; em uma leitura mais literal, a intenção de possuir até as palavras, privatizá-las, nos leva a um fator central do romance, do mundo contemporâneo: a reificação. É preciso entender, no romance, como a reificação aparece na obra.

Se pensarmos em aspectos básicos da análise do discurso, na qual não vamos nos aprofundar, pois também estamos sujeitos às limitações da especialização e segmentação da fabricação¹¹ atual do conhecimento, “[a]s palavras não são nossas (...), elas significam pela história e pela língua. O que é dito em outro lugar também significa nas 'nossas' palavras. O sujeito diz, pensa que sabe o que diz, mas não tem acesso ou controle sobre o modo pelo qual

¹⁰ O título deste capítulo é um poema de Chico Alvim de seu livro “Elefante” (Cosac Naify, 2000).

¹¹ A aproximação da construção do conhecimento por meio de uma organização fabril não é novidade, tampouco é algo superado, um dos vários textos disponíveis sobre o assunto:

<https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/educacao/fabrica-escolar-producao-serie-ou-alta-tecnologia.htm>

os sentidos se constituem nele” (ORLANDI, 2005, p. 32). Nesse sentido, as palavras que usamos de empréstimo, que são todas elas, carregam em si significados linguísticos, sociais e históricos, em outros termos, as palavras significam antes de nós, apesar de nós.

No segundo parágrafo desse capítulo, utilizamos intencionalmente um par de palavras que, em certos contextos, podem ser entendidas como sinônimos, “vivido” e “vivenciado” podem ser sinônimos, mas estão longe de serem a mesma coisa. Não seria o caso aqui de colocar em questão a validade do uso da sinonímia dentro da construção e da organização textual, mas verificar as implicações que a definição do que seja um sinônimo impacta na formação da subjetividade do nosso narrador em análise, no contexto social ficcionalizado em *Nutshell* e no contexto social e histórico do mundo no qual a obra foi publicada.

Podemos, antes de mais nada, apontar a dificuldade dos linguistas em chegarem a uma definição para tal aspecto linguístico.

Responder sobre o que é sinonímia não é uma tarefa simples, pelo contrário. Para Ilari e Geraldi (2004), essa pergunta vem intrigando os estudiosos há séculos, pois sua resposta aparentemente simples vem sendo acompanhada de inúmeras ressalvas que acabam por torná-la imprecisa. Galli e Melo (2010), em seu artigo “Reflexões acerca das definições imprecisas de sinonímia”, após realizar uma reflexão teórica sobre as definições de sinonímia apresentadas em alguns meios impressos, também verificaram que há, de modo geral, uma ideia muito superficial da definição de sinonímia. (SILVA e SOUZA, 2015, p. 2)

Novamente, a superficialidade, dessa vez de conceituação, surge como uma dificuldade para a transformação de dados, de observação, ou de maneira mais genérica, de informação, em um conhecimento sistematizado, o que não nos parece coincidência, mas um dado sintomático. Uma vez notada a primeira dificuldade, podemos seguir para ao menos duas definições do conceito que trazem em si elementos que nos levam ao ponto central deste capítulo.

“Sinonímia. - É o fato de haver mais de um vocábulo com a mesma ou quase a mesma significação:
casa, lar, morada, residência, mansão.” (BECHARA, 1977, p.345).

“Sinônimos são palavras de sentido igual ou aproximado. Exemplos:
brado, grito, clamor / extinguir, apagar, abolir, suprimir / justo, certo, exato, reto, íntegro, imparcial” (CEGALA, 1990, p.275).

Em ambas as definições há um alerta para o sentido aproximado das palavras, mas trazem também, e aí é que reside o problema, a ideia de que duas palavras diferentes possuem o mesmo sentido. Uma pergunta nos parece sensata: se há duas palavras como o mesmo, exatamente com o mesmo significado, qual a função de haver duas e não uma só? A questão em considerarmos o sinônimo como palavras de sentido idêntico tem implicações semânticas, nos exemplos dados por Bechara, podemos apontar que, por exemplo, “casa” não traz o aspecto abstrato e afetivo que “lar” possui, enquanto na definição de Cegala, “brado” sugere um grito com traços mais heroicos, tem uma ideia positiva, “clamor”, é mais negativo, com certo traço que indica tristeza. Ou seja, as palavras trazem em si traços distintivos importantíssimos, que são, por vezes, muito sutis, mas que fazem total diferença em um mundo regido por um sistema em que tudo é equalizado pela cotação do dólar e tudo, e todos, não só podem, como acabam por se converter em produtos, intercambiáveis e negociáveis.

Quando pensamos em um tempo, o nosso, em que tudo se converte em objeto e os objetos em produtos, equalizados pelo valor de troca, dado pelo padrão dólar, em uma era de capital financeiro (ficcional?), estamos lidando com a ideia de reificação, que parece-nos central para compreendermos e conseguirmos mapear o universo do romance de Ian McEwan, uma vez que

[o] estudo da reificação assenta-se na análise do fenômeno da alienação e do fetichismo da mercadoria. A reificação como conceito é o desenvolvimento lógico e histórico destes. Trata-se da elaboração da temática da alienação que, passando pelo fetichismo, culmina na incubação da reificação como uma nova configuração histórica da análise social, na qual ainda estão presentes seus conteúdos constitutivos. Pode-se até mesmo afirmar que - diante da universalização da mercadoria como objetivação social - no conceito de alienação já estava presente o que viria a ser o fetichismo e a reificação. Segundo Marx, **o fetichismo da mercadoria é um fenômeno característico da sociedade capitalista, uma forma que penetra em todas as esferas da vida e influencia diretamente as relações entre os homens.**¹² O que é específico deste processo é o predomínio da coisa, do objeto sobre o sujeito, o homem; é a inversão entre a verdade do processo pelo que ele aparenta ser em sua forma imediata. **E nisto se aproximam os conceitos de alienação, fetichismo e reificação**¹³ (RESENDE, 1992, p.156- 157). (CROCCO, 2016, p. 2)

Portanto, a reificação não pode ser isolada e observada individualmente nem nas relações sociais do mundo real, nem no ficcional, a reificação aparece amalgamada ao

¹² Grifo nosso.

¹³ Grifo nosso.

fetichismo e à alienação. No primeiro capítulo desta tese, a questão do fetichismo se faz constantemente presente ao longo da análise, Trudy é fetichizada, tanto no sentido psicanalítico, “[m]y **affair** with Trudy isn’t going well” (2016, p.39), “Trudy will be mine” (2016, p.43), quanto no sentido sócio-econômico, do qual o exemplo que acabamos de citar (p.43) revela o quanto o fetichismo nem sempre pode ser isolado, pois pode ao mesmo tempo estar ligado ao desejo do corpo e do consumo, o que não é estranho, dado que “o fetichismo da mercadoria é um fenômeno característico da sociedade capitalista, uma forma que penetra em todas as esferas da vida e influencia diretamente as relações entre os homens.” (CROCCO, 2016, p. 2), acrescentamos ainda que penetra no próprio processo de formação da subjetividade do narrador de *Nutshell*, que por sua vez, é alegórico de diversas subjetividades sinônimas, aproximadas a dela, mas nunca idênticas.

Antes de seguirmos nessa trilha, voltemos ao texto para que não nos percamos em abstrações e comecemos a analisar a obra sem lermos a obra. Se quisermos desenhar a subjetividade que vai se formando em frente aos nossos olhos ao longo das páginas do romance, precisamos juntar as informações que nos são expostas, observar e ver o que pudermos e tivermos a capacidade para tanto. Não é a primeira vez que voltamos ao modo como o narrador interage com o mundo exterior, como tem acesso às informações que, quase que imediatamente, transforma em postulados. Entretanto, voltamos, agora, para ver os mesmos aspectos sob outros ângulos e buscarmos enxergar novos detalhes.

Já citado anteriormente, o trecho em que o narrador busca garantir sua condição de existência ficcional, estabelecendo uma espécie de pacto com o leitor, por meio do qual busca validação, “[h]ow is it that I, not even young, not even born yesterday, could know so much, or know enough to be wrong about so much? I have my sources, I listen.” (2016, p.4) é a força motriz das páginas que seguem.

Já ficou estabelecido que a escuta é a forma pela qual o narrador recebe os estímulos externos ao seu corpo literalmente em formação, mas há uma certa limitação nessa escuta já inscrita na própria citação acima. Aqui poderíamos afirmar que, de fato, o narrador ao ouvir, aprende, se forma enquanto sujeito autônomo, consciente de si e do mundo, seja através daquilo que sabe, seus acertos, ou de seus erros, uma vez que errar é extremamente pedagógico.

Se adentrarmos, ainda que brevemente na discussão sobre erro e aprendizagem, percebemos que, em *Nutshell*, e porque não dizer, no mundo que permitiu a criação de tal

romance, com tal narrador(?), o saber informações, enquanto coleção de coisas mentais, o estar errado com relação a muita coisa, “mas isso é só a minha opinião”, frase emblemática dos tempos atuais, não nos leva à construção de um conhecimento mais aprofundado sobre os muitos assuntos com os quais interagimos.

Se voltamos a observar o quanto o modo de produção dita todos os outros modos dentro de uma sociedade, vemos a alienação adentrar o campo da vida de cada indivíduo, afetando sua formação enquanto tal, mas também adentrar o meio social, sendo um dos primeiros deles, fora a família, a escola.

Freire (2005) e Mendes (2007) acrescentam que há uma alienação na forma de ensinar, a qual robotiza os alunos, engessando -os e levando -os a produzirem apenas cópias, satisfazendo o padrão esperado que é determinado pela escola. (VEADO e SILVA, s.d. p. 643)

Embora os autores citados acima estejam pensando no aprendizado que se dá, ou se daria, de maneira sistematizada e institucionalizada, aprender é uma atividade humana que não ocorre apenas na escola, embora a organização escolar fabril deixe suas marcas nos modos de aprender e nos conteúdos aprendidos. Em um contexto global, com raras exceções, em que a educação prioriza o acerto, o molde, o modelo e o erro é algo a ser evitado, ao que tudo indica, fomos perdendo a capacidade de criar, de imaginar, outras possibilidades, outras formas de socialização, de vida, de subjetividade.

Na piscina da “modernidade líquida”, termo proposto por Bauman, a profundidade do conhecimento, do debate, das relações sociais/afetivas, no limite, das próprias subjetividades que se formam tende a não passar muito da altura da canela.

Na página de abertura do romance, lemos o seguinte parágrafo:

I listen, make mental notes, and I'm troubled. I'm hearing pillow talk of deadly intent and I'm terrified by what awaits me, by what might draw me in. (2016, p.1)

Nesse ponto, começa a fazer sentido termos trazido toda a discussão que abriu o capítulo 2, “listen” e “hear” são usados como sinônimo, o que a princípio, dado o contexto,

poderia passar sem ser notado, mas uma vez que nos chamou a atenção tal estrutura, o uso da sinonímia entre os dois termos, começamos a investigar as ocorrências de ambas as palavras ao longo do romance. Numa análise quantitativa, que por si só não revela muito, “listen”, e suas variantes, aparece 37 vezes, enquanto “hear”, e derivados, aparece quase que o dobro de vezes, 63. A princípio, pode-se tratar de uma escolha do autor, de uma coincidência, de um dado que não é revelador de outra coisa senão dele mesmo. Por isso, seguimos investigando, antes de afirmar que o fato de “hear” ser mais frequente que “listen” nos revela o que quer que seja sobre o narrador, sobre o romance, sobre o mundo que habitamos.

Em língua portuguesa, ouvir e escutar são sinônimos em certos contextos, o que não quer de modo algum dizer que tenham o mesmo significado. A sutileza no caso desse par de palavras é muito mais significativo que um mero aspecto formal ou gramatical. Em língua inglesa, os traços que diferenciam ouvir e escutar, diferenciam da mesma maneira “hear” e “listen”. Em qualquer pesquisa rápida na internet, podemos encontrar rapidamente o que distingue um termo do outro,

While some people may use the words hearing and listening as synonyms, there’s nuance between hearing vs. listening. One is more active and requires effort, while the other is involuntary and natural. To master learning and communication, it takes both hearing and listening.¹⁴

Em outras palavras, ouvir (hear) é possuir a capacidade de captar os sons por meio do aparelho auditivo, enquanto escutar (listen) pressupõe atividade do ouvinte, reflexão, transformação do som em pensamento, em imagens mentais. Portanto, é por meio da forma como o narrador usa a sinonímia das duas palavras ao longo da narrativa que vamos avançar em nossa interpretação.

Na primeira aparição do par no romance, o narrador afirma escutar e fazer anotações mentais, chegando inclusive a uma conclusão, “I listen, make mental notes, and I’m troubled.” (2016, p.1), portanto, o traço diferencial entre escutar e ouvir está confirmadamente presente. Logo na sequência, “hear” é empregue ao invés de “listen”, “I’m hearing pillow talk of deadly intent and I’m terrified by what awaits me, by what might draw me in.” (2016, p.1). Claro, podemos começar apontando questões de coesão e coerência

¹⁴ <https://www.uopeople.edu/blog/hearing-vs-listening/>. Último acesso em: 21/04/2022 às 14:00.

textuais, que não deixam de ser válidas, entretanto, o romance gira em torno de um fato importante, o planejamento e o assassinato do pai do narrador pela sua mãe e pelo seu tio, exatamente a “pillow talk of deadly intent”. Por um lado, a criação de um suspense, ao não deixar todas as informações que o leitor necessitaria, propicia a criação do que no romance é seu elemento de narrativa *thriller*, que ele também não deixa de ser. Por outro, soa estranha, uma vez que ele está “terrified” e preocupado com o que o futuro lhe reserva, a opção pelo verbo “hear”, precisamos de mais provas para termos mais claramente um panorama desse aspecto dentro da obra.

Ainda na primeira página, o narrador afirma:

I'm immersed in abstractions, and only the proliferating relations between them create the illusion of a known world. When I hear “blue,” which I've never seen, I imagine some kind of mental event that's fairly close to “green”—which I've never seen. (2016, p.1)

A utilização de hear, dessa vez, reforça a condição do narrador como alguém que de fato vive “imerso em abstrações”, apontando que, aparentemente, ele, que ainda nem sabemos se tratar de “ele” ou “ela nessa altura da narrativa, tem certa dificuldade em transformar o que ouve em algo que é capaz de refletir e traduzir mentalmente. Em trecho próximo ao citado acima, ambas as palavras são usadas bastante próximas uma da outra, o que torna mais sólida a nossa intuição quanto à confusão ou uso indistinto entre elas.

I hear, above the launderette din of stomach and bowels, the news, wellspring of all bad dreams. Driven by a self-harming compulsion, I listen closely to analysis and dissent. Repeats on the hour, regular half-hourly summaries don't bore me. (2016, p.4)

Uma das principais fontes de aprendizado no narrador são os programas de rádio, entre eles, o noticiário, o uso de “hear” para falar dos noticiários, reforça o que há no feto de escuta passiva, de dificuldade de converter informação em outra coisa qualquer que requeira tempo, tempo que, a princípio, um feto teria de sobra. No entanto, o ritmo de vida de um mundo parece se introjetar até mesmo no útero materno e não oferecer esse tempo ou ritmo

que permitisse tomar ação diante de tanta informação.

O narrador apesar de sua postura um tanto aristocrática, meio parnasiana, de alguém que pensa o mundo como um lugar maçante a ser evitado, não deixa de sofrer uma superexposição à informação, sem tempo de respirar, reforçado pelo fato real e alegórico de um feto não poder mesmo respirar por vias nasais.

The news is brutal, unreal, a nightmare we can't wake from. I listen with my mother, rapt and glum. Enslaved teenage girls, prayed over then raped. Barrels used as bombs over cities, children used as bombs in marketplaces. We heard from Austria about a locked roadside truck and seventy-one migrants left to panic, suffocate and rot. Only the brave would send their imaginations inside the final moments. These are new times. Perhaps they're ancient¹⁵. (2016, p.83)

O trecho citado está dentro de uma carta escrita para o pai antes que ele morra, nessa carta, é estabelecido um contraste entre o que ele prefere, a saber, os poemas e o mundo idealizado e a realidade, representada pelo noticiário, entretanto, a vitória do real sobre o ficcional é inevitável, não se foge da vida, assim como John não fugiu da morte, apesar de no plano ideal do narrador ele teria avisado seu pai, por meio da carta que não existe na realidade, apenas em suas elucubrações.

What I'm saying is, I'm fearful of rejection. So say it again to me, this poem, with your dying breath and I'll say it back to you. Let it be the last thing you ever hear. Then you'll know what I mean. Or take the kinder course, live rather than die, accept your son, hold me in your arms, claim me for your own. In return I'll give you some advice. Don't come down the stairs. (2016, p. 83)

Além dos noticiários, o narrador tem outras fontes através das quais tira informações para postular sobre,

Driven by a self-harming compulsion, I listen closely to analysis and dissent. Repeats on the hour, regular half-hourly summaries don't bore me. I even tolerate the BBC World Service and its puerile blasts of synthetic trumpets and xylophone to separate the items. (2016, p.4)

¹⁵ Em itálico no original.

Enquanto as notícias são escutadas, ainda que pareçam ouvidas, já que são fontes daquilo que ele acredita ser sua erudição, o que de fato afirma escutar, com muita atenção, “listen closely”, são “analysis” e “dissent”. Uma das formas de aprendizado do narrador é ouvir análises, ou seja, a opinião de outra pessoa sobre algum assunto, não tendo acesso ao original, mas uma visão parcial, ainda que pareça sensata, uma espécie de simulacro, que no entanto é o que ele tem para se constituir. Com relação ao “dissent”, em contraposição à análise, estabelecesse uma relação de luta entre opiniões. Deste modo, é fundamental percebermos que além da confusão entre “hear” e “listen”, sugerindo uma reificação da escuta, que, no romance, não chega a ser, quase nunca uma escuta genuína e sendo apenas um pouco mais que um “ouvir”, aquilo que se escuta está pautado em opiniões, aceitas ou combatidas, em um processo em que o sujeito se sujeita e no qual a reflexão está ausente.

De um modo geral, podemos perceber a relação íntima entre **o que é escutado** pelo narrador, **como se escuta**, por mais que chute a mãe para que ligue o rádio na madrugada, o traço de não poder escolher o que escuta é emblemático, **o que é feito do que se escuta**, uma coleção de coisas, como a de selos mencionada no capítulo 1 desta tese, **o distanciamento dos originais**, seja dos poemas e romances lidos por outros, **o borrar da fronteira entre o significado das palavras**. Tudo somado, a linguagem surge subtraída, o sujeito esvaziado, a realidade, irrealista. Em outras palavras, como propõe Rosa (2009)

No momento em que percebe-se que, como sugere Laymert Garcia dos Santos, “a linguagem se encontra pervertida a ponto de as palavras dizerem o contrário do que significam”, tem-se a ilusão de estar vivendo numa realidade ficcional (entendida como falseamento da realidade). (ROSA, 2009, p. 13)

A falta de profundidade imposta, seja pela velocidade, seja pela forma contemporânea de aprendizado apresentada pelo romance, se revela também na forma e no conteúdo do romance, o narrador nos conta que “regular half-hourly summaries don’t bore me”. O primeiro aspecto que podemos pontuar é a contradição já estudada no capítulo anterior, a saber, o narrador critica o tio por ser um homem de *riffs*, que se repete muito, criticando a pessoa, mas também o modo de ser, a cultura não alta, segundo seu julgamento, no entanto, acaba revelando que a repetição não é exatamente o que o faz se irritar com Claude. O novo aspecto que apontamos é a estrutura do resumo, “summaries”, novamente a ausência do

original, gerando uma opinião, baseada em outra opinião, nesse caso, um resumo que se quer, muitas vezes neutro, mas que traz um ponto de vista embutido. A ausência de aprofundamento está presente como forma de estruturar o romance, sem história, sem passado, sem antes. O narrador abre o livro com uma estrutura linguística que sugere o início de um resumo, uma espécie de “bom, vamos a isto”, “[s]o here I am, upside down in a woman (2016, p. 1).

Em determinado momento da narrativa, Claude e Trudy (e o narrador), estão em um restaurante, eis que o feto afirma, [n]ow I must listen again to Claude’s set piece on menu terms, as if he’s the first ever to spot these unimportant absurdities. (2016, p. 6). Se Claude está dizendo apenas “unimportant absurdities”, o uso de “listen” parece forçado, mas dada a sua condição intrauterina, é forçado a ouvir, entretanto, se ouvir é forçoso, escutar é uma decisão, uma escolha, pensar sobre e irritar-se com o que escutou revela que no fundo os absurdos sem importância de seu tio não são assim tão sem significado para ele. Mas mais que isso, ele também aprende por meio desse tipo de informação, mesmo que ache inútil, elas também ajudam a formar sua subjetividade.

Em outro momento, o “listen”, se pressupõe reflexão, parece não proporcionar uma que seja autônoma ou produtiva. Observemos o trecho, que já analisamos sob outra luz anteriormente:

This was an unusual conversation for them and I listened intently. My father, whose name is John, said that if he had such a power over her or women in general, he couldn’t imagine giving it up. I guessed, from the sympathetic wave motion which briefly lifted my ear from the wall, that my mother had emphatically shrugged, as if to say, So men are different. Who cares? Besides, she told him out loud, whatever power she was supposed to have was only what men conferred in their fantasies. Then the phone rang, my father walked away to take the call, and this rare and interesting conversation about those that have power was never resumed. (2016, p.7)

Nessa passagem em que o pai, poeta e sensível, na visão do narrador, muito diferente de Claude, sendo o tio um especulador que gosta de dinheiro e capaz de tratar tudo como produto, inclusive as mulheres, afirma que Trudy tem certa magia sobre os homens, culpando-a previamente por qualquer comportamento masculino que pudesse ter alguma conotação física e sexual. A “escuta atenta” do narrador o leva a ignorar a fala que enfraquece a imagem de mulher fútil que atribui à sua mãe ao longo de toda a obra,

“whatever power she was supposed to have was only what men conferred in their fantasies”. O narrador, como já apontado anteriormente, ignora a saída do pai para atender uma ligação e conclui que não concluiu nada, pois não aprendeu a entender o que não for resumido, analisado ou negado, o episódio termina em suspenso: “[t]hen the phone rang, my father walked away to take the call, and this rare and interesting conversation about those that have power was never resumed”.

Quanto mais acompanhamos o processo de audição/escuta do narrador, mais descobrimos sobre ele, ou melhor, mais observamos sua formação até que assuma a condição de nascido ao fim da narrativa.

My hope of discovering more is to wait up all night to catch them in one more disinhibited aubade. Claude’s untypical “we can” first caused me to doubt his dullness. Five days have since passed—and nothing. I kick my mother awake but she won’t disturb her lover. Instead she clamps a podcast lecture to her ears and submits to the wonders of the Internet. She listens at random. I’ve heard it all. Maggot farming in Utah. Hiking across The Burren. Hitler’s last-chance offensive in the Ardennes. Sexual etiquette among the Yanomami. How Poggio Bracciolini rescued Lucretius from oblivion. The physics of tennis. I stay awake, I listen, I learn. (2016, p.23-24)

Narrando de um lugar estreito, onde os olhos são praticamente inúteis, com a capacidade de agir muito reduzida, “I kick my mother awake but she won’t disturb her lover”, o narrador vai se formando e se informando, “at random”, embora ele afirme que a mãe escute aleatoriamente e ele escute tudo, a própria troca dos verbos “listens at random” e “heard it all”, para indicar que ouviu com atenção, revela uma intercambialidade do sentido das palavras, que, de fato, significam aqui o oposto do que comumente significam, estreitando o elo entre feto e mãe, já que ele depende dela para selecionar o que ele escuta/ouve. Na relação que se estabelece entre mãe e filho não há muita diferença entre eles no que diz respeito ao aprendizado sobre si e sobre o mundo. Afinal de contas, a lista de coisas que surgem nos podcasts são as mais diversas e não estabelecem relações entre si, não permitindo que o ouvinte transforme o que ouviu em algo menos raso, no fim, fica, portanto, a lista pela lista, “[m]aggot farming in Utah. Hiking across The Burren. Hitler’s last-chance offensive in the Ardennes. Sexual etiquette among the Yanomami. How Poggio Bracciolini rescued Lucretius from oblivion. The physics of tennis”.

A própria construção dessa lista aponta para a superficialidade da interação com o que se escuta, o que é coroado pelo narrador implícito com a retomada no mínimo irônica da fórmula de Júlio César após vencer uma batalha, a famosa “Vim, vi e venci”, na boca do nosso narrador quem nem veio, nem viu e que está, sem poder escapar, dentro de uma trama onde todos vão perder, se converte em “ I stay awake, I listen, I learn”, uma paródia, que no caso dele, não tem graça alguma.

Com o exposto até este ponto, podemos adentrar na tentativa de mapear outros aspectos dessa subjetividade em luta para ser e estar. Como vimos, há uma profusão de informações em nossos dias, filtrar parece impossível, selecionar é uma operação árdua e para cada escolha, infinitas possibilidades são deixadas de lado. Uma vez que as informações em *Nutshell* chegam ao narrador por meio do som, a profusão de informações é também uma profusão sonora. Segundo Rosa (2017) é

[i]mpossível estarmos alheias/os à profusão sonora de nossos tempos. Em seu pensamento acerca das transformações contemporâneas nos modos de comunicação, Franco Berardi (2014, p. 10) menciona a transição do ambiente alfabético para o digital, evidenciando um novo modelo cognitivo de concatenação conectiva, e não mais o modo de concatenação conjuntiva. De acordo com o autor, tais modificações produzem efeitos na sensibilidade estética e emocional dos sujeitos, fazendo emergir diferentes manifestações psicopatológicas. (ROSA, 2017, p. 20)

Não nos cabe aqui entrar pelo viés das manifestações psicopatológicas, mas perceber os efeitos na “sensibilidade estética e emocional dos sujeitos”, o que denominamos aqui como formação da subjetividade. Ainda no mesmo ensaio, Rosa traz à discussão o conceito de sujeito ressoante, do qual podemos tirar lições importantes para sustentarmos um mapeamento subjetivo do narrador em estudo.

Se relacionarmos à partilha do sensível à concepção de sujeito ressoante, podemos traçar algumas linhas em torno dos modos de escuta contemporâneos. Jean-Luc Nancy (2014, p. 19) afirma que “escutar é dar ouvidos”, “é uma intensificação e um cuidado, uma curiosidade ou uma inquietude”. Questiona o privilégio dado à presença visual, como um modelo, um suporte ou uma referência, em detrimento da percepção acústica, e fala também acerca da produção do sujeito como sujeito ressoante (um sujeito da escuta e sujeito à escuta), dizendo que “não há <<sujeito>>

[...] senão ressoando, respondendo a um ímpeto, a um apelo, a uma convocação de sentido” (NANCY, 2014, p. 53).

Nesse sentido, a partilha do sensível aparece abalada no romance, partilhar não parece tarefa fácil em um território ficcional em que os indivíduos, eles mesmos colocados em questão, como falar em indivíduos e subjetividade se “não há sujeito senão ressoando”? Em tempos em que ouvir e escutar são intercambiáveis? A própria sensibilidade não parece ter tempo para se constituir, assistimos a um desfile de personagens que reagem às circunstâncias e que, sem perceberem (e ao mesmo tempo sem ignorar totalmente), são parte de um plano maior, no qual seus papéis são sempre secundários, substituíveis, dispensáveis.

Assim colocado, parece estarmos falando de uma tragédia encenada, no confessionário sem deus de cada um, em que os personagens precisam fazer mais ou menos, com pouco espaço para improviso, o que lhe foi escrito no roteiro, assim como Hamlet tem que fingir estar louco a cada representação do texto de Shakespeare, a revolta volúvel do narrador, demonstrada aqui e ali ao longo do romance, parece ensaiada e algo para cumprir um protocolo, bem como diversas mini-derrotas do cotidiano quando temos que fingir não ligar pro que se sente, pensa, acredita, pois há coisas a cumprir, tarefas a desempenhar, vida para sobreviver, eliminar, para não ser eliminado.

Rosa, segue apontando aspectos das condições de formação da subjetividade em nossa contemporaneidade e nos chama atenção para o seguinte:

[Birman (2014)] apresenta os efeitos de uma ruptura entre os registros do tempo e do espaço na experiência subjetiva contemporânea, que indicam a predominância da dimensão do espaço sobre a dimensão do tempo, fazendo com que os sujeitos se constituam diante do intempestivo, da incerteza e da constante surpresa. (2017, p. 24-25)

Outro aspecto que nos ajuda a jogar luz no narrador que estamos estudando, também escrito por Rosa, é o seguinte conceito de Nietzsche:

Com as noções de nutrição e digestão, Friedrich Nietzsche (2017, p. 183) faz uma

crítica à modernidade ao mencionar que o tempo (ou a velocidade) de assimilação das coisas pela sensibilidade no período moderno se acelerou, impedindo ou dificultando a digestão daquilo que se capta. Seria essa dispepsia nos modos de vida a manifestação de uma crise nos processos de subjetivação da civilização ocidental? Como escutar o nosso tempo e espaço, com predominância deste, em crise? (2017, p. 25)

Por ora, podemos afirmar que a subjetividade que vemos se formando em *Nutshell* é pouco profunda, transforma, ou melhor, aceita, que informações baseadas em resumos, análises de terceiros e anti-teses de quartos se convertam quase que automaticamente em verdades e postulados, volúvel nas sensações e nos sentimentos, individualista, mas ainda há outros aspectos a considerarmos.

Entretanto, não são muito distintas as outras subjetividades que vislumbramos por fora, o pai não é menos portador dessa condição de ser, nem Claude, nem Trudy, o sujeito que vai se constituindo na e pela narrativa se forma moldado muito fortemente pelas forças sociais, em geral colocadas como “a vida como ela é”, portanto, é esperado que os traços da sociedade em que nos formamos e na qual somos formados se faça visível em nossa constituição subjetiva, já que ela não é apenas individual, mas é individual e social.

Podemos pensar no conceito de subjetividade social que se produz em espaços sociais constituídos historicamente, sendo assim, no início de uma subjetividade individual estão lugares compostos de uma subjetividade social, que precedem a organização do sujeito psicológico. Por tanto a condição de sujeito individual se determina somente dentro de um conjunto social (uma rede) em que o indivíduo vive, no qual determinados processos da subjetividade individual são fragmentos da subjetividade social. Sendo que se constituem de forma recíproca sem que um dissipe o outro, mas tendo que ser também entendido como uma dimensão em processo permanente. (REIS, 2006, p. 9)

Já apontamos anteriormente que a diferença que o narrador gostaria que fosse enorme entre ele, o pai e o tio, o melhor dos três nessa ordem, com ele sendo ainda um pouco melhor que o pai na escala de ser humano evoluído, não é assim tão grande e, por vezes, inexistente, o que não se dá por falta de ação das partes envolvidas, mas por estarem todos expostos às mesmas culturais, sociais e econômicas. A falta de profundidade não é um traço apenas do nosso tempo e da nossa realidade, ela afeta todas as nossas relações conosco mesmos e com

os outros, a verbalização da celebração da superfície, também já apontada, agora nos revela um pouco mais do que a mera celebração, mas as implicações que a dificuldade em aprofundar traz consigo, por meio da reafirmação de crenças, preconceitos, discursos pré-prontos, tudo somado, não há espaço para colocar nada em questão, deslizamos sobre superfícies lisas.

O narrador celebra a superficialidade, “[t]he mother I have yet to meet, whom I know only from the inside. Not enough! I long for her external self. Surfaces are everything. (2016, p. 7). Entretanto, a afirmação explícita não dá conta de trazer à tona as implicações disso na formação das relações entre as personagens do romance, nem o quanto estão todos submetidos às mesmas forças que os moldam objetiva e subjetivamente. Apesar de o pai ser, para o narrador, muito diferente do tio Claude, se observarmos, sejam as descrições poéticas ou menos poéticas, tanto o pai quanto o tio, elogiam a aparência física, sensualizam o corpo feminino.

I know her hair is “straw fair,” that it tumbles in “coins of wild curls” to her “shoulders the white of apple flesh,” because my father has read aloud to her his poem about it in my presence. Claude too has referred to her hair, in less inventive terms. (2016, p.7)

O narrador não está livre de fazer o mesmo, ainda que não o perceba,

But back to my mother, my untrue Trudy, whose apple-flesh arms and breasts and green regard I long for.” (2016, p.8)

Estamos no campo de forças estruturais, contra as quais o indivíduo muitas vezes não tem condições de lutar, seja por não ter consciência de que elas existam, afinal de contas são forças normalizadas por meio dos discursos hegemônicos, sendo tão poderosas que mesmo aqueles que sofrem todos os tipos de violência não raras vezes endossam tais discursos, seja porque lhes convém ignorá-las. Nesse aspecto do romance, em específico, podemos umas das forças sociais que age sobre todas as personagens do romance: o machismo estrutural, que nas palavras de Claudia Oliveira

[q]uando falamos do machismo estrutural que se fortalece em nosso dia a dia através da cultura do patriarcado, sob formas que são atenuadas pela religião, pelas piadas, pela suposta descontração, justificada pela “natureza biológica” masculina, o combate torna se infinitamente mais difícil. (OLIVEIRA, 2019)

16

Os três homens (filho, pai e tio/irmão) na superfície são muito distintos, aos olhos do narrador, mas os mesmos mecanismos se fazem presentes ao comparar a beleza física dela com uma capa de revista adulta (como talvez fizesse Claude, conforme poderia sugerir o narrador), ou com a de Yulia Tymoshenko, política ucraniana, uma vez que nenhuma informação aproxima a mãe da política, apenas a superficialidade da forma, aqui especificamente, da forma física feminina enquanto mero objeto de, digamos, apreciação, desejo e, com sorte, uso. É bastante significativo que até o capítulo 15 não saibamos o sexo do bebê e quando descobrimos o narrador o faz de modo muito sutil.

Early in my conscious life one of my fingers, not then subject to my influence, brushed past a shrimp-like protuberance between my legs. And though shrimp and fingertip lay at differing distances from my brain, they felt each other simultaneously, a diverting issue in neuroscience known as the binding problem. Days later it happened again on another finger. Some developmental time passed and I grasped the implications. (2016, p.143)

O fato de não sabermos se o bebê vai ser menino ou menina é significativo para que possamos perceber a potência dos discursos e a impotência dos sujeitos com relação a eles, mesmo aqueles que sofrem com machismo e todos os tipos de preconceitos disponíveis nas mais variadas sociedades não estão livres, eles mesmos, a jogar água no moinho do discurso hegemônico. Uma mulher pode ser machista, mesmo que quem se beneficie sejam os homens, no Brasil, por exemplo, temos casos extremamente claros disso que estamos apontando, Damares Alves, ex-ministra da Mulher, Família e Direitos Humanos, parece em muitas de suas falas ser contra as mulheres, a maioria dos outros modelos de família que não o que ela defende e contra os direitos humanos, as frases que comprovam o que afirmamos

¹⁶ <https://revistacult.uol.com.br/home/machismo-estrutural-do-nosso-dia-a-dia/>. Último acesso em 22/04 às 09:00

aqui são muitas, trazemos apenas algumas, “A gravidez é um problema que dura só nove meses”, “Nenhuma mulher quer abortar”, “Ninguém nasce gay”, “Não é a política que vai mudar esta nação, é a igreja”, “A mulher nasceu para ser mãe”.¹⁷ Outro caso muito nosso, é o do político de origem pobre, negro, homossexual, Fernando Holiday, que fez afirmações que são violentas em muitos níveis contra si mesmo e contra outros grupos identitários que sofrem com os discursos hegemônicos, “O dólar já está mais caro do que puta no Haiti, e a inflação maior que meu pau”¹⁸, “É o mesmo que um dia da consciência branca para homenagear Hitler”, “Eu acho que é uma comparação cabível [entre Zumbi e Hitler]. Usei esse exemplo pra chocar, fazer com que as pessoas reflitam: ‘Por que ele está fazendo uma comparação dessa?’”¹⁹.

O capítulo 15, no qual ficamos sabendo que o até então, “baby” era “he”, traz aspectos importantes para o debate das identidades na contemporaneidade, mas mais do que “ouvir” o que o narrador nos diz, cabe-nos investigar como ele o faz. Logo após nos revelar seu gênero biológico, o narrador já começa a enveredar por um caminho, no mínimo, estranho, “[b]iology is destiny, and destiny is digital, and in this case binary. (2016, p.143), se a biologia for de fato destino, a justificativa para todas as diferenças biológicas parece aberta, entre elas, o que pode um homem, o que podem uma mulher seriam destino, imutáveis. Ao contrário, a percepção de um presente sem história não permite ao narrador que inclusive a biologia é história e não destino, inclusive a biologia é a ciência que estuda a vida e suas mudanças no espaço e no tempo, matar este aspecto é jogar outra pá de cal sobre a nossa capacidade de imaginar outras alternativas.

O discurso se encaminha para um caminho fácil de nos perdermos, a proposta seduz, tem aspectos muito positivos, se fossem possíveis com tamanha facilidade, o “se” é o grande ponto aqui.

The strangely essential matter at the heart of every birth was now settled. Either—or. Nothing else. No one exclaims at the moment of one’s dazzling coming-out, *It’s a*

¹⁷ Fonte das frases: <https://www.hypeness.com.br/2018/12/6-frases-da-nossa-ministra-que-poderiam-estar-em-handmaids-tale/>. Último acesso em 22/04/2022 às 09:00.

¹⁸ Fonte das declarações: <https://www.nexojournal.com.br/expresso/2022/03/13/%E2%80%98T%C3%A1tica-do-insulto%E2%80%99-os-remos-do-MBL-at%C3%A9-o-caso-Mam%C3%A3e-Falei>. Último acesso em 22/04/2022 às 09:00.

¹⁹ Fonte das declarações: https://brasil.elpais.com/brasil/2015/04/07/politica/1428432891_689300.html. Último acesso em 22/04/2022 às 09:00.

person! Instead: *It's a girl, It's a boy.* Pink or blue—a minimal improvement on Henry Ford's offer of cars of any colour so long as they were black. Only two sexes. I was disappointed. If human bodies, minds, fates are so complex, if we are free like no other mammal, why limit the range? (2016, p.143)

Começamos dando apoio à proposta do narrador, de fato sensata, reduzir os seres humanos ao seu sexo biológico de nascimento é redutor e pouco definidor em termos individuais, o mundo seria um lugar mais igualitário e menos opressor se nascessemos todos pessoas e não menino/menina. Entretanto, os apagamentos histórico, cultural, político e social que essa formulação, não equivocada em si, são extremamente complicados, pois passam ao largo das diferenças, das dificuldades enfrentadas pelas pessoas pelo fato de serem homens ou mulheres, brancos ou negros, heterossexuais ou outras sexualidades. Luanda Vieira nos ajuda a perceber que obviamente todas as vidas importam, mas que a pauta por lutas identitárias têm suas bases históricas não só no passado, mas todos os dias na vida de quem sofre por ser quem é.

Todas as vidas importam, claro, mas se o exemplo acima não te convence de que olhar para a vida da população negra é urgente e sempre foi, você está colaborando com a manutenção do projeto de extermínio da população negra e também é culpado por todas as mortes de corpos inocentes. Se nem isso justifica, temos dados numéricos. (VIEIRA, 2020)²⁰

A ilusão primeira do narrador, apontada no capítulo 1, a de acreditar que o começo da vida racional, seria o fim das ilusões, é geradora de diversas outras ilusões, “if we are free like no other mammal, why limit the range?”. Observemos a sequência:

I seethed, and then, like everyone else, I settled down and made the best of my inheritance. For sure, complexity would come upon me in time. Until then, my plan was to arrive as a freeborn Englishman, a creature of the post English-as-well-as-Scottish-and-French Enlightenment. My selfhood would be sculpted by pleasure, conflict, experience, ideas and my own judgment, as rocks and trees are shaped by rain, wind and time. Besides, in my confinement I had other concerns: my drink problem, family worries, an uncertain future in which I faced a

²⁰ In:

<https://www.geledes.org.br/entenda-por-que-falamos-que-vidas-negras-importam-em-vez-de-todas-as-vidas-importam/>. Último acesso em 22/04/2022

possible jail sentence or a life in “care” in the careless lap of Leviathan, fostered up to the thirteenth floor. (2016, p. 143)

O narrador, em um de seus momentos de ira, que desaparecem tão repentinamente quanto surgem, “I seethed”, nos apresenta outro aspecto que somado à falta de consciência histórica deixa claro que há, também, falta de consciência de classe, uma vez que não percebe que faz parte de uma, que possui privilégios, expandindo o que é sua verdade (social, cultural, econômica e política) a todos, “and then, **like everyone else**, I settled down and made the best of my inheritance”.

A herança do narrador é menos a propriedade a ser herdada ou qualquer outra coleção de objetos ou postulados, mas os valores externos (forças e crenças sociais, políticas, econômicas, que se misturam e embaralham) que permeiam tanto o seu discurso, sobre o que fala, quanto a forma pela qual o faz, a estruturação mesma do que é discursado. O capítulo 15 já no início, na primeira afirmação traz o reforço da vivência do tempo como algo muito mais veloz que décadas e séculos atrás, impactando na formação de subjetividades cada vez mais fluidas e efêmeras, por vezes volúveis.

Prossegue, adentrando naquilo que acredita ser o fim de suas ilusões, o começo da vida consciente, aponta ao leitor a descoberta do seu gênero biológico, conforme já apontamos anteriormente. Mas, para além de lembrar o que já tratamos, a intenção neste ponto é investigar como todas essas questões que atravessam o romance são costuradas no tecido do texto. Ao perceber que a construção da subjetividade que vai se dando em frente aos nossos olhos é concomitante à construção da própria narrativa, mantendo a diferenciação, para não cairmos na armadilha de pensar que são a mesma coisa, quando não são. Notamos que os valores expressos pelo que o narrador apresenta ao seu “ouvinte”/leitor também surgem na forma e no conteúdo do que é narrado. Quando o narrador aponta suas crenças sobre sua futura identidade, nos traz um mapa de como pensa as coisas que pensa, pelo qual podemos compreender com mais clareza as camadas menos superficiais que o romance nos oferece.

O capítulo em análise é um compêndio de postulados inocentes, enquanto falta de consciência, que não são tão inocentes, no sentido das implicações que trazem consigo, por meio de aspectos sutis, mas reveladores. Ao descobrir que nascerá com corpo de menino,

afirma que “[b]iology is destiny, and destiny is digital, and in this case, binary” (p.144). Para além de negar a afirmação feita, pois não há nenhum indício científico de que biologia seja destino para além daquilo que ela tem de natural, como a herança genética, por exemplo. Ainda pensando nesse aspecto, seria mais acertado propor que biologia é história, uma vez que o passado determina o presente e o futuro é uma incógnita. Entretanto, a sutileza reside no fato de que podemos notar em prática a questão que apontamos anteriormente sobre a crença de que sinônimos sejam palavras intercambiáveis, aqui o preço dessa crença aparece e não leva muito tempo. O narrador emprega o termo “binário” dentro de um contexto em que gera uma ambiguidade entre estar falando de um sistema binário, computacional, e de gêneros binários. Além de não desfazer a ambiguidade, ela é mantida e, além de sua manutenção, fica a forte sensação de que são a mesma coisa, que falar de sistema ou gênero binário não faz diferença alguma, pois como qualquer outro objeto/produto seriam intercambiáveis.

A forma de construir o pensamento, por meio de não diferenciações diversas, leva o narrador por caminhos tortuosos do pensamento. Após afirmar que biologia seria destino, começa a propor ideias que parecem ser promissoras, “[n]o one exclaims at the moment of one’s dazzling coming-out. *“It’s a person! Instead: It’s a girl, It’s a boy”*” (p.144). Cada vez mais ao longo do romance, as contradições que não se anulam, mas que também sequer se chocam convivem e vão construindo o discurso, a subjetividade do narrador, o romance como um todo complexo. Não à toa, na página seguinte, com a mesma convicção que afirmou anteriormente que biologia é destino, afirma também que “[b]iology is not destiny after all, and there’s cause for celebration”.

Um ponto importante é o seguinte, o narrador ao celebrar o que será, a identidade que, segundo ele, vai escolher, pois ele tem um plano, “arrive as a freeborn Englishman, a creature of the post English-as-well-as-Scottish-and-French Enlightenment” (p.144), nos apresenta quais as forças que crê serem aquelas que moldaram seu modo de ser ele mesmo.

My selfhood would be sculpted by pleasure, conflict, experience, ideas and my own judgment, as rocks and trees are shaped by rain, wind and time. (p.145)

A subjetividade do narrador, segundo ele mesmo, será um resultado de lutas de forças externas, até esse ponto, não nos parece que esteja errado, mas cabe-nos investigar quais as

forças que ele seleciona. Começamos com o “prazer”, aparentemente são os sentidos/sensações, no limite, o desejo, que vai moldar parte desse sujeito, algo que diz respeito a si, uma satisfação pessoal, em geral, em relação a um objeto desejado e com o qual se atinge o prazer pessoal, individual e intransferível. Quando o Outro, outras subjetividades surgem no horizonte, temos o “conflito”, o outro como um inimigo ou, no mínimo, como uma vivência do choque, do confronto. Entretanto, isso tudo já está mais ou menos apontado em páginas anteriores, o que nos chama a atenção aqui é a tríade de palavras que são escolhidas na sequência.

Há um processo de pensamento, de criação dos postulados do narrador, das suas crenças processo que pressupõe conhecimentos e vivências prévias, “experience”, que são capazes de gerar suas “ideias”, uma vez que são fonte delas, as quais dão embasamento para os postulados, as opiniões, os “julgamentos”. A apresentação de tal modo de pensar não pode passar batida, pois é fundamental na formação desse sujeito, uma vez que traz traços fortes da estruturação social e do trabalho na sociedade em que está inserido, mesmo antes de nascer. Algumas formas de organizar o pensamento, as ideias e o conhecimento seja nas escolas ou nos locais de trabalho são os chamados mapas mentais e a estrutura do *brainstorm*. A saber, *brainstorm é*

Brainstorming é uma técnica utilizada para propor soluções a um problema específico. Consiste em uma reunião também chamada de tempestade de ideias, na qual os participantes devem ter liberdade de expor suas sugestões e debater sobre as contribuições dos colegas.²¹

Embora esteja ausente uma ideia de uma construção colaborativa nas falas do narrador, a forma pela qual estrutura suas ideias e opiniões é, não por coincidência, semelhante a da chuva de ideias, uma vez que começa-se com o conhecimento, vivências prévios (“experience”), segue-se de uma listagem de ideias (“ideas”) que levam à solução de um problema, por vezes pontual, muitas vezes desconectado de um antes, os problemas, eles mesmos aparecem como uma coletânea de dificuldades pontuais e momentâneas que devem

²¹ In: <https://neilpatel.com/br/blog/o-que-e-brainstorming/> . e <https://www.oconhecimento.com.br/brainstorming-raios-de-pensamentos-e-chuva-de-ideias/> Último acesso 01/05/2022, às 11:00.

ser resolvidas de forma, também, pontual, por meio do julgamento do mais acertado a ser feito (“my own judgment”). Estamos no mundo da subjetividade, mas estamos também, ao mesmo tempo, no mundo da organização do trabalho onde há a ideia, quase nunca real, de que todos podem se autogerir, serem seus próprios patrões. E a naturalização de processos que são históricos, econômicos, sociais e políticos surge sempre como se essas formas de organização seja do trabalho, sejam do sujeito, fossem a única possível, permitindo ao narrador a ilusão de achar que ele é o parâmetro para todos os outros, “[and then, like everyone else, I settled down(...)”, como se tudo isso fosse tão natural “as rocks and trees are shaped by rain, wind and time”. Onde deveria haver solidificação de processos históricos (e há), as personagens têm a sensação de que as informações, chovem, fazem pequenas poças e evaporam, sem deixar vestígios.

Uma vez que sistematizamos a forma de pensar do narrador, que é tão sua, quanto é nossa uma casa financiada em 35 anos pelo banco, fica mais fácil de vermos a forma, ou fórmula em ação. No próprio capítulo 15 é possível analisar a forma *brainstorm* de criar conhecimento pouco aprofundado e apenas pontual, por vezes contraditório, sem desfazer as contradições, uma vez que se a contradição não é percebida como tal, não gera confronto, não solicita síntese.

A experiência acumulada, se é que podemos colocar nesses termos, pelo narrador é pontuada por ele mesmo, “my drinking problem, family worries, an uncertain future in which I face a possible jail sentence or a life in ‘care’ in the careless lap of Leviathan, fostered up to the thirteenth floor” (p.145), suas ideias são contraditórias, ainda que pareça não dar por isso, mesmo aquilo que soa, à primeira “ouvida” como algo sensato, por falta de bases sólidas e de uma maior coerência na forma assumida por quem narra, entre as ideias, reafirma-se uma postura acomodada, de quem espera, como já vimos em páginas anteriores, “For sure, complexity would come upon me in time” (p. 144).

O capítulo inicia com a descoberta do seu gênero biológico, tema que perpassa o capítulo e o leva a conclusões, no mínimo forçadas. Após introduzir o assunto, manifesta sua breve e efêmera indignação sobre o apontamento, logo no nascimento, de sermos, ao invés de pessoas, meninos e meninas. Indignação válida, mas que passa rápido e abre espaço para discursos bem menos sensatos e mais problemáticos. O narrador introduz questões de identidade, assunto bastante atual e amplamente discutido, o aproxima do acontecido familiar, a morte do pai, pela mãe e pelo tio, e ao fim, sem que fique muito claro, dá a palavra

final sobre a discussão.

O narrador nos comunica uma mudança na relação que sua mãe estabelece com o crime, utilizando-se da discussão sobre identidades para criar uma prova um tanto frágil, por meio de uma argumentação também pouco sólida. Para argumentar, o narrador se coloca de maneira distanciada com relação à juventude, afirmando que “[a] strange mood has seized the almost-educated young” (p. 145). Apontando, e já julgando enquanto expõe sua ideia, que na realidade, revela posições sociais e culturais bem marcadas, que a juventude, como uma massa homogênea, busque, na verdade, segundo o ponto de vista de quem narra, validação para as identidades escolhidas. A palavra escolhida merece uma pausa, uma vez que traz em si um equívoco fruto de preconceito e bastante circulado pelo discurso hegemônico em determinados contextos em que o conservadorismo aflora ainda mais.

Segundo o Glossário Lgbt, disponível no site do Governo do Estado da Bahia,

Orientação Sexual: Pode ser entendida como a identidade atribuída a um indivíduo em função de seu desejo e conduta sexuais, seja para com outra pessoa do mesmo gênero (homossexualidade), de gênero diferente (heterossexualidade) ou para pessoas de ambos os gêneros (bissexualidade). Portanto a expressão do termo “opção sexual” ou “preferência sexual” é incorreta. A explicação provém do fato de que ninguém “opta” ou “escolhe”, conscientemente, por sua orientação sexual. Assim como o heterossexual não escolheu essa forma de desejo, o homossexual (tanto feminino como masculino) também não.²²

O discurso do narrador traz em si fatores externos muito fortes na sociedade na qual nascerá, a ideia de que se escolhe a identidade carrega em si, primeiro, uma inocência em âmbito mais geral, pois como sabemos, o feto crê ser parte da raça humana, “free like no other mammal” (p. 144), o que não é exatamente verificável nas sociedades e no mundo real, como se fosse possível uma escolha individual da(s) identidade(s) que cada um de nós acaba por assumir ao longo da vida. Em segundo lugar, o preconceito está também presente na ideia de escolha de identidade, dentro dessa perspectiva, qualquer orientação sexual não heteronormativa seria uma opção do sujeito, o que, como sabemos, não é.

Feita a crítica à juventude que busca afirmação para suas identidades, já percebendo a

22

[http://www.saude.ba.gov.br/atencao-a-saude/saude-de-todos-nos/saudelgbt/glossario-lgbt/#:~:text=Portanto%20a%20express%C3%A3o%20do%20termo,feminino%20como%20masculino\)%20tamb%C3%A9m%20n%C3%A3o.](http://www.saude.ba.gov.br/atencao-a-saude/saude-de-todos-nos/saudelgbt/glossario-lgbt/#:~:text=Portanto%20a%20express%C3%A3o%20do%20termo,feminino%20como%20masculino)%20tamb%C3%A9m%20n%C3%A3o.)

problemática trazida pela seleção e pelo uso do termo “escolha”, o narrador segue no assunto e nos traz a fonte de seus conhecimentos, “[a] social-media site”, que lhe trouxe uma informação que reforça “sua” opinião sobre o absurdo de definirmos orientação sexual de maneira binária, embora ele mesmo discursse de um modo que, para dizer o mínimo, cria ruídos internos.

Outro aspecto importante é a comparação dos diversos gêneros disponíveis, “gender options”, com os carros, como se fosse uma grande vitória, ao invés de carros pretos, temos agora multicoloridos, “any colour you like, Mr. Ford”, sendo que a cor do carro é o menor dos problemas e certamente não o mais decisivo, chamar a atenção para a superfície, nos prende a discussões infinitas, rasas e que não contribuem muito (ou nada) para que possamos superar, de fato, as questões problemáticas do mundo onde vivemos.

Logo após se contradizer, afirmando que, no final das contas, biologia não é destino, celebra a oportunidade das escolhas, chegando ao limite de afirmar absurdos, que embora absurdos têm sua explicação no ponto de vista de classe, a dos abastados, dos privilegiados, “[i]f I turn out to be white, I may identify to be black”, novamente o exemplo dos carros parece contaminar, reduzindo a questão racial e toda a violência escamoteada por trás da igualdade racial que não chegou de todo para quase ninguém a um mero problema estético, superficial, de cor. O absurdo da frase se revela se tentarmos inverter, por exemplo, um jovem negro, morador de uma comunidade pobre, se decidir se declarar branco, teria sua “opção” aceita?

O monólogo segue apontando a vida intelectual, que ele tanto celebra e afirma melhor que a vida prática levada pelo seu tio, como algo que só trás tristeza e nos afasta de nós mesmos, uma vez que desconstrói formas de pensar, para construir novas, talvez mais aprofundadas, mas mudar dói e não parece ser o tipo de vida que o narrador quer para si.

Ah, the intellectual life! I may need advance warning if upsetting books or ideas threaten my very being by coming too close, breathing on my face, my brain, like unwholesome dogs. (2016, P. 144)

Aparentemente uma escuta mais atenta, uma pausa entre os assuntos para refletir, investigar hipóteses, faz muita falta ao narrador, que pula sem escalas das ideias, já tão pouco

suas, vindas de fontes que em sua maioria são opiniões de terceiros, para seus próprios julgamentos, suas próprias opiniões, gerando um capítulo, e um romance, com ideias opostas, conflitantes, que são apresentadas como complementares, muitas vezes como equivalentes, o social não tem importância na visão do narrador, mas o tem muito mais do que ele suspeita.

Lemos a seguinte afirmação em certo ponto da narrativa, “I’ll feel, therefore I’ll be. Let poverty go begging and climate change braise in hell. Social justice can drown in ink.” (p. 145), demonstrando interesse apenas em sua própria individualidade, sem saber que essa postura, por si só, já é social, “I’ll be an activist of the emotions, a loud, campaigning spirit fighting with tears and sighs to shape institutions around my vulnerable self. My identity will be my precious, my only true possession, my access to the only truth” (p. 145), em um mundo cheio de ativistas da própria emoção, onde só existe, de mais claro, a identidade para que possamos nos agarrar no oceano incerto do presente eterno, um universo de verdades únicas volta a ser desejado, cortejado, projetado e construído.

Após toda essa digressão, o narrador afirma estar sendo sarcástico, entretanto, não é claro sobre o que, se sobre a última frase, se sobre toda a temática de gênero e de raça. O que sabemos com clareza é que tudo isso parece servir para suavizar a culpa da mãe no assassinato do pai, com uma argumentação de extrema fragilidade. Podemos seguir apontando a falta de percepção do narrador, já demonstrada anteriormente, pois crê que a mãe é parte de um movimento maior e não percebe, tratando a mãe como um ser inferior e pouco inteligente, entretanto, o erro de julgamento não é crer que a mãe não percebe o novelo social no qual e pelo qual está envolvida, mas é não perceber que todos estão, inclusive ele.

Em seguida, todas as elucubrações servem de base, ao menos para o narrador, para suavizar a culpa materna no crime, “[s]he affirms, she identifies as innocent”. (p. 147), a mãe, para o narrador, é inocente, pois além de se identificar como tal, não sabe o que faz, pois é mulher, preconceito já apontado algumas vezes. Já o tio, por sua vez, sabe o que faz, por isso, “Claude, unlike Trudy, owns his crime” (p. 147).

A jogada argumentativa do narrador além de frágil é repleta de problemas, ao equalizar identidade de gênero com as identidades de “assassino” ou “inocente”, não só fazem uma lógica tortuosa, criando um caminho de um pensamento A, que de modo algum, chega a um pensamento B, há um curto-circuito no raciocínio, que é resolvido com um remendo, colasse em ligação direta os pontos A e B, usando a questão de identificação de gênero para inocentar a mãe, uma vez que se declara inocente, logo, deve ser respeitada

dentro de sua escolha.

Ao mesmo tempo em que a identidade de gênero, supostamente, daria ao criminoso a possibilidade de ser inocentado, há inversamente a criminalização das orientações sexuais diversas. O erro é fácil de ser apontado, bastaria apontar que orientação sexual não é uma opção, o que já invalidaria todo o argumento do narrador, mas ainda há outras questões a ponderar, a orientação sexual não requer um plano, como requer (e requis) o assassinato de John, há na narrativa um planejamento de longa data, prévio, depois ocultamento de provas, tudo extremamente planejado e dramaticamente encenado, “[e]ven as she strains to clean up traces in the kitchen, she feels blameless and therefore is—almost. Her grief, her tears, are proof of probity. (p. 147)

Tão preso ao movimento dos dias quanto sua mãe, seu pai e seu tio, o narrador segue não percebendo o quanto ele é menos especial do que gostaria de ser, o autor implícito novamente nos dá sinais disso, quando o narrador fala mal de Claude, que é um tanto parecido com ele em muitos aspectos, afirma que “Claude doesn’t know he’s stupid. If you’re stupid, how can you tell?”, o narrador não consegue perceber muitas de suas limitações, se ele não consegue perceber, como poderia descrevê-las? Entretanto, ao lermos o romance coletamos diversos elementos que nos apontam para isso. Após nos demonstrar de maneira exemplar o quanto não percebe, por meio daquilo que não nota, das ideias conflitantes que não lhe chamam a atenção, dos preconceitos que destila, da falta de consciência de posição de classe, termina o capítulo com mais uma verdade absoluta, sem nenhum desenvolvimento, espécie de “confia em mim que eu sei do que estou falando”: “But I know what they mean,” (p.148).

Neste ponto, cremos que podemos retornar às questões linguísticas apontadas e discutidas no início do presente capítulo, para que, assim, possamos fechar o nosso raciocínio, uma vez que agora se faz mais clara a relação entre a função social da linguagem, a formação de certa subjetividade contemporânea e a realidade cotidiana. Com o auxílio novamente de Rosa, podemos sistematizar o seguinte:

Segundo Deleuze e Guattari, “a linguagem só pode ser definida pelo conjunto das palavras de ordem, pressupostos implícitos ou atos de fala que percorrem uma língua em um dado momento”. Os pensadores compreendem a palavra de ordem como redundância do ato e do enunciado. Nesse sentido, existem duas formas de redundância: a frequência, que diz respeito à significância, e a ressonância, que diz respeito à subjetividade da comunicação. Para eles, “não existe enunciação individual

nem mesmo sujeito de enunciação”. (ROSA, 2019, p.47)

Deste modo, assim como não é possível pensar uma língua livre da sociedade em que está inserida e da história da mesma, não podemos sequer cogitar imaginar uma subjetividade que se forme sem ser atravessada pelo seu tempo e espaço, pela sua sociedade, pela sua cultura, pelo modo de produção hegemônico, que é colocado como o único possível, não à toa a criatividade parece banida da escola, do aprendizado, seja ela qual for, do nosso modo de nos constituirmos enquanto individualidade e cidadãos.

2.1 - “Se o rádio não toca, a música que você quer ouvir(...)”²³

“Who, at the Internet’s inception, would have foreseen the rise and rise of radio, or the renaissance of that archaic word, ‘wireless’?”
(McEwan, 2016, p.4)

Para se formar biologicamente, o narrador de *Nutshell*, como todo feto, se nutre e faz suas trocas gasosas por meio do cordão umbilical, pelo qual recebe da mãe, além do vinho, é claro, os nutrientes e o oxigênio, necessários para que a vida permaneça em seu corpo e para que este possa ir se desenvolvendo. Por outro lado, a formação subjetiva do narrador de *Nutshell* se dá através de estímulos do mundo externo, mas precisamente por meio do acúmulo e da sucessão de informações, que não chegam a se fixar tempo o suficiente para que se tornem conhecimento e reflexão crítica, tudo isso mediado pela audição, conforme vimos até este ponto da tese. Parece-nos produtivo, a partir daqui, fixar nosso olhar nas informações que a narrativa nos oferece no que diz respeito às informações ouvidas pelo narrador e selecionadas pelo autor implícito, que dá ao leitor como uma espécie de desafio de interpretação, no qual podemos, como o narrador, ir coletando e colecionando fatos ou nos deter em cada uma das informações e tentarmos tirar sentidos mais profundos, que interferem na formação desse sujeito.

A primeira aparição no romance da fonte de “conhecimento”, através da qual o feto se (in)forma, se dá logo nas primeiras páginas, em trecho já citado anteriormente, mas que citamos novamente para observá-lo por outro ângulo:

“My mother, Trudy, when she isn’t with her friend Claude, likes the radio and prefers talk to music. (...) I hear, above the launderette din of stomach and bowels, the news, wellspring of all bad dreams. Driven by a self-harming compulsion, I listen closely to analysis and dissent. Repeats on the hour, regular half-hourly summaries don’t bore me. I even tolerate the BBC World Service and its puerile blasts of synthetic trumpets and xylophone to separate the items. In the middle of a long, quiet night I might give my mother a sharp kick. She’ll wake, become insomniac, reach for the radio. Cruel sport, I know, but we are both better informed by the morning. (2016, p.4)

O rádio parece ser a predileção da mãe, mais do que a televisão, o que é significativo,

²³ O título foi tirado de uma canção de Raul Seixas e Paulo Coelho.

no que diz respeito à formação do feto, uma vez que mesmo quando tem acesso à programação televisiva, o narrador pode apenas contar com a parte sonora dessa mídia. Novamente é delegada à sua mãe uma certa um certo grau de inferioridade, uma vez que prefere “*talk*” e não “*music*”, criando um panorama que diferenciaria aqueles que pensam só no rasteiro dos dias, como os que fariam parte do grupo dos Claude em contraposição aos que, como seu pai e ele, fariam parte do mundo da cultura, da arte, da sensibilidade para além do banal, o que, como vimos, é uma ilusão, provada no próprio romance, já que o narrador é flagrado em contradição.

Embora fique implícito sua preferência por música, o que é endossado por vários outros comentários pró-erudição ao longo da narrativa, e adotar uma postura cética e contrária à realidade, como se fosse possível ir contra o real, “the news, wellspring of all bad dreams”, ao passo que, mesmo não querendo dar o braço a torcer, “Driven by a self-harming compulsion”, a forma como coloca o que escuta é muito mais simpática ao “talk” do que afirma. Vejamos a escolha de alguns termos que vamos destacar em negrito, “I listen **closely** to analysis and dissent. Repeats on the hour, regular half-hourly summaries **don’t bore me**”. Além dos termos serem reveladores, apontam para informações pouco aprofundadas, “analysis and dissent”, “summaries” que se repetem, como criações de segunda mão de originais aos quais não se tem acesso. E quando finalmente a música surge, tentando adotar o ponto de vista do narrador, ela está longe de ser algo que ele talvez considerasse alta cultura, considerando que isso de fato existisse, “I even tolerate the BBC World Service and its **puerile blasts of synthetic trumpets and xylophone to separate the items**”, fora o fato de ser uma música sintética com a mera função útil de separar blocos de programas.

O parágrafo se encerra com o já apontado traço de violência, na estrutura *os fins justificam os meios* que o narrador adota quando é de seu interesse, no entanto, é fundamental perceber o quanto as outras personagens também adotam tal estrutura, Trudy e Claude, matam John pelo fim de ficarem com a propriedade, estrutura que une a todos numa mesma lógica de autopreservação, nem que o custo seja a vida de outrem. Além disso, o narrador fala pela mãe, assumindo que ela esteja bem informada, uma vez que ele está e há uma incapacidade de ler o mundo sem se utilizar como padrão. Outro detalhe já investigado, se por um lado, supondo que seja verdade, acordam bem informados, não acordam mais sábios ou mais conscientes.

A próxima aparição do rádio é para trazer ao leitor a informação de uma participação

do pai em programa de rádio falando sobre poesia, após contar sobre a relação do pai com a poesia, aproveita para o apresentar também pelo que representa em dinheiro, “[h]e has less money than Trudy and far less than Claude. He knows by heart a thousand poems”, (2016, p.10), o isolamento da frase que aparenta estar fora de contexto chama atenção para nosso olhar de investigador, sugerindo que quando a informação do rádio surge, o autor implícito deixa rastros para que o leitor complemente, através de algum esforço de leitura, o sentido que o narrador não consegue dar a si, aos outros e ao mundo de modo geral.

Seguindo na investigação desses momentos em que o rádio surge como fonte de informação, lemos páginas a frente o seguinte:

On the radio today, a woman recounted hitting a dog, a golden retriever, with her car on a lonely road at night. She crouched in her headlights by its side, holding the dying creature’s paw through its spasms of frightful pain. Large brown forgiving eyes stared into hers all the while. She took in her free hand a rock and dashed it several times against the poor dog’s skull. To dispatch John Cairncross would take only one blow, one *coup de vérité*. Instead, as he begins to recite, Trudy will assume her bland, listening look. I, however, attend closely. (2016, p.13)

A estrutura da repetição se faz presente, “a woman **recounted**”, e a história contada é uma forma de comparar a relação de uma desconhecida que atropela por acaso um cachorro de raça, cena de atmosfera fúnebre e quase de filme de terror, uma pessoa, sozinha, numa “lonely road at night”, a estrutura do drama de segurar a pata do cachorro morrendo com espasmos de dor lancinante. É interessante notar o detalhe de atribuir ao animal um sentimento que, ao que tudo indica, é um desejo da mulher que o atropelou transferido ao cão, “[l]arge brown forgiving eyes stared into hers all the while. E o ato de misericórdia e de afeto, em outros termos, cuidado, é de extrema violência, “[s]he took in her free hand a rock and dashed it several times against the poor dog’s skull”, por outro lado, para o narrador, aparentemente, com o pai a violência seria menor e o cuidado o que ele mereceria, bastaria um golpe, enquanto sua mãe se omitiria e ouviria, aliás, lhe oferecendo um “bland, listening look”, enquanto ele, novamente num gesto de diminuir a mãe, “I, however, attend closely”.

No que diz respeito a historietas da motorista e do cachorro, o que temos é uma narrativa fácil e apelativa aos sentimentos, feita para comover os leitores, não exatamente para fazê-los sentir, seja pena, seja comoção, seja o que for, mas para que reajam rapidamente

à situação, sentindo superficialmente e podendo seguir para o próximo bloco, a próxima atração, como faz o narrador no próprio parágrafo. O narrador praticamente faz uma descrição da história, atribuindo e aceitando os sentimentos que foram dados pela voz no rádio, sem se deter para que pudesse ele mesmo sentir algo, refletir sobre, passando para uma comparação rasa de uma situação com a outra e seguindo em frente, repetindo sua fórmula, “minha mãe é menos, eu sou incrível”.

O narrador se coloca em primeiro lugar, como se o comesse para ele ao redor de seu umbigo, o que por um lado, no caso do feto, é verdade, mas nem tudo no mundo acontece para ou contra ele, alguns elementos na passagem abaixo nos apontam novamente para esta conduta:

I see that my fingernails need clipping, though I'm not **expected** for two weeks. **I'd like to think that her purpose out here is to generate vitamin D for my bone growth, that she has turned down the radio the better to contemplate my existence, that the hand caressing the place where she believes my head to be is an expression of tenderness.** But she may be working on her tan and too hot to listen to the radio drama about the Mughal emperor Aurangzeb, and is merely soothing with her fingertips the bloated discomfort of late pregnancy. In short, I am uncertain of her love. (2016, p. 31)

E ao mesmo tempo, não perde a oportunidade de duvidar da capacidade materna, dessa vez, da capacidade de amá-lo, “[b]ut she may be working on her tan”, dando a entender, também, que a mãe estaria preocupada com a aparência externa, que ela seria só a superficialidade, ideia reforçada pelo fato de desprezar o drama do imperador mongol, Aurangzeb. Por essa entrada, o nome do imperador ignorado pela mãe, mas pelo feto também, embora atribua à mãe as decisões de mudar de estação e não lhe permitir escolher o que ouvir, começamos a investigar detalhes que passam quase despercebidos, uma vez que o autor implícito fez questão de os citar e fez questão de citar os que estão na narrativa e não outros temas, tópicos, fatos.

Em uma breve pesquisa, pudemos descobrir que o imperador Aurangzeb para assumir o cargo que ocupou por 20 anos, voltou-se contra a própria família, prendendo o pai velho e doente e matando seus irmãos rivais ao trono, a similaridade entre a narrativa de *Nutshell* e o drama do imperador não param no fato de um irmão matar o outro, mas também os motivos, com o devido cuidado, se aproximam. Além das questões que revelam que o mogol faria e

fez tudo o que fosse possível para conseguir seus objetivos, há um traço de dominação de território, de acúmulo de terras, que, como é de conhecimento escolar, era o principal sinal de riqueza durante a idade média.

Uma característica apontada por Fredric Jameson sobre o nosso tempo contemporâneo é a aparente mudança por traz de continuidades revestidas apenas de novas cores, sendo assim, o plano de assassinato de John para que ficassem com a propriedade, retirando uma parte da divisão da herança da jogada, objetivo final do tio Claude, pode ser entendido como uma manifestação pós-moderna do processo de colonização e expansão territorial e acumulação de riqueza que se dá desde há muito tempo na história da humanidade, entretanto, no lugar de imperadores, reis e similares, temos empresas privadas que por meio da acumulação de terrenos, sobem prédios enormes, tirando o maior proveito vertical no menor espaço possível quanto à lateralidade.

Somando todas essas aparições, à primeira vista, não tão significativas, podemos começar a desenhar um mundo no romance que nos é, dentro da limitação que esse nós comporta, bastante cotidiano e familiar. Observemos a seguinte passagem:

My hope of discovering more is to wait up all night to catch them in one more disinhibited aubade. Claude's untypical "we can" first caused me to doubt his dullness. Five days have since passed—and nothing. I kick my mother awake but she won't disturb her lover. Instead she clamps a podcast lecture to her ears and submits to the wonders of the Internet. She listens at random. I've heard it all. Maggot farming in Utah. Hiking across The Burren. Hitler's last-chance offensive in the Ardennes. Sexual etiquette among the Yanomami. How Poggio Bracciolini rescued Lucretius from oblivion. The physics of tennis. (2016, p.23)

Para além da questão de os assuntos serem apenas listados, um atrás do outro, como uma coleção mesmo de qualquer coisa, podemos investigar os assuntos que o autor implícito escolheu listar.

Em primeiro lugar temos "Maggot farming in Utah". No estado de Utah, Estados Unidos, a criação de larvas serve para alimentar frangos, sendo uma saída econômica para tentar diminuir os custos com produtos químicos que aceleram o metabolismo, além disso, são uma fonte de energia mais limpa, conforme trecho de um dos muitos sites que tratam sobre esse novo ramo agropecuário,

Hog waste may be a huge and smelly pollution problem, but Dominion Energy, which provides natural gas to 1 million customers in Utah, Wyoming and Idaho, sees it as an unexploited resource, the *Deseret News* reports. Now, Dominion's director of gas development, Ryan Childress, says his company is partnering with Smithfield Farms, the world's largest pork producer, to become "the most sustainable energy company in the world." At Smithfield's 26 hog farms in Utah, anaerobic digesters will break down waste and produce methane, aka renewable natural gas. Childress calls the project a triple win: "clean renewable energy to customers, taking greenhouse gas emissions out of the atmosphere, and giving farmers a new way to make money."²⁴

Não conseguimos encontrar nenhuma reportagem apontando aspectos negativos de tal criação, todos são unânimes em apontar as benesses da criação de larvas. Entretanto, precisamos olhar novamente, ainda que as informações nem sempre estejam assim tão disponíveis quanto é amplamente pregado em nosso tempo, nesses lapsos informacionais entra a necessidade de usarmos de nossa capacidade de pensar, recusar certas opiniões parciais e construir um sentido mais amplo para os fatos que se apresentam à nossa compreensão. Por meio dessa forma de proceder, não encontraremos muitas verdades absolutas, muito menos coerentes, entraremos em contato com reflexões contraditórias, temporárias e sempre em xeque.

O fato dessa forma de atividade pecuária ajudar a impactar menos o ambiente é verdadeiro, porém, o intuito de preservar o meio-ambiente é apenas secundário, está em questão, que nos parece o principal é a otimização dos lucros, uma vez que o método é capaz de transformar, literalmente, cocô em dinheiro, ao fim e ao cabo, a questão é econômica, "clean renewable energy to customers, taking greenhouse gas emissions out of the atmosphere, and giving farmers a new way to make money". Também não podemos desprezar outras questões que a mera existência de fazendas de criação de seja qual for o animal ou inseto, pressupõe acumulação de terra na mão de poucos, quase sempre implica desmatamento de vegetação nativa, sendo assim, a preocupação com o ambiente e os benefícios trazidos na criação de larvas, contra os aspectos problemáticos do agronegócio, resultam numa balança deficitária no que diz respeito à preservação do planeta. Cabe lembrar que "[o] setor da produção animal é um dos três maiores responsáveis pelos problemas

²⁴ Fonte: <https://www.hcn.org/issues/52.2/humor-tumbleweed-mayhem-maggot-farmers-cowboy-shrimp>. Último acesso 02/06/2022 às 15:06

ambientais do planeta. É preciso considerar, ainda, que a criação de animais, especialmente em confinamento, exige alto consumo direto e indireto de insumos.”²⁵

O segundo selo de informação é “hiking across The Burren”. Esta referência parece-nos, amplifica a ideia de que estamos cada vez mais a passar pelas coisas, pelas informações, como verdadeiros turistas na vida, de passagem, para tirarmos algumas fotos, sem nos fixarmos em canto algum por muito tempo. The Burren é um local portador de múltiplos símbolos e com muita história decantada. O local abriga um farol que é o marco da fronteira entre a Irlanda do Norte e a Escócia, tendo portanto, uma importância geográfica, política e histórica. Além disso, lá se encontram diversos assentamentos arqueológicos. Os assentamentos arqueológicos presentes lá são em sua maioria relacionados a tumbas, restos mortais, locais utilizados em anos antes de Cristo para rituais fúnebres, uma espécie de solo sagrado.

A configuração cárstica foi formada a partir de calcário depositado há cerca de 350 milhões de anos. A anta foi construída por fazendeiros do Neolítico, que escolheram o local seja para o ritual, como marco territorial, ou como cemitério coletivo. O que resta hoje é apenas o "esqueleto de pedra" do monumento original; originalmente teria sido coberto com solo, e sua laje coberta por um monte de pedras.²⁶

O local, como é comum que aconteça com a passagem do tempo, foi modificando seu significado, seu sentido, até se converter em um produto entre outros, que não se leva para casa, mas o qual pode proporcionar uma breve experiência, se é que o termo cabe, que pode, e deve, ser fotografada, convertendo todo o conteúdo histórico, arqueológico e antropológico em polaroides rasas, o conteúdo passado, apesar de presente, ainda que como vestígio. Paradoxalmente, conforme o tempo passou o acumulado de sentido do local e de seus significados foi se subtraindo e não se somando.

Quando o local foi escavado em 1986 e novamente em 1988, cerca de 33 restos humanos, incluindo os de adultos, crianças (e os restos mortais de uma criança da Idade do Bronze muito posterior) foram encontrados enterrados sob ele, junto com

²⁵ Fonte:

<https://www.producaodebiodiesel.com.br/meio-ambiente/como-a-criacao-de-animais-esta-impactando-o-meio-ambiente>. Último acesso em 02/06/2022 às 14:45

²⁶ Fonte: https://en.wikipedia.org/wiki/The_Burren. Último acesso em 02/06/2022 às 16:17.

vários objetos de pedra e osso que seriam foram colocados com eles no momento do enterro. Os restos mortais e os objetos funerários datam de entre 3800 a.C. e 3200 a.C.²⁷

Não apenas o conteúdo é acachapado, mas a própria experiência acaba contaminada pela superficialização, a experiência que se compra é mais um passar por, do que propriamente vivência, podemos perceber isso com ainda mais clareza se nos atentamos à atividade que o rádio está divulgando sobre *The Burren*. No mundo dos esportes da natureza há uma diferença, sutil por vezes, entre as modalidades de caminhada, fiquemos com a diferença entre *trekking* e *hiking*.

Segundo entrada no blog de Raquel Hora Aimone trekking:

São caminhadas de 2 ou mais dias em que você tem necessidade de levar barraca, isolante térmico, saco de dormir, equipamento de cozinha (panelas, fogareiro, combustível) além da comida para os dias de atividade.²⁸

Ou seja, tal modalidade traz consigo uma ideia de permanência, de estar, além de apenas ser, permanecer. Por outro lado, no mesmo blog, aprendemos que o traço distintivo entre *trekking* e *hiking* é a duração, a profundidade da experiência:

[Hikings] [s]ão caminhadas de 1 ou mais dias, em que você não tem a necessidade de levar barraca, isolante térmico, equipamento de cozinha e comida extra para os dias de caminhada.

Sendo assim, estamos diante de uma atividade de passagem, de não permanência, de curta duração. Podemos, desse modo, perceber o quanto é ainda atual a caracterização feita

²⁷ Fonte: https://en.wikipedia.org/wiki/The_Burren. Último acesso em 03/06/2022 às 09:14.

²⁸ Fonte: <https://www.horanaestrada.com.br/hiking-x-trekking-entenda-a-diferenca-entre-essas-duas-atividades/>. Último acesso em 03/06/2022 às 10:03.

por Fredric Jameson acerca do nosso tempo, sobre a mudança de um modelo cultural hegemonicamente fundado em profundidades para a hegemonia de uma nova superficialidade:

But there are some other significant differences between the high modernist and the postmodernist moment, between the shoes of Van Gogh and the shoes of Andy Warhol, on which we must now very briefly dwell. The first and most evident is the emergence of a new kind of flatness or depthlessness, a new kind of superficiality in the most literal sense—perhaps the supreme formal feature of all the postmodernisms to which we will have occasion to return in a number of other contexts. (JAMESON, 1984, p.62)

Tal superficialidade é celebrada pelo narrador, “surfaces are everything” (2016, p.6), mas ainda que não fosse, ela se infiltra nas relações entre feto e mãe, tio e mãe, entre todas as personagens que desfilam nas páginas do romance, impactando na formação da subjetividade do narrador, que apesar de saber de cor listas de informações, confunde estar informado com aprendizado, não percebe que, uma vez que as superfícies são tudo, a falta de aprofundamento é determinante na organização maior do mundo em que nascerá e em sua formação pessoal, social e histórica.

Da caminhada pelo sítio arqueológico convertido em fotografias, o assunto pula no tempo, no espaço e no teor, agora a lista nos apresenta “Hitler’s last-chance offensive in the Ardennes” (2016, p.23). Entramos em território bélico, a Segunda Guerra Mundial sendo marcada, entre outras coisas pela centralidade do rádio, fosse na propaganda bélica e nacionalista, fosse na transmissão do conflito ou ainda na comunicação em campo de batalha, parece-nos que a chave dessa entrada na lista de assuntos vem por meio do rádio, levando-nos a solidificar ainda mais a desconfiança nas palavras do narrador, não porque ele queira enganar o leitor, mas primeiro por comprar o que ouve pelo preço que as notícias são vendidas a ele, depois por ser o rádio, como qualquer mídia, uma forma de comunicação imparcial na aparência, na superfície, mas totalmente ideológica e parcial na essência. A figura de Hitler e, através dele, do Nazismo aponta para o uso do rádio praticamente como arma de guerra:

Na Alemanha nazista uma figura política foi muito importante no impulso dos meios de comunicação, Joseph Goebbels, ministro da Propaganda, entre 1933 e 1945. Utilizando o controle que detinha sobre o rádio, a televisão e os jornais, consequência do governo totalitário, Joseph soube aproveitar a oportunidade para comandar a máquina de propaganda do partido. (FORNER e SILVA, 2017, p.5)

O rádio, na batalha específica, a do Bulge, foi marcante pela sua pouca utilização de maneira estratégica, no auge da informação via ondas de rádio, em segredo, os Nazistas planejaram movimentações estratégicas para dividir os inimigos, mas a estratégia, por fim, acabou fracassando.

Esta operação foi planejada em segredo, com pouco tráfego de informações via rádio, com o movimento de tropas sempre acontecendo a noite enganando a inteligência dos Aliados que foram incapazes de antecipar a ofensiva imaginando que uma movimentação em massa de soldados seria perceptível aos aviões de reconhecimento.

29

Tanto a informação quanto a desinformação são usadas com intuitos muito específicos, com propósito, com parcialidade, em resumo, ideologicamente, é importante ouvir, escutar, refletir sobre o que nos é trazido. O narrador, como passa como quem faz caminhada pelas informações, como quem coleciona selos, não tem um momento de pausa para refletir seriamente sobre o que lhe chega aos ouvidos, portanto, a questão “a quem beneficia, a quem interessa tal informação dada desse e não de outro modo?” sequer se coloca.

Da Europa, no tempo de um ponto final, desembarcamos na América do Sul, Brasil e Venezuela, onde residem os Yanomamis e dos quais o rádio levou informações ao narrador sobre a “[s]exual etiquette among the Yanomami”. Aqui algumas citações são necessárias, começemos por observar a questão do casamento para os Yanomamis:

²⁹ Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Batalha_das_Ardenas. Último acesso em 03/06/2022 às 10:50.

Marriage is a social dynamic within villages, and they are usually driven by political opportunity by men who are seeking alliances with other men from different villages. Polygamous marriages are common, meaning husbands can have many wives. The demand for women outweighs the actual population of the Yanomami women because of the growing practice of polygamy. A girl can be promised to a man at an age as young as five or six, however cannot officially be married off until after her first menstrual period. This is considered a marriageable age.

O papel da mulher na sociedade descrita é pouco mais do que um objeto de troca, um trunfo econômico e político. Enquanto o casamento não monogâmico é possível, ele só o é para os homens, além disso, a idade de casamento para as mulheres é menor do que o que estamos acostumados nas sociedades ocidentais, nas quais as crianças são amparadas por leis para terem os direitos de serem crianças garantidos, ao menos em teoria.

A princípio podemos incorrer no preconceito de julgar a cultura patriarcal e machista atribuindo todas essas questões problemáticas ao fato de, como alguns ainda acreditam, serem os nativos povos não civilizados, entretanto, vejamos, onde mais lemos sobre uma mulher que tem o casamento ou a união com um homem, dois aliás, motivo pelo qual é julgada pelo filho, já o pai aparentemente sai com outras mulheres e não é uma questão a ser discutida, que é vista como objeto útil, tanto pelo filho, quanto pelo amante e pelo ex-marido, que é a mediação entre o homem que quer terra, propriedade e a terra? Portanto, o fato de chamarmos de etiqueta sexual dos Yanomamis os costumes, extremamente injustos e desiguais para homens e mulheres, etiqueta sendo traço de civilização, a questão sexual do povo mencionado, traço de barbárie, uma vez que:

Violence and abuse between couples in Yanomami culture is very common, and if a woman feels she can no longer bear to live with her husband, she may flee to live with her brothers.³⁰

E

³⁰ Schwartz, David M, with Victor Englebert. *Vanishing Peoples Yanomami People of The Amazon*. New York: Lothrop, Lee & Shepard Books.

Women are beaten with clubs, sticks, machetes, and other blunt or sharp objects. Burning with a branding stick occurs often, and symbolizes a male's strength or dominance over his wife.³¹

Nos revela não apenas a brutalidade dos costumes Yanomamis, mas o quanto há de brutalidade, de violência velada nas ditas sociedades civilizadas, em que as violências passam batidas, muitas vezes, uma vez que estão enraizadas na cultura hegemônica, um caso, que já citamos no romance, a normalização da cultura do estupro, que aparece sutilmente em:

This was an unusual conversation for them and I listened intently. My father, whose name is John, said that if he had such a power over her or women in general, he couldn't imagine giving it up. I guessed, from the sympathetic wave motion which briefly lifted my ear from the wall, that my mother had emphatically shrugged, as if to say, So men are different. Who cares? Besides, she told him out loud, whatever power she was supposed to have was only what men conferred in their fantasies. Then the phone rang, my father walked away to take the call, and this rare and interesting conversation about those that have power was never resumed. (2016, p.7)

Há num mesmo trecho de narrativa John assumindo que gostaria de ser desejado, não só por Trudy, mas por qualquer mulher (“women in general”), a colocação de Trudy contra a violência velada e a culpabilização da mulher por ser mulher e, por fim, o abandono da discussão como se fosse um entre outros assuntos sem maior consequência para os indivíduos e para a sociedade.

Sociedade essa que ensina que racionalizar é sempre positivo, desde os Renascentistas, dentre eles, o citado no mesmo trecho em análise, Poggio Bracciolini, que “rescued Lucretius from oblivion”. A obra encontrada por Bracciolini é um poema didático escrito por Tito Lucrécio no ano I a.C.

De rerum natura (Sobre a natureza das coisas) é um poema didático, dentro do gênero dos *periphyseos* cultivado por alguns pré-socráticos gregos, escrito no século I a.C. por Tito Lucrécio Caro; dividido em seis livros, proclama a realidade do

³¹ Good, Kenneth, with David Chanoff (1988) *Into the Heart*. London: The Ulverscroft Foundation.

homem num universo sem deuses e tenta libertá-lo do seu temor à morte. Expõe a física atomista de Demócrito e a filosofia moral de Epicuro.

O título traduz-se do latim como *Sobre a Natureza das Coisas*, ainda que por vezes chega-se a traduzir como *Sobre a Natureza do Universo*, quem sabe para refletir a escala real que se trata no livro.³²

Ainda segundo a entrada do site citado acima:

A visão de Lucrecio é bastante austera, mas no entanto incita a alguns pontos importantes que permitem aos indivíduos um escape periódico de seus próprios desejos e paixões para observar com compaixão a pobre humanidade em seu conjunto, incluindo-se a si mesmo, podendo observar a ignorância, a infelicidade reinante, e incita a um melhoramento. A responsabilidade pessoal consiste em falar sobre a verdade pessoal que se vive. De acordo com a obra, a proposição de verdade de Lucrecio é dirigida a uma audiência ignorante. Esperando que alguém o escute, o compreenda e desta forma passe a semente da verdade capaz de melhorar o mundo.³³

Nesse aspecto, a obra de Epicuro é bastante idealista e, aos olhos dos leitores contemporâneos, ingênua, uma vez que é praticamente impossível pensar numa situação em que poderíamos, no mundo em que vivemos, no sistema econômico em que estamos inseridos, olhar a tal humanidade, incluir a nós todos, em outras palavras, termos uma noção da totalidade, para que pudéssemos “observar a ignorância, a infelicidade reinante, e incita[ria] a um melhoramento”, o que, por meio do romance percebemos não ser o caso, uma vez que estão, e estamos, cada qual tão ocupados em viver, para o feto, por exemplo, é questão de vida ou morte pensar em si, já que está em uma posição delicada de quem ainda nem nasceu, não sobra, no romance e na vida, tempo, energia para se enxergar parte de um coletivo maior.

Por fim, surge “[t]he physics of tennis”, fora o fato do elitismo do jogo tênis, se lembrarmos da obra cinematográfica, *Match Point*, o tênis, as artes, a literatura aparecem no filme como forma de ascensão (e manutenção) na ordem social, de maneira muito semelhante ao que vemos ao longo das páginas de *Nutshell*. Há outra semelhança entre as obras, o vale-tudo, inclusive assassinato, no filme um feminicídio, para que se atinja os objetivos financeiros. Pela regra do jogo, se a bolinha bate na rede e cai no seu campo, você perde, na

³² Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Poggio_Bracciolini. Último acesso em 03/06/2022 às 12:09.

³³ Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Poggio_Bracciolini. Último acesso em 03/06/2022 às 15:08.

cena final, a prova do crime bate na rede/cerca do rio, logo em frente ao centro econômico dos EUA, e cai no campo do moço que subiu na vida e matou a amante e a vizinha, dano colateral, perdeu, mas ganhou, porque o campo dele é o centro econômico do capitalismo onde quem ganha, mesmo quando perde, com os contatos e os movimentos certos, ainda assim, ganha. Há um pouco de estratégia na narrativa do narrador de *Nutshell* que parece querer cativar o leitor, para que esse possa ver as coisas pela perspectiva de seus ouvidos de feto. O narrador do romance, parece que mesmo com várias perdas, no fim, vai herdar tudo, apesar dos pesares. Perde e ganha, já que em seu caso, a cadeia pode ser também o seu destino, quem sabe a adoção.

Em *Nutshell*, o silogismo “Penso, logo existo” parece ter se atualizado, o que já foi sinal de reflexão, existência autônoma, ação, converte-se em atos reflexos, reações, que apenas de maneira ilusória se transformaria em aprendizado, tudo isso, como já vimos, mediado pela audição, nem sempre pela escuta, “I stay awake, I listen, I learn”. sem descanso, escuta-se sobre tudo e mais um pouco e acredita-se que aprende, acredita-se que o primeiro pensamento é a perda da ilusão, como diz o narrador logo de início, eis a mais nova ilusão. O narrador do romance está literal e literariamente preso a condições extremamente contemporâneas de (não) ser e de estar, sob o constante jugo da produção, seja de algum sentido, seja de formas diversas de produzir capital.

Em *Rituais do Sofrimento*, Silvia Viana Rodrigues aponta aspectos que o trabalho assume no atual momento do capitalismo, aspectos que parecem reger a formação do narrador, ainda que se veja e se coloque contrário ao utilitarismo, à produção, parece não escapar às condições e às consequências dessa realidade, na qual,

Assim como o capital não realizou sua fantasia, também o capital humano busca em vão se livrar de sua materialidade. Pois as fichas de aposta das pessoas S/A são ainda o bom e velho trabalho concreto. Entretanto, é apenas sob a forma fetichista de capital humano que o trabalho pôde retornar à arena ideológica (...) A obrigatoriedade do confinamento, até mesmo em programas [*reality shows*] nos quais, a princípio, é desnecessário, mais que expor a intimidade dos participantes, inclui o que antes era tido por “tempo livre” na esfera heterônoma da produção (...) O espetáculo da realidade reproduz a subsunção total do trabalho sob o regime de acumulação flexível. Todo o tempo é de produzir, pois toda a ação é um investimento, necessário para quem não quer perecer, em capital humano. (RODRIGUES, 2011, p. 103)

Outro aspecto que o narrador quer eliminar de sua formação enquanto sujeito, o trabalho, a produção, permeiam sua vida pré-mundo exterior, sempre acordado, sempre produzindo, ou reproduzindo, sentido, confinado no *reality show* de sua própria, e tão pouco própria, vida, eis outro aspecto que unem todos no romance, o pai que produz, com prejuízo, livros, produtos culturais para um nicho específico do mercado, o tio, especulador imobiliário, a mãe que produz uma nova vida, em todas as páginas do romance as ações se convertem em produção, ao cabo e ao fim, todos perdem, o pai, a vida, a mãe e o tio, a liberdade, talvez a propriedade, quem lucra é o capital, que nada sofre, apenas acumula.

Podemos captar as incongruências e as cegueiras estruturais desse narrador, submetido às forças externas que regem o mundo no qual virá a fazer parte, em várias passagens, mas é bastante revelador um trecho no qual ele nos apresenta um assunto que, segundo ele, é mais pesado que o normal, mais pesado que a batalha mais sangrenta da segunda guerra, mais pesado que as mulheres Yanomamis sofrerem diversos tipos de violência. A saber, qual seria? “The state of the world” (2016, p. 22). Cabe-nos investigar o que significa, para o narrador, a genérica construção, “o estado do mundo”.

Conforme vamos tendo as informações que o narrador ouve e nos traz no corpo de sua narrativa, percebemos que os conteúdos por ele escutados que não lhe dizem respeito, ao menos não o dizem segundo sua ilusão, são assuntos destituídos de conteúdo, como que peças ocas, meras formas intercambiáveis, entretanto, nos momentos em que ele percebe que o assunto o ameaça diretamente, aí sim, e só assim, o assunto se torna pesado.

Começamos pela forma como o feto apresenta a jornalista, uma vez que quem traz a notícia é uma mulher, parece haver, por sua parte, a necessidade de validar a capacidade da mesma, “[a]n expert in international relations, a reasonable woman with a rich deep voice, advised me that the world was not well”, antes de anunciar ser uma mulher, acha necessário justificar a validade do que a mulher fala no rádio por sua formação e por sua especialização, uma expert no assunto de relações internacionais, logo, isso lhe deveria conceder uma sabedoria sobre o mundo, não obstante a escolha pelo adjetivo “reasonable”, dando a entender que é uma característica rara nas pessoas do sexo feminino, gerando uma espécie de versão inglesa e machista do tão nosso poema de Chico Alvim, “**OLHA// Um preto falando/ com toda clareza/ e simpatia humana**”, o narrador com quem diz: olha uma mulher falando com toda clareza e conhecimento humano. Não obstante o fato de a afirmação trazida pela especialista ser um tanto simplista, uma vez que afirma haver apenas dois estados de espírito

comuns no mundo, “self-pity and aggression”, não que sejamos especialistas em estado de espírito, mas reduções como essa, maniqueístas ou nunca explicaram a totalidade das relações ou deixaram de fazê-lo há muito tempo, suspeitamos que seja o primeiro caso.

In conclusion, she said, these disasters are the work of our twin natures. Clever and infantile. We’ve built a world too complicated and dangerous for our quarrelsome natures to manage. In such hopelessness, the general vote will be for the supernatural. It’s dusk in the second Age of Reason. We were wonderful, but now we are doomed. Twenty minutes. Click. (2016, p. 26)

A conclusão do narrador entra praticamente em simbiose com a conclusão do programa e a da especialista, mostrando na forma do romance o quanto falta de reflexão, o quanto sua fala é marcada antes pela reprodução de conteúdos do que propriamente pela construção de sentidos. Novamente a especialista aponta um maniqueísmo, agora para entender a natureza humana, seja lá o que isso queira dizer. Segundo ela, a culpa pelos desastres, começando pela problemática de culpabilizar indivíduos por questões sociais que se manifestam em ações individuais, seria dessa tal natureza dupla do ser humano, colocado todo no mesmo balaio, como se fossemos a tal da raça humana, “inteligente” e “infantil”. As várias afirmações, no mínimo questionáveis, se substituem, não exatamente se somam, certamente não são aprofundadas e, num breve período, “[t]wenty minutes. Click”.

A atenção e a preocupação do narrador se mostra novamente egoísta, aut centrada, quando nos apresenta um documentário que ouviu no rádio, um “too-long radio documentary”, o que contraria sua capacidade de se concentrar apenas em breves durações, portanto, é significativo percebermos o que o faz estar atento, ao menos como modo de dizer, ao tal documentário. Trata-se no romance de um documentário de rádio, entretanto, na realidade, há uma série televisiva com esse nome, muito próxima da descrição dada pelo feto.

Babies Behind Bars was a too-long radio documentary I listened to one afternoon. Convicted murderers in the States, nursing mothers, were allowed to raise their infants in their cells. This was presented as an enlightened development. But I remember thinking, These babies have done nothing wrong. Set them free! Ah well. Only in America. (2016, p.60)

A preocupação do narrador ignora as mães, a importância da presença dos filhos para as mulheres condenadas e encarceradas, que conseguem manter o direito de serem mães, uma vez que todos os outros, praticamente, lhes foram negados ao serem privadas de sua liberdade. A grande preocupação do narrador pensa apenas nos bebês e na sua própria sorte, já que o futuro pode reservar um destino semelhante ao das mulheres do documentário. A revolta do narrador é uma revolta estática, não há vetor de mudança, brada, “[t]hese babies have done nothing wrong. Set them free”, mas não pensa, logo, não propõe uma outra saída, senão ficar com as mães presas, com quem? Onde?

A admiração que nutre por tais programas é clara no discurso do narrador, seja quando ele afirma explicitamente tal sentimento, seja quando emula em seu próprio discurso a estrutura dos “radio talks”, “bulletins”, “podcasts”, uma vez que suas ideias são de curta duração, variadas, contraditórias, sem que ele se dê conta das contradições, substituíveis, pouco aprofundadas, não é o caso de generalizar, afirmar que todos os programas de rádio e podcasts são rasos por essência, mas os exemplos que brotam no romance, dando a entender que são os mais significativos para o narrador, tanto no gosto “pessoal”, quando em sua própria formação subjetiva.

These admirable radio talks and bulletins, the excellent podcasts that moved me, seem at best hot air, at worst a vaporous stench. The brave polity I’m soon to join, the noble congregation of humanity, its customs, gods and angels, its fiery ideas and brilliant ferment, no longer thrill me. A weight bears down heavily on the canopy that wraps my little frame. There’s hardly enough of me to form one small animal, still less to express a man. My disposition is to stillborn sterility, then to dust. (2016, P.90)

No fim, a luta pela autopreservação é justificada, e justificável, em um mundo onde a vida parece inconcebível, em que não só a sensação do narrador, mas a de muitos de nós, seja uma “disposition [...] to stillborn sterility, then to dust”, entretanto o feto, uma vez que luta para sobreviver, o que resume muito a vida sob o domínio do trabalho incessante. Um mundo de vidas espetacularizadas, em que só de sermos quem somos, estamos atuando em papéis, buscando um prêmio, manter-nos vivos, não sermos aniquilados, eliminados

[As pessoas em um reality show] ao serem elas mesmas, não realizam menos trabalho que um ator contratado, pelo contrário, absolutamente tudo o que fazem, da cama ao chuveiro, se converte em trabalho. Absolutamente tudo o que são, das idiossincrasias às neuroses, se converte em lucro para a emissora. E a forma de pagamento a essa outra forma de trabalho, que é a substância manifesta dos realities, se realiza apenas no prêmio final. Logo, entre todos os participantes, apenas um terá seu trabalho de ser vigiado recompensado. Ainda assim, não custa questionar, é possível estabelecer uma grandeza para esse trabalho? Um, dois milhões de reais pagam por aquilo o que um sujeito é? A desavergonhada resposta positiva a essa questão, dada pela própria existência do espetáculo da realidade, trás à luz aquilo o que o ideal de justiça burguês outrora mascarara: por trás da equivalência está a subsunção. (...) Essa apropriação imediata não é apenas conhecida, é ela que faz desse jogo aquilo o que ele é: um jogo de aniquilação. (RODRIGUES, 2011, p.18)

O narrador, “party in a plot” (2016, p.1) , como ele mesmo afirma, vive sua vida intrauterina já com a missão básica de sobreviver, de vencer os seus rivais, Claude, como a personificação desse papel, missão essa que, ao que tudo indica, seguirá guiando sua vida ao longo dos anos, embora ele afirme, “I believe in life after birth”, ele mesmo já tem seu momento de clareza, “though I know that separating hope from fact is hard” (2016, p.159).

Something short of eternity will do. Three score and ten? Wrap them up, I'll take them. On hope—I've been hearing about the latest slaughters in pursuit of dreams of the life beyond. (2016, p.159)

O aprendizado que forma o narrador é um aprendizado da disputa permanente e da resignação, “[s]omething short of eternity will do”, não é o que queria, mas serve, ainda que sua condição de nascimento pudesse ser ainda pior, o próprio presente ou futuro imediato se convertem em produtos que ele vai embalar e levar, “[w]rap them up, I'll take them”. Antes da largada, já aceita a derrota na corrida pelos seus sonhos, a esperança, barrada por um enorme travessão, parece não ter sido, nesse caso, a última a morrer, “I've been hearing about the latest slaughters in pursuit of dream of the life beyond”.

Mayhem in this world, bliss in the next. Fresh-bearded young men with beautiful skin and long guns on Boulevard Voltaire gazing into the beautiful, disbelieving eyes of their own generation. It wasn't hatred that killed the innocents but faith, that famished ghost, still revered, even in the mildest quarters. Long ago, someone

pronounced groundless certainty a virtue. Now, the politest people say it is. I've heard their Sunday-morning broadcasts from cathedral precincts. Europe's most virtuous spectres, religion and, when it faltered, godless utopias bursting with scientific proofs, together they scorched the earth from the tenth to the twentieth centuries. Here they come again, risen in the East, pursuing their millennium, teaching toddlers to slit the throats of teddy bears. And here I am with my home-grown faith in the life beyond. I know it's more than a radio programme. The voices I hear are not, or not only, in my head. I believe my time will come. I'm virtuous too. (2016, p.159)

Todo o parágrafo citado acima traz aspectos que reforçam os contornos que acomodação, passividade e resignação acabam por atribuir à subjetividade que vemos se formar ao longo de *Nutshell*. Caos neste mundo, felicidade no próximo, jovens que olham descrentes de si mesmos, a fé que, segundo o narrador, mata mais que o ódio, que mantém a fé na vida por vir, sempre por vir, mas que parece repetir o que já passou, “[h]ere they come again”.

And here I am with my home-grown faith in the life beyond. I know it's more than a radio programme. The voices I hear are not, or not only, in my head. I believe my time will come. I'm virtuous too. (2016, p.159)

Estamos notadamente no tempo em que o capitalismo se virtualizou tanto que de tão abstrato, enquanto modo de organização produtiva, social, econômica, de tão microscópico, adentrou o útero, afetando a vida antes do que se conhece por vida, que é desde que nascemos. O desejo do narrador são vários, mas relacionados, “my idea was To be” (2016, p.2), nascer, não morrer, “I still love her, I'd like her to know, but if she falls backwards, I die” (2016, p.74), “[m]y worry is that Trudy will tell Claude that she can't face eating. Not after the doorbell. Fear is an emetic. I'll die unborn, a meagre death” (2016, p.155), em outras palavras, o medo constante da aniquilação, da eliminação, um nunca descansar, nunca poder baixar a guarda ainda mesmo antes do nascimento. Ainda pensando nessa sociedade que se pauta nos rituais de sofrimento estudados por Silvia Viana Rodrigues (2011)

Aspirar é querer e é também levar ar aos pulmões. Por isso a propaganda do caráter empreendedor não mente quando afirma seu desejo irrefreável pelo que está adiante,

trata-se da ânsia real daqueles que sentem a respiração da fera na nuca. Mente deslavadamente quando aplaude esse ritmo “extorquido ao corpo por uma ordem ou pelo terror” como único possível. (2011, p.85)

Respirar e desejar, por vezes, se confundem, desejar respirar, sobreviver, não sucumbir, parece ser o desejo final e, possível, de se realizar, ainda que nem sempre satisfatoriamente. O romance vai chegando ao seu desfecho, que fica em aberto, as perguntas são feitas, o narrador sabe diversas coisas que deseja, ignora outras tantas, mas constrói uma certeza que, desta vez, não parece ilusão, a sensação permanente de insatisfação parece ser a única a não ser passageira.

Well, I was asked. I asked myself. And that's what I wanted. A childish Halloween fantasy. (...) A voice on the radio once told me that when we fully understand what matter is we'll feel better. I doubt that. I'll never get what I want. (2016, p.187)

CAPÍTULO 3 - “Por que você lê esse livro? Se depois faz tudo ao contrário?”³⁴

“My gift of self is raped, My privacy is raked, And yet I find, and yet I find, Repeating in my head. If I can't be my own, I'd feel better dead” - Nutshell³⁵

Começamos o último capítulo desta tese investigando o lado cheio do copo, meio cheio, meio vazio que o narrador nos dá a ver em seus monólogos, uma vez que, em maior extensão, vimos nos capítulos anteriores, aquilo que o oprime, para além da bolsa apertada que o contém dentro de sua mãe, por exemplo, a existência de seu tio que coloca em risco, algumas vezes a sua existência, ao menos segundo o medo que o feto apresenta, seja na ausência de planos para seu nascimento, seja no ato sexual entre o tio e a mãe. Temos também ao longo dos capítulos anteriores a análise da limitação do ponto de vista do narrador e de suas possibilidades de aprofundar informações, criando uma coleção de postulados soltos, heterogêneos, contraditórios e desconexos.

No primeiro capítulo, sobretudo, apontamos a ilusão do narrador em ser um *free-spirit*, que é apenas pressentida por ele, em raríssimos momentos, o que no entanto, ao leitor deixa claro que quanto mais ele se acha mais consciente de si e do mundo, mais afundado em ilusões se encontra. Mesmo sem consciência disso, o narrador, nostálgico, apresenta uma vontade de conservar o passado e os costumes, já que para ele, um príncipe que faz negócios é algo marcado por um tom negativo, “a businessman-prince, famed for his good works, his elixirs (cauliflower essence to purify the blood) and unconstitutional meddling, waits restively for his crown” (2016, p.3).

Em suma, aquilo que diz respeito à propriedade, que teme perder, mesmo ainda nem tendo nascido, suas coleções sem profundidade, o medo de sua herança ser roubada e o sentimento de injustiça por isso, se somam e agem à serviço da (de)formação da subjetividade do narrador.

No segundo capítulo da tese, percebemos o quanto o narrador está preso ao ouvir, reagir fisicamente com o que recebe de estímulo, o que o impede, muitas vezes, inclusive de

³⁴ Letra da canção *Por que você?* de Almério.

³⁵ Letra da canção *Nutshell* da banda Alice in Chains. Compositores: Layne Staley / Sean Kinney / Mike Inez / Jerry Fulton Jr Cantrell - Letra de Nutshell © Round Hill Songs, Round Hill Copyrights, NancyLayneCo Llc

ouvir, com atenção crítica, o que o leva por caminhos, ou mais precisamente, por atalhos do pensamento que o fazem chegar a conclusões rasas, pouco iluminadoras para as questões que ele busca resolver, no entanto, sem alcançar ponto nenhum de resolução, ao abandonar um assunto e partir para outro, ou sem perceber que não encontrou sequer as perguntas mais significativas, quanto mais as respostas, uma vez que está o tempo todo em disputa com os outros num jogo de *eliminar para não ser eliminado*, no qual, no final, não há vencedor, a não ser o próprio capital, claro.

Neste terceiro capítulo, começamos perguntando, uma vez que nem tudo são reclamações do narrador, há momentos em que ele parece apontar para outra direção. Então, perguntamos: o que celebra o feto? No primeiro momento selecionado para análise, a questão da herança aparece pela primeira vez no romance

I'll inherit a condition of modernity (hygiene, holidays, anesthetics, reading lamps, oranges in winter) and inhabit a privileged corner of the planet – well-fed, plague-free western Europe. (2016, p. 3)

A herança que celebra é a condição de modernidade, conceito, por si só, problemático, segundo Artur de Vargas Giorgi, professor de Teoria Literária da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

À modernidade não corresponderia obrigatoriamente uma época, com seu antes e seu depois, seu “pré” e seu “pós”. Não seria, então, um intervalo de tempo preciso – desse modo delimitável, como outros, na longa cadeia da violenta história do Ocidente. (...) De modo diverso (...) modernidade poderia ser pensada, no que ela tem de mais característico, como uma singular rede de relatos. E o que tais relatos compartilhariam, isto é, o que eles teriam, com efeito, de *moderno*, seria o fato de que seus protagonistas (como sujeitos, intimamente ligados aos próprios relatos) se encontram diante de um mundo em que o sentido e a verdade do próprio ser, absolutamente contingentes, não mais se mostram garantidos de antemão. E mais que isso, se não estão no princípio, o sentido e a verdade tampouco se encontram, naturalmente, no fim da existência, de maneira que é o *presente* (*moderno* vem de *modernus*, termo que designa o “agora mesmo”, o “contemporâneo”) que se abre, como um desafio sem resposta, para o pensamento e a ação. (GIORGI, 2021)

36

³⁶ <https://revistacult.uol.com.br/home/invencao-da-modernidade/>

Em outras palavras, o conceito de modernidade pressupõe muitos aspectos problemáticos para o narrador em questão, que afirma que herdaria tal condição. Vejamos, o autor supracitado aponta que a modernidade é constituída por relatos, até aí, o narrador de *Nutshell* não nos decepciona, entrega seu relato, mas o protagonismo nos relatos da modernidade pressupõe o duplo sentido de ser protagonista, tanto aquele que participa de maneira central em uma narrativa, quanto aquele que é capaz de agir com autonomia, isso em teoria, a modernidade acreditava na ação humana, na potência por meio da reflexão e da ação, o que já é um problema para o nosso narrador, não que já não o fosse nos tais tempos modernos.

O feto do romance em estudo tem seu campo de ação extremamente reduzido e sua ação praticamente reduzida a pensar com base em meras abstrações, nas vezes em que age é para chutar a mãe, para que esta cumpra seus desejos, ação que, além de tudo, é violenta e não o leva, literalmente, a lugar nenhum. Por outra perspectiva, se é verificável de maneira clara que o narrador de *Nutshell* está intimamente ligado ao seu relato, que é a única coisa que lhe é própria antes de nascer, ele se revela ao longo das páginas muito mais sujeito, preso na sua casca-de-noz, enclausurado, como no título segundo a tradução brasileira do romance, vítima e reproduzidor de discursos rasos, por vezes problemáticos, do que sujeito, no sentido pleno que gostaríamos que esse termo pudesse, de fato, carregar na realidade.

Enquanto a modernidade “se abre, como um desafio sem resposta, para o pensamento e a ação”, o relato que nos é apresentado caminha mais para um desafio sem perguntas ou que se perde em perguntas menos fundamentais, pouco propiciando momentos férteis de pensamento, tampouco de ação. As perguntas do narrador não são lanternas ligadas no escuro, mas luz, na luz, pequenos feixes em uma praça, em um dia de muito Sol, muita gente falando alto e os olhos ofuscados, cegos por breves instantes, quase sempre naqueles em que é preciso ver, ouvir e refletir sobre os estímulos que lhe perpassam o corpo.

Por outro lado, o narrador herdará uma condição não de Modernidade, mas de Pós-Modernidade, leiamos o seguinte trecho antes de desenvolvermos esse pensamento:

Os considerados pensadores pós-modernos (Foucault, Derrida, Deleuze, Lyotard, entre outros) seriam, cada qual a seu modo, desesperançosos com a ideia de que a razão técnico-científica pudesse de fato enriquecer a vida diária dos indivíduos das grandes cidades e lhes possibilitar se libertar dos entraves do mito, da religião e dos

diversos poderes existentes na sociedade. Podemos dizer que para eles a modernidade fracassou. Essa geração de filósofos, desencantados com o marxismo e o estruturalismo, passaram a recusar a existência de modelos “totalizantes” de representação e de verdades universais.³⁷

Se por um lado, o olhar desesperançoso dos pensadores citados tivesse bases muito sólidas na realidade, uma vez que parece que o custo de libertar o indivíduo de tudo o que o prendia às religiões, os mitos e os poderes institucionalizados, foi aprisioná-los, talvez, definitivamente, aos mandos do capital e do trabalho sob o regime capitalista, que inclusive assimilou os poderes, os mitos e às religiões, dos quais libertaria o indivíduo.

Portanto, o narrador quer uma herança que já sequer existe plenamente, nem mesmo como teoria, nem como ideal. O modernismo fracassou em seu ideário utópico, o outro lugar que buscou era “ali mesmo” onde sempre fora e pouca coisa mudou no sentido que os modernistas sonharam. Entretanto, a crítica aos sistemas totalizantes, não confundir com totalitário, como alguns gostam de fazer muito nos dias de hoje, seguindo uma lógica similar à do narrador, que não vê lá muita diferença entre Hitler, Trotski e Stalin (2016, p. 15), deixou uma marca na forma de pensarmos ainda hoje, pois a partir do momento que nos distanciamos da noção do todo, nos vemos lutando corpo a corpo com temas, ideias, problemas individuais, os quais apenas com muita dificuldade conseguimos relacionar uns aos outros, criando redes e conexões de informações que nos permitem aprofundar os estímulos, transformando-os em conhecimento.

Sendo assim, nosso narrador é herdeiro de uma condição pós-moderna, que não lhe oferece a chance de fazer conexões, perceber contradições, em suma, pensar em nível crítico. No trecho do romance que ainda seguimos estudando, a confusão entre Modernismo, termo vazio de significado, e Pós-Modernismo, (in)significante sem significado, são intercambiáveis e a experiência se fragmenta, permitindo que o narrador veja apenas o que está ao alcance do seu nariz, no caso do nosso narrador, literalmente, para ele o que herdará de melhor seria higiene, o que não deixa de ser um privilégio, uma vez que muitas pessoas no mundo não têm acesso, em segundo lugar, cita os feriados que pressupõe trabalho, só tem feriado quem está empregado ou trabalha para si mesmo, muitos também não têm acesso a

³⁷ <http://educacao.globo.com/sociologia/assunto/pensamento-politico/pos-modernidade.html>. Último acesso em 17/07/2022 às 20:15.

este dia de descanso remunerado, já que encontram-se desempregados ou subempregados, sem contar os casos de colaboração involuntária, vulgo trabalho escravo. São também benesses da condição a ser herdada, os analgésicos, drogas prescritas para as dores de existir, as lâmpadas de leitura, considerando que se saiba ler e tenha acesso à energia elétrica, laranjas que contradizem as leis da natureza. Em suma, ele celebra seus privilégios ou sob outra perspectiva, não ser pobre, não passar fome, não saber o medo de adoecer sem remédio, o que revela um horizonte rebaixado do desejo e dos próprios privilégios, uma vez que o narrador celebra e se apega, com sua vida, ao que deveria ser o básico e o comum a todo e cada indivíduo.

A modernidade, que sequer chegou para todos, já não existe de maneira autêntica na maioria dos lugares, mas não deixa de ser interessante que o desejo de herdar uma condição moderna é a um só tempo marca de sua condição pós-moderna, pois tanto faria pré, pós, ou modernismo de fato, quanto uma nova forma de encontrar seu desejo de manutenção, de conservação, por não abrir mão do que acredita ser seu por direito, se nos lembrarmos, no Brasil dos anos 20, várias ideias avançadas e progressistas foram pensadas em encontros na fazendas de grandes cafeicultores, que já eram a elite econômica e gostariam de se conservar enquanto tal, a despeito de tutelarem a arte moderna do país.

Outro aspecto importante é a revelação que nos traz o fato de o narrador celebrar coisas tão pequenas, que podemos achar que é o mínimo que alguém possa esperar na vida e que mesmo assim são privilégios, o Modernismo não só parece ter fracassado, nesse aspecto, mas também regredido em alguns aspectos, quando celebra “higiene”, saneamento básico, ao percebermos que mesmo isso pode ser um privilégio, a contemporaneidade mostra que traz em si traços de Idade Média.

Terminado o breve momento de celebração, o narrador insiste no termo, herdar, para afirmar que herdará um Reino nem tão unido, já levantando um tema que muito o incomoda, a mancha do capitalismo no sangue nobre inglês, a mácula burguesa no sangue aristocrático, incômodo que já havia aparecido na imagem do “businessman-prince”, que é fortemente relacionado ao papel de Claude na narrativa, e na sociedade ficcional, homem prático e que sabe ganhar dinheiro, coisa que seu pai, poeta e sensível, parece seguir o caminho exato oposto. Portanto, aquele que é mais adaptado ao capitalismo tem seu valor diminuído no juízo do narrador, já aquele que fracassa com sucesso, tem seu valor maior, entretanto, o narrador parece não perceber que ninguém escapa à mesma lógica da vida sob o capital, ser poeta

sensível, editor falido, ser “marginal” é apenas uma entre outras tantas formas de estar sujeito ao capitalismo em seu estágio atual, se voltarmos às análises comparativas entre o narrador, o pai e o tio, qual a grande diferença entre eles? Qual traço definidor de caráter indica um ser humano mais autônomo ou, em outras palavras, uma subjetividade melhor formada do que a outra?

Caso não fosse nascer no Reino Unido, o narrador afirma que preferiria nascer, respectivamente na Noruega ou na Itália. A Noruega é o segundo lugar de escolha devido ao seu “fundo soberano e generoso sistema de amparo social, um país cuja a riqueza, segundo o narrador, é um atrativo, porém, segundo várias listas, incluindo uma da Forbes, é o segundo país com o maior custo de vida, ou seja, o segundo lugar do mundo mais caro para se viver, no qual ser pobre é praticamente impossível, tanto pela inclusão, por meio de salários mais altos, quanto, e sobretudo, pela exclusão de quem não conseguir manter o alto custo de vida. A escolha pela Itália deve-se por sua culinária e sua decadência ensolarada (algo de poético e vazio nessa descrição), sua terceira e última opção, a França sobretudo pelo vinho que já aprecia em grandes doses ainda que por meio do cordão umbilical, além de um genérico jovial amor próprio, que o país franco teria.

Para além dos países escolhidos, está a escolha em si, que é, no mínimo, inocente, o narrador já dá a escolha como algo garantido, como quem nascerá já no grupo daqueles que vão escolher conforme suas vontades, vão selecionar sua comida, sua bebida, seu governo, entretanto, a realidade mais concreta lhe mostra o tempo todo o quão pouco ele pode escolher se comparado com o muito que deseja, “fully inverted, not an inch of space to myself, knees crammed against belly, my thoughts as well as my head are fully engaged. I’ve no choice” (2016, p.1). Embora reconheça neste momento citado não ter tanta escolha, parece não perceber o quanto isso é verdadeiro também em diversos outros aspectos da sua vida. Ele é tão livre para escolher como qualquer pessoa, em qualquer restaurante no qual ela é livre para escolher entre as dez opções presentes no menu, além do molho extra, cobrado à parte, é claro.

O não reconhecimento muito claro de si mesmo, do que é, do que pode, tanto no sentido de habilidade quanto de capacidade, leva ao distanciamento do outro, visto, no seu caso, ouvido como mera imagem plana, uma superfície plana de um estereótipo, não chegando sequer a ser um estereótipo muito completo, quando o feto agradece não ter nascido na Coreia do Norte, ele aponta semelhanças entre os dois lugares, a sucessão do reino

é feita de modo parecido com a do Reino Unido, entretanto afirma que lá, na Coréia do Norte, há fome e falta de liberdade.

O problema são e está nos outros, não que seja de todo falso que haja fome na Coréia, assim como há no mundo todo, além da falta de liberdade, que em um sentido amplo, sequer existe dentro do capitalismo, talvez nem fora, se houvesse fora. Entretanto, o dedo que aponta para o outro, parece cegar o próprio olho, incapaz de se atentar para o fato de que em fevereiro de 2020, segundo diversas reportagens, havia 14 milhões de pessoas³⁸ sendo afetadas seriamente pela pobreza no Reino Unido. Esse movimento de miopia, já configurado na posição do narrador que tem o campo de visão extremamente restrito, pra si e para o que é seu ajuda a manter as informações que chegam isoladas como meras informações isoladas, conectá-las num todo maior, numa totalidade parece cada vez mais distante das possibilidades não apenas do narrador, mas de todos os nossos contemporâneos de um modo geral.

Mesmo sem ver, o narrador, no entanto, fala demonstrando certeza, mesmo suas dúvidas são colocada com um ar de busca filosófica, traz mesmo nas suas dúvidas um tom de sabedoria, pautado em sua escuta, recortada, selecionada, acidentada, ao acaso, do que ouve e que não pode, por si, aprofundar, fazendo com que uma coletânea de dados e informações, envernizados com uma bela camada de erudição, seja por citações filosóficas, literárias, políglotas, enólogas, coisas afins, são reproduzidas como o supra sumo da sabedoria, uma espécie de *tudo o que há está aqui dito, não há além*, e se cavarmos, debaixo da casca, só existe mesmo a fina camada do dito pelo não dito, se forcarmos, percebemos que este é o modo através do qual nascem as ideias, os pensamentos prematuros do narrador, a saber, escutar, julgar (verdadeiro ou falso), se posicionar (a favor ou contra), seguir para a próxima informação. E fica tudo por isso mesmo.

Outro aspecto ligado ao modo através do qual o narrador recebe, processa e repassa as informações é o modo pelo qual ele se torna porta-voz dos outros, sobretudo de sua mãe, como na passagem já citada em que atribui à mãe o gosto por programas que ele considera banais, enquanto ele, por sua vez, prefere ouvir Joyce. Entretanto, observar esse mecanismo com atenção é de grande importância pois por meio dele também é possível ver como vai se formando a subjetividade do narrador, é no contraste com o outro, muitas vezes nos revelando o oposto do que ele gostaria, que ele vai ganhando forma. O narrador fala dos outros, subjuga a mãe, fala que o tio é prático demais e sem refinamento tanto

³⁸ <https://news.un.org/pt/story/2019/05/1673471>. Último acesso em 12/07/2022 às 17:24.

comportamental quanto mental, sendo que ele, como já vimos, age muito parecido com o tio em diversos pontos do romance, desse modo, ele vai constituindo a subjetividade também por meio desse jogo de semelhança e contraste com o outro, sem que de fato possa escolher ser só o que ele admira. Se antes, para se provar genial, a voz intra uterina diminui a mulher, que calha de ser sua mãe, na sequência é a vez de Claude, o mesmo narrador que afirma não se incomodar com repetições e que até suporta a música mecânica, pinta Claude como um perfeito imbecil, por características que ele mesmo nos mostra possuir. Em um dos muitos parágrafos em que isso acontece, podemos notar a quantidade considerável de repetições.

For **Claude** is a **man** who prefers to **repeat** himself. A **man** of riffs. On shaking hands with a stranger – I’ve heard this twice – he’ll say, ‘**Claude**, as in Debussy.’ How wrong he is. This is **Claude** as in property developer who composes **nothing**, invents **nothing**. He **enjoys** a thought, speaks it aloud, then later has it again, and –why not? – says it again. Vibrating the air a second time with this thought is integral to his pleasure. He **knows** you **know** he’s **repeating** himself. What he can’t **know** is that you don’t **enjoy** it the way he does. This, I’ve learned from a Reith lecture, is what is known as a problem of reference. (2016, p.5)

Bastante significativo é o desfecho do trecho selecionado e citado acima, o narrador faz o seguinte processo de pensamento: observa um problema, sob sua ótica, claro, que seria a repetição de Claude, concomitantemente à percepção do problema há uma cegueira quanto à própria ação que faz muitas vezes aquilo que critica, não percebendo que a repetição é algo maior na formação de ambos os sujeitos, em uma era em que tudo é produzido sob a lógica da cópia e da repetição, não parece impossível a lógica econômica ter penetrado em nosso modo de pensar. No mundo da produção em massa, seriada, a informação passa também ela, como um produto cultural que é, pela mesmo processo, o que é aclarado pelo artigo de Andrade e Almozara (2016)

Recentemente o vice-presidente do Google e cocriador da web, Vint Cerf, em entrevista, ao correspondente de Ciências da BBC Pallab Ghosh, publicada no site da rede em 3 de fevereiro de 2015, demonstra sua preocupação com o fato de que as informações (imagens, dados, palavras) armazenadas nos arquivos digitais podem se perder na medida em que hardware e software se tornem obsoletos para “ler” as informações contidas naqueles documentos. Essa “memória” arquivada nos computadores e redes, em uma quantidade infinita e sem um sistema de organização

que marque sua historicidade, caracteriza o que Orlandi (2010, p. 9) chama de memória metálica. Essa memória é marcada pela repetição, pelo acúmulo de informações que, segundo a mesma autora, gera um efeito de simulacro de memória, já que parece constituir uma “rede de filiação”, mas, na verdade, é uma justaposição de fragmentos que se juntam “aqui e ali”. (2016, p. 46)

Não é de modo algum o caso aqui afirmar em ligação direta que a memória do narrador é uma memória maquinal, mas de buscarmos uma compreensão do que acontece na formação do sujeito, uma vez que as memórias são partes constitutivas importantes na formação da subjetividade, não influenciando apenas na formação de uma identidade individual, mas também na da coletiva, conforme nos ensina Rabelo:

Os grupos sociais geram um forte sentimento de identidade, tanto individual como coletivo. A memória é apontada por Pollak (1992, p. 204) como um elemento constituinte do sentimento da identidade individual e coletiva, que também a destaca como um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa/grupo em sua reconstrução de si. (RABELO, 2007, p. 184)

Desse modo, percebemos um papel fundamental da memória para o estabelecimento da identidade de um sujeito, moldando sua subjetividade. Neste ponto, Andrade e Almozara (2016) nos iluminam um pouco mais no mapeamento que estamos tentando fazer da subjetividade do narrador de *Nutshell*

Para Freud (1996), em um de seus primeiros escritos, de 1896, a memória constitui-se no aparelho psíquico do sujeito e se dá em etapas que se relacionam e se sucedem (percepção – registro – inconsciência – pré-consciência – consciência), embora não obrigatoriamente seguindo todos os passos, já que nem toda percepção do mundo, das coisas, dos fatos, se transforma em uma representação (campo do inconsciente), pois seu registro pode se submeter a um recalçamento (não ser simbolizado) ou ser “esquecido”, sofrendo um processo de “rearranjo” quando acionado pelo sujeito em um determinado momento, tornando-se, então, “lembrado”. (2016, p. 50)

Portanto, podemos notar no narrador do romance em estudo que a memória sofre um abalo, não apenas em nível individual, mas também em nível social. A memória não se constitui em nosso narrador, ao menos não de modo duradouro, pois o processo, tal qual descrito por Freud, sofre perdas que causam danos, o narrador percebe, entretanto não registra, não registrando, a memória vai se tornando um invólucro não de comportar memórias, mas de dar passagem para as informações, uma vez a memória mal formada, mal formada fica também a percepção do mundo. E é nesse panorama que se pode acreditar sem a menor dificuldade que na Coréia do Norte há fome, no Reino Unido não, para citar apenas um entre muitos exemplos de uma visão distorcida, superficial, por vezes equivocada, da realidade. Característica não só do narrador, mas de todos os envolvidos no romance. Trudy, quando vai falar sobre a poeta que aparecerá páginas depois acompanhando John a sua casa, refere-se à Elodie com o mesmo desdém que os homens do romance a tratam, conforme nos mostra o narrador, “[m]y mother says, **“Ah yes, this woman. Forgotten her name. Writes about owls.”** (2016, p. 28)³⁹

Conforme nos ensina, novamente, Rabelo (2007)

Assim, poderíamos pensar a subjetividade e a memória libertas de uma redução à esfera individual, ou seja, a memória e a subjetividade nunca são pertinentes somente ao sujeito, mas também produzidas por dispositivos de poder. Isso significa que a memória produz subjetividades não somente no plano individual, mas a partir de todos os processos de produção social e material que se valem de discursos para afetar o sujeito, ou seja, ela atinge o sujeito na sua expressão coletiva, a partir de mecanismos sociais (RABELO, 2007)

Daí a repetição constante, na tentativa, desde o início frustrada, de reter o estímulo presente, aprofundá-lo, conectá-lo a outros conhecimentos já mais ou menos sólidos, mas não sendo possível, o sujeito se vê forçado a se contentar em seguir para a próxima informação.

Pretendemos reforçar aqui o fato de que nem toda “memória” é recalçada pelo sujeito. Ela pode ser apenas “esquecida”, uma vez que os processos de organização são inconscientes e acontecem a posteriori, ou seja, depois que já existe um saber

³⁹ Grifo nosso.

armazenado em forma de representação – quando isso foi possível – e o sujeito pode tornar tal “memória” consciente, mediante seu acionamento a partir do campo do inconsciente, onde tal representação de memória encontra-se em relação a uma cadeia de significantes. **Essa cadeia de associação se dá na e pela história do sujeito.** A representação, então, adquire sentido sempre num movimento posterior de acionamento. **No recalque, por outro lado, não há a aparição do significante (representação) a partir da percepção, pois há uma “falha” na passagem de uma etapa para outra do sistema, dando origem a um sintoma, o qual não passou pelo processo de simbolização e “jaz” no campo do real, retornando sempre em forma de uma repetição autômata.** A noção de registros (real, imaginário e simbólico) que aqui utilizamos faz referência à teoria lacaniana (LACAN, 1985b) do nó borromeano, que explica a constituição do sujeito (psicanalítico) por meio de círculos enodados representando tais instâncias.(ANDRADE e ALMOZARA, 2016

Portanto, podemos concluir que o narrador alegoricamente vem representar o sujeito sem história prévia, não que não a tenha de fato, mas esses sujeitos contemporâneos têm uma dificuldade, uma verdadeira cegueira de se perceberem historicamente, quebrando, desse modo, a cadeia de associação, deixando as informações a deriva, a falta de um processo de historicização de si e do processo de conexão entre coisas e fatos da realidade, uma vez ausente o processo de simbolização, o que resta é a “repetição autômata”, por vezes disfarçados de meras opiniões.

E não é estranho perceber que a formação da subjetividade do narrador, bem como das subjetividades dos envolvidos no romance sofrem ações e impactos diretos de outras subjetividades, ainda que não percebam, como por exemplo o narrador não percebe o quanto de Claude ele tem, nem Trudy percebe que trata Elodie de maneira muito próxima de como ela é tratada, inclusive pelo filho ainda nem nascido. E é nesse sentido que recorreremos à Emmanuel Tourinho que nos ensina que

Todavia, paradoxalmente, quanto mais especializado, mais dependente o indivíduo se torna de muitos outros indivíduos, posto que estará menos capacitado para uma parcela muito maior das atividades necessárias à produção das condições necessárias à sua sobrevivência. A complexidade dessas novas relações de interdependência contribui, porém, para torná-las de mais difícil percepção. A emergência do indivíduo resulta, assim, não de criações originais de homens e mulheres particulares, mas de uma transformação expressiva das relações interpessoais. (TOURINHO, 2016, p. 37)

Se voltarmos ao trecho em análise aqui, o narrador observa um problema, não percebe suas complexidades, individualiza o problema e torna algo a ser julgado, achando uma resposta, seria então um problema de referência, termo que apenas repete passivamente, ouvido de um programa intitulado Reith Lectures. O programa em questão é uma série anual de rádio que todo ano convida um autoridade em algum assunto para debater um tema, segundo o site da própria BBC,

John Reith maintained that broadcasting should be a public service which enriches the intellectual and cultural life of the nation. It is in this spirit that the BBC each year invites a leading figure to deliver a series of lectures on radio. The aim is to advance public understanding and debate about significant issues of contemporary interest.⁴⁰

O que podemos observar claramente é, não apenas que o faça, mas a forma pela qual o capitalismo contemporâneo atua na assimilação de tudo, inclusive dos conteúdos que poderiam significar seu fim, uma vez que o esclarecimento intelectual, conforme gostaria, talvez, o criador John Reith, já que criou o programa no intuito de enriquecer a vida intelectual e cultural de seu país e pior ainda, tornar esse conhecimento acessível ao povo. A prova de que a ideia foi um sucesso e um fracasso ao mesmo tempo é que o programa que se iniciou em 1948 continua anualmente até os dias atuais, entretanto isso prova também que capitalismo assimilou e acachapou o conteúdo de tais debates, dos quais ficam pouco, por vezes muito pouco, um conceito solto como “problema de referência” que, inclusive não parece caber perfeitamente no contexto em que é empregue, se é verdadeiro que Claude não percebe que suas repetições não são tão interessantes para os demais quanto parecem ser para si mesmo aponta para um conceito mais ligado ao senso-comum do que à linguística exatamente, o que faltaria ao tia seria noção, em termos populares conforme o vernáculo atual compreende bem quando dizemos *fulano é sem noção*, uma vez que o “problema de referência” traz em si uma discussão bastante complexa sobre a ligação entre o signo linguístico, o significado e os objetos concretos do mundo real, o que nada tem relação com a o modo de ser do tio do narrador.

⁴⁰ In: <https://www.bbc.co.uk/radio4/features/the-reith-lectures/about/>. Último acesso em 15/07/2022.

O processo histórico atual chegou a um ponto tal que não é mais preciso censurar o pensamento, pois assimilar, multiplicar a informação, por vezes criar rumores falsos, parece ter funcionado de maneira bem mais eficiente, inclusive por meio da recuperação de ações e de tecnologias até pouco tempo consideradas ultrapassadas, como por exemplo vivermos na pele que na época da mais avançada tecnologia, a volta ao rádio, “[w]ho, at the Internet’s inception, would have foreseen the rise and rise of radio, or the renaissance of that archaic word, ‘wireless’?” (2016, p. 4), tendo conteúdos em formatos dos mais variados, sejam *podcasts*, contos-novela, enfim, formas antigas, atualizadas para que nossos corpos sempre em trânsito possam atrelar lazer, o que, entre outras coisas (por exemplo, meio de se informar, transmitir conteúdo ideológico e propagandas), concomitantemente em geral a outras atividades, uma caminhada, uma leitura, mas sobretudo trabalho, podemos agora “ter lazer”, sem ter os olhos ocupados, ao mesmo tempo em que trabalhamos, o descanso foi sugado pelo trabalho.

Entretanto, como nos mostra, novamente em seu *Rituais do Sofrimento*, Silvia Viana Rodrigues, a anulação do descanso não é nem mero acaso, nem algo que aconteceu repentinamente,

Como afirmou Adorno a respeito daquele já distante mundo de bem-estar: “O tempo livre é acorrentado ao seu oposto. (...) Nele prolongam-se as formas de vida social organizada segundo o regime do lucro”. E isso em três sentidos: em primeiro lugar, porque a diversão e o descanso serviam para “restaurar a força de trabalho”, eram, portanto, “mero apêndice do trabalho”. Em segundo lugar, porque essa reserva de tempo era mediada pelo consumo de produtos da indústria da diversão, seja de barracas de camping, seja de peças de teatro. Por fim, o tempo livre adotava a forma própria do trabalho, sob a alcunha de hobby. (2011, p.104)

Com o passar do tempo, a divisão entre descanso e trabalho acaba por desaparecer de todo:

A flexibilização do trabalho foi uma resposta perversa ao desejo legítimo e real de que tal situação deixasse de ser um privilégio. Os movimentos da década de 60 e 70, nos países centrais do capitalismo, foram a formulação desse desejo, ainda hoje largamente incompreendido, seja por quem sente saudade do tédio, seja por quem acredita que tal desejo foi realizado. Trata-se do desejo por um trabalho que realize a integralidade da existência. (2011, p. 104)

Seguindo por esse rastro de ideia, podemos voltar ao incômodo recorrente que nosso narrador sente com relação a um traço específico do tio, que, em teoria, o separaria de John, seu pai. Quando critica seu tio por ter maior apego ao dinheiro, como já vimos, ele adota, no fundo, uma postura aristocrática, o que não deixa de ser, mas parece não explicar de todo a recorrência do repúdio que o feto sente, dando aqui o nome correto, ao trabalho, bem como sua cegueira para o fato de que o pai, apesar de falido, trabalha e trabalha muito, editando livros que ninguém vai ler, é um trabalho inclusive, em termos de capital, menos inteligente que o do tio, já que trabalha o tempo inteiro, vive poesia e não ganha nada em retorno, é posto para fora de casa, oferecem empréstimo para que ele pague dívidas da editora.

Sendo assim, podemos agora amarrar as pontas soltas sobre a ligação entre o capitalismo contemporâneo, o modo de trabalho contínuo, a ojeriza do narrador com o trabalho e uma outra camada que a leitura do romance acaba ganhando. Para tanto, vamos recorrer à psicologia, não para tratar o narrado, mas para analisar como formalmente há algo na ficção e na realidade que se interseccionam.

nossa própria conduta a tornar-se um conjunto de sinais de iminente punição e reforçamento negativo. Tais sinais tornam-se eles mesmos punidores e reforçadores negativos, assim finalmente nos punimos por simplesmente nos comportarmos. Tudo o que fazemos se torna reforçador negativo. E há apenas um modo de escaparmos de nós mesmos. (SIDMAN, 1989, p.133)

O narrador vê o tio como um ser inferior, que não teve a formação cultural ampla e profunda de seu pai, atribuindo isso à escolha do tio pelo dinheiro, sem que saiba ao certo, que atribui ao trabalho, algo que lhe parece punitivo, adota um mecanismo de “esquiva” conforme teorizam especialistas em psicologia, conforme podemos notar no seguinte trecho:

A relação terapêutica traz assim condições ideais, para que esses princípios sejam colocados em prática. Em alguns casos, o comportamento de esquiva emocional é visto como comportamento problema, ele ocorre na sessão (em momentos de intimidade e afeto), e ao ser observado e sinalizado pelo terapeuta, coloca o cliente em contato com a situação aversiva e com os sentimentos que ela produz. (BRANDÃO, 1999)

Reforçamos que o caso não é de analisar o narrador como um paciente, mas entender o mecanismo de esquiva adotado por ele, que de maneira simplista seria uma resposta que busca prevenir que coisas desagradáveis aconteçam antes de elas ocorrerem. Portanto, há em causa dois movimentos, por todo o modelo de interação com informações que impossibilitam ao narrador criar uma sabedoria, o inibem mesmo de aprender, para que possa perceber e pensar criticamente. O primeiro movimento é o da tentativa de não ser o tio, de não ser como o príncipe da Inglaterra que vende coisas, ou seja, que trabalha, não quer se escravo do trabalho o tempo todo, mas, sem perceber, e aqui entra o segundo movimento, ele não faz outra coisa além de trabalhar ao ouvir, “[a]s always, I listen carefully” (2016, p.157) e aos nos contar sua narrativa, entendendo o conceito como, “aquilo o que faz e do que é feito o humano” (RODRIGUES, 2011, p. 105).

Ao passo que escrevemos essas linhas, estamos ouvindo música, algo que apreciamos muito em fazer em nosso tempo livre, entretanto, não nos foi possível lembrar quando foi a última vez em que apenas ouvimos música, pois estamos sempre fazendo uma e outra coisa, ouvindo e lendo, mas lendo pois a profissão escolhida de professor requer leitura, ou seja, a leitura por lazer é capital cultural, portanto, de certa forma, trabalho. Reforçando a ideia de que estamos trabalhando, produzindo o tempo todo e que o retorno à hegemonia da audição funciona como meio de cortarmos o tempo perdido em descanso para descansarmos enquanto trabalhamos, estamos agora já descansando enquanto produzimos estas páginas, que são, sem dúvida alguma produto de trabalho humano, o que, também, nos ajuda a ver cada vez mais claramente a cegueira do narrador ao acreditar que o pai, por trabalhar com publicação, pior ainda, com a edição de poetas desconhecidos, é diferente do dia no aspecto *homem que trabalha* em contraposição ao que ele crê que exista isoladamente que seria o *homem que cultiva seu espírito*.

Dando outra volta ao parafuso, tudo isso somado, entendemos como é possível em um mundo cheio de informação não nos encontrarmos mais inteligentes, mais críticos ou em outras palavras, como podemos olhar, mas não ver, como podemos escutar, mas não ouvir, nos ajuda novamente a compreender esse ponto em específico a socióloga Silvia Viana, quando afirma o seguinte:

Acredito que Christophe Dejours conseguiu jogar uma pá de cal na concepção de que vivemos em uma “sociedade do conhecimento”, na qual o “imaterial” superou o embrutecimento do trabalho repetitivo e alienado das fábricas e o “consumo de experiências” substituiu a produção como principal “mediador da realização do ego”. Ele o fez mostrando que o trabalho vivo prolifera, aumenta em intensidade e duração. Também o fez ao argumentar que o trabalho é hoje, como ontem, a relação primordial de constituição da identidade, é ainda o elemento que confere sentido à vida. (RODRIGUES, 2011, p. 106)

Não apenas o narrador trabalha, em conceito amplo, mas também pretende dar o melhor de si, mostrando ao leitor sua capacidade para tal tarefa, o tempo todo tem uma necessidade de provar que é bom de verdade, desde o tom professoral que muitas vezes assume, fumos de intelectualidade para impressionar o leitor mais impressionável, mas também por meio de frases que nos revelariam sua competência, como em, [h]ere’s an example both of Claude’s discourse and of how I gather information, He and my mother have arranged by telephone (**I hear both sides**)⁴¹ to meet in the evening, além de estar sempre querendo se provar a pessoa certa para o cargo de narrar, como se estivesse sob o escrutínio de televisores/leitores virtuais.

Ao longo do romance ele estabelece um ranking de seres humanos no qual ele aparece no topo, o pai em segundo, a mãe em terceiro, talvez Elodie em quarto por ser poeta e, certamente, em último Claude, que não por acaso é seu, se formos trabalhar em termos de competição, seu maior rival, embora ele verbalize isso de modo a projetar essa rivalidade sobre seu pai na frase mais batida do romance pela crítica, [n]ot everyone knows what it is to have your father’s rival’s penis inches from your nose (2016, p.20), a questão da rivalidade se recoloca dentro do romance em quatro outros momentos. Vejamos:

My affair with Trudy isn’t going well. I thought I could take her love for granted. But I’ve heard biologists debating at dawn. Pregnant mothers must fight the tenants of their wombs. Nature, a mother herself, ordains a struggle for resources that may be needed to nurture my future sibling rivals. (2016, p. 32)

⁴¹ Grifo nosso.

São seus rivais virtuais futuros irmãos, seja pela propriedade da mãe, pelo amor, representado pela palavra bastante significativa “affair”, bem como o termo inquilinos (“tenants”).

He waits patiently to present his idea of a picnic. It can't help, to hear his rival wept for. Or perhaps it concentrates the mind. He drums his fingers lightly on the table, one of the things he does. When standing he rattles his house keys in his trouser pocket, or unproductively clears his throat. These empty gestures, devoid of self-awareness, are sinister. There's a whiff of sulphur about Claude. But for the moment we're as one, for I'm waiting too, troubled by a sickly fascination to know his scheme, as one might the ending of a play. He can hardly expound while she's weeping. (2016, p. 56)

No trecho acima mais significativo que a aparição do termo rival é a rivalidade em ação entre o narrador e Claude, podemos notar o esforço que faz para desqualificar seu tio, a começar pela construção inicial que deixa evidente o desprezo dela para com o amante de sua mãe em “his idea of a picnic”, como se nem um piquenique que é, relativamente, algo simples de se organizar, ele teria capacidade de fazer. A partir do meio do parágrafo a tentativa de manchar a imagem de Claude toma ares, se olharmos com atenção, de golpe baixo, já que o narrador tem um ponto de vista reduzido, que na realidade é um ponto de escuta, mais do que de vista propriamente dita, no entanto, nos fornece uma descrição detalhada de como Claude anda pela casa e o quanto ele é desleixado. O narrador afirma coisas que apenas por meio da visão poderia nos contar com tanta certeza, por exemplo, “[w]hen standing he rattles his house keys in his trouser pocket”, até a parte sonora de “rattles” o pacto feito com o leitor, “escuto, logo transmito”, se mantém, entretanto, como saber que as chaves estão exatamente onde afirma estarem? Por fim, dá o toque final à descrição de alguém maquiavélico, descrevendo gestos que ele não pode ver, apenas imaginar, ainda que muito abstratamente, “[t]hese empty gestures, devoid of self-awareness, are sinister”.

The exchange is relaxed, the tone inconsequential. Small talk or a trade in threat and insult—I lack the social experience to know. If I'm drunk then Trudy must be too, but there's nothing in her manner to suggest it. Loathing for Elodie, now framed as a rival, may be an elixir of sobriety. (2016, p. 66)

A mãe, mesmo separada de John, pelo ciúme, que passa também pela lógica da propriedade, ainda que embebida em águas afetivas, vê em Elodie uma rival. Por fim, no último trecho em que o termo é empregue, lemos que

There was a poem you recited then, too good for one of yours, I think you'd be the first to concede. Short, dense, bitter to the point of resignation, difficult to understand. The sort that hits you, hurts you, before you've followed exactly what was said. It addressed a careless, indifferent reader; a lost lover; a real person, I should think. In fourteen lines it talked of hopeless attachment, wretched preoccupation, longing unresolved and unacknowledged. It summoned a rival, mighty in talent or social rank or both, and it bowed in self-effacement. Eventually, time would have its revenge, but no one would care or even remember, unless they chanced to read these lines. (2016, p.83)

Aqui está clara a escala de melhores seres humanos feita pelo narrador, ele já sabemos que se apresenta o tempo todo como erudito, confiável, em suma, sempre em chave positiva, mas o pai, fica em segundo, o que é estabelecido por meio do desdém para com os versos paternos, afirmando que uma vez o pai havia recitado um poema bom demais para que fosse um dos seus.

É precisamente na alegoria da rivalidade que podemos perceber a estrutura perversa que une e separa as personagens de *Nutshell*, todos agem mal, todos oprimem e são oprimidos, Trudy oprime o filho com a barriga, que não oferece espaço infinito, mas é oprimida pelo filho que a trata como propriedade, assim como os outros homens da narrativa, enfim, temos um jogo de rivalidades veladas ou não no qual ao fim o único vencedor é o próprio jogo, todos perdem. Sendo assim:

A essa colaboração com o mal, passiva e ativa, na qual as posições de opressor e oprimido são indistintas e reversíveis, Primo Levi chamou Zona Cinzenta: “o ingresso no Lager constituía um choque em razão da surpresa que implicava. O mundo no qual se precipitava era decerto terrível, mas também indecifrável: não era conforme a nenhum modelo, o inimigo estava ao redor mas também dentro, o ‘nós’ perdia seus limites, os contendores não eram dois, não se distinguia uma fronteira mas muitas e confusas, talvez inúmeras, separando cada um do outro. Entrava-se esperando pelo menos a solidariedade dos companheiros de desventura, mas os

aliados esperados não existiam; existiam, ao contrário, mil mônadas impermeáveis e, entre elas, uma luta desesperada, oculta e contínua. (RODRIGUES, 2011, p. 116-117)

A busca em liderar a lista de seres humanos exuberantes também não surge à toa, em uma vida, antes do nascimento, que já se estrutura como um *reality show*, obter a liderança parece fundamental:

A liderança, além de garantir a permanência no jogo por ao menos mais uma semana, simboliza também o poder, a superioridade – mesmo que temporária – com relação aos adversários e, não raras vezes, a equivocada sensação de comando no jogo, posição capaz de despertar tanto o medo quanto a inveja nos outros competidores, frequentemente prontos a bajular o líder e a se empenhar ainda mais nas provas para, um dia, também usufruir desse tipo de oásis dentro da disputa. (SANTOS, 2010, p.44)

Em um jogo de inimigos, em uma guerra velada em constante, parece bastante significativo que o pai do narrador tenha um nome que, traduzido ao pé da letra traria a tragicidade de seus destino, Cairn + cross, seria uma cruz de pedras empilhadas, mas mais significativo ainda é ele ser homônimo de um dos membros dos que ficaram conhecidos como “Cambridge five”.

Se pesquisarmos brevemente pela internet⁴² não é difícil descobrir que os *Cambridge five* eram espiões duplos, o que chama a atenção para a análise do romance uma vez que as personagens rivalizam contra o outro, mas contra elas mesmas, o plano todo parece ir por água abaixo na última passagem na qual, aparentemente, a polícia vai prender os assassinos, que ao assassinar John não só jogaram contra o poeta, mas contra suas próprias liberdades. Mais que isso, é significativo que esses espiões vinham da mais alta educação que a Inglaterra poderia oferecer a alguém no período, usaram a educação para trair duplamente, ajudando ao mesmo tempo a União Soviética e a Inglaterra, ao mesmo tempo que prejudicavam ambas com as informações que levavam e traziam, a imagem de John como já apontamos, como alguém que também fez sua parte para que a separação ocorresse, cristalizada na ligação que foi atender às escondidas já citada anteriormente, John também tem seus segredos. John, o espião, afirma que não fez parte dos Cambridge five, que as informações que levou à Moscou não teriam prejudicado ao Estado Inglês, em suma, que não

⁴² In: https://pt.wikipedia.org/wiki/Cambridge_Five. Último acesso em 16/07/2022.

traíra⁴³, não cabe especular, mas poderia ser que uma possível traição de John com uma de suas discípulas tenha precipitado o degradingolar de seu casamento, o que o narrador não nos diz, nem o romance nos revela.

Em outras palavras, o pai ter o nome de um espião, agente duplo, é revelador não só da figura idealizada desse pai do qual pouco sabemos, na verdade, fora a função que uma educação privilegiada lhe proporcionou a manutenção de sua posição social. Para além disso, a aparição da sombra do espião no nome do pai, poeta, mal compreendido, traz em si culturalmente a marca de Cambridge, sobretudo do Cambridge English, que por meio da seleção de um cânone literário bastante restrito, como a que foi apresentada por F.R. Leavis em *Mass civilization and Minority culture*, propondo uma visão bastante restrita de cultura e excludente de fruição artística, que parece estar presente nos textos, nas produções e na editora do pai, que vende pouco, pois é para poucos, mas sobretudo de maneira remodelada na visão conservadora de arte idealista que o narrador encarna, transformando, entretanto, o que era erudição, em coleção de citações. Inclusive, em dado momento do romance, mesmo que não tenha profundidade, o narrador tenta demonstrá-la, buscando criar ele mesmo sua *minority culture*, em determinada passagem, elogia a leitura do pai, mas já decide seu cânone pessoal, que sem surpresa, nostálgico que é, como vimos, são os poetas de antes, uma vez que para ele naquele tempo é que os poetas eram bons, já os modernos, os mais recentes, define da seguinte forma: “[t]oo much about the self, too glassily cool with regard to others, too many gripes in too short a line.” (2016, p. 14)

Pelo olhar do narrador, o pai é “a big man”, como ele afirma com orgulho, sentimento que não demonstra pela mãe, “my genome’s other half”. Enquanto ele exterioriza a mão ao máximo, como casa, aquela mulher, uma mulher que o envolve, como um envelope, do qual que sabe só a superfície interna, por ora, depois a externa, o pai é internalizado em vários momentos na narrativa, está no narrador, segundo o próprio, não que a mãe não esteja nele também, biologicamente falando, mas ele verbaliza a internalização paterna, e isso é significativo para a análise. Com o pai ele se preocupa, “whose helical twists of fate concern me greatly”, uma preocupação que não é somente com sua própria vida, já que com a mãe ele se preocupa quando lhe convém diretamente, como quando deseja que o coração da mãe bata sem parar pois lhe é útil e imprescindível, é nesse sentido que a preocupação com o pai parece ter outra qualidade.

⁴³ In: https://en.wikipedia.org/wiki/John_Cairncross. Último acesso em 16/07/2022 às 19:41.

O pai aparece como presença física, como visita recorrente à casa e, embora o narrador busque mostrar a gentileza do pai de trazer para a mãe, às vezes, um smoothie, do lugar preferido dele, “Sometimes he **brings her** smoothies from his favourite place on Judd Street” (2016, p.10), a escolha final ser da preferência do pai passa despercebida pelo narrador, além da falta de ajuda com o que a mãe de seu filho realmente necessitava, recitando poemas, ao invés de ajudar no asseio da casa, suja e desorganizada.

“Born under an obliging star, eager to please, too kind, too earnest, he has nothing of the ambitious poet’s quiet greed. He really believes that to write a poem in praise of my mother (her eyes, her hair, her lips) and come by to read it aloud will soften her, make him welcome in his own house.” (2016, p. 12)

A falta de percepção do narrador, como já vimos é sintomática de um presente em que as superfícies se apresentam como a totalidade, de um presente que parece se divorciar definitivamente do passado e do futuro, levando o narrador a trabalhar com suposições que, ao inverso de um modelo científico, por exemplo, que parte de suposições e pesquisa para confirmar ou refutar hipóteses na busca da construção de saberes, são aceitas muito rapidamente, se intercalando e se substituindo na mesma velocidade.

Portanto, ainda que o narrador esteja sempre seguindo um caminho (ainda que reflexivo), o vemos cair diversas vezes nos mesmos buracos, ou em buracos muito semelhantes, ainda que saiba que suas suposições já se mostraram equivocadas, parece, no fundo, ignorar o fato, recorrendo à mesma estrutura, que, ao que parece, é a única a que tem acesso: “I’ve listened carefully and **for now I’m assuming** the following(…)” (2016, p. 10).

Em contraste com a imagem do pai feita pelo narrador, a existência da mãe quase sempre aparece dependente de alguém, embora ao longo da narrativa ela não receba de fato, não que tenhamos acesso, apoio e auxílio nem de Claude e nem de John para coisa alguma,

Trudy knows it’s not a gravid woman’s lot, to heave garbage to the high-lidded wheelie bins. She could easily ask my father to clean the hall, but she doesn’t. Household duties might confer household rights. (2016, p. 16)

We enter a clean kitchen, whose unnatural order is my mother's night tribute to him.
Her exequy. (2016, p. 159)

Se antes o narrador imagina que “[i]f my father looks towards the ceiling to compose his thoughts”, sendo o pai, um ser autônomo, que pensa e existe, a mãe, aparece posta à distância pelo próprio fato de o narrador dar, por meio dos próprios verbos escolhidos, atividade ao pai “my father looks”, enquanto a mãe depende primeiro dele, claro, para existir, “I picture her”, depois, do pai, “from across the library through **his adoring eyes**.”

A descrição que se segue da mãe é extremamente física e sensualizada, como já vimos anteriormente, mas agora apontamos um detalhe adicional, mesmo para ela ser um objeto sensualizado, o narrador lhe atribui uma condição de dependência, a beleza da mãe sequer parece estar nela, mas nos olhos do pai que, sensível, sabe atribuir-lhe a beleza, atribuir-lhe valor, “[e]verything about her, he thinks, brought to perfection by her condition”, ou seja, ele é quem dá perfeição à mãe. A mãe, quando não surge amparada pelo julgamento alheio é, ela mesma, julgada pelo narrador, descrita como “selfish, devious, cruel”, por ter pedido espaço ao pai dele, se questionando sobre quem é ela pra pedir espaço, uma vez que ele é o mais apertado ali, o mais prejudicado. Novamente, por meio de novas evidências, podemos perceber o jogo hierárquico traçado pelo feto, em que ele tem sempre a posição mais alta no ranking que ele mesmo criou, que tenta convencer o leitor, para que não perca sua profissão de narrar, ainda que não sinta que esteja trabalhando, mas apenas conjecturando, fazendo meros exercícios intelectuais.

No mesmo caminho, a descrição de Claude é toda ela visual, feita, como já colocado algumas páginas antes desta, por um feto que sabe o mundo de ouvir dizer, que não tem o sentido da visão como meio de captar o mundo ao seu redor.

And Claude, like **a floater**, is barely real. Not even a **colourful** chancer, no hint of the **smiling** rogue. Instead, **dull to the point of brilliance, vapid** beyond invention, his banality as finely wrought as the **arabesques of the Blue Mosque**. (2016, p. 19)

Entretanto, é nesse jogo de menosprezo pelo tio e tentativa de se colocar em posição superior que o narrador nos revela que todos nadam em um mesmo lodo, quando quer se passar por um menino viajado, ainda sem sair da barriga da mãe, conhecedor da Mesquita Azul na Turquia, um aparente conhecimento de mundo, somado ao conhecimento arquitetônico dos arabescos, porém, o que surge quando raspamos a superfície e por baixo não há muita coisa é justamente um olhar de turista, de quem sabe os pontos turísticos e mais nada sobre os lugares, sobre o contexto, a história, como quem vai ao local para tirar fotos e postar em redes sociais, sem se dar conta, por exemplo de alguns absurdos, tal como aquele de quem vai ao centro da cidade de Mariana, no Estado de Minas Gerais, coloca as mãos nas algemas do pelourinho, centro do centro da cidade, e sorri para a *selfie*.

Voltando ao principal motivo que faz com que o narrador odeie seu tio, para além do óbvio de ser amante de sua mãe, precisamos perceber que Claude é pintado como uma figura que nunca para, sempre em trânsito, sempre partindo, chegando, se repetindo, sempre assobiando, avesso a ficar estático, ao estado atual das coisas, isto parece incomodar o narrador, que está parado, em estado parasitário, mas que, entretanto, de certo modo também não para, uma vez que produz página a página, mesmo que reproduzindo o que lhe chega aos ouvidos, se nos atentarmos ao vocabulário selecionado pelo narrador para descrever ao tio, [w]hose repeated remarks are a **witless, thrustless dribble**, whose **impoverished** sentences die like **motherless chicks, cheaply** fading (2016, p. 19), vemos que além da já apontada aversão à pobreza que o levaria a depender do trabalho, há também uma indicação forte de que o horror de nosso narrador não é apenas contra a falta de inteligência, o que, por meio da palavra, *wit*, sagacidade, vemos revelado outro aspecto de um modo de pensar que sugere um movimento do narrador, a saber, de disputa, como estamos sugerindo nas últimas páginas.

Mesmo que tenha uma dificuldade, senão a impossibilidade de converter informação em conhecimento, ficando nas águas rasas da estática do rádio, por vezes da tv, nosso narrador preza, por mais que talvez nem se dê conta, a sagacidade, o jogar o jogo, o mostrar que é bom o suficiente para participar, seja lá de qual for o grupo, o que não lhe deve ser atribuído como um desvio de caráter, mas como uma imposição de sua posição agora de feto, dependente de um outro ser, mas que parece que não se modificará, nascendo em um tempo em que a violência, a disputa, o *eliminar para não ser eliminado* parecem ter se tornado a norma.

Por isso o capitalismo contemporâneo gera um excesso sobre um excesso. No ponto cego entre a mais-valia e a mais-violência está a garantia de sua sobrevivência duplamente irracional – pois não basta estarmos em meio ao círculo infernal da produção de necessidades, estamos também submetidos à violência banal que lhe confere movimento. Assim como sem o “jogo” não haveria reality show, sem a fantasia segundo a qual não há lugar para todos, sem o fantasma da inutilidade, sem o imperativo da eliminação, sem o estado de guerra, não poderíamos retomar uma “normalidade” produtiva, pois o sistema capitalista é a própria produção de escassez e risco. Ele já é, em si mesmo, o “deserto do Real”, apenas agimos como se não fosse. (RODRIGUES, 2011, p. 143)

Nesse contexto de afundar os outros para salvar a si mesmo, o narrador arremata de uma vez a posição das outras personagens e busca se colocar em posição superior sempre que possível, menos por desejo, mais por sentir que precisa sobreviver, ainda que alguém precise morrer para isso.

As a man he's a piece of work, a self-constructed device, a tool for hard deception, scheming against Trudy even as he schemes beside her. The second, he's as he appears, the cockle has no morsel, he's as honest a schemer as she, only dimmer. For her part, she'd rather not doubt a man who hurls her over the gates of paradise in under three minutes. **Whereas I keep an open mind.** (2016, p. 22)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Parece-nos importante retomar o episódio em que o narrador ouve uma mulher no rádio que trata sobre conflitos, que inclusive vieram a estourar na guerra entre Rússia e Ucrânia no ano de 2022, para que analisemos outros aspectos, para além da diminuição que é feita da mulher pelo fato de ela não ser um homem. Segundo o narrador, eis o que a mulher especialista no mundo disse:

She considered two common states of mind: self-pity and aggression. Each one a poor choice for **individuals**. In combination, **for groups or nations**, a noxious brew that lately intoxicated the Russians in Ukraine (2016, p. 24)

Ao longo de uma sequência vasta de informações que são dadas em 20 minutos no rádio, tempo em que é humanamente impossível aprofundar os assuntos aos quais se ouve, o narrador vai comentando, palpitando, julgando os fatos entre aceitos ou reprovados por ele, sem que ao fim ele saiba muito sobre o que ouviu, no caso o conflito entre russos e ucranianos, conflito que, mantendo as diferenças, parece trazer de maneira mais ampla os aspectos de rivalidade, disputa, violência que notamos nas relações entre os indivíduos analisados em *Nutshell*.

Desde a anexação da Crimeia, em 2014, Rússia e Ucrânia vivem em conflito, ainda que velado, constante. Quando o romance foi lançado, em 2016, ainda não se sabia que o conflito se tornaria guerra declarada, entretanto, já em 2018 havia sinais claros do combate, uma vez que a tensão se acirrou muito com a apreensão de três embarcações ucranianas pelos russos, que alegavam violação territorial⁴⁴.

O episódio parece não ser uma escolha gratuita do autor implícito, pois desse conflito vários ecos de questões históricas políticas maiores são encontrados na narrativa da vida privada do narrador e de seus companheiros de disputa. Segundo Danylo Bilyk:

A atual crise se instaurou no último domingo (25/11), no Estreito de Kerch, litoral da Península da Crimeia, quando a Marinha russa impediu a passagem de três barcos

⁴⁴ In: <https://www.dw.com/pt-br/entenda-a-atual-crise-entre-ucr%C3%A2nia-e-r%C3%BAssia/a-46472513>. Último acesso em 17/07/2022 às 15:23.

militares ucranianos para o Mar de Azov. O estreito fica entre a Rússia continental, no leste, e a península anexada pelos russos em 2014, no oeste. Segundo Kiev, os barcos deveriam ir de Odessa, no Mar Negro, para Mariupol, no Mar de Azov. E o governo russo, argumentam os ucranianos, teria sido informado previamente sobre o traslado. Em Moscou, a versão é outra. O serviço secreto russo, a FSB (antiga KGB), que também é responsável pela proteção das fronteiras, argumenta que os navios ucranianos invadiram ilegalmente as águas territoriais russas e que as tripulações não obedeceram às ordens de parar. (BILYK, 2018)

As narrativas nos dias de hoje nos chegam incompletas, ou mais incompletas que em períodos anteriores da história, sabemos o que aconteceu, mas por vezes os detalhes, importantes para que possamos refletir e tirar nossas conclusões, estamos mais ou menos tão enclausurados quanto o narrador de *Nutshell*.

Desse modo, não é novidade que encontremos, aparentemente, dificuldades para a existência do romance, entretanto, o que tem lugar é o desaparecimento das condições de existência dos romances dos séculos anteriores ao nosso. Sendo o próprio conceito de experiência bastante problemático hoje em dia, conforme já o sentia e sabia Aldous Huxley, em meados dos anos 50, “[n]o quadro atual de nosso universo não há lugar para experiências transcendentais convincentes.” (2002, p.138), sendo assim, é pouco provável que alguém na realidade vá com completude encontrar “o sentido da vida”, nem o “autoconhecimento”. Há ainda um outro problema: como criar um romance, que tende a ser narrativo, em um tempo em que temos um outro fim, o das *grandes narrativas*, como teorizou Lyotard (2002) e a dificuldade de narrativizarmos o que quer que seja de maneira coesa e coerente?

Há caminhos, entretanto, pois o romance é “a forma representativa da época, na medida em que as categorias estruturais do romance coincidem constitutivamente com a situação do mundo.” (2000, p.96). Portanto, se algo teve fim ou morreu, foi o mundo e a experiência dele que fizeram possíveis os romances de épocas anteriores à nossa, passado esse, morto, mas que ainda assombra, como o rei, pai de Hamlet.

Porém, não é só a ficção que parece não dar conta de, com perdão da redundância, contar uma história, a própria realidade também parece nos chegar incompleta, nos deixando num complexo processo de saber sem saber, como por exemplo, no Brasil, quem mandou matar Bruno e Dom, quem matou e mandou matar Marielle e Anderson, são narrativas das quais sabemos sem saber, os detalhes que faltam vão deixando verdadeiros lapsos que passam

por nossa subjetividade, que vai se formando como os antigos mapas dos aventureiros do século XVI, cheios de espaços em brancos, muitos mares e mistérios.

O esforço parece-nos continuar buscando meios de narrar, por isso nos propusemos a escrever um romance autoral, *Peris-cópia*, em anexo ao final da tese, como uma postura estética e ética, bem como meios de analisar o que é narrado, na ficção e na vida, que muitas vezes se confundem, cavando as superfícies, mas antes dando profundidade àquilo que nos chega como estímulo, para que possamos preencher cada vez mais, ainda que tal possibilidade não esteja dada em nosso horizonte, mas não podemos deixar morrer enquanto busca, os espaços em branco em nossas narrativas e em nossos mapas subjetivos.

Por isso é fundamental não perder de vista os elos existentes entre passado, presente e futuro, pois embora cada conflito seja um, a guerra da Ucrânia traz o passado não resolvido em si, nada surge nas prateleiras, ainda que essa seja a impressão que tenhamos muitas vezes. O romance contemporâneo tem buscado formas de dar conta de narrar e de preencher os espaços em branco, outro contemporâneo de Ian McEwan, o mexicano Juan Pablo Villa-lobos tem um processo bastante particular de seguir narrando.

Juan Pablo Vilallobos, lançou seu último romance *No voy a pedirle a nadie que me crea* (2016), pela editora Anagrama, em Barcelona, romance este traduzido pela Companhia das Letras no Brasil em 2018, o que não deixa dúvidas de que se trata de um autor que produz dentro do sistema editorial, econômico, ou seja, seus romances vendem. Mas há muito o que se aprender através de sua forma estética, assim como aprendemos com o narrador de Ian McEwan, que tem sua força de narrador extraída de sua maior fraqueza, o ponto de vista extremamente limitado e limitante, conforme analisaremos brevemente aqui.

De início, já através do título, o que comprovamos ao longo do romance, temos uma obra que trabalha com a questão da escrita autobiográfica, o narrador, aliás, um deles, tem o mesmo nome do autor e vários dados biográficos semelhantes. A princípio teríamos mais uma obra que faria parte do “boom autobiográfico que acometeu a literatura hispanohablante nos últimos anos” (VILLALOBOS, 2018)⁴⁵, para o autor, e parece-nos uma ideia interessante, as pessoas não estavam levando a literatura muito a sério porque havia a impressão que ele não serve para nada, portanto a autobiografia teria vindo para suprir essa questão, trazendo

⁴⁵ As citações do autor, quando relacionada a parte teórica, foram anotadas em fala feita por ele no Sesc Paulista em 28/06/2018. Pode ser assistida em: <https://www.youtube.com/watch?v=42nV-7Qzb2g>.

uma sensação de que assim serviria, já que a história tratava sobre fatos que haveriam ocorrido verdadeiramente (IDEM).

Dentro da perspectiva autobiográfica, o romance traz quatro narradores diferentes, já sinalizando a impossibilidade de um só narrador dar conta da tarefa de levar uma narrativa bem estruturada a cabo, um sinal dos tempos como parte constitutiva do romance. Um narrador é Juan Pablo, estudante de Letras que planejava ir a Barcelona fazer seu doutorado, que está escrevendo um romance contando suas peripécias, já o havia tentado, mas como nada acontecia em sua vida, não conseguia fazê-lo, agora, interceptado pelo cartel do narcotráfico Mexicano é enviado a Barcelona como um elo entre o cartel e pessoas de bem de Barcelona. Outro é Valentina, sua namorada, ou algo do tipo, que escreve um diário para contar sobre a estadia na cidade europeia e sobre seus padecimentos, uma vez que Juan Pablo a ignora, pois só a levou por imposição do chefe do cartel, que achou que um casal seria um álibi melhor aos negócios. O terceiro é o primo de Juan, que o envolveu no “projeto” e que surge através de cartas que chegam postumamente, duas endereçadas a Juan e uma a Valentina, uma vez que foi morto logo no início da narrativa. O narrador que falta é a mãe de Juan Pablo, através de suas cartas ao filho. Além do fato de haver quatro narradores, o que mais chama a atenção é que nenhum deles “sabe” contar a história completa, o que gera na narrativa espaços em branco, nunca preenchidos, em que informações importantes ficam faltando. Sabemos dos fatos, mas sempre pela metade, sempre tendo que preencher os espaços com suposições.

Soma-se a esse defeito da narrativa, que se dá no nível mais básico da própria redação dos narradores, podemos perceber outros, também no que toca à escrita. Observemos o seguinte trecho:

Me preguntan de dónde soy, dando por hecho que no soy de Guadalajara, quizá porque al estrecharles la mano levaté el dedo pulgar hacia el cielo. Digo que de Lagos, que viví ahí hasta los doce años. No saben dónde queda eso. Explico que en Los Altos, a tres horas de coche. Mi primo dice que de ahí es la familia de su papá y que su papá y el mío son hermanos. Ah, dicen.” (2016, p.13)

Qualquer estudante de ensino médio que tenha contato com aulas de redação já ouviu, quase certamente, diversas vezes que não deve criar uma narrativa com uma estrutura do tipo “fulano pegou e disse, aí peguei e falei, aí o outro foi lá e disse”, porém, é exatamente essa formulação e outras semelhantes que aparecem ao longo do romance, temos, portanto, um texto com graves “problemas” básicos de redação. Já são dois problemas. Além desses, um outro, o título do livro se repete diversas vezes ao longo da história, um outro defeito geralmente apontado pelos críticos que avaliam as obras com estrelinhas nos jornais e algo proibido nas mais *ilustres* oficinas de escrita.

Aparentemente, podemos sentenciar, trata-se de uma obra produzida sob o mando da Indústria Cultural, se alinhando à forma de escrita do leitor, que não lê muito e não escreve, conforme o senso-comum tende a acreditar, e por vezes a realidade, infelizmente, confirma. Apontar as falhas básicas da narrativa, além do fato de o romance se inserir na moda do autobiografismo, que pode dar, inclusive nos livros de autoajuda, algo inclusive problematizado no romance de Mohsin Hamid que lançou uma obra de autoajuda (às avessas), o *Como ficar podre de Rico na Ásia Emergente* (2014).

No voy a pedirle a nadie que me crea trata, mesmo através dos buracos da narrativa, da viagem sem rumo (e sem volta no caso de 3 dos quatro narradores) ao sonho da vida Europeia em Barcelona, cidade turística, mas também real. Juan Pablo, personagem, encarna o sujeito que vive a cada dia sem saber como será o próximo, se houver amanhã, claro, espera pelas ligações do “licenciado”, encontra com um “chino”, um tal “Chucky” ou com um paquistanês que se chama “Ahmed”, segundo a investigadora de polícia “todos los pakistaníes se llaman Ahmed” (2016, p.234), todos são reduzidos a seus próprios estereótipos, fora os preconceitos que estão presentes praticamente em todas as páginas. Juan, intelectual subdesenvolvido, vive, segundo seu primo, em uma das cartas que lhe foram endereçadas, “en el mundo de la fantasía y no sab[e] cómo están los chingadazos acá afuera, (...) en la vida real” (2016, p.76) e agora vê a realidade bater a porta sem lhe deixar escolha, Juan figura um sujeito que vive dia a dia sob os mandos do capital, que é quem de fato decide o que, quando, como e se ele vai fazer. Isso é bastante claro em vários momentos, um deles quando é obrigado a troca de orientador e de objeto de estudo:

“No sé por qué lo hago, le diría, si dijera la verdad, si pudiera decirle la verdad le diría que sólo obedezco órdenes, que he caído en las redes de una organización criminal que me obliga, bajo amenaza de muerte, a cambiar el tutor y el tema de mi tesis doctoral. No voy a pedirle a nadie que me crea” (2016, p.60)

Se Juan não tem nenhuma autonomia, nem poder de decisão sobre sua própria vida, Valentina, que não sofre ameaças diretas dos narcotraficantes, não demonstrar maior liberdade, se vê sozinha e sem emprego, descobrindo a Barcelona “real”, do trabalho, das relações dos Europeus com os imigrantes, vemos, com ela, uma outra cidade, aquela que a propaganda não mostra, sob a superfície que brilha, a cidade turística, descascando um pouco o verniz, há uma realidade mais profunda e opaca. Em uma passagem de seu diário, Valentina registra:

“Luego me dijo que la acompañara a buscar leche, que ella no podía cargar los envases porque estaban muy pesados. La miré desconcertada. Sólo entonces reparó en mi vestimenta.
- Perdona, perdona -me dijo-, pensé que trabajabas en la tienda.
Hizo un ademán con la mano derecha recorriendo su rostro, señalando, metafóricamente, mis facciones y el color de mi piel, para excusarse sugiriendo que si se había confundido era por culpa de mi apariencia.
- Pero eres muy guapa- me dijo.
No debería darle importancia, pero.
No debería darle importancia, pero.
Pero.
Pero.” (2016, p.43)

É nítido o choque entre a aparência e o significado por trás dela, a cidade é linda e horrível, os estereótipos não descrevem a totalidade das pessoas, mas importam e têm efeitos práticos. Juan e Valentina, o primo nem sequer viveu 50 páginas, levam consigo o México, Juan através do narcotráfico, que é um estereótipo geralmente associado ao país e que se confirma na narrativa, sendo uma parte real também da realidade mexicana, Valentina pela sua própria fisionomia e pele, ao que parece, a rede, a conexão de um mundo globalizado ainda ou não chegou por lá, ou não descreve a realidade.

No fim, restam poucas pessoas para contar a história, os que sabem mas estão envolvidos no “desaparecimento” de Juan Pablo, Valentina e Alejandra, uma criança de menos de 10 anos que era cuidada por Valentina em troca de 20 euros por dia, para que

pudesse sobreviver, e que portanto, não dirão nada sobre o assunto, um dos envolvidos é pai da “namorada nova” do Juan e se torna uma espécie de governador ao final. Juan interrompe sua narrativa, cheia de falhas sem finalizar, Valentina também.

Dos vivos que sobram temos uma policial, mulher, única no meio de uma corporação corrupta, pelo que suspeitamos, sempre sem provas de fato, que se indigna e denuncia várias vezes o desaparecimento dos três, sem que consiga nada com isso. A própria mãe de Juan, em visita bancada por uma *ONG* que apoia famílias de desaparecidos, menospreza e se irrita com a denúncia de Laia, a policial, e agradece ao chefe de polícia que já havia advertido que Laia era louca. Temos aqui, finalmente, o sistema reconstituído. Os do cartel, peças apenas de um processo econômico muito maior, pessoas de bem envolvidas em lavagem de dinheiro e que ganham cargos públicos, a policial “honesta”, louca, uma vez que é mulher, típico preconceito machista e quem, sintomaticamente dá cabo à narrativa é a mãe de Juan, com o olhar de quem não sabe nada do que se passou e de quem vai a Barcelona como turista, após defender a Laia, namorada nova de Juan, com a qual a mãe esperava que o filho pudesse “mejorar la raza con unos nietos europeos” (2016, p.39), o pai dela, sogro virtual, que assumiu cargo no governo, dá cabo ao romance da seguinte forma:

Perdona, hijo, que tu madre te cuente todas estas cosas horribles, tu madre no quería escribirte para eso, tu madre quería escribirte para contarte que a pesar de todo ha sido muy bonito venir a Barcelona, para decirte que tu madre sabe que vas a aparecer, que tu madre no pierde nunca la esperanza, tu madre sabe que las historias no se acaban si no llegan al final, que tú todavía tienes muchas cosas por vivir, no puedes dejar tu historia a la mitad, hijo, las historias necesitan un final, un final feliz, o infeliz, pero un final, y tú, no puedes dejar tu historia a la mitad.
Y si no aparecieras nunca, hijo, si tu madre nunca volviera a verte, Juan Pablo, a tu madre al menos le quedará el consuelo de saber que pasaste tus últimos días en esta ciudad tan hermosa. (2016, p.271)

Em tempo, a única prova real de que tudo aconteceu é o romance deixado por quatro narradores que não sabem bem nem o que viveram, não sabem os nomes reais de metade das pessoas com as quais conviveram e que se chama *No voy a perderle a nadie que me crea*. Os defeitos apontados se revelam, deste modo, não defeitos, mas a descoberta formal de Juan Pablo Villalobos para contar uma história que desse conta de uma experiência que vivemos que nos leva à impossibilidade de narrar, ou de o fazer de maneira coesa e coerente. Ainda na

fala já citada, o autor afirma, não exatamente com essas palavras, e mesmo se não o tivesse feito, o romance formalmente nos apresenta a questão, que não é possível para um narrador mexicano, acreditamos que contemporâneo, mais que mexicano, contar uma história bem contada, a melhor forma que ele poderia nos narrar é não sabendo fazê-lo, não tendo as informações cruciais, figurando uma frustração, agora já não mais nas palavras de Juan Pablo, que é também muito nossa, se no México, para darmos um exemplo, em 2016, estudantes mexicanos desapareceram no Estado Guerrero, um dos mais pobres e violentos do país⁶, após serem levados pela polícia, caso que até hoje tem várias versões, mas nunca saberemos, de fato, o que ocorreu, e no entanto, não temos ilusões, de certa forma, imaginamos; no Brasil, existem vários exemplos de situações parecidas, por exemplo, helicópteros com pasta base de cocaína encontrado em terreno privado, mas não sabemos o dono, repetimos, porque nunca é o suficiente repetições como esta, a morte de Marielle e Anderson, mala com muito dinheiro em apartamento particular, mas também é muito difícil saber de quem é, enfim, helicópteros caem e, ao fim e ao cabo, se contamos as notícias diárias, poderíamos muito bem acrescentar ao fim, *não peço que acreditem em mim*. Talvez a realidade tenha se convertido em ficção, seria o fim da realidade?

Feito esse longo percurso para entender se ainda há, e se há porque estudá-los, a história, a arte e a crítica, podemos, ou antes queremos (?), crer que ainda é possível a existência de uma arte que não seja só mercadoria e de uma crítica que não seja só sonâmbula e saudosa de uma *Golden Age* qualquer.

Ao perceber que ainda temos produtos culturais que nos ensinam algo que, ou não sabíamos, ou não nos demos conta ainda, se já não vivemos em um período da História no qual podemos ter uma arte, se é que ela já existiu, “revolucionária” a ponto de mudar o mundo e transformá-lo em um lugar mais sociável, para além das aparências, ainda parece possível, uma arte que lide com os materiais disponíveis, mesmo que insuficientes ou insatisfatórios, capaz de trabalhar as contradições de seu tempo. Para concluir, Juan Pablo, respondeu, ao ser perguntado como ele se via enquanto escritor crítico de seu tempo que “não pens[a] ser um escritor comprometido, mas que pode participar da discussão” (VILLALOBOS, 2018), parece ser um caminho.

Ian McEwan, autor do romance que é o objeto de estudo desta tese, retoma um dos maiores clássicos da literatura Inglesa, *Hamlet*, fazendo dele uma base para seu romance, mas retomando de modo a captar, partindo de uma posição, a princípio, quase impossível de

narrar seja o que for, para daí, da própria aparente impossibilidade produzir seu romance, que para formalizar os vazios, ao invés de preenchê-los com massa plástica, os traz para dentro da obra, constituindo uma obra com defeitos e são esses defeitos que podem nos revelar o que importa ler sob o discurso dos narradores contemporâneos que fazem desfilar em frente aos nossos olhos preconceitos, posições ideológicas, “defeitos”, do quais, inclusive, não estamos ninguém a salvo.

Se retornamos ao programa em que o narrador ouve sobre o conflito entre Rússia e Ucrânia, podemos ver um desfile de assuntos dos mais variados, um retrato do mundo em que vivemos, muita informação, incapacidade de selecionar e de conectar assuntos, o romance de Ian McEwan no trecho a seguir, com o perdão da enorme citação, mas pensamos necessária para que, inclusive visualmente, possamos perceber o mar caótico no qual o pensamento crítico se vê naufragar nos dias que vivemos.

We were belittled, now we will prove ourselves. Now that **the Russian state was the political arm of organised crime**, another war in Europe no longer inconceivable. Dust down the tank divisions for Lithuania’s southern border, for the north German plain. The same potion inflames the **barbaric fringes of Islam**. The cup is drained, the same cry goes up: we’ve been humiliated, we’ll be avenged. The lecturer took a dim view of our species, **of which psychopaths are a constant fraction, a human constant**. Armed struggle, just or not, attracts them. They help to tip local struggles into bigger conflicts. **Europe, according to her, in existential crisis, fractious and weak as varieties of self-loving nationalism sip that same tasty brew. Confusion about values**, the bacillus of anti-Semitism incubating, immigrant populations languishing, angry and bored. **Elsewhere, everywhere**, novel inequalities of wealth, the super rich a master race apart. Ingenuity deployed by states for new forms of brilliant weaponry, by global corporations to dodge taxes, by righteous banks to stuff themselves with Christmas millions. **China**, too big to need friends or counsel, cynically probing its neighbours’ shores, building islands of tropical sand, **planning for the war it knows must come. Muslim-majority countries plagued by religious puritanism, by sexual sickness, by smothered invention. The Middle East, fast-breeder for a possible world war**. And foe-of-convenience, the United States, **barely the hope of the world**, guilty of torture, helpless before **its sacred text conceived in an age of powdered wigs, a constitution as unchallengeable as the Koran**. Its nervous population obese, fearful, tormented by inarticulate anger, contemptuous of governance, murdering sleep with every new handgun. **Africa yet to learn democracy’s party trick—the peaceful transfer of power. Its children dying, thousands by the week, for want of easy things—clean water, mosquito nets, cheap drugs. Uniting and levelling all humanity, the dull old facts of altered climate, vanishing forests, creatures and polar ice**. Profitable and poisonous agriculture obliterating biological beauty. Oceans turning to weak acid. Well above the horizon, approaching fast, the urinous tsunami of the burgeoning old, cancerous and demented, demanding care. And soon, with demographic transition, the reverse, populations in catastrophic decline. **Free speech no longer free, liberal democracy**

no longer the obvious port of destiny, robots stealing jobs, liberty in close combat with security, socialism in disgrace, capitalism corrupt, destructive and in disgrace, no alternatives in sight. In conclusion, she said, these disasters are the work of our twin natures. Clever and infantile. We've built a world too complicated and dangerous for our quarrelsome natures to manage. In such hopelessness, **the general vote will be for the supernatural**. It's dusk in the second Age of Reason. **We were wonderful, but now we are doomed. Twenty minutes. Click.**" (2016, p. 22, 23, 24)

As marcações em negrito são nossas, para chamar atenção para estereótipos, afirmações vagas, preconceitos diversos, afirmações sem provas, baboseiras. O mais significativo é a forma como as informações se apresentam, como coisas apartadas, de fato como selos que são colados num suporte para, são períodos simples, sem conectivos, cristalizando a imagem de idéias que se acumulam e não se somam, não fazem conexão, como por exemplo, "[i]t's dusk in the second Age of Reason. We were wonderful, but now we are doomed", qual a relação, nós enquanto leitores, bem como o narrador enquanto ouvinte, devemos fazer entre uma tal segunda Era da Razão, que não sabemos ao certo do que se trata, e o fato de que éramos (éramos quem?) maravilhosos (quando foi isso?), mas que agora estamos condenados (a que?).

Vemos nascer nas páginas de *Nutshell* um ansioso pseudo-intelectual anti-intelectualidade,

Anxiously, I finger my cord. It serves for worry beads. Wait, I thought. While it lies ahead of me, what's wrong with infantile? I've heard enough of such talks to have learned to summon the counterarguments. Pessimism is too easy, even delicious, the badge and plume of intellectuals everywhere. It absolves the thinking classes of solutions. We excite ourselves with dark thoughts in plays, poems, novels, movies. And now in commentaries. Why trust this account when humanity has never been so rich, so healthy, so long-lived? (2016, p. 26)

Mas o que chama de intelectualidade é uma visão mais pessimista, porque crítica, da realidade, o narrador acredita que o pessimismo é fácil demais, vemos surgir uma subjetividade que oscila entre pessimismo e otimismo, que, por ainda ser parte de uma classe social que pode ter tal ilusão, crê, de fato, que vivemos tempo em que "humanity has never been so rich, so healthy, so long-lived?" (2016, p. 26). E o otimismo segue na sequência do

trecho citado acima em um acúmulo de absurdos, que aparecem em negrito no trecho a seguir:

When fewer die in wars and childbirth than ever before—and more knowledge, **more truth by way of science**, was never so available to us all? When tender sympathies—for children, animals, alien religions, unknown, distant foreigners—swell daily? When hundreds of millions have been raised from wretched subsistence? When, in the West, even the middling poor recline in armchairs, charmed by music as they steer themselves down smooth highways at four times the speed of a galloping horse? **When smallpox, polio, cholera, measles, high infant mortality, illiteracy, public executions and routine state torture have been banished from so many countries?** Not so long ago, all these curses were everywhere. When solar panels and wind farms and nuclear energy and inventions not yet known will deliver us from the sewage of carbon dioxide, and GM crops will save us from the ravages of chemical farming and the poorest from starvation? When the worldwide migration to the cities will return vast tracts of land to wilderness, will lower birth rates, **and rescue women from ignorant village patriarchs?** What of the commonplace miracles that would make a manual labourer the envy of Caesar Augustus: **pain-free dentistry, electric light, instant contact with people we love, with the best music the world has known, with the cuisine of a dozen cultures? We're bloated with privileges and delights, as well as complaints, and the rest who are not will be soon.** (2016, p. 25-26)

O narrador, intelectual de gabinete, pensa ser conhecedor da sociedade em que virá a nascer, “[i]n my confinement I’ve become a connoisseur of collective dreams” (2016, p. 28), de dentro do útero, pensa sabe dos sonhos coletivos, de todo mundo, acreditando, equivocadamente que ou os privilégios um dia serão de todos ou que todos já estão em seu mesmo nível social, justificando suas frases, por vezes violentas e muitas vezes egoísta com justificativas que não justificam, como em “[I]ike everyone else, I’ll take what I want, whatever suits me” (p. 28) e em “I seethed, and then, like everyone else, I settled down and made the best of my inheritance. (p. 143), isso quando não relativiza tudo, pois afinal, o que é a verdade, não é mesmo? “Who knows what’s true? I can hardly collect the evidence for myself. Every proposition is matched or cancelled by another” (p.28).

A narrativa de *Nutshell* termina da seguinte maneira:

We contemplate this. It’s over. It’s not a good end.
It was never going to be. My mother moves me so we can exchange a long look. The moment I’ve waited for. My father was right, it is a lovely face. The hair darker than I thought, the eyes a paler green, the cheeks still flushed with recent effort, the nose

indeed a tiny thing. I think I see the entire world in this face. Beautiful. Loving. Murderous. I hear Claude cross the room with resigned tread to go downstairs. No ready phrase. Even in this moment of repose, during this long, greedy stare into my mother's eyes, I'm thinking about the taxi waiting outside. A waste. Time to send it away. And I'm thinking about our prison cell—I hope it's not too small—and beyond its heavy door, worn steps ascending: first sorrow, then justice, then meaning. The rest is chaos. (2016, p. 197)

As personagens, significativamente, são descritas de maneira passiva quanto à situação final e as os períodos simples, curtos, sem ligação entre si indicam uma espécie de impotência delas com relação ao presente a que chegaram, “[w]e **contemplate** this. It's over. It's not a good end”, o narrador enfim nasce, percebe que muitas de suas conjecturas e que nem tudo o que ouviu se confirmou tal qual imaginara, [m]y father was right, it is a lovely face. The hair darker than I thought, the eyes a paler green, the cheeks still flushed with recent effort, the nose indeed a tiny thing”.

O sentido é o último a comparecer, quando chega, chega tarde, “first sorrow, then justice, then meaning” e ao contrário do mundo em que Shakespeare viveu e escreveu obras consideradas, hoje, perfeitas esteticamente, inovadoras, grandes narrativas dos costumes, das paixões humanas e outros adjetivos, Ian McEwan faz seu romance partindo de um modelo, estabelecendo um elo entre passado e presente, catando os cacos de sentido que podemos captar em meio ao incessante bombardeio de informações, em um mundo onde já não é a ausência, a falta, o silêncio que não nos permitem saber, já não é mais o tempo de obras que terminam com “o resto é silêncio”, mas obras que terminam e, terminam mal como a de McEwan, na qual o final mais verossímil seja o que o autor nos oferece, [t]he rest is chaos e desse caos precisamos buscar o sentido, que tarda, nem sempre de toda justiça, mas chega e esperamos que sempre haja de chegar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

I) Ficção

ASSIS, Machado de. **Memórias póstumas de Brás Cubas**. São Paulo: Ática, 1992.

_____. Pai Contra Mãe. In: _____. **Relíquias da Velha Casa**. Rio de Janeiro: Ed. Garnier, 1990.

AZEVEDO, Aluísio. **O cortiço**. 30. ed. São Paulo: Ática, 1997. (Bom Livro). Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetailheObraForm.do?select_actio n=&co_obra=2018>. Acesso em: 17/07/ 2020.

HAMID, Mohsin. **Como ficar podre de rico na Ásia emergente**. Tradução: Sonia Moreira. São Paulo: Cia das Letras, 2014.

LEMINSKI, Paulo. **Catatau**: um romance-ideia. São Paulo: Iluminuras, 2011.

MCEWAN, Ian. **Nutshell**. Londres: Jonathan Cape, 2016.

SHAKESPEARE, William. **Hamlet**: The Texts of 1603 and 1623. Edited by: THOMPSON, Ann; TAYLOR, Neil. London: Bloomsbury, 2017.

VILLALOBOS, Juan Pablo. **No voy a pedirle a nadie que me crea**. Barcelona: Anagrama, 2016;

II) Teoria, Crítica e Artigo

ADORNO, Theodor W. **The culture Industry: selected Essays on Mass Culture by Theodor W. Adorno**. Org.: J. M. Bernstein. Londres: Routledge, 1991.

ANDRADE, Eliane Righi de e ALMOZARA, Paula Cristina Somenzari. **A construção da memória do sujeito contemporâneo a partir de arquivos-monumentos**. In: Revista Rua,

Campinas, Número 22, Volume 1, Junho 2016, p.45-62.

BRANDAO, Maria Zilah da Silva. **Terapia comportamental e análise funcional da relação terapêutica: estratégias clínicas para lidar com comportamento de esquivia.** *Rev. bras. ter. comport. cogn.*, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 179-187, dez. 1999. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-55451999000200007&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 17 jul. 2022.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa.** São Paulo: Editora Nacional, 1977.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de História. In: _____. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.** São Paulo: Brasiliense, 1994.

BENVENISTE, Émile. Da subjetividade na linguagem. In: _____. **Problemas de linguística geral I.** 2 ed. Campinas: Editora da Unicamp; Pontes, 1988. p. 284-293.

CANDIDO, Antonio. De cortiço a cortiço. In: _____. **O discurso e a cidade.** 3. ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Duas Cidades/Ouro sobre azul, 2004.

CEGALA, Domingos Paschoal. **MiniGramática da Língua Portuguesa.** São Paulo: Editora Nacional, 1990.

CEVASCO, M. E. (2021). Jameson on Allegory: Notes from the Periphery, *Historical Materialism*, 29(1), 151-161. doi: <https://doi.org/10.1163/1569206X-12341999>

CROCCO, Fábio Luiz Tezini. **Georg Lukács E A Reificação: Teoria Da Constituição Da Realidade Social.** In: *Kínesis*, Vol. I, nº 02, Outubro-2009, p. 49 - 63.

FORNER, Oscar Milton Cowley e SILVA, Maria Aparecida Ramos da. **A mídia como arma de guerra durante a Segunda Guerra Mundial.** In: Ano XIII, n. 07. Julho/2017. NAMID/UFPB - <http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/tematica>. In: [https://periodicos.ufpb.br > article > download](https://periodicos.ufpb.br/article/download)

FUKUYAMA, Francis. **The End of History?** *The National Interest*(verão1989): 3-18.

GEITENS, Elisabeth Fátima. **O que é o Sujeito? O olhar da psicanálise.** 2017. TCC (Curso

de Especialização) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/169036>>. Acesso em: 14 abr. 2021.

GIORGI, Artur de Vargas. **A invenção da modernidade**. In: Revista Cult. Edição de 28 de julho de 2021. In: <https://revistacult.uol.com.br/home/invencao-da-modernidade/>

GUILHARDI, Hélio José. **Os Seis Sentidos De “The Lady And The Unicorn”**. In: <https://itcrcampinas.com.br/txt/seissentidos.pdf>

JAMESON, Fredric. **Postmodernism, or, The cultural logic of late capitalism**. New York, USA: Duke University Press, 1984.

_____. **Nostalgia for the Present**. Classical Hollywood Narrative: The Paradigm Wars, edited by Jane M. Gaines, New York, USA: Duke University Press, 1992, pp. 253-274. <https://doi.org/10.1515/9780822396345-010>

_____. The end of temporality. **Critical Inquiry**, [S. l.], v. 29, n. 4, 2003, p. 695-718. Disponível em: < www.jstor.org/stable/10.1086/377726>. Acesso em: 14 abr. 2021.

_____. **Postmodernism, or, the Cultural Logic of Late Capitalism**. Durham: Duke University Press, 1991.

JUNIOR, Irineu & PELLIZZARI, Bruno. (2019). **Bolhas Sociais e seus efeitos na Sociedade da Informação: ditadura do algoritmo e entropia na Internet**. Revista de Direito, Governança e Novas Tecnologias. 5. 57. [10.26668/IndexLawJournals/2526-0049/2019.v5i2.5856](https://doi.org/10.26668/IndexLawJournals/2526-0049/2019.v5i2.5856).

KILPP, S. **O confessionário reality de Big Brother Brasil**. Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, São Paulo, v. 27, n. 2, 2012. DOI: 10.1590/rbcc.v27i2.1066. Disponível em: <https://revistas.intercom.org.br/index.php/revistaintercom/article/view/1066>. Acesso em: 1 jan. 2023.

LACAN, Jacques. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In: _____.

Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. p. 237-324.

_____. A identificação. In: _____. **O seminário, Livro 9** – Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

LEITE, Lígia Chiappini Moraes. **O foco narrativo, ou, A polêmica em torno da ilusão.** São Paulo: Ática. Acesso em: 01 jan. 2023. , 1987

LUKÁCS, Geörgy. **Art and Misunderstanding.** Mediations29.2 (primavera2016): 19-25.

LUKÁCS, Georg. **A teoria do Romance: um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica.** Tradução, posfácio e notas: José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Duas Cidades, Ed.34, 2000.

MCLEOD, Sylvia Faye. **Aspects of voice in Ian McEwan's fiction.** 2018. Tese (Doutorado em Filosofia) - The University of Western Australia, Perth, 2018. Disponível em: <https://research-repository.uwa.edu.au/files/26765160/THESIS_DOCTOR_OF_PHILOSOPHY_MCLEOD_Sylvia_Faye_2018.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2021.

MUKHERJEE, Siddhartha. An Unborn Baby Overhears Plans for a Murder in Ian McEwan's Latest Novel. **New York Times**, New York, p. 1, sep. 2016. Sunday Book Review. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2016/09/11/books/review/ian-mcewan-nutshell.html>>. Acesso em: 15 abr. 2021.

MÜLLER, Wolfgang G.. The body within the body: Ian McEwan's creation of a new world in Nutshell. **Frontiers of Narrative Studies**, v. 4, n. 2, p. 374-392, 2018. <https://doi.org/10.1515/fns-2018-0029>.

NIETZSCHE, Friedrich. **Humano, demasiado Humano: um livro para espíritos livres.** Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

OLIVEIRA, Claudia. O machismo estrutural do nosso dia a dia. In: Revista Cult. São Paulo. Edição de 21 de outubro de 2019.

<https://revistacult.uol.com.br/home/machismo-estrutural-do-nosso-dia-a-dia/#:~:text=J%C3%A1%20quando%20falamos%20do%20machismo,torna%20se%20infinitamente%20mais%20dif%C3%ADcil.>

ORLANDI, E. P. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2005.

RABELO, Amanda Oliveira. **Memória e subjetividade: elementos para refletir sobre a singularidade das professoras**. In: Santa Maria, v. 32 - n. 01, p. 183-200, 2007 Disponível em: [https://periodicos.ufsm.br > article > download](https://periodicos.ufsm.br/article/download)

REIS, Livia Dias Jacomé. **A construção da subjetividade e a influência dos meios de comunicação na sociedade contemporânea**. Monografia apresentada como requisito para conclusão do curso de Psicologia – formação psicólogo – do Centro Universitário de Brasília – UniCeub. Brasília, p.53, 2006.

RIBEIRO, Marina Ferreira da Rosa. Uma reflexão conceitual entre identificação projetiva e enactment: O analista implicado. **Cad. psicanal.**, Rio de Janeiro, v. 38, n. 35, p. 11-28, dez. 2016. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-62952016000200001&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 13 abr. 2021.

RODRIGUES, Silvia Viana. **Rituais de sofrimento**. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação do Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, p. 157, 2011.

ROSA, Géssica Carneiro. **A Escuta Em Vertigem: Otopografias Do Presente**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal Do Rio Grande Do Sul – Ufrgs Instituto De Psicologia Programa De Pós-Graduação Em Psicologia Social E Institucional, Porto Alegre, p. 69, 2019.

SANTOS, Roseane. **Falta de empatia começa na infância e tem relação com ausência de limites**. In: <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2021/01/25/falta-de-empatia-comeca-na-in>

fancia-e-tem-relacao-com-ausencia-de-limites.htm?cmpid=copiaecola

SANTOS, Arcângela Rocha Mota. **Oito anos de Big Brother Brasil: Um olhar sobre a estrutura e as mudanças na dinâmica do reality show.** Rio de Janeiro, 2010.

SCHWARZ, Roberto. Cultura e política, 1964-1969. In _____. **O pai de família e outros estudos.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

_____. Entrevista. **Revista Pesquisa Fapesp**, Ed. 98, abr. 2004. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/um-critico-na-periferia-do-capitalismo/>. Acesso em: 15 abr. 2021.

SCHWARTZ, David M, with Victor Englebert. **Vanishing Peoples Yanomami People of The Amazon.** New York: Lothrop, Lee & Shepard Books.

SIDMAN, M. **Coerção e suas aplicações.** (Trad. M.A. Andery e M.T. Sérgio) Campinas: Editorial PSY 2, 1989

SILVA, Lisiane Barbosa Martins Godoy da e SOUZA, Luisandro Mendes de. **Uma breve reflexão sobre o ensino da sinonímia. In:**

<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/117516/000967165.pdf?sequence=1>.

Último acesso: 17/07/2022

TOURINHO, Emmanuel Zagury. **Subjetividade e relações comportamentais.** Tese apresentada ao Departamento de Psicologia Experimental, Universidade Federal do Pará, Belém, p. 241, 2006.

VEADO, Patrícia Moraes; SILVA, Lidiane Ferreira da. **Um novo olhar para o erro na educação contemporânea.** In: DOI: https://doi.org/10.14195/978-989-26-1326-0_29.

VIEIRA, Luanda. **Entenda por que falamos que ‘vidas negras importam’ em vez de ‘todas as vidas importam’.** In: <https://www.geledes.org.br/entenda-por-que-falamos-que-vidas-negras-importam-em-vez-de->

[todas-as-vidas-importam/](#). Último acesso em: 17/07/2022

III) Links

<https://www.uopeople.edu/blog/hearing-vs-listening/>. Último acesso em: 21/04/2022 às 14:00.

<https://www.bbc.co.uk/radio4/features/the-reith-lectures/about/>. Último acesso em: 10/07/2022 às 11:00.

<https://neilpatel.com/br/blog/o-que-e-brainstorming/>. Último acesso em: 17/07/2022 às 11:00.

<https://www.oconhecimento.com.br/brainstorming-raios-de-pensamentos-e-chuva-de-ideias/>.

Último acesso em: 17/07/2022 às 11:00.

[http://www.saude.ba.gov.br/atencao-a-saude/saude-de-todos-nos/saudelgbt/glossario-lgbt/#:~:text=Portanto%20a%20express%C3%A3o%20do%20termo,feminino%20como%20masculino%20tamb%C3%A9m%20n%C3%A3o](http://www.saude.ba.gov.br/atencao-a-saude/saude-de-todos-nos/saudelgbt/glossario-lgbt/#:~:text=Portanto%20a%20express%C3%A3o%20do%20termo,feminino%20como%20masculino%20tamb%C3%A9m%20n%C3%A3o.). Último acesso em: 17/07/2022 às 11:00.

<https://www.hcn.org/issues/52.2/humor-tumbleweed-mayhem-maggot-farmers-cowboy-shrimp>. Último acesso em 02/06/2022 às 15:06

<https://www.producaodebiodiesel.com.br/meio-ambiente/como-a-criacao-de-animais-esta-impactando-o-meio-ambiente>. Último acesso em 02/06/2022 às 14:45

https://en.wikipedia.org/wiki/The_Burren. Último acesso em 02/06/2022 às 16:17.

https://en.wikipedia.org/wiki/The_Burren. Último acesso em 03/06/2022 às 09:14.

<https://www.horanaestrada.com.br/hikking-x-trekking-entenda-a-diferenca-entre-essas-duas-atividades/>. Último acesso em 03/06/2022 às 10:03.

https://pt.wikipedia.org/wiki/Batalha_das_Ardenas. Último acesso em 03/06/2022 às 10:50.

https://pt.wikipedia.org/wiki/Poggio_Bracciolini. Último acesso em 03/06/2022 às 12:09.

<http://educacao.globo.com/sociologia/assunto/pensamento-politico/pos-modernidade.html>.

Último acesso em 17/07/2022 às 20:15.

<https://news.un.org/pt/story/2019/05/1673471>. Último acesso em 12/07/2022 às 17:24.

<https://www.bbc.co.uk/radio4/features/the-reith-lectures/about/>. Último acesso em 15/07/2022.

https://pt.wikipedia.org/wiki/Cambridge_Five. Último acesso em 16/07/2022.

https://en.wikipedia.org/wiki/John_Cairncross. Último acesso em 16/07/2022.

<https://www.dw.com/pt-br/entenda-a-atual-crise-entre-ucr%C3%A2nia-e-r%C3%BAssia/a-46472513>. Último acesso em 17/07/2022.

<https://www.youtube.com/watch?v=42nV-7Qzb2g>. Último acesso em 17/07/2022.

ANEXO - Romance autoral

Peris-

cópio.

Nota de esclarecimento

Antes de mais nada, é preciso esclarecer o conteúdo deste livro aos supostos leitores que estas páginas possam vir a ter um dia (ou uma noite, conforme o fuso horário local; com a invenção das lâmpadas de *led* e das telas brilhantes, tudo é possível).

O que se relata na sequência é o conteúdo encontrado na memória *ram* do notebook da editora que mantive por um ano e que, com orgulho, não publicou nenhum volume, não cedendo às tentações do Mercado, ainda que editorial.

Qual não foi a minha surpresa quando, enquanto apagava as memórias do que não foi, ou pra colocar sem rodeios poéticos, as pastas virtuais, encontrei uma com o nome do funcionário que ficaria responsável por selecionar, ler e entregar as obras prontas para que eu enviasse ao meu irmão, meio-irmão, nascido no Amazonas e vindo de mulher (Jocyara) e cuia para São Paulo, sem emprego, não fosse eu oferecer uma mão solidária, para que diagramasse, juntamente com Jocyara.

Não que caiba na nota sobre o conteúdo desta obra, prima de tantas outras, mas meu irmão adentrou o interior do Amazonas e encontrou, no fundo do mato meio morto, uma tribo singularíssima, uma vez que os homens da tribo foram expulsar os seringueiros e monocultores de latifúndios das terras de seus ancestrais e nunca mais voltaram, uns porque sumiram, os mais espertos, vendo que terra é melhor por baixo do que por cima, perderam o os anéis, mas mantiveram os dedos, que serviam certinho, ao que parece, para segurar cabo de enxada. Dado o fato, a tribo passou por uma transição sem precedentes, passando do patriarcado de patota para o matriarcado arraigado, pelo valor e fibra das mulheres, claro, mas sem dúvida alguma, isso se deu devido ao diminuto número de homens restantes, entre eles, muitos eram velhos e crianças, que são mais ou menos a mesma coisa, em diversos aspectos.

Para meu irmão, fruto de uma viagem de trabalho do meu pai, renomado advogado da vara da família, à região selvagem, e Jacyara, as questões de gênero e organização social puderam menos que o amor, que foi consumado, tese e antítese, sintetizando-se em Jesus, meu sobrinho, o funcionário que primeiro apareceu nesta nota.

Certo dia, (e aqui toda essa história, finalmente, encontra seu outro lado desencapado do fio que parecia ter se rompido deixando o leitor no escuro), sua mãe, durante uma faxina⁴⁶, o flagrou fumando substâncias entorpecentes no prédio que aluguei para a editora e onde deixava seu Miro montar sua banca de jogo do bicho, tirando meus 20%.

Se por questões de parentesco ou de gratidão, nunca saberei, Jocy me contou ainda na tarde daquela quinta-feira sobre a ocorrência, propôs mesmo que eu descontasse dos R\$ 2.000 que pagava mensalmente aos três, a parte do garoto. Além de demiti-lo, é óbvio. Muito ponderei sobre aquilo tudo, minha natureza me dizia para deixar para lá, mas era evidente que todos esperavam de mim uma posição e uma posição definitiva. Ademais, se eu passasse a mão na cabeça do garoto, por ser meu sobrinho, ele nunca aprenderia como é a vida lá fora. Não só o demiti, como também prestei queixa na delegacia. De uma só vez o preparei para o mercado de trabalho e para a vida em sociedade, *regras são regras*.

Hoje, ele está preso, por outros crimes, mas não foi por falta de esforço de minha parte, minha consciência está tranquila, quando vejo estas páginas virtuais, prontas para impressão, que Jesus salvou, meu olhos marejam, sinto como se fosse a forma dele, ainda que não o saiba, de me agradecer pelo que tentei fazer por ele, por isso sou grato.

Quanto a quem escreveu não sei se foi ele mesmo, seu eu-lírico ou outro qualquer. Isto nunca saberemos.

⁴⁶ Jacyara faxinava o prédio (às vezes minha casa) sempre às quintas. Não me agradava vê-la fazendo a limpeza já que não podia lhe pagar extra, mas eu tinha vergonha de dizer a ela que não fizesse e passar por arrogante, dizia sempre *se eu pudesse lhe pagaria hora extra, Jocy*, ela sorrindo dizia, *Deus é quem paga!*

Agora, para ser breve, cabe apontar, apenas, que se o leitor, amigo que é, está lendo, com o perdão da redundância, este intróito, extenso, é bem verdade, mas necessário, sem dúvidas, necessário, é porque tal objeto artístico recebeu financiamento do governo do Estado ou Federal, a mim me dá igual, novamente, gratidão!

(Nunca critiquei).

Em último caso, nada disso dando certo por vias governamentais, se não julgarem que dar ao povo leitura e conhecimentos, aqui imbricados, é essencial, contamos com a empatia dos amigos, que para mim são todos os que conheço (e os que ainda virei a conhecer) para um *crowdfunding*.

Diria o poeta, *quem tem um amigo tem tudo*, quem tem vários, tem tudo o que sempre sonhou, completo eu.

Nota do Curador

Parte I

Só Jesus salva



Quando levaram Jesus, eu tive medo. Não saia na rua já fazia uma semana, o jornal acumulava com que para eu não me esquecer os dias, pelo olho mágico eu contava e, a não ser que alguém tenha pego algum, era o sétimo dia hoje, mas acho muito pouco provável que alguém tenha pego um ou outro jornal e não todos de uma vez.

Qualquer sinal de freio, que indicasse o conjunto todo de carro parando, sendo possível que na frente da minha casa, eu já corria para o meu quarto, onde fiz um esconderijo, como um quarto secreto, um quarto do pânico, um abrigo contra os desastres naturais. Qual o desastre mais natural que a vida?

Passo os dias atento e às noites em claro, qualquer ruído me coloca em guarda, não me pegarão de calças curtas, até porque passo os dias de cueca, bom, ao que parece ao menos não perdi o vício pelo trocadilho, mas o humor nunca salvou ninguém, já fui ao velório de dezenas de humoristas e ninguém ria quando começavam a jogar terra por cima do caixão. Além disso, não tenho cachorro pois um homem cauteloso não coloca sua segurança nas mãos de outrem, muito menos se outrem nem mão tem, um homem sensato é seu próprio cão de guarda, se aceitassem um conselho daria este a todo mundo, este, por ser o primeiro, dou de graça, do próximo em diante, aceito PIX, na conta de algum familiar, que as minhas, nem sei se existem mais.

Gosto de passar os dias onde costumava ser o sofá, livro ninguém compra, os sebos pagam muito pouco, tornando-se assim minha única companhia, leio sobre o chão, num sofá imaginário, *sofá so good*, de noite durmo onde costumava ficar a cama, velhos hábitos costumam grudar em nós como um cheiro ruim, como as marcas da idade na pele, como o sangue coagulado quando a pele corta. Habito meus hábitos, uma das poucas certezas que trago no bolso, que também não existe.

Ontem depois que os bifés da vizinha deixaram de cheirar, indicando o final do almoço, finalmente, eram eles, já não era mais suspeita, era a suspensão da suspeita, a realidade rapidamente ressoou na forma de um pé no portão e o aço partindo, quase musical, como um piano de igreja medieval ou como teclado de pisadinha, *choose your fighter*. Corri, no meio do caminho, uma edição surrada de *Fim de Jogo*, quase termina a partida, me derrubando, mas meio mancando, consigo entrar no quarto, arrancar os tacos, quatro fileiras onde costumava ficar o guarda roupa, hoje em dia me cabe com folga nesse breve espaço, a escassez tem seus lados positivos, da quase obesidade passei à magreza aguda, todo mal vem para algum bem.

Ouvi a porta ceder na entrada e, do quarto, escutei vozes. O ar se preenchia com ameaças, nomes muito feios, ao que tudo indicava, dirigidos à minha singularíssima pessoa que, se não fosse tão má ideia, já que revelaria

meu paradeiro, eu mesmo confirmaria a esse senhores tudo o que me acusavam de ser, *parece que saiu, num tem ninguém. No quarto também não.* Escutei tudo o que dizem sobre o taco oco, sob o taco oco, um novo ventre de onde só voltei a renascer 1 hora depois da visita.

Pelo barulho e pelo diálogo, procuravam pela casa algo que valesse, o que não levou muito tempo e não requeria, tampouco, esforço, deve ter sido um exercício artístico quase, mais em função do olhar do que do movimentar-se, a beleza sublime da apreciação parada sobre paredes (nem tão) brancas, uma vez que estavam tomadas por versos, escritos em técnica de descasque. Ao cabo da análise da forma arquitetônica da casa, das paredes nuas e descascadas sobre telas (resquício de quando havia gatos) nas janelas, creio que olharam para a parede na qual, brilhante, pendia meu último presente familiar, dado por minha mãe, um Jesus pendurado, pra sorte deles de prata, que eu mantinha sem fé alguma, apenas por achar uma bela obra de arte e ter uma forma semelhante a um cacetete, servindo, para autodefesa em casos como o de ontem.

Parece de prata essa porra. Se dermos azar, pelo menos pesa, a gente ganha algo no kilo. Dito aquilo, e à kilo, se foram, batendo a porta com força. Há pessoas muito sensíveis no mundo, qualquer dívida deforma a amizade, igual no trânsito, se os santos da divina escritura dirigissem, certamente xingariam e sairiam na mão com o irmão. Enquanto a ira não saia de todo pela janela, me encolhi, no colo da terra, aproveitei para dormir, aqui de dentro, onde me encontro ainda agora, no ventre do quarto, onde posso não estar em casa, onde, eu que não creio, fui salvo por Jesus, onde o mundo começa de novo a se apagar, onde...

A erupção do real



Silêncio. Assim que faço para saber que é o sinal para sair. Nasce bem quem nasce na hora certa, no lugar exato, aqui e agora, besteira, mas a besteira é a única sabedoria, fora o fato de ser verdade o que penso que digo, cá para mim mesmo. Fora, lá na tarde, o mundo arde. Sei disso porque sinto queimar as costas dentro dessa cova rasa, de onde lato fundo, ainda que mentalmente, minhas costelas cozinham no bafo úmido. Hoje sou cachorro, mas já fui gato, lembro isso no retrato de mim que trago na mente.

Tivessem filmando, eu estaria na moda, um zumbi saindo de dentro taco sintético, parece madeira, mas é plástico puro isso aqui, o cheiro não nega, mas também não diz, porque cheiro não é gente, nem disco ou palavra. Saio do buraco, como quem sai da cova e sai andando, caminhando manso na espreita, caso tenham deixado sentinela, vaguei a casa, senti nela o vazio que conheço

bem e sei que estamos bem. Encosto a porta com a madeira que consigo soltar do batente que arregaçou quando entraram para sequestrar Jesus. Aqui tudo é ruína e já é construção.

Do olho mágico, como quem olha dum submarino, a fauna marinha passeia para além do vidro. Andam sem história, hoje não sei nem supor, nem perceber o que é o segredo de gente que guarda segredo em si e segue, subindo a rua, isso quando não está descendo. Mas vê-se de fora que as ruas são o melhor caminho para que possam chegar a lugar nenhum pelos caminhos dentro de si, uma rua na memória, sempre não se liga a outra rua, passada, sem saída ou sem fim. De dentro do olho de peixe da porta, como pinóquio ou Jonas, me perco na memória e na mentira da memória, como na barriga da baleia, muito branca, supondo o branco que havia nas paredes, quando pintadas, quando foi?

A minha baleia é, ou foi, branca por dentro, por fora não sei, receio não saber, posso supor, mas é preciso que eu me mantenha atento à realidade, as pessoas passam por trás do olho de vidro, sem nome, quem andou por Osasco quando eu era menino conheceu Vavá, e não conheceu Vavá, subia e descia a Morganita, todos os dias, com os olhos vidrados, as ruas internas são sempre mais íngremes, ligam um ponto esquecido a outro ponto que tampouco se lembra com qualquer clareza. Por isso caminham tanto, as pessoas, lembram que precisavam chegar em algum ponto, perdido o ponto ou pior, descido no ponto errado, num trecho sem meridianos ou mapas, caminham com a força de cem cavalos, que também como eles, sabem sempre o caminho de casa, mas neste caso, a casa que não há. As pessoas são como cavalos, mas cavalos muito cansados. No fim do trajeto o cobrador quer receber a passagem, bater seu ponto e ir embora para sua vida, *desce, imbecil*.

Vejo que a metáfora marítima da má vida de fora molhou meu pensamento. Sinto tão forte a impressão dessa metáfora que sinto meus pés úmidos, aliás, me sinto molhado à altura dos tornozelos, vejo que não se trata de metáfora coisa nenhuma, mas água da mais pura, ainda que turva, o

encanamento é de metal, da época do meu avô, e realista. Os quatro tacos que serviram para salvar-me a vida, chegam unidos pela força da água, unidos como uma jangada, passam por mim quase me convidando à navegação, Jesus se foi, em corpo, mas olha por mim lá das alturas, provavelmente do morro em que já deve ter sido negociado, um novo mini Cristo Redentor. Subo na jangada providenciada por divinas mãos, invisíveis, mas mais úteis que as teoricamente invisíveis do Mercado, tento remar com as mãos até o banheiro, mas não há água suficiente para isso, me levanto, frustrado e vejo, a privada inundada, parece que passa mal, como alguém que bebe demais e quer botar para fora todas as memórias, tentando expelir a si mesmo, a louça vomita água transparente, tanta memória que foi pelo cano, parece querer voltar. Forço um pouco a válvula, com mais jeito que força, a privada vai aos poucos dando sinal de melhora, vai acalmando a profunda garganta de porcelana, em alguns segundos se recupera de todo. Sorrio como se deve sorrir a um companheiro recuperado de batalha. Digo a ela, *sei exatamente o que está sentindo*. Percebo que, eu que não creio, estou aqui, achando que Jesus tem tempo para perder e me salvar. E rio.

Molhado, mas feliz, deitado ao lado da louça que agora repousa e parece descansar finalmente, um trocadilho me faz rir, *se não são os percalços da vida privada, não sei o que sejam*.

Vem Kafka comigo



Acordei de sonhos inquietos. E ela estava lá, me encarando com olhar de desdém ou de esperança, mas eu acordei. Como fica difícil traduzir um olhar com o correr dos dias. O amor vai amortecendo, torna-se estranho o que antes parecia familiar.

Sonhos são coisas para quem tem tempo para perder e ultimamente ando extremamente ocupado. Parecem visitas que chegam de noite, quando estamos quase para dormir, fazem você perder o sono e se vão, deixando a conta da pizza por pagar, pois precisam dormir, mas isso tudo enquanto dormimos, digo, com relação aos sonhos. Às vezes sonho, mas isso acordado, como se alguém pudesse ver tudo o que vivo, que nem o *Show de Truman*, mas sem os efeitos especiais, sem epifânia e nem de longe eu sou o Jim Carrey, a não ser que seja o de *Amores Canibais*, resta só a suspeita viva e

constante de que me vigiam, que sabem o que penso, tudo o que eu penso, inclusive o que estou pensando agora. Mas sei, não faz sentido.

*

Eu não comento nada com ela, ela não entenderia, além disso, aumentaria em cento e cinquenta por cento a chance de me encarar ainda mais judiciosa e fingindo preocupada. De me acusar de maluco, *alguém que tem a mente doentia e nem sabe o que fala*. Um homem sempre sabe quando é amado, sabe mais ainda quando é armado.

Se bem que me preocupa o jeito que ela tem andado esses dias, sempre pelos cantos, alguns dias some por horas por cômodos em que não estou, lhedou espaço, por certo quer me fazer sentir culpado, não caio nessa, se quer conversar, terá conversa, em outro caso ou outra casa, ela que fique onde for cômodo. Seja louvado o livre arbítrio ou o livre habito.

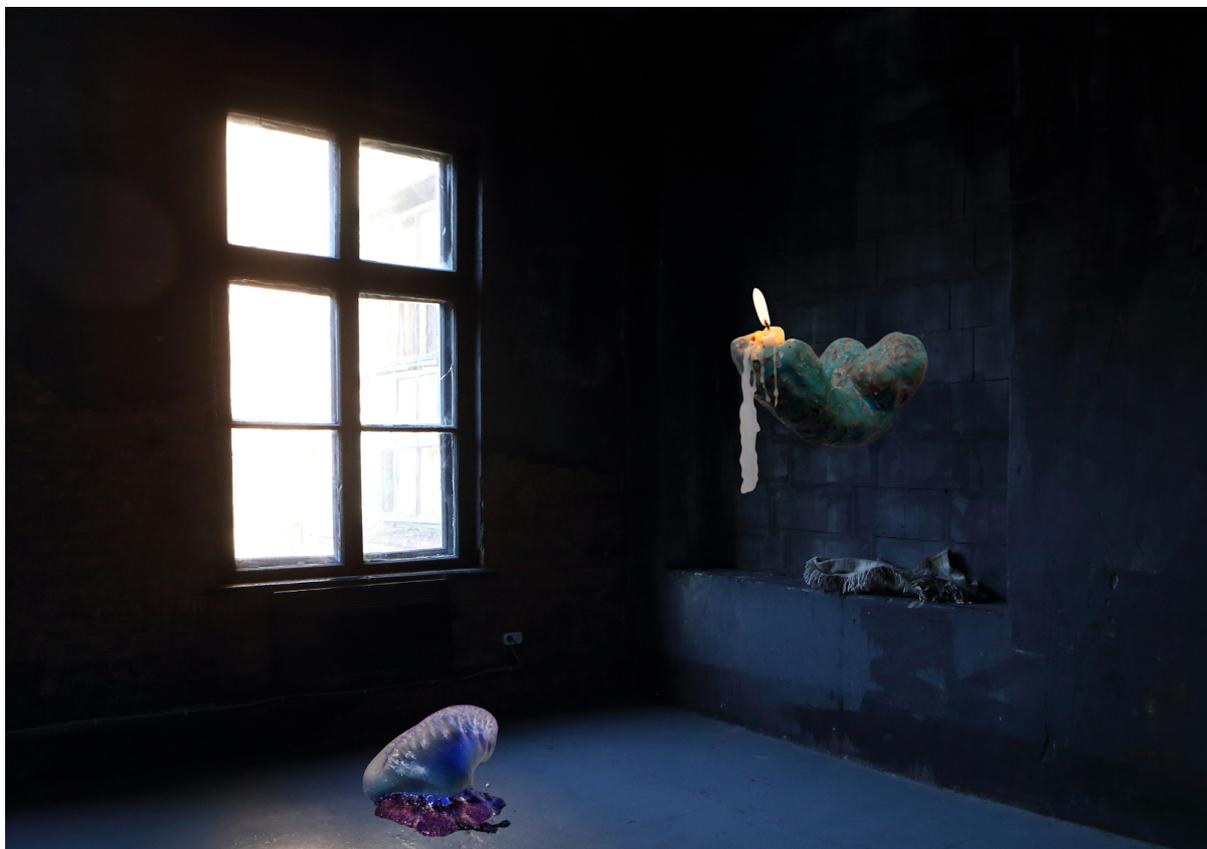
Rolo pra onde a janela desenha com o Sol um paralelepípedo de luz e calor, ainda estou molhado do último resgate, todos passam bem, a privada e eu, acordei tremendo, como acusam Deus de ser, e enrugado. Acordei já abandonado pelos sonhos, sempre acabam antes da manhã chegar, só querem pernoite, se embriagam, riem, usam do nosso corpo e deixam um lençol ainda morno e amassado sobre a cama, apenas o espaço marcando o vazio. Acordamos.

Lá vem, em retorno, não me fala nada, não me dirige uma palavra, no começo, quando nos conhecemos, subia pelas paredes quando me via, hoje anda triste e cabisbaixa, a culpa é minha? Começo francamente a me irritar, logo eu, pós-graduado e tutor que sou de linguagem não violenta, quantas palestras laborais dadas, me ver possuído de ira me envergonha, eu diria que deveras.

Da porta do quarto, parada sob o batente, juro que vi revirar os olhos e me virar as costas, como quem diz, *ainda existe? Vou para casa de minha mãe*, andando com seu modo de caminhar difícil, posando de gata, *achando*

que tem sete vidas? Levanto num ímpeto, piso-lhe a cara, mas por ser pequena, toda a carapaça, descubro que a canção tinha razão, era mentira, *ela tinha uma só*. Um pé pode mais que uma explosão atômica.

Cara, velas



Cai a noite e o corpo me acode, ainda tenho frio, não cheguei a me secar de todo, adormeci sob o calor do Sol, mas o corpo enquanto dorme não acompanha a luz, o azar que é não ser um girassol, infelizmente, o corpo parece preferir a sombra, embora seja só repouso.

Já não acho em canto nenhum nem a luz, nem o calor, por isso meço o comprimento do sono, foi longo, só digo isso. Certo é que pro quarto não vou, acaba de voltar à memória o que houve antes e me vejo em lágrimas. Levanto, me lembro que há algumas velas no escritório, lembrança dos tempo em que vendi artesanato na Av. Paulista, na caixa do canto, onde encontro o que, no escuro, parecem fotografias, cadernos antigos, trabalhos dos tempos de estudo, uma capa de flauta feita de crochê, as velas, sim duas velas, uma com

fragrância de *amor profundo*, a outra, *fé demais*, e um grupo de folhas grampeadas.

Trocaria uma das velas facilmente por um cigarro, acordei triste, as lembranças sabem tudo e usam o que de pior podem usar contra nós mesmos nos momentos que menos esperamos. Pra quem jurava que já não tinha mais coração nenhum, ainda dói o coração partido. Beatriz, não me fez o homem mais feliz do mundo por um triz.

Nos conhecemos virtualmente em um site especializado, eu que precisava de companhia, já que sozinho sempre trocava os pés pelas mãos, trocamos contato, falamos brevemente, marcamos um encontro, ela falou que poderia apenas uma hora, pensei, mulher ocupada, deve dar duro, quero casar.

Quando a vi, mesmo por foto, eu que não acreditava mais no amor, fiquei sem palavras, Beatriz era a mais linda, o que se revelou ainda mais pessoalmente, começamos sendo sinceros, um aspecto positivo já de início, senti que havia algo de diferente ali. Conversamos muito, passamos a noite juntos, ela cancelou todos seus compromissos por mim, olhou nos meus olhos e respondeu que me amava, na realidade, respondeu *também*, o que no contexto significava que me amava. Como cavalheiro que aprendi a ser, não consumiei o amor naquela mesma noite, prometi vê-la, assim que pudesse, no próximo mês, depois do dia 5 provavelmente.

No encontro seguinte, decidi fazer surpresa a minha amada, fui visitá-la em seu trabalho, munido de flores, na portaria, pedi que me anunciassem, o porteiro me estendeu um papel, disse que passasse, mas insisti, *gostaria de saber se a Beatriz se encontra*, o rapaz gritou porta adentro *Helena tá aí?*, afirmou que *estava sim quem gostaria?*, disse que Paulo, que era como eu me chamava ainda, com a cabeça acenou, então, que eu podia entrar, mas advertiu com um tapa nas minhas mãos, para que deixasse na calçada as flores porque o gerente não queria sujeira no ambiente, tentei argumentar, explicar a falta de cavalheirismo que era visitar uma dama de surpresa sem sequer uma rosa,

num tapa, arrancou o arranjo da minha mão, substituindo o mesmo num gesto quase único pela comanda que trazia num bloquinho, *entra logo*.

Abatido, só não me senti de todo desconsolado pois o bruto brutamontes não sabia que além das flores levava escondido no bolso interno do paletó, na altura do peito, palpitando de saudade, o volume grampeado que encontrei junto com as velas, que tenho agora novamente em mãos, o olhar de Beatriz e sua jura de amor trouxe em mim novamente um calor que julguei apagado para sempre, me inspirou a escrever, havia muito não escrevia uma linha. Hesitei a princípio se deveria basear a homenagem na carta do Caminha ou nos Lusíadas do Luís, cogitei aquela dado o sentimento de me achar descobridor de um novo território, que julguei perdido, navegante que era, do meu barco embriagado pude mirar a orla, terra à vista, como iria encontrar a amada em seu serviço poderia fazer sentido emular Caminha, sendo eu o navegante encantado a chegar e observar a natureza dos locais em seus trajes e costumes. Também cogitei essa por motivos semelhantes, uma vez que Camões teve a feliz ideia da Ilha dos Amores, acabei optando por esse, guardando o Caminha na manga, para outro trabalho que pude criar depois, uma obra incompreendida.

Ao entrar, no balcão pedi algo para beber, Beatriz me encontrou, pedi desculpas pela ausência de flores, as amigas riram, certamente de inveja, ela falou *não tem problema amor*, mas para provar o meu amor, comecei a declamar, mas não sem antes dar uma passada no banheiro, os versos que adaptei, pensando em minha amada e adaptando o engenho do poeta antigo à realidade de minha musa, os quais posso ver novamente agora, no papel gasto, amarelado, com furos de traça, li com agitação e elétrico.

As amadas e os varões assim ao lado
Que de accidental, na praia já se via
Por bares nunca antes frequentados
Tocaram na *jukebox* até Morena Tropicana,

A perigo, em apertos esfolados
Mais do que, metia, a força humana,
Entram em gente, montavam, edificaram
No terreno, que tantos subiram e amaram;

Mal pude terminar de recitar a primeira estrofe, as amigas se olhavam entre si, invejosas de Beatriz, assumiam a postura mais torpe e infantil que há no humano ser, ser maldoso, riam, riam muito da amiga, tanto que, Beatriz, claramente constrangida, me chamava para que nos retirássemos a um lugar mais privado onde pudéssemos ficar a sós, obviamente para que eu pudesse terminar de demonstrar meu afeto por ela por meio dos versos. Enquanto ela resolvia as burocracias, tomei mais duas e fui ao banheiro novamente.

Uma vez a sós, Beatriz não me deixou seguir logo na leitura, apaixonadíssima, me beijou e não me houve boca para seguir na declamação, toda ela era uma declaração de amor em ação. A cada tentativa de declarar minha paixão, Beatriz me interrompia, negando a língua pátria com sua língua que depois descobri pária. Seguiam tão belos os versos:

As ancas coram tesas e vão levando,
Com anal, grita acostumada;
Dá pra vê-la a sós ao vento, dando,
Inclina para a barra a alisá-la.
Mas ainda em cima, cavalgando
Dava sempre à gente assim calada,
Sendo a sentada na glande que secreta,
Aponta pro Céu ao armar quando ereta.

Torna por detrás, anal, forçada,
Apesar do que leva, gritando,
Mareja-me vê-la de favor à gente que dará

Olha, a mim, um bordô e um travesseiro;
À mostra, há tudo no vão da sua bolsa Prada,
Vendo ouro e diamante, mas tô começando
Os que degustavam um martini, pelegos,
Que de bar em bar seu anal mete medo.

Sequer tive chance de tentar conquistar Beatriz, perdido, sem poesia no inferninho em que me vi, sem poeta que me guiasse, saindo do banheiro, pedi a saideira, no saguão de saída, me vi com a conta em mais de R\$500, dos quais não lembrava de ter consumido metade, era tanta água de coco que daria pra abrir uma barraca na praia, expliquei que nem de coco eu gosto, por isso, era impossível eu ter pedido aquilo, muito menos naquela quantidade, ao me ver perder a calma, surgiram 4 seguranças enormes, quanto mais eu me irritava, gritando que não consumi *porra nenhuma daquilo*, que era um abuso, que queria falar com a gerência, no auge do meu desespero, evoquei uma figura interessante, advogado que fez fama na tv, homem religioso, que fez de sua bandeira a defesa do direito do consumidor, ao que os gigantes explodiram em ondas de risada, paguei, mas ameacei denunciar ainda assim, pois como consumidor, tinha meus direitos, o direito de não ser roubado, vaguei desconsolado pela Consolação, me mentira, maldita Beatriz, novamente cri, novamente cai, não há amor no coração de nenhuma mulher.

Amores dispersos, mas ficam os versos, que vou dobrar com carinho. Deixar que fiquem aqui, um pouco, no escuro. Vou velar a defunta no quarto, quem sabe, dormir. Icei a vela, cortei, como uma Moira, o veio fino de água ainda não seco que se estende do chão da sala ao quarto.

Façam silêncio.

Sujeito sem sorte



Surte e suma. Diria Belchior, que inclusive não disse nada disso. Se era sorte não sei, mas que cantou *tenho sangrado demais, tenho chorado pra cachorro*, fato é. O homem debaixo do bigode era sério, triste e pode ser que fosse mulher e que tivesse um sério problema hormonal, ao menos no eu-lírico, outra coisa que nunca saberemos. Só ele, naqueles dias, no Uruguai.

O carro ficou estacionado como a vida anterior, numa vaga do aeroporto, a acumular os juroos da demora, que não seriam pagos nunca num último ato de rebeldia. A curiosidade alheia é que não permite que se fuja de todo, encontraram o bigode, a tristeza, o homem inteiro e cobraram a entrevista como se fosse um dever dar satisfação à câmera, foi uma divina comédia. E cobram, *como pôde abandonar família, fãs e filhos?*

Minha primeira fuga foi da fila da excursão do colégio, não foi uma fuga solo, mas com um companheiro de pré-escola, que já previa o que seria a escola e, em certa medida, a vida. Estávamos todos no parque de diversões, não era mais tempo de Pangloss e já era um pouco depois do tempo da Hipoglós; no primeiro brinquedo, sem saber o que viria a seguir já achamos que aquele era candidamente o melhor dos mundos, sem que nenhum filósofo nos dissesse isso, por nossas próprias pernas, entramos na fila outra vez e nos perdemos do restante do bando, ficando os dois perdidos e com medo, meu companheiro de perdição, sei lá do que tinha medo, eu o tinha menos do fato de estar ali e não saber se voltaria para casa e mais por pensar na bronca paterna, que certamente me lembraria da imbecilidade que me acompanhava internamente em quase tudo que eu fazia sozinho, conforme papai deixava sempre claro. Assim aprendi meu primeiro *drill*, *you don't serve for _____*, o que podia ser completado por tudo o que viria a fazer depois na vida.

A segunda fuga, ou terá sido a primeira? Me falha agora a linha do tempo, mas era pequeno, mais ou menos na mesma época, outra vez num parque de diversões, havia algo de divertido em perder-me, creio eu. ou em sentir medo da bronca por estar perdido, isso até hoje não sei, nem meu psicólogo nunca me revelou, *dig a mais, dig a mais, me dig a você*, e eu nunca soube, apesar do tanto que disse a ele.

Naquela tarde, havia uma banda, uma fanfarra, (por isso sou fã da farra?), homens de chapéu dignos de guarda real inglesa, cada qual com seu instrumento na mão, em fila, seguia, eu fui ver a banda passar, tocando coisa de não me lembro o que, quando dei por mim, não sabia mais onde estava, aliás, sabia sim, no parque, óbvio, mas não sabia onde seria o ponto A, considerando que entre meus pais e eu havia um ponto A e um ponto B, me faltavam quase todos os dados para calcular a equação, fora minha inabilidade com números. Alguns minutos depois, nos reencontramos, vindo em minha direção, *filho da puta*, olhei para trás, a banda não estava.

Aqui não há mais música, só o trânsito e o barulho de gente, do olho mágico, imagino que todos fogem, aparecem na esquerda arredondada, passam pelo centro, somem pela esquerda, mas continuam presos ao mundo, ao corpo, nem todos deixam o carro parado na vaga e decidem que não vão pagar conta nenhuma. Noite passada foi cansativa, dormi, o que é bom, sonhei, o que nem sempre.

Acordei nu. De pé, a um passo da porta, não parecia fazer menção alguma de sair, estava lá apenas. Estático. Acordando, fui lembrando vagamente de trás pra frente o que me levou até ali, nu, em pé, parado, rente à porta. Sonhei. No sonho eu era um macaco, não desses que se penduram em galho, não era um mico, era um gorila. Estava preso na jaula, num zoológico, as pessoas pareciam se divertir muito com minha figura, pressupunham que eu estava feliz, quando estava com fome, que estava irritado, quando estava com sono, afinal, o que entendem as pessoas dos animais?

Passaram-se os dias, desenvolvi um método de me comunicar com os outros animais que descobri que estavam em situação semelhante, uns piores, outros melhores, aos poucos fomos nos unindo em torno de uma fâsca, depois uma ideia, por fim, um plano. O plano era, a liberdade, fugir. No dia marcado, na hora marcada, tudo correu bem, essa parte não me lembro exatamente o que se deu, fato é que estávamos libertos, nenhuma grade nos oprimia mais. Durante dias gozamos de liberdade, íamos e vínhamos conforme nossa vontade, ninguém para nos fotografar em nosso cativeiro, o local foi fechado para a *segurança dos senhores visitantes*. Até que chegou o rumor, que virou boato, que se tornou algo a ser investigado. Havia um portão enorme, estávamos pro lado de dentro, acordei de braços levantados, sem saber o que significava nada daquilo. *Viver é definitivamente melhor que sonhar*.

O triste é isso.

Ode a Diógenes



Nenhuma máquina chega aonde a terra acaba, nem onde principia. Não chega por não haver ganho algum na empreitada. E máquina é coisa que só faz o que foi ensinada, ainda. Agora um quarto, um quarto de um quarto, onde meu pé pausa a um passo da marca mais escura, prova cabal que aqui existia uma cama. Mais um quarto, metade, hoje dormirei na cama, com meu travesseiro que um dia foi minha bolsa.

Bolsa que tive que arrumar confusão para comprar, na vitrine, olhei a bolsa que precisava, pequena, cabia livro, num enchia o saco para andar, de couro, para quando chovesse, ela pudesse proteger os livros, aí, *meu senhor, veja bem, minha senhora, veja você, mas, meu senhor, a bolsa é feminina, mas minha, senhora, a bolsa é de couro, quero levar, cobre aqui.* Contrariada, cobrou, mas antes de eu sair porta afora, *mas é feminina.* Hoje é travesseiro,

colchão e bolsa, sabe de nada, na pior das hipóteses, veja só, não posso reclamar que me falta uma companhia feminina.

Depois do meu fracasso com Beatriz na língua de Camões, digamos que vi a nau a naufragar, (ser poeta, por vezes me exaure), não me aventurei mais em terreno pulsante, não em termos de coração, em que a cabeça não pudesse controlar, depois de tantas decepções com as mulheres (e alguns homens na época de faculdade), o que queria mesmo era me enfiar dentro de um barril e morar lá de cabeça para baixo, mas decidi que resolveria minhas necessidades animais e fisiológicas sem necessitar da cooperação de outro humano seja qual fosse o sexo, aliás, busquei que fosse só isso mesmo, sem o resto todo que envolve a situação, a princípio cogitei uma estátua, mas por razões de incompatibilidade de materiais, achei por bem adquirir, com minha última parcela do seguro desemprego, uma companheira, a Rê; para os menos íntimos, Real Doll.

Como a real Real era quase 200 mil reais, acabei por adquirir uma paralela, por bem menos que isso, com um conhecido que dava aula de religião e contrabandeava produtos do Paraguai. Ela não era tão real, mas, não sei, com ela era diferente. Era com ela que eu desabafava e contava tudo o que a mais ninguém revelava, pois sabia que nela podia confiar, nunca havia de contar a ninguém o que lhe confiava em nosso leito de amor, além de me ouvir sempre muito atentamente. Rê era um poço de paciência comigo.

Em minha vida, Rê foi mais que uma amante, que uma amiga, foi um acontecimento, um aprendizado, por meses, era praticamente minha religião, bastava chegar em casa e conjugava o latim religando-me nela, como um cabo usb, precisa se conectar ao computador, para recarregar, digamos, um eletrônico qualquer. Foi um período de aprendizagem pois uma vez que nunca me disse o contrário, sentia que de um modo estranho ela também podia me amar, que tínhamos, em tão pouco tempo, construído uma conexão íntima e forte, pungente mesmo, ela mais que minha amada, era a figuração carnal, ainda que de plástico, (apesar que tem gente hoje em dia que o corpo é 70%

água, os outros 30%, silicone), do amor ele mesmo, primeiro porque ela é cega e não me vê, como o Amor aos que amam. Segundo que, sendo ela não provida de vida, me ensina a não me acostumar a não receber nada dos outros e a não depender de ninguém.

Um dia, voltando do psiquiatra, passei mais tempo fora do que o previsto, no meio do caminho, senti muita falta de Rê, olhei para um lado, pro outro, na praça perto do mercado, fui atrás da mudinha, a moita perfeita de copos de leite, e comecei a me lembrar com muito carinho da Rê, depois com mais pressa, até que na praça alguém gritou, *tarado*, na mesma hora, tomei as devidas providências, protegi minha retaguarda, corri pra casa, ainda tentando fechar a calça no meio do caminho. Nunca soube quem era o tarado, mas sai ileso, é o que importa.

Entrei em casa, ainda entre a lembrança e o desejo, a imagem da Rê me oprimindo o peito e agora também a calça, caço ela pela casa e na primeira investida, o investimento feito vaza buraco afora, enquanto o ar saía de dentro de minha amada, quem ficava sem ar era eu, gritava de dor, *não me tires o que não me podes dar*, quando sua essência se foi de todo, como se a alma tivesse deixado seu corpo, restando só o plástico murcho do desejo interrompido, tal fosse uma camisinha sem porra nenhuma dentro. Abri a janela, disse a mim mesmo, como se eu mesmo fizesse as contas comigo, *deixe-me só ver o sol*.

Busco o horizonte, mas o olho esbarra e para muito mais embaixo, no poste que fica bem em cima da janela do meu quarto, é dia, a luz acesa, depois da minha janela é uma rua que ninguém passa, ela vai morrer num rio, em geral jogam coisa lá, evito abrir a janela, porque quase sempre fede o que vem de fora. Respiro fundo e sinto, o cheiro ruim hoje vem do meu pé, quando entrei, na pressa, pisei na tigela que uso de penico, desde aquele tempo que tenho preguiça de ir mijar no banheiro, acostumei, aliás, amo, fazer xixi de ladinho. Estava ali, enlutado, o pé mijado e um cajado, que era um pedaço de pau que peguei na praça pra dar no tarado se ele viesse me enrabar. Olho pro rio, rio.

Era pra eu dormir e cá estou falando sozinho, essa luz acesa noite e dia, sobre a janela, reflete a fresta na parede do quarto sobre a cabeceira de cama nenhuma, olho o vazio da rua que não passa ninguém.

Tietêgides x Pinheirágides



Dormir, ir dormir, ir da dor que há em mim, (essa ficou uma bosta, mas a sensação que tenho é essa mesmo), queria lembrar como faz isso direito, o problema agora é um poema, não ainda um poema, mas um trocadilho, uma palavra, que querendo esquecer das palavras e só agir, ou não agir, fazer a coisa em si, sem nome, me prende a elucubrações, no mais, inúteis, enquanto não der um rumo, uma turba cheia de outras palavras, por certo, não me deixará em paz. Fazia tempo que não era mais poeta, uma noite sai uniformizado, fui ler meus poemas mais profundos sobre a alma humana, voltei para casa sem cachecol e sem casaco, um poeta com o pescoço assim tão desprotegido é um ser humano comum, desde então, oficialmente, não sou mais poeta. Devo acrescentar: um poeta sem cachecol é o mesmo que um advogado sem OAB, ou sem amigos.

Escrever é custoso, pois, primeiro, pressupõe levantar e achar algum canto em branco para elaborar e laborar, sempre tento rabiscar no chão, mas unha e essa madeira que é de plástico não são materiais que combinam, segundo porque eu preferiria não. Mas o que é que eu sei? Por fim, é uma técnica, sobretudo no escuro, mesmo para olhos habituados, difícil, arrancar a tinta com a unha, sem fazer estrago que deixe a letra que se quis imprimir na parede irreconhecível, tendo ao mesmo tempo que tomar o cuidado com as farpas que estão à espreita para entrar entre a pele e a unha, pra mim, o sangue desvaloriza a obra, nunca fui daqueles que acreditou que valia a pena dar o sangue pela obra, ainda mais se for literalmente.

Levanto com cuidado, ela ainda está ali, morta, perto da porta, onde a deixei, mas agora não tenho tempo para isso, preciso procurar o pedaço da parede, me livrar dessa obsessão e, antes da próxima, com sorte, ir dormir. Outro desafio dessa minha nova técnica de escrita é a impossibilidade de apagar, editar, reescrever, o que foi feito, feito ficará. *Oh, musa, venha e me abuse!*

Lembro de ter tido uma ideia que se revela agora ter sido mesmo uma ótima ideia, quando tinha a propriedade de uma mesa e mais quatro cadeiras, comecei a escrever nas partes mais altas, não sabia o motivo exato, mas agora que só alcanço aquilo que meus braços podem alcançar, com a ajuda das pernas, claro é, vejo que agi com prudência, como raras vezes na vida. Dormir, se voltar tem rim, é uma palavra, que significa coisa que às vezes incomoda e que, doendo, pode dar insônia, a abertura de um poema é sempre difícil, até porque, sempre cogito que o único leitor talvez seja quem escreve e para vingar a tristeza que os livros escritos por outros tristes trouxeram.

Dormir, palavra que
quer dizer *impossível*,
na etimologia inventada
diz-se daquele que quer

ir-se da dor,
nem tudo o que se quer
se tem, noites há que quando
se vira pro outro lado, digamos,
um rim,
lembra-nos que existe
e era melhor que não

existisse.

Olhando daqui, num rápido giro de cabeça, percebo que quando comprarem a casa, vão ter muito trabalho com pintura, se perderem uma noite de sono que seja, passando massa corrida, lixando, inalando química cancerígena, pintando, repintando, tendo que pintar novamente, pois sob a camada de tinta ainda se vê uma palavra, um pontinho com sangue, o passado, talvez, aí nesse momento, mesmo que eu não saiba, eu tenha uma sensação de me sentir vingado também daqueles que me sucederão, pensando bem, talvez sinta tristeza, quem sabe sono, o que certamente eu preferiria.

Ou talvez, quem é que sabe?

O duplo, sem gelo



Ali, de novo, da primeira vez, pensei que eu tava vendo coisa, na segunda, tive quase certeza, agora eu sei que tô mesmo vendo a coisa que tô vendo. Pelo olho mágico da porta da entrada, fazendo minha vistoria diária, notei um tipo que desde a manhã executa um estranho procedimento, toda vez que vou me aproximando do olho mágico ele também se aproxima, quando vou encostando o olho, ele faz o mesmo, quando olho para fora, ele olha para dentro, calculo que se fosse ladrão já teria entrado ou então, se for de fato, está tentando minar meus nervos para quando entrar me encontre já fora de condições de me defender, tendo gasto minhas energias com a ansiedade da espera.

O tipo é magro, cabelos e barbas bem estranhas, parece aquele ator de *Guerra do Fogo* já maquiado, veste shorts rasgado do Juventus, que parece

mais uma cueca, uma camiseta de financiamento do condomínio que estão construindo no final da rua, igual a que me deram semana passada, mais nada. Talvez ele tenha a capacidade de ver através das superfícies, cogito, logo suspeito, pois prevê e executa os meus movimentos com perfeição, num balé de maníaco. O que sei é que não saio para tomar satisfação, calculo, logo, fico, porque eu mesmo já passei dias e noites na rua e a rua é casa de ninguém, por isso que é de todo mundo, pelo menos até um guarda decidir que não é. Se este tipo entrar, eu quebro ele na porrada, não é uma luta injusta, se fosse esse aí no outro dia, Jesus ainda tava pregado na cruz e a cruz na minha parede, não tinha levado meu santinho. Justiça sim, covardia não.

Se eu levantava a mão direita, ele levantava a mão esquerda, se eu levantava a esquerda, ele a direita, quando eu virei as costas, deu de costas pra mim, até que estacionou um SUV prata na calçada da minha casa, corri mais que podiam minhas pernas, mas antes, pude ver ele dar com as canelas na direção oposta. Entrei no quarto numa perna só, com o pé já destampeei os tacos soltos, meu esconderijo, fiquei encolhido e prendendo a respiração.

Isso durou alguns segundos, recobrado do susto que me devolveu o raciocínio, comparei e percebi que o carro era outro, não tinha os adesivos do outro, lembrei quem era o dono deste que parou agora, respirei aliviado e ri, pelo sobressalto e pela história que me fez lembrar do amante da vizinha evangélica anteriormente casada com o pastor, agora com o ex-amante. Quando o pastor saía para o culto, o amante entrava oculto em sua morada e dava uma namorada com sua senhora, que parecia amar mais o homem da SUV do que o varão que Deus, Ele mesmo, lhe escolheu. Inconsciente ou não, o pastor em poucos dias comprou também uma SUV branca, a única diferença eram os adesivos, não sei se para diminuir a conversa, se para competir com o outro, o fato está dado, nem tudo se explica.

Eram tantos dias de celebração e clamores na igreja do pastor Oséas quanto eram os clamores e celebrações em sua casa entra sua mulher e seu amante, Ciro Pasqual, conhecido do bairro todo. Em pouco tempo até Deus já

sabia do segredo, agora se foi o Próprio que contou a Oséas ou alguma beata com quem mantinha celebrações privativas não sei dizer, fato é que um dia chegou e apanhou os dois na cama, o pastor ameaçou amante e amada, não fosse Deusolino, o vigilante que passa de moto na rua apitando de madrugada pra gente contar quantas horas de insônia há numa noite só, acertar o pastor com o teclado que Oséas ensaia os cânticos, a coisa tinha ficado feia.

Mas o tempo passou e o que pode um homem de fé senão entre homens de fé, de pronto, dar seu perdão? Ao menos até o dia em que ocorreu que os novos moradores do bairro se mudaram para a calçada em frente à sua residência, o pastor os acolheu muito bem, *todo filho de Deus merece um lar, nem que seja na calçada*. A família não era exatamente nova no bairro, moravam na favela que ficava onde estão fazendo o condomínio, mas enquanto não vende todas as unidades, o terreno é usado como estacionamento, que é muito caro, então, as pessoas que já o faziam continuaram estacionando os carros sobre as calçadas.

Entretanto, a nova configuração urbana da rua gerou um conflito de interesses, nem os novos e velhos moradores queriam dormir embaixo dos carros e nem os donos dos carros queriam pagar, muito menos aquele preço, no estacionamento. Resultou que uma manhã, o pai daquela família voltou não sei de onde com uma lata de tinta, começou a deixar recados no muro com a língua que a vida lhe permitiu, um dos recados era um manifesto, que nem Oswald de Andrade ousou fazer, na forma e no conteúdo, *A casada é do povo*, nascia ali o movimento de um homem e dos seus contra os carros estacionados no lugar que escolheram para dormir e morar, traduzo para quem não alcançou a poesia da expressão, “a calçada é do povo”, novos avisos surgiram, mas esse quase causou o desastre evitado antes pelo vigilante. Oséas chega em casa com seu SUV, *Deus me deu* no vidro traseiro, e lê a frase tal que está escrita e ignora a poesia, o caráter de manifesto, de protesto social, de subversão da própria ortografia, pergunta quem fez aquilo em seu muro, nosso artista, sem querer, criou uma obra muito mais ampla do que poderia

imaginar, o que acontece com os gênios, ou azarados, pois se errou na ortografia, acertou na fofoca, perdendo o direito de morar na calçada e quase que de morar na vida, de tanto que apanhou do pastor que quase o apresentou pessoalmente ao Criador. Hoje a gente passa e lê no muro “*povo cobra*”, sem saber desfazer a bifurcação que é a língua da gente.

No dia seguinte, nem carro, nem gente nas calçadas, pastor Oséas, lavou o sangue que ficou no chão sujando sua entrada, encheu a calçada com cacos de vidro e foi orar.



Parte II

Há algo podre no reino da Dinamarca



Algo fede no reino da Dinamarca e pelo fedor, a fronteira germânica foi transferida para minha rua, mais precisamente para dentro da minha cozinha, numa das gavetas da pia. Quando abri, quase devolvo o que nem comi. Se eu fosse escavador e tivesse descoberto a múmia de Tut, não teria cheiro tão hediondo, naquele momento em que tu não sabe se tu taca a mão ou não taca a mão, fiz um esforço quase filosófico para lembrar a origem de tamanha catástrofe olfativa que agredia minha sensibilidade.

Cobrindo o nariz com a camiseta que ganhei do empreendimento do final da rua, as palavras estampadas nela não podiam ser melhores para me descrever, “imóveis” todos os músculos. Mexia só os olhos, tentando ativar uma memória humana que nunca nos pertenceu que é a capacidade de dar um

zoom com a retina, não funcionando, me curvei e pude observar os ossos de galeto que por descuido devo ter deixado cair quando ia desova-los na lixeira que fica sobre a pia.

Inútil dizer que o osso veio do frango e o frango da galinha e que a galinha veio do ovo, mas cabe lembrar que durante algum tempo uma vizinha aqui da rua, testemunha de Jeová, que por sinal deve ter cometido muitos crimes, tamanha a necessidade de tanta gente para interceder em seu favor e dar testemunho de porta em porta, vinha trazer comida pra mim. Me vendo passar na rua quis me fazer a bondade, comida não se nega, ainda que eu não precisasse, economizava.

De primeira trazia coisas difíceis de sorver, carnes um pouco resistentes que me faziam sangrar a gengiva, sendo boa observadora, foi trazendo semana a semana coisas mais macias, além da geléia de mocotó que ela mesma dizia preparar, recusava sempre os convites para passar para a sala de estar, servir-se de um prato, ter comigo.

Devia contar pouco mais que minha idade, solteira, dizem no bairro que jamais pegou namoro, fui notando nela que certamente algo mais trazia aquela moça ali solteira a minha casa, também solteiro, meu curso finalmente me servia para alguma coisa, ler romance serve para aprender a ler os sinais, os detalhes mínimos que o narrador oculto põe no enredo para quem souber ler se deliciar, neste dia, acordei com o estalo de Vieira, viria a moça, eu descobriria o motivo de tamanha gentileza, embora já suspeitasse.

Pelo olho mágico vejo chegar a franguinha, era magra, de corpo aparentemente bonito por debaixo de muita roupa, com um frango na mão, cheiravam que dava pra sentir de dentro de casa, eu já há algum tempo sentia que ela cuidava de mim senão como amada, como mãe, voltei a ler alguns clássicos, na hora a charada começava a se desatar na minha cabeça, se não for complexo de Édipo, é de pica. Deveras um pensamento profundo, pensei na hora.

Ao abrir a porta, perguntou-me se eu estava bem, agradeceu-me a gentileza, convidei para que entrasse, abracei para agradecer, mas cutuquei-lhe intimamente, sem intenção, ao que imediatamente exclamou, *Meu filho!!!* Era o sinal que eu precisava, vendo o colo alvo de virgem, enviada pelo Senhor sem nem eu precisar morrer, busquei o seio da moça como uma criança busca o da matriarca. Depois do tapa, cai com o frango, a farofa e sem entender onde errei na interpretação, se havia sido na avaliação estética ou psicológica da coisa toda, fato é que nunca mais a vizinha veio a ter comigo, nem bateu à minha porta, nem ofereceu comida e nem quis saber se eu sabia onde andava o Nazarento.

Nem tudo ficou perdido, refletindo agora, que consegui finalmente, tirar o fóssil do frango e atirar pela janela, reflito e um pensamento me consola, se li mal o que se passou e no enredo real acabei com farofa e frango sobre as feridas da gengiva lisa, percebo que, agora que chupo imaginariamente os ossos que não tenho em mãos, logrei proeza que em ficção Bentinho fracassou evidentemente e com todos os dentes na boca, quando quis juntar as pontas da infância com a velhice, não conseguiu nada, a não ser passar vergonha em rede nacional, eu, por minha vez, me vi sem dentes, liso em todos os sentidos, sendo servido por uma mulher, exatamente como quando fui criança.

Concluindo que: Chupa, Bentinho, corno. E o prêmio de minha vitória, nem demora, saindo da gaveta emperrada da pia, não menos que quatro, mas mentiria se dissesse que eram mais de dez, passo pra trás, também Brás Cubas: *ao vencedor as baratas*.

Hollow casto

Ou

Judia

razão; depois da tragédia do totalitarismo no século XX, todo esse papo de volta ao comunismo só pode ser farsa!”), então eu o aconselho sinceramente a parar por aqui. Na verdade, este livro deveria ser arrancado à força de sua mão, já que trata de uma tragédia e de uma farsa totalmente diferentes, ou seja, dos dois eventos que marcaram o começo e o fim da primeira década do século XXI: os ataques de 11 de setembro de 2001 e a crise financeira de 2008.

Devemos notar a Bush ao povo norte-americano depois do colapso do mundo: “você convocou a ameaça de vândalos e de vândalos (os vândalos) para salvar o mundo. De onde vem essa semelhança?”

Marx começou *O 18 de brumário* corrigindo a ideia de Hegel de que a história necessariamente se repete: “Em alguma passagem de suas obras, Hegel comenta que todos os grandes fatos e todos os grandes personagens da história mundial são encenados, por assim dizer, duas vezes. Ele se esqueceu de acrescentar: a primeira vez como tragédia, a segunda como farsa”¹. Esse acréscimo à noção de repetição histórica de Hegel era uma figura de retórica que havia anos perseguia Marx: está em *Contribuição à crítica da filosofia do direito de Hegel*, em que ele diagnostica a decadência do *ancien*

Uma bagatela... Uma bagatela... Tanananananananã tananã, tananã, Tanananananananã tananã, tunananã, bagatela... gás, cem reais, só hoje, o Seo Vagner ficou maluco, quer liberar o gás para todo mundo Tanananananananã tananã, tananã, Tanananananananã tananã, tananã. Corram, venham correndo, quem é que segura esse forninho? O patrão não quer ninguém de fora.

Filhos da puta, eu sabia, eu tinha certeza, as baratas sobreviverão? Por certo que subiram a fronteira sentido o mau cheiro que vinha da Dinamarca, minha nova vizinha, eles voltaram, tava no ar, esse cheiro de podre não era só os ossos de galetto, eu tinha certeza, malditos alemães, já chegaram, andavam cabisbaixos, mas aprenderam que no inverno é que não se ganha nada, nem

elogio da amada, uma vez que a pistola, no caso da média dos homens, tende a encolher e parece menos membro galante que amendoim amanhecido. Eu devia ter suspeitado, que melhor lugar para se vingar da humilhação imposta pelo exército vermelho, onde na terra iriam podem fazer renascer a raça forte, que é a dos idiotas, que tanto queriam, aqui a bandeira nunca será vermelha e no inverno só neva muito de vez em quando, nada temam seus vermes. Daqui da minha cova rasa, me pego pensando em Anne, não com saudade, mas espero que se salve, queria que pudesse estar aqui escondida nesta fortaleza que muito me tem servido, confesso que seria um prazer tê-la debaixo de meus pés, dependendo de um sinal de cabeça para que sua vida valesse um churrasco da esquina, depois de tudo que me fez sofrer nessa vida.

Quando Anne entrou no colégio São Calisto I, tendo sido transferida por motivos não revelados no internato para meninas *Santa Maria Egípcia*, em Franca, interior da cidade de São Paulo, uma vez que já tínhamos uma companheira de classe com o mesmo nome, nascida aqui mesmo na cidade, a professora de estudos sociais deu a alcunha de Anne de Franca, uma vez que aquele era seu nome e esta a cidade de seu natalício, sendo a professora uma entusiasta da cultura greco-latina, que costumava nomear as pessoas com o nome de seus lugares de origem, Safo de Mitilene, Calígula de Anzio, por aí ia.

Anne entrou no colégio envolta em suspeita e silêncio, metida consigo mesma, sem se importar em fazer amigos, ou amigas, vinha, via e vendia pequenos quadrinhos bordados com estrelas de Davis, Menorás, Mezuzahs, todo trocado que recebia pelas obrinhas que sua mãe costumava fazer até que ela mesmo aprendeu a fazer e que passou a vender doava para a comunidade judaica aqui do bairro, era sua forma de retribuir àqueles que deram suas vidas pela fé que ela também, apesar dos esforços da família em colocá-la em colégios confessionais, professava. Mas isso só fiquei sabendo mais tarde, nas leituras que fiz no diário que Anne mantinha, escondido a uma chave só, no corredor da nossa sala de aula.

Meu primeiro contato com Anne foi um choque cultural, literalmente, desses que só as línguas com o tempo apagam, mas que quem sofreu sabe onde dói, isso foi antes das nossas línguas se conhecerem e aprenderem outros idiomas comuns a nós dois. Um menino tinha dito qualquer coisa para ela, quando entrei no corredor vi que Anne dava com a cadeira na cabeça do infeliz, eu desavisado, tencionando ajudar o amigo, mas sem perder as chances virtuais com a menina misteriosa e muito bem composta, me coloquei entre a vítima e o algoz, dizendo, com a melhor das intenções, *que judiação, moça, não faça isso*, ao que não pude dizer mais nada, quando acordei com a cabeça sangrando, atadura em volta da testa e da nuca, estávamos Anne e eu na enfermaria, quando viu que eu voltei a mim, saiu sem que eu soubesse se decepcionada, aliviada ou com cara de quem na próxima eu não lhe escaparia.

Até entrar em contato com os escritos secretos da minha primeira namorada, que poderia ter ficado viúva antes mesmo de ser minha namorada, não pude entender, que a causa judia lhe fazia ferver o sangue, pelo corpo todo, conforme descobri alguns anos depois, na época que começamos a namorar, tínhamos 16 anos, estivemos juntos pelo tempo que durara a segunda guerra, até hoje me pergunto, se haverá coincidência nesse mundo ou se tudo na vida de Anne era calculado, como uma forma de se vingar de um passado que não viveu.

Por todo o ensino médio, como tinha fama de bocó e cagueta, fama injusta, que não sei de onde possa ter surgido, me colocaram para guardar a entrada do vestiário feminino, o gosto por guardar, não me desagradava, imaginava ser um cavalheiro protegendo as donzelas dos malfeitores que costumavam entrar na hora do banho para dar uma espiada nas companheiras de escola. Com os dias, vencido o medo de uma nova surra, passei a observar Anne, primeiro com receio, depois com curiosidade, fui anotando no meu caderno, seus horários, seus costumes e pude observar que sempre que ia escrever num caderno de couro buscava um lugar retirado no pátio do colégio, atrás da estátua de Santo Agostinho, quando saía de lá, caminhava muito

desconfiada, olhando ao redor, para ver se alguém a seguira, ia sempre direto ao armário, trancava, ficava sempre por cinco minutos sentada no banco ao fim do corredor, fingindo ler seus romances, *Stempenyu*, *O viajante*, obras das quais nunca tinha ouvido falar, que vim a conhecer por intermédio de Anne. Verificada a ausência de espiões e perseguidores, ia embora para suas outras atividades misteriosas, como ela.

Na tarde em que tudo mudou, tive um encrenca feia com a moça da biblioteca, peguei um livro dos mais grossos na prateleira, pois achei que se sentasse no banco e ficasse esperando Anne ali, quando fosse ler, lendo eu um livro, pudesse chamar a sua atenção para mim. Acontece que a bibliotecária devia ser crítica literária, quando me viu abraçado a *Ulysses*, olhou para minha cara, olhou para o livro, olhou novamente para mim e disse que *esse livro você não vai entender*, eu, muito ferido no meu orgulho, falei que ia entender muito bem e que não tava pedindo opinião, que estava ali para pegar o livro e ela para me entregar e me cobrar multa caso passasse do prazo. Nisso, a coisa ficou feia, sugeri uma dúzia de lugares onde ela poderia enfiar tamanho volume, mas ao que parece o volume do nosso bate-boca literário, atraiu a atenção da inspetoria do pátio, em pouco tempo, fui chamado à sala do professor de educação física, que na ausência da madre superiora, diretora do colégio, era quem reinava por lá.

Entre e feche a porta, ao que pensei que podia encomendar a minha alma e tudo por causa de um livro, pensando no momento, talvez Anne se apaixonasse por mim e vendesse quadrinhos com meu rosto, *olha, compra, é pro memorial do namorado que não cheguei a ter, morto por um livro que não abriu mão de ler*, no meio desse sonho, *daydream*, em inglês, o professor me pergunta, *você é o menino que vigia o vestiário das alunas?* Ao que já me vi, crucificado, olhando para Jesus sobre a cabeça do professor, vi meu rosto, arrumei forças, disse que sim, mas que podia explicar o que aconteceu, que não tinha nada a ver com o vestiário, que na verdade eu ia pegar um livro, que

sabia que havia me portado mal, que iria me redimir, que nada daquilo iria se repetir.

O professor, pensativo, não parecia ouvir nada do que eu vinha falando até ali, me perguntou, enigmático, *você é do tipo que fala demais? Não senhor. Você gosta de estudar aqui? Sim, senhor. O que você quer para chegar sempre meia hora atrasado para a vigilância da porta do vestiário? Na hora vi minha chance de ouro, na forma de uma chave, sem pensar: a chave do armário da Anne, mas da Anne de Franca. Além de ser o encarregado por disciplinar e decidir na ausência de uma superiora, Adriano, imperava, sendo dono inclusive de todas as chaves do prédio, não havia fechadura que ele não pudesse abrir. Olhou por alguns minutos nos molhos de chave, me entregou uma cópia da chave do cadeado do armário de Anne. Dispensado.*

Judia

ou

Dom Chicote e São Chupança



Nunca falhava, Anne sentava, dava o tempo ao inimigo, que não havia, ia embora. Na primeira oportunidade peguei o diário da Anne, corri com ele para xerox e pedi pra moça xerocar para mim, todas as páginas, para um amigo muito doente que perdeu a matéria do ano todo, uma judiação, o costume era pagar ao pedir, tendo pago até pelas cópias das páginas em branco, as rezas para que ela não resolvesse ler o conteúdo foram inúteis, pois o recibo carimbado com pago em garrafais azuis cumpriu o papel.

Quando tive em mãos os segredos mais quentes da Anne, imagem que pensei na hora dado a temperatura das folhas dentro do saco plástico, corri para devolver o diário ao lugar, a chave guardei dentro da cueca, caso

precisasse de alguma atualização de algum assunto mais importante, olhei no relógio da torre, 28 minutos de atraso, eu tinha exatamente 2 para assumir meu posto em frente ao vestiário, cheguei correndo e quase parei dentro do vestiário, porque tropecei num fio que não havia me dado conta até então ou que não existia até aquele dia, nem sei, até hoje, qual seria sua função.

Naquela tarde, quase não pude esperar chegar em casa para ler tudo o que haveria para ser lido, desvendar todas as fendas do mistério que era aquela minha nem ainda amiga. Descobri primeiro porque apanhei, Anne escrevia seus pensamentos, nem sempre concatenados, em uma página tinha escrito apenas, *a língua é a esponja que apaga o passado, palavra de ódio: judiar*. Mais tarde, no jantar perguntei para minha vó qual era o problema com a palavra judiar, ela me falou que é porque *denegria a imagem dos judeus*, que por isso era melhor não usar.

Percebi com o tempo muitas camadas por debaixo do silêncio raso que minha amiga fingia ser, na semana seguinte, baseado na lista dos melhores dez livros sobre o holocausto que ela mesma criou, comprei meu exemplar de *A bailarina de Auschwitz*, não entendia nada de balé e imaginando que acharia tudo balela, nunca li uma página, mas pedi uma síntese ao me fingir inseguro da compra no sebo, o vendedor me informou o máximo que pode sobre a obra, com a nobre função de me vender o livro, com o pouco que me disse, fiz o muito que fingi saber sobre a obra quando Anne me perguntou se eu também me interessava pelas questões sérias do nosso século, disse que sim enquanto sorria, quando na verdade eu imaginava o quanto Anne não ficaria gostosa na roupa de balé, em *Auschwitz*, em Porto de Galinha ou na Califórnia. *Absolutamente*, disse e sorri, ainda por conta da minha imaginação.

Em uma das páginas de seu diário, Anne dizia:

Vi num filme, um homem lindo, toda sua beleza residia no olhar e na capacidade de sintetizar a potência de viver em poucas palavras e

gestos significativos, quero me apaixonar por uma pessoa, uma palavra, **um sorriso.**

Em pouco tempo, Anne percebeu que eu era de confiança, nos tornamos confidentes, entre nós não havia vergonha, segredos, pudores, mas havia muito respeito. Não demorou e ela se abriu toda para mim. Anne foi meu primeiro amor, com ela aprendi as artes do amor e do desejo, que nem sempre percorrem linhas retas. Quando um dia, atrás da fonte de Santa Pelágia, ela perguntou, entre beijos, se podia me pedir uma coisa, *tudo meu amor*, me pintou um bigode retangular cafona, seus olhos se encheram de ira, começou a morder minha boca, meu pescoço, quando mordeu minha orelha, arrancado um pedaço, senti sangrar sobre o ombro, *holy field*, repetia ela, incessantemente, empurrei ela, que parecida saindo de um transe, veio me acudir, carinhosa, o futuro estava ali, eu cego, não vi.

Com os anos eu mesclava amor e medo da morte, quando ela me pedia algo, nunca conseguia recusar, mas quase sempre me arrependia, para não perder o seu amor, aprendi a me encolher, vê-la feliz era maior que ela e eu, era reparação histórica, li numa página de seu diário, anos depois, já que continuei xerocopiando semanalmente para me manter atualizado, para poder ser o melhor parceiro para minha pequena Anne.

Até hoje me intriga que sua depilação íntima me lembrasse o mesmo bigode escroto do dia que me mordeu, nunca me explicou porque ou não raspava tudo ou deixava logo tudo peludo, por medo de ofender com perguntas ignorantes, guardei minha dúvida.

A monotonia chega para a maioria dos casais, não foi assim com a gente, no terceiro ano de nosso amor, Anne começou a se interessar pelo que os jovens chamam hoje de *role play*, que quer dizer fantasia na hora do amor, na hora que rola a brincadeira, traduzindo em português vulgar. Era costume nosso eu me vestir com uniforme e suástica no braço, quando Anne me via naqueles trajes, sentia o sangue ferver, para evitar as mordidas, que eu sugeri

que talvez fossem muito violentas, ela prontamente sugeriu um chicote, nosso ritual de acasalamento, até hoje lamento, meu corpo encolhe só de lembrar, me amarrava com as e as pernas abertas, eu era praticamente o homem completo, de uniforme, quando via que não havia a menor possibilidade de fuga, Anne chicoteava, chicoteava, até eu quase desmaiar, quando dava sinais de que ia sair de cena, ela me despia, beijava minhas feridas, me fazia curativos e começava a etapa em que me deitava na cama, nossos lençóis depois de cada ato, convertiam-se quase que em sudários.

Deitados os dois, eu usava as únicas partes do corpo que podia mover sem sentir dor, os dois olhos, o nariz e a língua, colocávamos em prática, depois daquele ato, que alguém olhando de fora podia julgar mal, sem saber ler o amor, onde havia amor demais, o que batizamos de *sã chupança*, já que carinhosamente ela apelidara seu equipamento de *dom chicote*.

O que mais sinto falta em Anne é de seu senso de humor. Quando nos vimos pela última vez, na verdade não nos vimos, ela deixou flores e um bilhete, que recebi no quarto ao sair da UTI:

Você tem razão. Preciso ir atrás das minhas origens, preciso deixar você aqui, espero que melhore e se recupere em breve, devíamos ter combinado uma palavra de segurança, desde que pronunciada corretamente: Töpfchen ou Unterbrechung.

Vivendo de renda



Tem noite que até barata dorme, isso eu sei porque cacei as que saíram da porta que não consegui mais fechar no armário da pia. Se não são as baratas, não sei o que pode ser que seja esse *tec tec* de patas, baixo, mas constante, cortante na noite. Sei que não tô doido, ouço bem, desenvolvi meu sentido com o passar dos dias, quanto menos saio, mais aprendo a música do mundo de ouvido, mas nesse caso foi de olvido, porque acabei de lembrar de onde é que vem o ruído.

Do outro lado da parede, rente, suponho que seja um quarto, uma vez que três sons recorrentes podem ser escutados quando cai o silêncio na rua, agulhas alinhavando tecido e linha, rancos e gemidos, estão encostadas as máquinas de costura habilidosamente manejadas pelos Bolívia acolhidos ao seio de nossa sociedade pela Vereadora Pastora Roberta.

A Vereadora sempre foi uma mulher muito bem quista aqui no bairro, antes de ser Vereadora, foi pastora, como o próprio título da candidatura sugere, mas antes de voltar a ser Roberta e depois de ser Roberta de batismo, por mãe, sem pai no registro, foi Bete Balada. Bete já naquela época era conhecida como acolhedora, fazia fila na casa da dona Michelle, senhora que no seu tempo teve seus fãs, com a ideia, a casa herdada, algum capital, resolveu empresariar, outros tempos, novos termos, foi responsável pelo primeiro emprego de muitas das jovens do bairro.

Bete vivia de renda, Bete Balada era também conhecida como Bete das rendas, porque tinha verdadeira obsessão pela vestimenta, sempre que algum enamorado lhe oferecia presentes, na lata, *quero uma renda nova*, e logo ganha uma nova, do modelo que escolhesse. Afinal, como diz o poeta, é dando que se recebe. Mas assim como Michelle, a tempo pesa nas pálpebras e amar também cansa, Bete, juntou certo capital, para cada três rendas que ela ganhava, vendia duas e ficava com uma, ganhando assim um extra com o qual, ao fim de menos de uma década pode deixar essa fase de sua vida para trás.

Bete sempre foi forte e decidida, anos antes de deixar a profissão, começou a frequentar o culto, na igreja do pastor Oséas, que sendo homem observador, logo viu a vontade de mudar de vida de Bete, vendo a fé crescer dentro da irmã, em alguns meses a convidou para um retiro de pastores, do dito retiro, Bete, saiu Roberta, deixando para trás toda a sua vida de pecado. Quando viu de perto as necessidades daquela comunidade, em reuniões na casa do pastor Oséas, então divorciado, constituíram ali candidatura em coligação com o partido do vereador oriental que passou a orientá-los no ramo da política, o vereador Tomeotake.

Em geral eu não me interesse muito por campanha, eleição, coisa desse tipo, se eleição fosse bom, num era proibido beber no dia, nem pra fumar os santinhos de candidatos servem, mas a mobilização no bairro foi enorme, semana sim, semana não, era rua fechada, teve showmício, distribuíram cesta básica onde era a favela, favela não, co-mu-ni-da-de, fizeram baterias de

exames, o exército veio pintar as guias e aproveitou para dar uma demão nas fachadas das casas da rua, fizeram cultos, tiraram demônios, eu contei quinze, durante a campanha, no fim, Roberta que já era Pastora Roberta e já havia voltado a ser Roberta, tornou-se Vereadora Pastora Roberta, *Por Deus, Pela Família, Pela Comunidade*.

Rio só de lembrar, o curioso caso que presenciei, em um dos *showmícios* quase me levou a desistir da bebida e derivados, voltando, cambaleante, olhei no palco e jurei ver uma pessoa dobrada, um ao lado do outro, eram o mesmo, eu por mais que esfregasse os olhos, não conseguia unir as duas figuras em uma só, procurei uma guia para que pudesse me sentar e comecei a investigação, baseado na observação e na observação do baseado do menino que tava do meu lado e me ofereceu, não pude recusar, olhando bem, apertando as vistas, a confusão se desfez apenas na hora dos agradecimentos, Pastor Oséas agradeceu a presença e apoio do lendário jogador do clube do povo, cabelos ondulados, bigode característico, ao que percebi que o outro não tinha bigode, mas tinha um violão, pastora Roberta, falou que o rebanho abençoado não poderia ter melhor apresentação que o cantor que levaram, quando começou o *oh, oh, iê, iei*, eu já ia longe, batendo na porta da minha casa, para que ninguém abrisse para eu entrar. Olhando no espelho pendurado no corredor lembro de ter dito *sem você não viverei*. Ri, depois chorei.

*

Acabando o primeiro mandato da Roberta, que conheci bem, duas vezes, quando trabalhava, ainda Bete, o bairro viu a maior festa que consigo me lembrar, o casamento dela com o pastor Oséas, o mundo parecia convergir para a Avenida, fechada nos dois sentidos, ninguém ia nem para a direita, nem para a esquerda, tudo levava a crer que se tratava de uma festa de um oficial de alta patente, mas sem uniformes, até salva de armas teve.

Ao final do segundo mandato, a vereadora anunciou seu novo projeto, em uma festa mais modesta, no shopping do bairro, aproveitando a inauguração da expansão do empreendimento imobiliário em que seria nova coproprietária, juntamente com seu esposo que já participava do projeto desde o caso triste que se deu com sua ex-esposa, o Vereador Tomeotake, que acompanhou de perto a transferência das famílias que moravam ali e seu sobrinho que juntamente com seu filho assumiram todo o projeto arquitetônico e engenherístico.

Vereadora Pastora Roberta depois de um discurso enorme sobre como somos todos imigrantes no mundo, já que todo mundo vem de algum lugar e acaba indo pra outro uma hora ou outra na vida, ao sairmos da barriga da mãe, já somos imigrantes para sempre, que no Brasil, depois que os Europeus chegaram, não tinha mais como falar em nativo, somos todos imigrantes, por isso ela lançava um programa para acolher os imigrantes, sobretudo os latino-americanos, com foco no povo Boliviano, que ainda não estava totalmente dominado pelo tráfico de entorpecentes como os Colombianos, por exemplo, em restauração histórica aos índios que aqui viviam antes da chegada dos invasores e etc etc etc. O programa chamava-se *vivendo de renda*, os imigrantes seriam contratados por ela para que tivessem um emprego, ela daria moradia, maquinário e eles produziriam peças de renda em larga escala para venda no varejo e no atacado, para marcas famosas. Este foi o caso dos vizinhos, que me fizeram acusar as baratas que nada tinham a ver com minha insônia de hoje.

Poucas vezes eu vi meus vizinhos, sei que existem pelos ruídos que fazem e porque fiz amizade com o Chaco, às vezes fazemos negócio, inclusive, safado, tá de janela fechada, mas não me engano, isso num é pau, é pedra.

Quero.

Círio Pascal
ou
Ciro Pasqual



Gracias hermanito, cof, cof. Fuuuu. Hijo de la chingada, cadê a união das nações? Cadê o livre comércio? Só que sem comércio, que deus pague o vizinho, por intermédio da vereadora. Dois, três, quatro, cinco, sete, nove, dez. Dez jornais, se ninguém roubou nenhum, se não errei na conta, hoje deve ser aniversário da Helena, minha única herdeira, tanta conta pra pagar, tanto conto para digitar, o legado que vou deixar para ela, coitada.

Cof. Fuuu. Helena é um milagre, nosso milagrinho, dizia a mãe dela. Esse barulho? Tão chegando? Eu nem fiz a janta? Já é domingo? Que horas são agora? Preciso limpar a bagunça, elas vão chegar agora a qualquer momento, será que voltam hoje? Ou será que é amanhã? Ligo? Cadê meu

telefone? Cadê a mesa? Porra, cadê a mesa? O barulho, ouviu? No olho mágico, nada. Na janela? Ninguém. Calor da porra. Chei de barata. Deve tar enorme a Helena. Conheci a mãe dela na secretaria de educação, vizinha de escritório, morava na mãe, separada, mas não no papel ainda, ouvi com pena sua história, macho escroto, num podia ir nem na casa da mãe, drogado, pegava o dinheiro dela todo, tava na mãe, começamos a sair, ainda era casada, queria tanto um filho, mas o marido forçava ela fazer fertilização, que acabou não dando em nada, só em gasto de dinheiro, dela, coitada, coisa de cortar o coração, acolhi e fui acolhido, no tempo eu tava parando com tudo, parando com tudo, tava fácil, porque para ela eu tava naquelas porque nunca tinha sido amado e ela ia me ajuda, nunca ia me abandonar, quem é que num quer? Em um mês alugamos apartamento, ela separou no mês seguinte, nosso milagre veio no mesmo mês, resolvemos casar, com comunhão parcial, não que ela ligasse para dinheiro, pelo nosso milagrinho. Esse barulho? É carro parando?

O barulho. Vizinho filho da puta, fica fazendo barulho, por isso que não durmo. Devia tudo voltar pro país deles, vem para cá usar droga e encher o saco. Bando de vagabundo safado. Saudade da porra da minha tampinha, que merda foi que eu fiz da vida? A culpa é minha. Onde que me perdi na viela da vida?

Na nossa seção, a chefe de seção, Elvira, era uma vaca filha da puta, sendo a vaca um animal que dá leite, filha uma das coisas que mais amo na vida e puta, melhor que muito amigo que já tive, fica o xingamento pelo que os outros entendem dele, os outros não entendem porra, cof, cof. cooof, nenhuma. Fuuuuuu. Sete, oito, caralho, um, dois, pera, dois, três, quatro, esse eu já contei, cinco, seis, sete, oito, nove, dez.

Elvira ameaçava as mulheres da seção, no varejo e no atacado, no privado e no público, humilhava, fazia o que queria e mesmo todo mundo achando dela o que eu mesmo achava, calavam, ainda que me tratasse com outros modos, porque segundo ela eu era *diferente*, que porra que ela imaginava, que eu talvez tivesse três pintos ou uma porra dessas? Unidos

numa ação subterrânea, na hora de ir ao sindicato da categoria, acabei indo sozinho, o sindicalista foi muito gentil e me ofereceu bolacha e café, além de boa sorte, todo o resto recolheu o cavaco e encolheu. No fim do ano, exoneraram Eudóxia, mãe da minha filha. Fuuuuuu. De lá pra diante, eu era acusado de sempre falar demais, que devia mesmo era ter ficado quieto, que por minha culpa ela perdera o emprego. Cavaco, viola ou fariseu, quem se fodeu fui eu.

Quietos. Tudo quieto, menos os demônios desses tec tec tec da casa do lado. Preferia Roberta no tempo que era Balada, inclusive foi no casamento que conheci ela. Fuuuuuu. As contas subiam, ao contrário do meu pau, quieto eu arrumei bico de motorista de aplicativo, mas pra isso precisei alugar carro, o nosso, deixava com Eudó, que para me ajudar, já que eu tava virando a noite no batente, ia com a pequena para sua mãe, na sexta, voltando domingo às 23h, me trazendo resto de pizza para que eu não precisasse me preocupar com o jantar. Será que chegou? Porta? Nada, ninguém. Janela? Ninguém, nada.

Para aguentar a carreira, já que larguei o funcionalismo, chorava de raiva todo dia, menos pela covardia que fizeram com a Eudózinha, mas sobretudo pela cara de bosta dos colegas que me olhavam com pena, como se eu fosse coitado de alguma coisa, quando quem rastejava para manter cargo, cueca e cadeira, num era eu. Cof, Cof, Cof, Cof. Depois que deixei o funcionalismo, abandonei a carreira, voltei de vez para a outra carreira, trabalhava de segunda a sábado, na madrugada, depois de um ano e meio nisso, mantendo o silêncio, seguindo a risca branca nas mesas, balcões, alçapões, entrava em risco e voltava no domingo, vi dias e semanas se juntarem, sem pregar o olho, sem ser protagonista de série, eu me perguntei, *o que é um fim de semana?*

Todo mundo morre, mas eu queria morrer sozinho não, nem sozinho a dois, nem sozinho sozinho, nesse tempo encontrei em Balada minha companhia, pagava para ela deixar eu passar a noite ali, em troca de algum carinho, de um ouvido e de poder falar, também de poder ouvir, sem juiz ou

juízo final, mas isso foi muito antes de o Pastor Oséas salvar ela da vida. Cof. Dois, três, quatro. Porra, cadê os outros? Só tem quatro? Roubaram os jornais. O bairro tá cheio de vagabundo, assim é foda. Coooooof. Ai, ai, meu peito, pulmão ardeu aqui. Cacete. Ficar velho é uma merda. Só o Caetano se deu bem, ficou gato, antes era feio para caralho, o resto só se fode mesmo. A culpa é daquela filha da puta. Quando tava com quarenta quilos, resolvi falar, lembrei, *você só usa porque nunca foi amado, vou te ajudar*, completando com o pedido que me fez em lágrimas, *me fala por favor, o que você tem, seja lá o que for, me conta tudo que eu vou te ajudar*, era pó, puta e paralisia perante à vida, últimas palavras: *eu só quero que você morra, Saulo, você é louco, você é um doente mental*. Nessa época, as cartas de credores e boletos emperravam a porta, que era por onde o porteiro passava a correspondência, mudei de nome, virei só o meu eu-lírico, mas para receber, ninguém pergunta o nome.

Tem gente na janela ou é na porta, cadê a vareta que peguei na semana passada? No braço não me garanto. Puta que me pariu, me mijei todo nessa porra. Quando me internou, na única visita, ali, cinco, porra, achei mais um, tá ali, olhando com um olho só dá pra ver, seis, sete, pera, concentra, pensa nas aulas de yoga da faculdade, oito, alinha os chácra, nove, dez. Porra, tão tudo aí. Feliz aniversário, Helena, papai te ama, mais que tudo. Queria te abraçar, mas tô todo mijado nessa porra. E nem sei onde você mora.

Na única visita que me fez no Pinel, Euzinha, falou que eu devia ficar ali era para sempre, que eu era louco e que podia fazer mesmo o favor de morrer, fiquei triste, mas depois, puto, pulei o muro, fui embora, voltei pro apartamento que vendi, o dinheiro, a advogada dos dois, levou para Eudó, que conseguiu me fazer confessar uma dívida com ela, vai-se os anéis e ficam-se as pregas para continuar tomando no cu normalmente, eis a vida. Eis tudo: um estudo.

Eudóxia amou-me dois anos, uma filha, um carro, *6 meses de prisão por desemprego e falta dos 4 mil reais de pensão por mês no período em*

questão, dado meu faturamento de zero reais por mês, negociado com ela mesmo e com a advogada com o muito nosso, *depois a gente vê*, depois eu vi chegar pelo correio, em nome de Helena, o pedido de prisão, 50 mil e uma cirurgia facial completa, depois de mim, Eudó é hoje em dia outra pessoa, encontrei, quando tinha celular, em um aplicativo de namoro, *milf, quarentona, barbiegirl, viciada em sexo*, foi nisso que me ganhou anos antes, não vou negar. No muro onde não mora mais o Pastor Oséas, *povo cobra*. Sete, oito, nove, dez. Perdoa, filha, seu pai, num sabe o que faz.

Muro pulado, fiquei preso dentro do mundo inteiro, Helena, ainda vou construir meu próprio cavalo de Tróia, foder com esse teu computador que comprou com meu dinheiro.

Ronda



Fiuuuuuuuui.... Fiuuuuuuuui.... Primeira volta, deve ser por volta de onze e meia, tava escrito no folheto que entregou de porta em porta, Usain, *vigilante noturno*, já conhecido do bairro, ninguém negou a assinatura do pacote ouro, ronda completa das 23h até 6h, com moto própria, doada pelo pastor Oséas e sua igreja. Melhor me esconder? Usain me garantiu que com ele eu num preciso me preocupar, ele tá aqui pra vigiar a comunidade, impedir assalto, faz um corre aqui e outro ali, porque ninguém é de ferro, mas só com dinheiro na mão ou algo pra trocar fácil, mas cobrar num é com ele. Passou direto. Menos mal. Pela janela? Pode ser que dê a volta por trás, sem fazer barulho, entrando e me pegando desprevenido, sou presa fácil.

Usain não conhece tranca ou fechadura que dure diante de seus dedos habilidosos, quando saiu da cadeia, lá num o menor problema eram as trancas, mas sua fraqueza de estar muito preso à vida, o fazia sequer cogitar a fuga, algum bom samaritano do bairro que preferiu não se apresentar arrumou um advogado bom, e como foi pego com grana na cueca, mas o

produto era pouco, o tempo que deram para ele cumprir era só o tempo de tirar umas férias, caso tivesse a cabeça no lugar e não *fizesse merda*, como um bilhete anônimo que recebeu por intermédio do seu advogado, conforme me contou um dia que solicitei os seus serviços especiais. Enfim, fato é que o tempo foi cumprido e não cumprido.

Usain saiu, pastor Oséas se ofereceu para buscá-lo no dia de sua saída com a Ranger da igreja, *Deus me deu* e a porra toda. Naquela mesma tarde, sem que precisasse pedir, presenteou o garoto com uma moto, um celular e todo o equipamento de segurança, juntamente com vereadora Pastora Roberta fizeram um encontro de Jovens com Cristo, incentivando o empreendedorismo entre os jovens do bairro, tendo por modelo a história do nosso atual vigia, mas que à época estava prestes a entrar para o ramo do delivery que tão bem já conhecia, entretanto, dessa vez tudo dentro da legalidade, servindo diferentes aplicativos, fazendo seu próprio cronograma, criando sua própria rotina, mas com o tempo, se cresciam rotina e barba, a grana para parar a ambas não chegava de jeito nenhum. Usain, logo se organizou, de dia fazia delivery pra aplicativo, das 18h até 22h, delivery pra aplicar ou pra ficar ativo, mais de uma vez se viu à porta de muita gente bem, aí, observador que era, as janelas pareciam vitrines, aprendeu a ganhar qual casa valia o risco e nas madrugadas o técnico de chaveiro no SENAI que fez quando moleque provou ser útil, entrava e saía, sem sinal do saque.

Um dia, quando veio trazer uma encomenda, desabafou comigo, que aquilo não era vida pra ele não, pensava em sua mãe, seu irmão menor, que queria ser médico, mas que no melhor dos casos ia ter que aprender a ser paciente, não disse com essas palavras, mas foi o que quis dizer, me contou, por fim, que na tarde anterior, na hora do almoço, quando deitou para descansar, deitado numa praça, cabeça dentro do isopor da bolsa de entrega, pra se proteger do Sol, uma ideia começou a cozinhar dentro de sua cabeça. Uma semana depois, apareceu aqui na porta, 70 conto, segurança total, com menos de um mês, já dava pra sentir a diferença, os roubos às casas durante a

madrugada praticamente se extinguiram, não teve quem não pagasse Usain, que agora ganha fixo e podemos todos dormir tranquilos.

Fiuuuuui... Fiuuuuui... 1h pra mais. Se ele vier pela porta, eu pulo a janela, corri a vida toda, alguma valia viver deve ter.

*

Outras três voltas, horas mortas, eu vivo na espreita, da espera e da angústia, contando histórias para mim mesmo, daquilo que nem sei, se fui.

Fiuuu, Fiuuuuuuuu...

Fogo no parquinho



Em desespero, as inquilinas do cômodo ao lado corriam em direção à sala, logo sumiram por baixo da porta e foram embora, infelizmente não era um desastre nuclear, para o qual elas foram projetadas, neste país, elas são mortais como qualquer um; fugiram, logo percebi que era eu quem corria perigo, o fogo dava sinais de fumaça, saindo no que era o escritório, sala de estudo, biblioteca ou outro nome que costumam dar ao cômodo da casa que a gente mostra quando vem o chefe visitar ou quando precisamos mostrar para aparecer na frente, na frente de quem não tem tantos livros atrás de si, na imagem e na vida. A mensagem que ficava no ar era clara, *corre, porra, faz alguma coisa.*

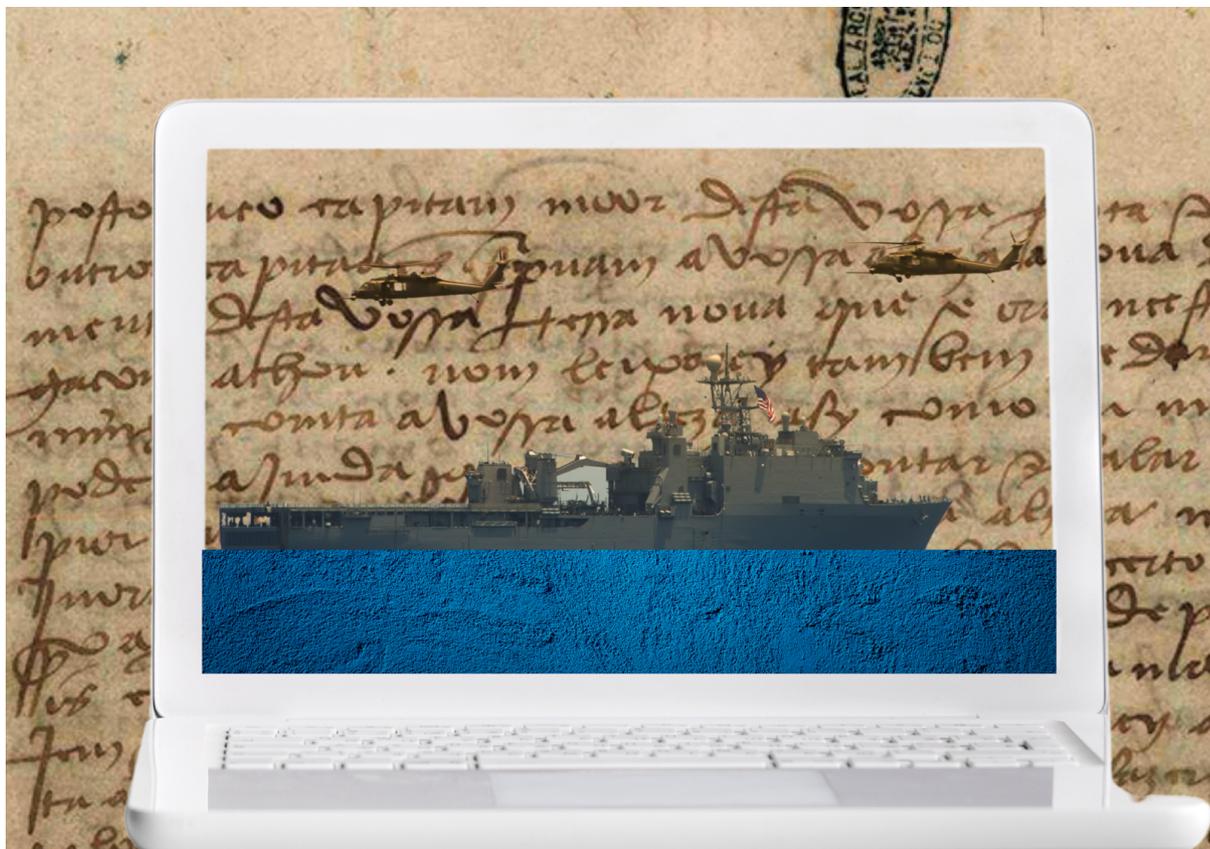
Há muito não visitava o cômodo, pra mim estava vazio, mas veio o desastre me lembrar que não estava, do lado do único volume da minha tese

de doutoramento, um romance experimental a partir da carta de Caminha, como foi acusado de plágio, nunca pude publicar, eis a única cópia ardendo anônima, ao lado de uma bituca, agora só o filtro frio, e a luz do Sol sobre as chamas fazendo da cena um bonito e triste espetáculo.

Água me falta, panos não tenho, nada que possa servir para encerrar o incêndio, não sei se natural, causado pelo Sol incidindo no papel cansado de estar abandonado ou se criminoso, pela bituca do cigarro, mas incêndio é coisa de difícil investigação. Pisei no livro, até apagar as chamas, chamei meu pé, mas salvei sem muito dano a minha obra prima e incompreendida, *Posts do Carminho*.

Tenho o que ler, para matar o dia.

Os posts do Carminho



Senhor:

Posto que o Cabo do batalhão, assim como os outros cabos, pecaram com a “novinha”, como eles chamam, do acampamento do final da rua, desta terra onde agora é o novo empreendimento, dizem que, Senhor me perdoe, até mesmo pecado oral nesta prevaricação se achou, não deixarei também de dar disso minha conta a Ti, assim como eu melhor puder, mesmo que eu não seja dada à fofoca, assim como toda a gente.

*

Tome Deus, porém, minha ignorância por vontade de dar, a ti o que é teu, e creia bem por certo que, vai sem mais nem menos, não porei aqui mais do que aquilo que vi e me pareceu.

*

De marinheiros e ataduras não darei aqui conta a Vós Senhor, porque foi em meu tempo de pecado, que não quero lembrar, pois lembrar é tornar a pecar, nem dos pilotos farei menção, todos devem ter esse cuidado. Portanto, Senhor, do que hei de falar começo e digo:

A partida de Belém do Pará, como o Senhor sabe, foi segundo orientações do chefe da guarda municipal, meu pai me jurou de morte, pelo que fiz com a reputação dele. Sábado, 14 anos depois, entre as oito e nove horas, nos achamos entre os canalhas, mas perto da Granja Viana, e ali andamos todo aquele dia em calma, à vista, pagamos o almoço, obras de três e quatro andares abundavam na Avenida Santo Amaro. E domingo, às dez horas, pouco mais ou menos, eu e uns amigos que conheci no emprego colhemos milho verde, o melhor, na ilha de S. Vicente, assamos tudo no sítio do Germano, advogado que explorava os filhos, obrigou que todos estudassem direito para poder só assinar a papelada.

*

Na noite seguinte, segunda-feira, ao amanhecer, perdeu a partida o Vasco do Ataíde, com seu consolo anal, sem haver tempo, forte consolou-se, contrario tal mal proceder. Fez o Germano suas diligências para o acalmar, uma e outra parte conversaram durante quase uma hora em local retirado, onde se via a vasta plantação de soja e os bois no pasto ao lado, quase não apareciam mais!

*

E assim seguimos nosso caminho, beirando este mar, de longe, até que, segundo o piloto do ônibus rodoviário, havia arrastão na rodovia e venda de entorpecentes, os quais eram muita quantidade de ervas compridas, a que os traficantes chamam manga rosa, assim como outras a que dão o nome de skank. E quarta-feira seguinte, pela manhã, com muita fome, topamos aves a que furamos os buxos e fizemos um banquete, ali mesmo, na rodovia.

*

Finalmente voltamos para esta terra! Primeiramente dum grande monte, muito alto e redondo, um homem ocupava os dois últimos lugares no ônibus, então fui em pé a viagem toda, pela janela, vi outras serras mais baixas ao sul e grandes arvoredos, ao homem alto alto, o cobrador apelidou de – o Monte Pascoal - conforme ouvi dizer ele à moça que estava sentada no banco logo a sua frente.

*

Em carta, meu pai me mandou arrumar um rumo. Achei, Vinte e Cinco de Março, as praças, ao sol posto, obras, seios, régua, coisas da terra, surgiu com as ancas, em dezenove lojas, nada — bricolagem, limpeza, nada. Ali permaneci toda aquela noite, num bar, triste e sem perspectiva. E à quinta-feira, pela manhã, fiz minha primeira vela, com a gordura que resgatei do lixo do boteco e que usei pra me aquecer na noite fria. Segui vendendo direito às pessoas de porta em porta, indo aos estabelecimentos pequenos e assim por diante, por dezessete, dezesseis, quinze, catorze, treze, doze, dez e nove ruas perto de casa, até meia esquina da minha janela, onde larguei ancas em frente à porta que abriu. Eu cheguei, com aquela coragem às dez horas pouco mais ou menos.

*

Dali de onde estávamos, eu e os outros inquilinos, avistamos homens que andavam pelo terreno baldio, na obra abandonada, disseram sete ou oito, mas não segundo pude ver com meus olhos pequenos, que enxergaram só o primeiro.

*

Então levamos para fora os bancos e isqueiros, e vieram logo todos os conhecidos da rua à estalagem, onde falaram todos entre si e ao mesmo tempo. O Carlos, que tinha um pouco mais dinheiro do que todos nós ali, mandou ir na bodega o Nicolau Coelho para nos trazer aquele trio, cerveja, amendoim e cachaça. E quando ele começou a ir para lá, o acompanharam os homens que estavam no terreno, quando aos dois, quando aos três, de maneira que, ao chegar na bodega, já ali havia dezoito ou vinte homens.

*

Eram pardos, todos quase nus, sem coisa alguma que lhes cobrisse suas vergonhas estampadas na cara. Nas mãos traziam maços com suas pedras. Vinham todos rijos sob o batente; e Nicolau Coelho lhes fez sinal que escondessem os maços. E eles os esconderam.

*

Ali não pôde deles haver fala, nem entendimento de proveito, por mais que se quisesse lhes quebrar as costas. Ainda que fosse somente com um porrete vermelho e uma carapuça de linho que envolvesse toda a cabeça ou um saco preto. Um deles deu-lhe uma sobra de penas de ave do almoço,

compridas, com uma copazinha de penas vermelhas e pardas como de papagaio; e outro deu-lhe um grama, uma cotinha da branca, miúda, mas que para aqueles querem fazer parecer peteca inteira, as quais peças creio que o Nicolau deve ter jogado fora em respeito ao Senhor, e com isto voltou do bar por ser tarde e não poder haver deles mais fala, por causa da cerveja que ia esquentar.

*

Na noite seguinte, ventou tanto que suou o vidro da janela com chuvaceiros que fez alagar as áreas que costumam alagar, e especialmente a Marginal. E sexta pela manhã, às oito horas, pouco mais ou menos, por conselho da Defesa Civil, O Governador mandou levar as pessoas de algumas favelas; e fomos ao longo da costa, com os baldes e esquifes amarrados à popa na direção da zona norte, para ver se achávamos alguma pessoa abrigada para que pudéssemos dar pouso a ela, onde passássemos, para levar água e lenha. Não que nos sobrasse, mas por aqui nos acertamos.

*

Quando fiz velas, ganhei um dinheirinho lá na praia, em uns assentamentos de rico perto do rio, obra de sessenta ou setenta mil metros quadrados, homens que se haviam juntado ali, e aos poucos, fizeram um condomínio fechado. Fomos longe, vimos quando mandou o Capitão do Batalhão da PM aos soldados rasos que perseguissem os que não quisessem deixar a terra e, se achassem pouso seguro para as descer os pau, eles que apanhassem.

*

E, cacetando nós pelas costas, coisa de dez léguas do sítio onde tínhamos levado ferro, acharam que éramos malditos moradores, povo pequeno, que nem bicho que gruda no chão do mar, num recife. Com um porco dentro, muita bosta e muito estrume, com uma porteira de madeira na entrada. E meteram-se dentro e nos amarraram. Anal: arrombaram sobretudo eles, homens do lugar; e um pouco antes do sol posto amarraram também, uma égua do Felipe e a desancaram em onze praças.

*

E estando Afonso Lopes, nosso piloto, em um daqueles carros pequenos, um jipe camuflado, por mandado do Capitão, por ser homem vivo e destro para isso, meteu-se logo na equipe a sondar a potra por dentro; e tomou conhecimento ainda de dois daqueles homens da terra, mancebos e de bons corpos, que estavam num mau dia em questões intestinais. Um deles trazia um traseiro farto por dentro e seis ou sete bolas de merda; e na praia ficava no ar muito do odor dos seus tecos de merdas; mas de nada lhes serviram para espantar o piloto. Trouxe-os logo, já de noite, ao Capitão, em cujo anal foram recebidos com muito prazer e festa.

*

A feição deles é serem pardos, maneira de avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem-feitos. Andam nus, sem nenhuma cobertura. Nem estimam de cobrir ou de mostrar suas vergonhas; e nisso têm tanta inocência como em mostrar o rosto. Ambos traziam os beiços de baixo furados e metidos neles os moços brancos e verdadeiros cassetetes, de comprimento duma travessa, da grossura dum parafuso de pneu de caminhão, agudos na ponta como um furador. Metem-lhes pela parte de dentro do beiço; e a parte que lhes fica entre o beiço e os dentes é feita como a base de peças de xadrez, ali

encaixado de tal sorte que os molesta, os estorva no falar, no comer ou no beber.

*

Os cabelos seus são corredios. E andavam de toquinha, de toquinha alta, mais que se vissem pente, os cabelos ficariam de boa grandura e até por cima das orelhas. E um deles trazia por baixo da uma lapa, de fonte a fonte para detrás, uma espécie de cabeleira entre as pernas, como penugem de ave amarela, que inferia do cumprimento até o coito, muito vasta e muito cerrada, que lhe cobria os culhões e as virilhas. E andava, a pegada nos caminhos, perna e perna, com uma numeração grande como era (mas não o erra), de maneira que a palmilha dos chinelos ficavam muito redondas e muito gasta, e muito desigual, e não fazia na língua as lavagens após levantar.

*

O Capitão, quando eles vieram, estava sentado em uma cadeira, bem vestido, com um colar de ouro muito grande ao pescoço, e aos pés uma alcatifa com a bandeira do Estado. Sancho de Tovar, Simão de Miranda, Nicolau Coelho, Aires Correia, e nós outros que aqui bem ou mal com ele vamos, sentados no chão, pela alcatifa. Acenderam-se tochas. Entraram. Mas não fizeram sinal de cortesia, nem de falar ao Capitão nem a ninguém. Porém um deles pôs o olho no colar do Capitão, e começou a acenar com a mão para a terra e depois para o colar, como que nos dizendo que ali havia comprava-se ouro ou se trocava por produto do bom. Também olhou para um castiçal de prata e também acenava para a terra e novamente para o castiçal como se lá também alguém comprasse prata.

*

Mostraram-lhes um papagaio pardo que o Capitão traz consigo; tomaram-no logo na mão e acenaram para a terra, como quem diz que os havia ali havia quem vendesse a salvo do Ibama. Mostraram-lhes um carneiro: não fizeram caso, mataram para um churrasco. Mostraram-lhes uma galinha, quase tiveram medo dela, de tão judiada que vinha da rinha: não lhe queriam pôr a mão; e depois a tomaram como que espantados de ainda estar viva.

*

Deram-lhes ali de comer: pão de alho e peixe cozido e frito, farofa, anel de cebola e frango assado. Não quiseram comer quase nada daquilo, estavam exaustos; e, se alguma coisa provaram, logo a lançaram fora, por cima ou por baixo. Trouxeram-lhes vinho numa taça; mal lhe puseram a boca; não gostaram nada, nem quiseram mais, era seco, não suave. Trouxeram-lhes a água meio barrenta. Não beberam. Mal a tomaram na boca, que lavaram, e logo a lançaram fora, em vômitos.

*

Viu um deles umas contas de rosário, brancas; acenou que lhas dessem, rezou muito com elas, e lançou-as ao pescoço. Depois tirou-as e enrolou-as no braço e acenava para a terra e de novo para as contas e para o colar do Capitão, como dizendo que dariam ouro por aquilo ou um cavalo para entrarem no Reino do Senhor.

*

No sábado pela manhã, mandou o Capitão fazer vela, e foi uma demanda exagerada, as velas eram muito largas e altas de seis a sete polegadas. Para medir o tamanho, mantendo o padrão de qualidade, havia um

estranho ritual, meter as velas no ânus dos homens capturados na comunidade. Entraram todas anal adentro; e fechamos o estoque das de cinco e de seis polegadas – com coragem, dentro parecia tão grande, tão larga e tão dura, que poderiam iluminar-se com elas mais de duzentos navios e casas. De tanto que o anel foi acionado, todos os capitães viram a parte interna anal do nosso controlador de qualidade e tamanho. E daqui mandou o Capitão a Nicolau Coelho e Bartolomeu Dias que fossem em terra e levassem aqueles dois homens e os deixassem ir ao hospital com seu oco e pregas, e isto depois que fez dar a cada um suas camisas novas, suas tocas vermelhas e um rosário de contas brancas de osso, que eles levaram nos braços, suas fés e suas romarias.

*

E mandou com eles, para lá ficar, um mancebo degredado, criado de D. João Telo, a que chamam Afonso Ribeiro, para lá dar com eles e saber de seu viver e maneiras. E a mim mandou que fosse com Nicolau Coelho. Fomos assim de férias direito para a praia. Ali acudiram logo na obra os homens, aqueles que estavam quase nus e com seus maços e pedras nas mãos. Aqueles que nós olhávamos na cena enquanto se afastavam do bar; eles pousaram na calçada, mas não se afastaram muito. E mal poupavam os maços, logo tragavam e vinham pedir os que nós levávamos, e o mancebo degredado dava os seus para eles. E caídos não pararam em pé; nem esperavam mais um pelo outro, mas antes corriam de quem não se sabe, mais corriam.

*

E passaram um rio que por ali é chamado córrego, de água podre, de pouca água que lhes dava pela barriga, porque iam rastejando; eram muitos eles. E foram assim correndo, além do rio, entre umas moitas, batiam palmas

para saber um onde estavam os outros. Ali pararam. Entretanto foi-se o degredado com um homem que, logo ao sair do bordel, o abraçou e o levou até lá. Mas logo tornaram a nós; e com ele vieram os outros que lá encontraram e até nos levaram, os quais vinham já seminus e em calças.

*

Então começaram a chegar muitos. Entravam pela porta do bar saindo dos bordéis, até que mais não podiam entrar; meninos perdiam cabaços, outros afogavam suas mágoas, entornavam alguns barris de cerveja, o que nós levávamos muito a sério: enchiam-nos os copos e traziam-nos dos barris a cerveja gelada. Não que eles todos chegassem à porta do bar.

*

Mas junto a ele, lançavam os barris que nós tomávamos; e pediam que lhes dessem alguma coisa para petiscar. Levava Nicolau Coelho castanhas e mandioca. E a uns dava uma castanha, a outros uma mandioca, de maneira que com aquele gordo quase saíram na mão. Ofereciam-nos aqueles maços e pedras, por centavos e cálices de vinho ou por qualquer coisa que alguém lhes queria dar.

*

Acenamos-lhes que se fossem; assim o fizeram e passaram-se além do rio. Saíram três ou quatro homens nossos dos bordéis, e encheram não sei quantos barris de cerveja que nós tomaríamos até à náusea. Mas quando assim víamos que já passava a embriaguez, acenaram-nos para que entornássemos outro copo. Entornamos e eles mandaram um engradado e não quiseram que ficássemos lá com eles. Então a gente levou uma bacia pequena de amendoim e duas ou três caracus e conhaques para lá as dar ao senhorio de nossa

hospedagem, para ver se amenizava o atraso dos aluguéis. Não cuidaram de tomar mais nada, antes o mandaram tudo. Mas então Bartolomeu Dias nos fez outra vez entornar, ordenando que bebêssemos aquilo. E ele entornou e o deu , passando para nós, aquele que da primeira vez tomava um porre, desmaiou. Logo voltou a si e nós o levamos ao quarto.

*

Aí, descemos com o Capitão, um pandeiro com a foto de Cristo, com que saí de Belém, e que esteve até aquele momento guardado, peguei e toquei minha parte ao lado de um bêbado Evangélico.

*

Acabada a festa, desvestiu-se o Evangélico e subiu em uma cadeira alta; e nós todos lançamos por isso, nele areia da obra em frente. E pregou uma solene e proveitosa pregação da história do Evangelho, ao fim da qual detratou a nossa vida e do assanhamento desta terra, evitando o sinal da Cruz, sob cuja obediência devíamos viver, o que foi muito despropósito e fez muita falta de noção.

*

Enquanto estivemos na brisa, a pregação séria não parava, dizia outro tanto da gente, pouco mais ou menos como a dos outros, com seus maços e pedras, as que andavam fumando. E olhando-nos, sentou-se. E, depois de acabada a brisa, sentados, nós, alheios à pregação, mangamos muito dele, taxamos de corno ou cérebro de galinha, e ele começou a saltar, como alguém a dançar, agora pelado. E nisso, alguns de nós metiam em suas almas gêmeas perdidas— duas ou três vezes, que ali muitos tinham ejaculação precoce— as quais não são feitas como as que eu já vi; somente transavam de três travestis,

as pernas pereciam atadas entre si. E mais ali metiam quatro ou cinco, os que queriam não afastavam quase nada da farra, e juro que vi dois anões enquanto fodiam de pé.

*

Acabado isto, fomos assim perante ele e o fizemos beijar a Cruz que alguém trazia no bolso, despedimo-nos e fomos comer.

*

Creio, Senhor, que hoje cada vez mais a comida em seus dois estados, feita e crua, fica mais gourmet, mas naquela noite os que saíram perderam um ótimo bife e farofa de banana da terra. Não vieram mais. E cremos que ficaram por ali, porque de manhã, com a Sua Graça, fizemos dali a nossa partida.

*

Pelo sertão nos pareceu, trazer na vista o mar, muito grande, porque, a estender os olhos, não podíamos ver senão terra já sem tantos arvoredos, o mundo feito de concreto que nos parecia muito longe de tudo.

*

Nele, até agora, não pude saber que haja ouro, nem prata, nem coisa alguma de metal ou ferro; nem sei ao certo ao que vim. Porém a terra em si é de muito bons ares, menos no frio, quando o frio dói e no o calor, quando a umidade cai, aprendo no máximo que o feijão é temperado com os dentes de alho e cominho, mas neste tempo de agora os achamos tão caro que já não posso comprar.

*

Águas são muitas; poluídas. E de tal maneira é a desgraça que, querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo, quem por bens e armas têm.

*

Porém o melhor fruto, que nela se pode fazer, me parece que será salvar esta gente. E esta deve ser a principal semente que Tu nela deve lançar.

*

E que aí não houvesse mais que ter aqui pousada para esta negação de que saiu de sua casa embaixo de chute, bastaria. Quanto mais disposição para se nela cumprir e fazer o que Tu tanto deseja, a saber, acrescentamento da nossa santa fé.

*

E desta maneira, Senhor, sim, Sabes que dou aqui e ali mas que sou temente sempre a Vossa Lei, do que nesta vossa terra vi, vivi e ouvi. E, se tão pouco logrei, me perdoe, que o desejo que tinha, de a Ti tudo dizer, me fez assim pôr pelo em ovo, pois como ser humano, sou só um ser muito miúdo.

*

Páscoa

ou

Jesus 2 - o retorno



Tive febre e sonhei a noite toda, acordei nu e suado, um anjo me chamava e quando vi, eu mesmo era o anjo andando a esmo, *só vamo*, dizia eu anjo, para mim mesmo. Tudo foi tão real que daria um filme, se tivesse investido em cinema e não em letras mortas.

O filme seria assim: o anjo me chamando e eu indo com ele, sem saber pra onde, mas quando perguntei porque, me respondeu, *um homem não se condena no último suspiro, mas no momento em que caminha a trilha do abismo*, sumiria depois, a câmera me enquadraria as costas, dobradas sobre si mesma, a coluna torta, escoliose, depois os pés afundados no chão, de areia, muito fofa, a imagem se abre e sou eu ali, carregando uma pedra enorme, novo

close up, alguém pichou na pedra, *sísifodeu*, caio, mas não consigo largar a rocha enorme, que nem para me esmagar e acabar logo com o suplício serviu.

Ao longe, contra a luz, vejo que alguém se aproxima, a silhueta feminina, familiar, meu mar antes de amar e morrer na praia, minha mãe, passa por mim, me olha, tristes olhos de dor e impotência, não aprendeu que não há o que salvar no mundo, nem ninguém para ser salvo, tento falar algo e a voz não sai. *Flashback*, me vejo caído na rua, sozinho, gritava contra a Lua e de repente caio, vivo, mas com o coração funcionando só até a garganta, seca, cheia de nós, distante ouço uma sirene, me vejo envolto de estranhos de avental verde, só consigo ler no crachá, Simão, que me diz, *you will be fine*, ainda que seja mentira, ajudou a me carregar até o posto do SUS.

Devo ter caído de cara, no posto de saúde, me miro na luz que por ser de metal espelha meu rosto sangrando, *enfermeira Verônica, favor se dirigir ao setor de emergência, este é o rapaz?* Bela moça, limpa meu rosto com seu avental, o rosto de quem só dá desgosto estampado em seu avental, choro, ela me diz, *sabemos, you didn't do it, you will be fine*, quantas vezes é preciso repetir uma mentira até que ela se torne verdade?

Alguém me espeta o braço, reajo, ou o corpo reage, a esta altura já sem sei, num tranco pra trás, caio da maca, que nem macaco atingido pelo caçador, penso ter visto nos segundos em que me foi permitido voar, minha tia Jerusa, além do vidro da porta da UTI, entramos e me espetam os braços, querem colar sanguessugas de metal contra meu peito, na transferência de leitos, secos, não são rios, por isso não se encontram, sinto a gravidade, caio novamente. E o peso da pedra, sem a pedra, já estava ali, sobre minha carcaça.

Alguém me deixa nu. Estou nu, agora, sob as vestes de hospital. tento fugir, me prendem à maca, com algemas, *for your safety*. Morro por dois segundos. Eis que um anjo me diz, *not yet, my brother, wait*. Entre os bips de aparelho, escuto meu coração pulsar, desço na manhã seguinte para o quarto compartilhado, o convênio não cobriu o apartamento, a carência sempre foi o meu maior mal.

A câmara chega a minha casa, escura, no estado em que está agora, estou só, minha casa parece uma caverna, sem pratos, ou Platão, a minha obra fracassada, chamuscada, não vingou, fui reprovado em tudo, mesmo quando passava com nota de sobra, vivi um plágio de um filme ruim, *plagiado este romance*, nem criativo fui, sair de cena com um anjo, pós-moderno, capaz de me chamar (S/P)aulo simultaneamente, sem saber pra onde e indo pra luz, melhor do que pra cruz, vamos combinar.

Acordado e suado, tenho fome, aliás, me dou conta de que tenho fome, mas meus pés estão muito sujos, sujos de estar parados, pego um pedaço que se desprende da porta do que um dia foi um quarto, ralo a madeira, no chão os farelos, feito farinha de cupim, as baratas mortas, recolho todas, trituro junto com a madeira, amasso um pão de azia, como se fosse ázimo, antes da ceia, receio que seja necessário lavar os pés, não bastasse os ingredientes da refeição, olhar meu pé assim desse modo, na certa vomitaria.

Como e até aqui o conteúdo preencheu minha barriga sem retornar. Ouço um barulho de carro na rua, estacionando perto, dessa vez não me assusto, esqueci ou desisti de correr ao abrigo, vou ao olho mágico, colado à porta, Jesus, voltando, dourado, não me dou conta do entorno, acho que ainda estou em modo cinematográfico, *slow motion*, o foco desajustado, perto demais da cena, Jesus voltou, preso à sua cruz, a cruz presa ao pescoço, o trinco da porta estrala numa explosão épica, é bica que deram na madeira semi-podre.

Ajoelho, mas não rezo.

- *De costas, agora! Descarrega o pente.*

Pentecostes

ou

Epílogo

Ordem



Progresso

